



*It is our, reveal
it is our reveal
line and we
the to. Some
an ideal for
is this.*

NELSON MANDELA

CONVERSAS QUE TIVE COMIGO

PREFÁCIO DE
BARACK OBAMA

ROCCO J. H. H. H.



FUNDAÇÃO NELSON
MANDELA

NELSON MANDELA

CONVERSAS QUE TIVE COMIGO

Tradução de
Ângela Lobo de Andrade
Nivaldo Montingelli Jr.
Ana Deiró

Para Zenani Zanethemba Nomasonto Mandela, que faleceu tragicamente
em 11 de junho de 2010, aos 13 anos

... a cela é um lugar ideal para aprendermos a nos conhecer, para se vasculhar realística e regularmente os processos da mente e dos sentimentos. Ao avaliarmos nosso progresso como indivíduos, tendemos a nos concentrar em fatores externos, como posição social, influência e popularidade, riqueza e nível de instrução. Certamente são dados importantes para se medir o sucesso nas questões materiais, e é perfeitamente compreensível que tantas pessoas se esforcem tanto para obter todos eles. Mas os fatores internos são ainda mais decisivos no julgamento do nosso desenvolvimento como seres humanos. Honestidade, sinceridade, simplicidade, humildade, generosidade pura, ausência de vaidade, disposição para ajudar os outros – qualidades facilmente alcançáveis por todo indivíduo – são os fundamentos da vida espiritual. O desenvolvimento de questões dessa natureza é inconcebível sem uma séria introspecção, sem o conhecimento de nós mesmos, de nossas fraquezas e nossos erros. Pelo menos – ainda que seja a única vantagem – a cela de uma prisão nos dá a oportunidade de examinarmos diariamente toda a nossa conduta, de superarmos o mal e desenvolvermos o que há de bom em nós. A meditação diária, de uns 15 minutos antes de nos levantarmos, é muito produtiva nesse aspecto. A princípio, pode ser difícil identificar os aspectos negativos em sua vida, mas a décima tentativa pode trazer valiosas recompensas. Não se esqueça de que os santos são pecadores que continuam tentando.

De uma carta para Winnie Mandela, escrita na prisão de Kroonstad, datada de 1º de fevereiro de 1975.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Prefácio: Barak Obama](#)

[Introdução: Verne Harris](#)

PARTE I: Pastoral

[Capítulo 1: Tempos difíceis](#)

[Capítulo 2: Companheiros](#)

PARTE II: Drama

[Capítulo 3: Asas para o espírito](#)

[Capítulo 4: Sem motivo para matar](#)

[Capítulo 5: Mundo em ruptura](#)

[Capítulo 6: Os grilhões do corpo](#)

PARTE III: Épico

[Capítulo 7: Um homem inconformista](#)

[Capítulo 8: Arras](#)

[Capítulo 9: Um homem acomodado](#)

[Capítulo 10: Tática](#)

[Capítulo 11: Calendários](#)

PARTE IV: Tragicomédia

[Capítulo 12: De doninha-fétida ao milagre](#)

[Capítulo 13: Viagens](#)

[Capítulo 14: Em casa](#)

Informações adicionais

[Apêndice A: Cronologia](#)

[Apêndice B: Mapas](#)

[Apêndice C: Abreviações para organizações](#)

[Apêndice D: Pessoas, lugares e eventos](#)

[Bibliografia](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)

PREFÁCIO

Como muitas pessoas em todo o mundo, vim a conhecer Nelson Mandela a distância, quando ele estava preso na Ilha de Robben. Para tantos de nós, ele foi mais que um homem apenas; foi um símbolo da luta pela justiça, pela igualdade e dignidade na África do Sul e em todo o planeta. Seu sacrifício foi tão grande que conclamou pessoas do mundo inteiro a fazer o possível em prol da evolução humana.

Da maneira mais modesta, fui uma das pessoas que tentaram atender ao seu chamado. Minhas primeiras atividades políticas aconteceram nos meus anos de faculdade, quando participei de uma campanha a favor do desinvestimento, no esforço para pôr fim ao apartheid na África do Sul. Nenhum dos obstáculos pessoais que enfrentei quando jovem se compara ao que as vítimas do apartheid sofreram a cada dia, e eu só podia imaginar a coragem que levou Nelson Mandela a ocupar aquela cela de prisão durante tantos anos. Mas seu exemplo ajudou a me despertar para o mundo lá fora, e para a obrigação de que todos temos de defender o que é correto. Por meio de suas escolhas, Mandela tornou claro que não tínhamos que aceitar o mundo tal como ele é, e que podíamos fazer a nossa parte em busca do mundo como deve ser.

Ao longo dos anos, continuei a observar Nelson Mandela com um sentimento de admiração e humildade, inspirado pelo senso de possibilidade que sua própria vida demonstrava, e abismado com os sacrifícios necessários para alcançar seu sonho de justiça e igualdade. Na verdade, sua vida conta uma história de oposição direta ao ceticismo e à desesperança que tantas vezes afligem o nosso mundo. Um prisioneiro se tornou um homem livre, uma figura da liberdade se tornou uma voz apaixonada da reconciliação, o líder de um partido se tornou um presidente que impulsionou a democracia e o desenvolvimento. Deixando o cargo oficial, ele continua a trabalhar pela igualdade, oportunidade e dignidade humanas. Mandela fez tanto para mudar seu país e o mundo que é difícil imaginar a história das muitas últimas décadas sem ele.

Pouco mais de duas décadas após minha primeira incursão na vida política e no movimento de desinvestimento, quando universitário na Califórnia, estive na antiga cela de Mandela na Ilha de Robben. Eu era recém-eleito senador dos Estados Unidos. Nessa ocasião, a cela havia deixado de ser uma prisão para virar

um monumento ao sacrifício de tantos em prol da transformação pacífica da África do Sul. Ali, naquela cela, tentei me transportar aos dias em que o presidente Nelson Mandela era o Prisioneiro 466/64, um tempo em que não havia nenhuma certeza do sucesso de sua luta. Tentei imaginar Mandela – a lenda que mudou a história – como Mandela, o homem que tanto sacrificou pelas mudanças.

Conversas que tive comigo presta ao mundo um grande serviço ao nos dar essa imagem de Mandela, o homem. Ao nos oferecer seus diários, cartas, discursos, entrevistas e outros documentos no curso de muitas décadas, nos dá um vislumbre da vida que Nelson Mandela viveu, desde as rotinas prosaicas que ajudavam a passar o tempo na prisão até as decisões que tomou como presidente. Aqui, o vemos como acadêmico e político, como homem de família e amigo, como líder visionário e pragmático. Mandela intitulou sua autobiografia *Longo caminho para a liberdade*. Agora este livro nos leva a recriar os vários passos, bem como os desvios, dados nesse caminho.

Ao mostrar esse retrato de corpo inteiro, Nelson Mandela nos lembra que não foi perfeito. Como todos nós, ele tem suas falhas. Mas é precisamente essa imperfeição que deve inspirar a todos nós. Pois sendo honesto consigo mesmo, cada um de nós saberá que todos enfrentamos lutas maiores e menores, pessoais e políticas para vencer o medo e a dúvida, para continuar trabalhando quando o resultado da luta for incerto, para perdoar aos outros e nos impor desafios. A história contida neste livro – e a história contada pela vida de Mandela – não é a de seres humanos infalíveis e de triunfo inevitável. É a história de um homem disposto a arriscar a própria vida pelo que acreditava, que trabalhou arduamente para instituir um tipo de vida que faz do mundo um lugar melhor.

Por fim, esta é a mensagem de Mandela a cada um de nós. Todos nos defrontamos com dias em que a mudança parece difícil, dias em que nossa resistência e nossas próprias imperfeições nos tentam a tomar um caminho mais fácil e fugir às responsabilidades para com os outros. Mandela também enfrentou esses dias. Mas mesmo quando pouca luz brilhava naquela cela na Ilha de Robben, ele via um futuro melhor, que valia o sacrifício. Mesmo diante da tentação de recorrer à vingança, ele via a necessidade de reconciliação e o triunfo do princípio sobre o mero poder. Mesmo quando mereceu o descanso, ainda procurou – e procura – inspirar homens e mulheres a cumprir o dever.

Antes de ser eleito presidente dos Estados Unidos, tive o grande privilégio de

conhecer Mandela, e desde então conversamos ocasionalmente por telefone. Geralmente, nossas conversas são breves – ele está no crepúsculo dos anos, e eu estou às voltas com a intensa programação que meu cargo exige. Mas nessas conversas sempre há momentos em que brilham a gentileza, a generosidade e a sabedoria desse homem. Esses momentos me recordam que, subjacente à história que foi construída, existe um ser humano que escolheu sobrepor a esperança ao medo – sobrepor o progresso às prisões do passado. E me recordam que, mesmo depois que se tornou uma lenda, conhecer o homem Nelson Mandela é respeitá-lo ainda mais.

BARACK OBAMA
Presidente dos Estados Unidos

INTRODUÇÃO

O nome Nelson Mandela é um dos mais conhecidos e respeitados do mundo. A pessoa que leva esse nome é um herói do seu tempo, uma das grandes figuras da história do século XX. Os quase trinta anos de prisão que passou junto com outros líderes políticos de sua geração deram origem à lenda do nascimento, ou mito da criação, da “nova África do Sul”. Ele se tornou um ícone. Sua vida foi apresentada em inúmeras publicações, de biografias a artigos em revistas especializadas, de filmes comerciais a documentários para televisão, de livros em edições de luxo a suplementos de jornais, de canções de liberdade a poemas de louvor, de websites institucionais a blogs pessoais. Mas quem é ele realmente? O que ele pensa realmente?

O próprio Nelson Rolihlahla Mandela contribuiu grandemente para a literatura Mandela, com seus discursos e na indústria de publicações. Sua autobiografia, Longo caminho para a liberdade, é um best-seller desde a primeira edição, publicada em 1994. Obras autorizadas fluem do seu escritório desde que ele saiu da prisão, em 1990. Mandela deu milhares de entrevistas, discursos, mensagens gravadas e coletivas à imprensa.

Longo caminho para a liberdade foi fundamentalmente, e intencionalmente, fruto de um trabalho coletivo. O manuscrito foi concebido originalmente na Ilha de Robben por um grupo que Ahmed Kathrada, seu companheiro de longa data, amigo e colega de prisão, descreve como “um conselho editorial”. No início dos anos 1990, Mandela trabalhou diretamente com o escritor Richard Stengel para atualizar e ampliar o manuscrito, tendo Kathrada e outros consultores na função de mais uma supervisão coletiva do processo editorial. O mesmo ocorreu com seus discursos. Afora raros momentos de improviso, são declarações formais de textos cuidadosamente preparados. Não é de surpreender, pois a preparação de originais é geralmente um trabalho coletivo. Da mesma forma, para seus muitos entrevistadores ao longo dos anos, foi praticamente impossível penetrar além da face pública formal de Mandela. Ele é “o líder”, “o presidente”, “o representante do povo”, “o ícone”. Raramente foi possível vislumbrar a pessoa por trás da persona. A questão permanece: quem é ele realmente? O que ele pensa realmente?

Conversas que tive comigo tem por objetivo dar aos leitores acesso ao Nelson Mandela por trás da figura pública, a partir do seu arquivo pessoal. Esse arquivo se compõe de escritos e conversas privadas de Mandela, dirigidos a si mesmo ou aos seus mais íntimos confidentes. É ele mesmo, não gerado pelas necessidades e expectativas do público. São rascunhos de cartas, discursos e memórias. São anotações (ou rabiscos) durante reuniões, notas em seu diário, relatos de sonhos, registros de seu peso e pressão sanguínea, listas de afazeres. São meditações sobre sua experiência, levantamentos de suas lembranças, conversas com amigos. Aqui ele não é o ícone, não é o santo no andor fora do alcance dos míseros mortais. Aqui ele é igual a mim e a você. Nas palavras do próprio Mandela: “Na vida real não lidamos com deuses, mas com humanos tão comuns quanto nós mesmos. São homens e mulheres cheios de contradições, que são estáveis e inconstantes, fortes e fracos, famosos e infames, pessoas em cujas veias a mesquinha resiste bravamente a fortes pesticidas.”

Na maior parte da sua vida adulta, Mandela foi um diligente produtor de documentos e arquivista obsessivo. Senão, como explicar sua coleção de cartões de membro da Igreja Metodista, renovados anualmente, todos guardados desde 1929 a 1934? Como explicar suas anotações diárias nas viagens pela África em 1962, ou os cadernos de rascunhos da maioria de suas cartas nos anos de prisão? Claro que uma boa parte desapareceu durante seus anos de luta, nos tempos que passou foragido e nos anos de prisão. Alguns ficaram escondidos ou confiados à guarda de outras pessoas. Outros se perderam pelo caminho. Outros, confiscados pelo Estado, foram destruídos ou usados como provas contra ele. Hoje os documentos de Mandela estão espalhados e incompletos. A maior coleção é encontrada no Centro Nelson Mandela de Memória e Diálogo. Outras coleções estão no Arquivo Nacional da África do Sul, na Agência de Inteligência Nacional sul-africana, no Museu Nelson Mandela e no Liliesleaf Trust. Milhares de fragmentos pertencem a coleções particulares, principalmente na forma de correspondência.

O projeto de Conversas que tive comigo teve origem em 2004, na inauguração do Centro Nelson Mandela de Memória e Diálogo, como função central da Fundação Nelson Mandela. No início, a prioridade do Centro era reunir os documentos que estavam espalhados e fragmentados no “Arquivo Mandela”, mas viu-se que a coleta de material não catalogado se tornou igualmente importante. O próprio Mandela fez a primeira doação ao Centro em 2004 e continuou acrescentando documentos pessoais à coleção até 2009. Logo ficou

evidente para mim, como diretor de programação do Centro de Memória, a importância de se criar um livro a partir daquele acervo. Em 2005, uma equipe de arquivistas e pesquisadores deu início à laboriosa tarefa de reunir, contextualizar, organizar e descrever o material. Simultaneamente, faziam uma seleção preliminar, identificando trechos, extratos e itens que poderiam compor o livro. Os membros dessa equipe eram Sello Hatang, Anthea Josias, Ruth Muller, Boniswa Nyati, Lucia Raadschelders, Zanele Riba, Razia Saleh, Sahn Venter e eu.

Em 2008, levei a ideia do livro aos editores Geoff Blackwell e Ruth Hobday. Essas trocas de ideias reafirmaram o pensamento do Centro sobre a publicação e levaram o projeto à fase final. Mandela foi consultado e deu sua bênção, mas expressou o desejo de não se envolver pessoalmente. Kathrada concordou em dar uma consultoria especial no projeto. O pesquisador Venter e os arquivistas Hatang, Raadschelders, Riba e Saleh trabalharam sob minha coordenação, na qualidade de diretor do projeto, no processo de seleção e compilação final. O historiador e escritor Tim Couzens foi incorporado à equipe, trazendo a contribuição essencial de sua especialização e de um olhar acadêmico não imiscuído na rotina de trabalho do Centro. Por fim, Bill Phillips, editor-chefe do Longo caminho para a liberdade nos anos 1990, aderiu ao projeto na fase final da edição.

Na verdade, Conversas que tive comigo é um livro de Mandela, que nos traz sua voz clara, direta, pessoal. Contudo é importante reconhecer o papel da equipe no trabalho editorial. As palavras neste livro foram selecionadas conforme a importância e atualidade dos temas, peneiradas da grande quantidade de material que nos era acessível. Embora certos de que o conteúdo principal dos documentos pessoais de Mandela foi detalhadamente examinado pela equipe, nem todo o acervo em mãos de particulares foi localizado. Foi casualmente, por exemplo, que já nos meses finais esbarramos nos documentos em poder do ex-carcereiro Jack Swart, que acompanhou Mandela nos últimos 14 meses de prisão na Victor Verster. Foi também na etapa final que a Agência Nacional de Inteligência nos revelou a existência de uma pequena coleção de documentos de Mandela e colocou grande parte à disposição da equipe. A atitude reservada da Agência sugere a possibilidade de outras descobertas.

Embora tenhamos examinado todos os documentos particulares de Mandela para este livro, a seleção final recaiu em quatro partes, mais pessoais. A primeira é constituída pelas cartas escritas na prisão. Algumas das mais

pungentes foram descobertas nos dois cadernos de capa dura em que ele copiava cuidadosamente as cartas que submetia aos censores da Ilha de Robben. São datadas de 1969 a 1971 e cobrem a pior parte do tempo passado na prisão. Roubados de sua cela pelas autoridades em 1971, os cadernos lhe foram devolvidos por um ex-policia em 2004. Durante o tempo passado nessa prisão, Mandela jamais soube se sua correspondência chegaria aos destinatários, devido às ações dos censores, a quem chamava de “destinos sem remorsos”. No acervo do Arquivo Nacional existem várias cartas não enviadas pelas autoridades, enquanto ele esteve na prisão. Estão arquivadas junto com cópias de todas as cartas que foram enviadas.

A segunda parte é constituída por conversas gravadas. Ali se ouve a voz falada, não a palavra escrita. São encontros tão informais, tão íntimos, que Mandela se entrega a devaneios e entra num diálogo consigo mesmo. O primeiro conjunto é de quase cinquenta horas de conversas com Richard Stengel, quando os dois trabalhavam no livro Longo caminho para a liberdade. O segundo consiste em cerca de vinte horas de conversas com Ahmed Kathrada, que foi sentenciado junto com Mandela e outros seis condenados à prisão perpétua em 12 de junho de 1964. No começo da década de 1990, Kathrada foi solicitado a ajudar Mandela na revisão dos textos de Longo caminho para a liberdade e da biografia autorizada escrita por Anthony Sampson. A interação desses velhos companheiros é descontraída nos bastidores. Riem baixinho, dão gargalhadas. São conversas interessantes, não somente pelas palavras de Mandela, mas como ele as diz.

Terceira parte: os cadernos. Antes de sua prisão em 1962, Mandela tinha o hábito de levar sempre um caderno aonde quer que fosse. E levou um caderno em sua viagem pela África (e à Inglaterra) em 1962, quando quis aprender estratégias revolucionárias, táticas de guerrilha, pedir o apoio dos líderes de países que tinham recém-conquistado a independência e de participantes de movimentos nacionalistas. Quando foi capturado, pouco depois de retornar à África, estava com um caderno. Retomou esse hábito nos anos posteriores à saída da prisão, quando estava negociando a transição para a democracia da África do Sul e, até certo ponto, enquanto foi presidente do país. Esses cadernos mais recentes contêm anotações para si mesmo, aide-mémoire, relatórios de reuniões e rascunhos de cartas. Há também várias páginas escritas, extraordinárias (não reproduzidas aqui por falta de espaço e pouco interesse), com relatos de reuniões do Comitê de Trabalho do Congresso Nacional Africano, durante as quais anotou meticulosamente o discurso de cada participante. Não se sabe exatamente por que ele fez essas anotações. Possivelmente por um hábito de advogado, de registrar todas as informações

sobre os clientes. Ou talvez, com mais de 70 anos de idade, não confiasse na memória.

A quarta parte é composta por uma sequência inacabada do Longo caminho para a liberdade. Em 16 de outubro de 1998, Mandela pegou um bloco de papel azul e, com uma caneta predileta, escreveu em letras firmes a data em algarismos romanos. A seguir, o título “The Presidential Years”, e logo abaixo, “Capítulo Um”. No alto da página, a palavra “Rascunho”. No seu último ano na presidência, o envolvimento nas negociações do Burundi, os eventos políticos do momento, as exigências do seu trabalho assistencial e uma fila infindável de visitantes impediram o progresso do livro. Seus conselheiros sugeriram que contratasse um escritor profissional para ajudar na obra, mas ele recusou. Estava muito cioso desse trabalho e queria fazê-lo pessoalmente. Teve a ajuda de um pesquisador durante algum tempo, mas ele se impacientou com aquela forma de trabalho. E acabou perdendo o ímpeto para a obra.

Como se pode imaginar, o arquivo particular de Mandela não é sistematizado e não segue um princípio de organização. Para Conversas que tive comigo, agrupamos os textos selecionados segundo uma lógica, em parte baseada na cronologia da vida de Mandela, e em parte baseada nos principais temas de suas meditações e reflexões. Cada uma das quatro partes deste livro tem sua própria introdução e título colhidos nos modos, formas e gêneros clássicos: pastoral, dramático, épico e tragicômico. Mandela tem formação em culturas clássicas. Estudou latim na escola e na universidade, tem vasto conhecimento da literatura grega e atuou em peças de teatro clássico na universidade e na prisão.

O formato deste livro é diretamente inspirado nas Meditações, de Marco Aurélio, compostas por pensamentos, devaneios e aforismos escritos no século II. Marco Aurélio foi um imperador romano, um homem de ação, guerreiro e líder político. Embora não tenha sido um grande filósofo ou um grande escritor, ele conhecia as vantagens da meditação, da documentação e da disciplina. Escrevia até durante as batalhas. Seu livro é cheio de sabedoria. A tradução literal do título original é Para mim mesmo. Os atributos da obra e do autor ainda mantêm alguma relação com os de um homem e um livro que apareceram 18 séculos depois.

VERNE HARRIS

Diretor do projeto

Centro Nelson Mandela de Memória e Diálogo

Agosto de 2010

PARTE I

Pastoral

Depois de uma série de ataques à casa de Nelson Mandela, em Orlando, no Soweto, e um incêndio na mesma casa em 1985, os documentos de sua vida pregressa na zona rural de Thembuland desapareceram, provavelmente para sempre. Dentre estes, a história da família narrada por sua mãe. Ainda existem fotografias de sua mãe, mas nenhuma de seu pai.

Muitos dos hábitos característicos de Mandela foram adquiridos em seus primeiros anos de vida. Um dos mais importantes, que remonta à sua criação tradicional em Thembuland, era ouvir atentamente o que diziam os mais velhos nas reuniões tribais, vendo um consenso emergir gradualmente sob as orientações do rei, do chefe ou do líder. Os hábitos de disciplina, ordem, autocontrole e respeito pelos outros eram exigidos tanto pelas autoridades tradicionais como pelas instituições educacionais em que Mandela estudou.

Aos 7 anos de idade, começou a frequentar uma escola em Qunu, que se resumia a uma sala, perto de Mvezo, sua terra natal. Mais tarde estudou em Qokolweni, no Instituto Clarkebury e no Colégio Metodista de Healdtown. Fez seus estudos universitários na Universidade de Fort Hare, perto da cidadezinha de Alice. Fort Hare reunia filhos de famílias negras importantes vindos de todo o sul da África e formou vários companheiros que participaram do mundo de Mandela nos anos a seguir. Os mais notáveis foram Kaiser (K.D.) Matanzima, sobrinho de Mandela, embora mais velho que ele, e Oliver Tambo, que veio a ser seu companheiro político, sócio na advocacia e amigo a vida inteira.

Em 1941, Mandela deixou Thembuland e a província do Cabo Leste para uma vida diferente e um destino maior. Nunca se separou inteiramente do lugar nem da tradição, mas suas opções na vida e as políticas do Congresso Nacional Africano introduziram profundas tensões na maneira de se relacionar com esse passado. Isso se manifestou em um nível muito profundo nas suas relações com Matanzima. Mandela gostava dele e o respeitava, mas seus caminhos se separaram na questão da cooperação com a política do apartheid. Enquanto estava preso, Mandela quis receber a visita de Matanzima, mas cedeu ao desejo dos companheiros de prisão, que julgavam ser essa visita muito comprometedora em termos políticos. Muito mais tarde, nos meses finais de encarceramento, Mandela recebeu a visita dele.

Após ser libertado, Mandela construiu uma casa em Qunu. Quando está lá, recebe visitas e consultas de líderes tradicionais. Acompanhou com interesse a indicação de seu neto para a chefia de Mvezo. Em 2007, fundou o Instituto Nelson Mandela para a Educação e Desenvolvimento Rural, na Universidade de Fort Hare.

CAPÍTULO 1

Tempos difíceis



“Vou manter nossa promessa: nunca, jamais, em quaisquer circunstâncias, falaremos alguma coisa imprópria sobre o outro... O problema, claro, é que os homens mais bem-sucedidos têm um pendor para alguma forma de vaidade. Em certo estágio da vida, eles se permitem ser egoístas e alardear publicamente suas espetaculares realizações. A que belo eufemismo de autoelogio a língua inglesa evoluiu! Chamam a isso autobiografia...”

Excerto da primeira carta a Fatima Meer, 1º de março de 1971.

1. DE UMA CARTA PARA FATIMA MEER, DATADA DE 1º DE MARÇO DE 1971^U

Vou manter nossa promessa: nunca, jamais, em quaisquer circunstâncias, falaremos alguma coisa imprópria sobre o outro... O problema, claro, é que os homens mais bem-sucedidos têm um pendor para alguma forma de vaidade. Em certo estágio da vida, eles se permitem ser egoístas e alardear publicamente suas espetaculares realizações. A que belo eufemismo de autoelogio a língua inglesa evoluiu! Chamam a isso autobiografia, em que as falhas alheias são frequentemente exploradas para enaltecer as realizações elogiosas do próprio autor. Duvido que eu algum dia venha a escrever sobre meu passado. Não tenho conquistas de que me vangloriar, nem capacidade para essas conquistas. Mesmo se eu me embriagasse todos os dias da minha vida, não teria coragem para isso. Às vezes, acho que a Criação me usou para dar ao mundo um exemplo de homem medíocre, no sentido estrito do termo. Nada me tenta a fazer propaganda de mim mesmo. Se eu estivesse em posição de escrever uma autobiografia, a publicação teria que ser adiada até que nossos ossos jazessem na terra, e talvez contivesse insinuações não compatíveis com meu compromisso. Os mortos não têm preocupações, e se surgisse a verdade e nada mais que a verdade sobre eles, a imagem que os ajudei a manter através do meu perpétuo silêncio estaria arruinada, e seria um caso para a posteridade, não nosso... Sou daquelas pessoas que possuem fragmentos de informação superficial sobre diversos assuntos, mas me falta o conhecimento aprofundado da única coisa em que deveria ter me especializado, a saber, a história do meu país e do meu povo.

2. DE UMA CARTA PARA JOY MOSIELOA, DATADA DE 17 DE FEVEREIRO DE 1986

Quando um homem se dedica ao tipo de vida que tenho levado há 45 anos, embora possa estar ciente das origens de todos os riscos que o acompanham, o curso real dos acontecimentos e a maneira precisa com que influenciam sua vida jamais são claramente previstos em todos os aspectos. Se eu tivesse sido capaz de prever tudo o que aconteceu desde então, certamente teria tomado a mesma decisão, ou pelo menos assim creio. Mas certamente essa decisão teria sido muito mais pesada e algumas das tragédias subsequentes teriam derretido quaisquer traços de aço que houvesse dentro de mim.

3. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Eu estava sendo preparado para uma posição de chefia, mas um dia fugi desse

“casamento forçado”...^[2] Isso mudou toda a minha carreira. Se eu tivesse ficado na minha terra, hoje seria um chefe muito respeitado, sabe? Teria uma barriga bem grande, muitas vacas e carneiros.

4. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Você sabe que a maioria dos homens são influenciados por sua história de vida. Vivi numa cidade do interior até os 23 anos, quando a deixei e fui para Johannesburgo. Claro que... ficava no colégio a maior parte do ano, e voltava nas férias de junho e dezembro, em junho só um mês e dois meses em dezembro. Todo o resto do ano eu ficava no colégio... Depois, em [19]41, quando eu tinha 23 anos, vim para Johannesburgo e aprendi... a absorver o padrão de vida ocidental *etc.* Mas... minhas opiniões já haviam sido formadas no campo e... portanto você pode imaginar meu enorme respeito pela cultura da minha terra – a cultura nativa... Claro que não podemos viver sem a cultura ocidental, e então tive duas vias de influência cultural. Mas acho que seria injusto dizer que é uma peculiaridade minha, porque muitos dos nossos tiveram as mesmas influências... Hoje me sinto mais à vontade com o inglês, devido aos muitos anos que passei aqui e passei na prisão, por isso perdi contato com a literatura xhosa. Uma das coisas que estou ansioso para fazer quando me aposentar é poder ler a literatura que eu quiser, [inclusive] literatura africana. Sei ler em xhosa e sotho, e gosto muito,^[3] mas as atividades políticas interferiram... Não posso ler tudo o que quero agora, e é uma das coisas que lamento muito.

5. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

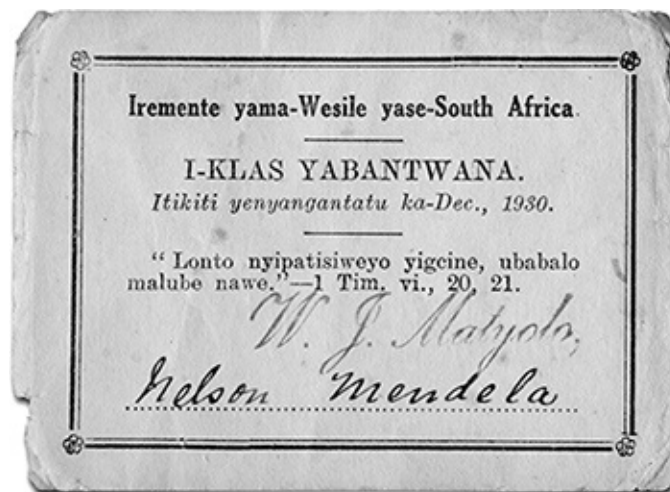
Não tive ninguém que me desse, em horários fixos e regulares, uma noção clara e articulada da história, da geografia, das riquezas naturais e problemas do nosso país, da nossa cultura, ninguém me ensinou a fazer contas, não estudei pesos e medidas. Como todas as crianças xhosa, adquiri conhecimentos fazendo perguntas para satisfazer minha curiosidade enquanto cresci, aprendi com a experiência, observando os adultos e tentando imitar o que eles faziam. Nesse processo, é muito importante o papel dos costumes, dos rituais e tabus, e vim a possuir uma boa quantidade de informação a respeito... Em nossa casa viviam outros dependentes, meninos na maioria, e desde cedo eu saía de perto dos meus pais e andava pelas redondezas, brincando e comendo junto com outros meninos. Na verdade, não me lembro de ter ficado sozinho em casa em alguma ocasião. Sempre havia outras crianças com quem eu dividia a comida e as cobertas à noite. Eu devia ter uns 5 anos quando comecei a sair com os outros meninos para

tocar as ovelhas e o gado e fui introduzido ao maravilhoso amor pelo campo. Mais tarde, pouco mais velho, aprendi a tocar o rebanho também... Um jogo de que eu gostava muito era o que chamo de *khetha* (escolha-quem-você-gosta). Parávamos as meninas de nossa idade que passavam pela rua e perguntávamos qual era o garoto que ela amava. Como regra, a escolha da garota tinha que ser respeitada e, uma vez apontado o favorito, ela podia prosseguir em seu caminho acompanhada pelo menino. Algumas garotas espertas combinavam entre si e muitas escolhiam o mesmo menino, geralmente o mais feio e bobo, e seguiam pelo caminho fazendo troça dele... Além disso, cantávamos e dançávamos, aproveitando ao máximo toda a liberdade que tínhamos longe dos mais velhos. Depois do jantar, ouvíamos extasiados minha mãe ou minha tia contando histórias, lendas, mitos e fábulas que vinham atravessando incontáveis gerações, todas contendo estímulos à imaginação e alguma lição de valor moral. Relembrando esses dias, sou inclinado a crer que o tipo de vida que levei em casa, minhas experiências trabalhando e brincando juntos nos campos, me introduziram muito cedo à ideia de esforço coletivo. O pouco progresso que fiz nessa direção foi determinado mais tarde pela minha educação formal, que tendia a enfatizar mais os valores individuais do que os coletivos. No entanto, em meados dos anos 1940, quando entrei na luta política, pude me adaptar sem dificuldade à disciplina, talvez devido à minha criação na infância.

6. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

O regente não mostrava entusiasmo com minhas visitas a Qunu, argumentando que eu poderia arrumar más companhias e abandonar os estudos. Concedia-me apenas alguns dias em casa. Em outras ocasiões, ele mandava buscar minha mãe para vir me visitar na residência real. As visitas a Qunu eram sempre motivo de alegria, ver minha mãe, minhas irmãs e outros membros da família. Eu ficava particularmente feliz em companhia do meu primo Alexander Mandela, que me inspirou e encorajou em questões de educação naqueles tempos. Ele e minha sobrinha Phathiwe Rhanugu, muito mais velha que eu, foram talvez os primeiros do nosso clã a se formar como professores. Não fossem seus conselhos e paciente persuasão, duvido que eu tivesse resistido aos prazeres da vida fora da sala de aula. As duas influências que dominavam meus pensamentos e atos naqueles dias eram a chefia e a Igreja. Afinal, os únicos heróis de que eu tinha ouvido falar tinham sido chefes, e o respeito de que gozava o regente, da parte de negros e brancos, contribuía para exagerar a importância dessa instituição em minha mente. Eu via a chefia não somente como o eixo em torno do qual girava a vida da comunidade, mas também como a chave para posições de influência,

poder e status. Igualmente importante era a posição da Igreja, que eu associava, não tanto ao texto e à doutrina contidos na Bíblia, mas à pessoa do reverendo Matyolo. Nesse circuito, ele era tão popular quanto o regente, e o fato de ser superior ao regente em questões espirituais salientava o enorme poder da Igreja. E o mais importante era que todo o progresso feito pelo meu povo – as escolas que frequentei, os professores que me ensinaram, os funcionários e intérpretes nos escritórios do governo, os instrutores na área da agricultura, os policiais – todos eram produtos das escolas dos missionários. Mais tarde, a posição dual dos chefes como representantes de seu povo e servidores do governo me levou a avaliar essa posição mais realisticamente, e não apenas do ponto de vista da história da minha própria família ou dos chefes excepcionais que se identificavam com as lutas de seu povo. Como descendentes dos famosos heróis que nos conduziram tão bem durante as guerras de desapropriação e como líderes tradicionais por direito, os chefes têm a prerrogativa de ser tratados com respeito. Mas enquanto agentes de um governo opressor, visto como inimigo do negro, os mesmos chefes são objeto de críticas e hostilidade. A própria instituição da chefia tribal foi cooptada pelo governo e hoje deve ser vista como parte da máquina da opressão. Minhas experiências me capacitam também a formular uma avaliação mais equilibrada do papel dos missionários e a perceber a tolice de julgar a questão simplesmente em termos de relações com indivíduos do clero. Por outro lado, sempre considerei perigoso subestimar a influência dessas duas instituições sobre o povo, e, por essa razão, pedi repetidamente que tivessem cautela ao lidar com elas.



Carteira de membro da Igreja Metodista, 1930.

Pouco depois de sair da prisão, viajei para E.L. [East London] e encontrei o companheiro Silumko Sokupa e o comitê regional do CNA [Congresso Nacional Africano] para me inteirar da situação naquela área. Ao me darem as notícias, informaram que o rei Zanesizwe Sandile, de Ngqikas, iria me visitar no hotel. Fiquei chocado, porque era uma quebra do protocolo pedir ao rei que me visitasse num hotel.

Dei instruções ao comitê que telefonassem, informando ao rei que ele deveria permanecer no palácio e mais tarde eu iria lá fazer uma visita de cortesia. Naquele momento, o rei chegou. Pedi desculpas, frisando que a juventude de hoje havia nascido e crescido em zonas urbanas. Eles sabem muito pouco sobre os líderes tradicionais. Não é tanto o desrespeito, mas a ignorância que os leva a desconsiderar o protocolo.

Heróis como o líder do povo khoi, Autshumayo,^[4] Maqoma dos rharhaves, Bambatha, Cetywayo dos zulus, Mampuru dos pedis, Tshivhase dos vendas e uma série de outros estiveram na linha de frente das guerras de resistência, e falamos deles com respeito e admiração... Mesmo no auge da severa repressão pelo regime do apartheid, houve monarcas corajosos, como Sabata, dos thembus, e Cyprian, dos zulus, que se recusaram a trair o povo... Muitos dos nossos líderes tradicionais também desconhecem as lições da história. Parecem não saber que existiram outrora os monarcas absolutos no mundo, que não repartiam o poder com os súditos... São os monarcas... eles próprios ou seus antecessores, [que] decidiram permitir que representantes eleitos pelo povo governassem, e se tornaram monarcas constitucionais, que sobreviveram, como a rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, o rei Carlos da Espanha, a rainha Beatriz da Holanda, a rainha Margarete II da Dinamarca, o rei Harald da Noruega e o rei Carlos XVI Gustavo da Suécia. Se esses monarcas tivessem se agarrado teimosamente ao poder absoluto, teriam desaparecido de cena há muito tempo.

Mas não podemos esquecer que a instituição de líderes tradicionais é santificada pelas leis e costumes africanos, por nossa cultura e tradição. Não se deve fazer qualquer tentativa de abolir. Devemos encontrar uma solução amigável, baseada em princípios democráticos, que permita aos líderes tradicionais o desempenho de papéis significativos em nível de governo.

... Não sei bem até que ponto uma iniciativa significativa do governo de apartheid... se estendeu a outros territórios bantustões. Mas em Transkei havia uma escola para os filhos de líderes tradicionais que lhes deu conhecimentos básicos de administração nas áreas sob sua jurisdição. Não sou inteiramente a favor de termos essas escolas. Mas, dependendo dos recursos do governo, seria aconselhável incentivar os filhos dos líderes tradicionais a ter a melhor formação. Embora meus recursos pessoais sejam muito limitados, enviei vários

filhos e filhas de líderes tradicionais a universidades na África do Sul, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. Um corpo letrado de líderes tradicionais com boa formação terá toda probabilidade de aceitar o processo democrático. O complexo de inferioridade que os leva a se aferrar desesperadamente às formas feudais de administração irá, no seu devido tempo, desaparecer.

8. DE UMA CARTA A NOMABUTHO BHALA, DATADA DE 1º DE JANEIRO DE 1971

Sua carta foi uma das mais curtas que já recebi, todo o conteúdo consistindo em um único período composto. Ainda assim, é uma das melhores cartas que li em muito tempo. Pensei que nossa geração de agitadores houvesse desaparecido com o final dos anos 1950. Pensei também que, com toda a experiência de quase cinquenta anos de vida, durante os quais ouvi atentamente tantos oradores persuasivos e li excelentes biografias de algumas das figuras mais proeminentes do mundo, não seria fácil me deixar levar pela mera beleza de uma prosa ou pela suave fluência da oratória de alguém. Mas as poucas linhas que você rabiscou cuidadosamente nessa modesta folha de papel para escrever me emocionaram mais que todos os clássicos que já li. Muitas das personalidades que apareceram no seu sonho notável viveram, simplesmente e sem registros escritos, uns três séculos atrás. Nem você nem eu jamais os vimos planejando as operações que os tornaram famosos na história, nem os vimos entrando em ação. A maioria deles não tem sequer uma fotografia autêntica que nos dê a mais vaga ideia de seus traços físicos ou de personalidade. No entanto, mesmo um homem urbano educado como você, vivendo na segunda metade do século XX, com todo o fantástico progresso e as conquistas que marcam essa época, distante da influência da vida tribal, não pode varrer dos seus pensamentos, dos seus planos e sonhos os turbulentos e ferozes heróis da era neolítica. Eram homens incomuns, exceções encontradas em outras partes do mundo. No que diz respeito à economia e implementos, viviam na Idade da Pedra, porém fundaram reinos grandes e estáveis com armas de metal. Nos conflitos que mais tarde viriam a sacudir a nação, deram conta de se defender durante um período contínuo de mais de cem anos, mantendo a distância uma comunidade milênios à frente deles em tecnologia, organização econômica, que fazia pleno uso dos recursos científicos de que dispunha.

Vejo a explicação do seu sonho no simples fato de que você aprendeu lições profundas de seus ancestrais. Você vê nesses feitos heroicos, durante o interminável século de conflitos, um modelo para a vida que devemos levar hoje. Quando o país deles foi ameaçado, mostraram o mais alto nível de patriotismo.

Assim como se recusaram a usar o primitivismo do sistema econômico e a ineficácia das armas como desculpa para fugir a um dever sagrado, também a geração de hoje não deveria se deixar intimidar pelas disparidades que os grupos de forças internas parecem implicar... Mas toda a história da nossa herança do passado permanece incompleta se esquecemos essa linhagem de heróis inatos que agiram, montando o cenário para os conflitos maiores que explodiram subsequentemente, e se portaram da mesma forma magnífica. Os khoikhoi,^[5] de quem descende a linha central do nosso povo negro, foram liderados competentemente por Autshumayo (primeiro prisioneiro político negro da África do Sul a ser exilado na Ilha de Robben), Odasoa e Gogoso. Durante a Guerra da Terceira Libertação, em 1799, Klaas Stuurman deu o passo sem precedentes de unir forças com Cungwa, chefe dos amagqunukhwebes. Muitos, inclusive guerreiros da liberdade com uma longa história de lutas e sacrifícios, falaram com desprezo dos abatwas. Contudo, vários historiadores sul-africanos escreveram relatos objetivos e elogiosos do seu espírito inconquistável e suas nobres qualidades. Quem leu os relatos das batalhas entre os abatwas e os bôeres, e mais especificamente entre os abatwas liderados pelo chefe, Karel, e um comando de mais de cem bôeres em volta da grande caverna em Poshuli's Hoek, tem uma noção da importante contribuição feita à história da África do Sul por uma comunidade que antes era a única ocupante do nosso belo país.^[6] Em numerosos embates, mostraram coragem e audácia incomuns, continuando a lutar desesperadamente até depois de a última flecha ter sido atirada. Foram esses homens que brigaram por uma África do Sul livre, muito antes de chegarmos aos campos de batalha. Eles desbravaram o caminho e é seu esforço conjunto que abastece a fonte do grande rio da história da África do Sul. Somos os herdeiros de um legado de três vertentes; uma herança que nos inspira a lutar e morrer pelos mais elevados ideais na vida. O título de “herói africano” engloba todos esses veteranos. Anos depois, personalidades mais articuladas e sofisticadas se seguiriam e, nesse processo, o quadro da história foi enriquecido mil vezes – os selope themes, os jabavus, dubes, abdurahmans, gools, asvats, cachalias,^[7] e hoje você e sua geração fazem parte dessa legião de honra...

Gosto muito de grandes sonhos e gostei especialmente do seu; me tocou de perto o coração. Talvez no seu próximo sonho haja alguma coisa que anime não somente os filhos de Zika Ntu, mas também os descendentes de todos os famosos heróis do passado. Numa época em que todos incentivam febrilmente o crescimento de forças fracionárias, levando à final e mais alta forma de organização, jogando um grupo nacional contra outro, sonhos cosmopolitas não somente são desejáveis, mas também um dever sagrado; sonhos que enfatizam a

unidade especial que mantém as forças unidas – um laço forjado pelas lutas, sacrifícios e tradições que temos em comum.

GP-5 P.21 8/14/198

The Native Races of South Africa: George W. Stow. P. 218.

Dr R. Rubidge who spent the greater portion of his youth in wandering about the rocks & crags of the Sneeuberg mountains, stated that after committing some depredations, the clan was surrounded by a Commancho which had pursued them and succeeded in cutting them off among the rocks of a projecting shoulder of a great precipice. Here the retreating Bushmen turned for the last time at bay. Their waiting enemies were on one side, a yawning gulf without any chance of escape on the other. A desperate struggle for life commenced. One after another they fell under the storm of bullets with which their adversaries assailed them. The dead and the dying were heaped upon the dizzy projecting ledge, many in their death struggle rolled and fell over among the crags and fissures in the depths which surrounded them. Still they resisted and still they fell, until one only remained; and yet with the bloody heap of dead around him, and the mangled bodies of his comrades on the rocks below, he seemed as undaunted as when surrounded by the entire band of his brave companions. Posting himself on the very outermost point of the projecting rocks, with sheer precipices of nearly a couple of hundred feet on either side of him, a spot where no man would have dared to follow him, he defied his pursuers, and amid the bullets which showered around him, he appeared to have a charmed life and flung his arrows ~~with~~ with unerring aim whenever his enemies incautiously exposed themselves.

P.21 81/143196

His last arrow was on the string. A slight feeling of
compassion seemed at length to animate the hostile
multitude which hemmed him in; they called to him
that his life ~~should~~ be spared if he would surrender.
He let fly his last arrow in scorn at the speaker, as
he replied that "a chief knew how to die, but never
to surrender to the race who had despoiled him!"
Then with a loud shout of bitter defiance, he turned
round, and leaping headlong into the deep abyss was
dashed to pieces on the rocks beneath. Thus died with
a Spartan-like intrepidity, the last of the clan, and with
his death his tribe ceased to exist.

Mandela transcreveu partes do livro de George W Stow, *The Native Races of South Africa: A History of the Intrusion of the Hottentots and Bantu into the Hunting Grounds of the Bushmen, the Aborigines of the Country*; ver nota 6 deste capítulo.

CAPÍTULO 2

Companheiros



“A civilização ocidental não apagou totalmente minha origem africana, e não esqueci meus dias de infância, quando nos reuníamos em torno dos mais velhos para ouvir a riqueza de sua sabedoria e experiência. Era o costume dos nossos antepassados, e na escola tradicional em que crescemos. Ainda hoje respeito os mais velhos da nossa comunidade e gosto de conversar com eles sobre os velhos tempos, quando tínhamos nosso próprio governo e vivíamos em liberdade.”

Excerto de texto autobiográfico inédito, escrito na prisão.

1. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

A civilização ocidental não apagou totalmente minha origem africana, e não esqueci meus dias de infância, quando nos reuníamos em torno dos mais velhos para ouvir a riqueza de sua sabedoria e experiência. Era o costume dos nossos antepassados, e na escola tradicional em que crescemos. Ainda hoje respeito os mais velhos da nossa comunidade e gosto de conversar com eles sobre os velhos tempos, quando tínhamos nosso próprio governo e vivíamos em liberdade. É sempre um momento precioso escutar um especialista em nossa história, cultura, lendas e tradições. Vivíamos fazendo perguntas a homens como Mveli Skota, Selothe Thema, chefe [Albert] Luthuli, professor Z.K. Matthews, Moses Kotane, J.B. Marks, e a quantidade de conhecimentos que tinham sobre a história africana era impressionante.^[8] Sua força maior residia no fato de que seus pés estavam firmemente plantados no solo africano, e usavam o saber científico para enriquecer nossa herança e nossa cultura. Eles sabiam mapear os movimentos de cada grupo do nosso povo do Norte, discutiam com conhecimento de causa as várias teorias sobre o tema, as razões dos muitos embates entre nossos povos através da história, tinham contato com os brancos e até previam o curso dos eventos futuros. A velha geração que herdou as tradições orais dos nossos ancestrais desapareceu, ou está desaparecendo, e a ciência vem desenvolvendo modernas técnicas de adquirir conhecimentos em todos os campos, mas até as novas gerações de hoje ainda valorizam a experiência dos mais velhos. Jovens que diariamente se veem às voltas com novos problemas humanos querem comparar os conhecimentos adquiridos em livros e em sala de aula com a experiência direta dos seus maduros antepassados.

2. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Sim, o *boarding master* é o encarregado dos alunos na faculdade, sim. Esse era um homem notável... Uma vez fez um sermão sobre um homem cuja casa era mal-assombrada. O homem fez de tudo para espantar os fantasmas, mas não conseguiu. Então resolveu deixar seu *kraal* [um povoado rural com cabanas e casas], amontoou tudo o que tinha numa carroça e saiu procurando outro lugar para morar. No meio do caminho, encontrou um amigo que lhe perguntou: “Para onde você está indo?” Antes que ele respondesse, veio uma voz lá de fora da carroça: “Estamos pegando a estrada, saindo do nosso *kraal*.” Era uma assombração. O homem achou que tinha deixado os maus espíritos para trás, mas eles vieram junto. A moral da história é: “Não fuja dos problemas; *encare-*

os! Porque *se você não lidar* com eles, estarão *sempre* com você. *Encare* o problema que surgir; enfrente com coragem.” Essa é a moral... Nunca me esqueci e aceitei que, se você tem um problema, deve encarar, e não evitar tratar do assunto. Por exemplo: na política, há assuntos *muito* delicados e normalmente as pessoas não querem tomar uma atitude impopular. Se o povo diz “Temos que partir para a ação”, muito pouca gente responde: “Temos recursos para isso? Estamos suficientemente preparados? Estamos em posição de bancar essa ação?” Alguns querem dar a impressão de ser militantes, e por isso *não* enfrentam os problemas, principalmente um tipo de problema que pode afetar sua popularidade. O sucesso na política exige conquistar a confiança do povo nas suas ideias, divulgando-as com muita clareza, muita delicadeza, muita calma, mas ao mesmo tempo muito abertamente.

3. DE UMA CARTA PARA A UNIVERSIDADE DA ÁFRICA DO SUL, DATADA DE 22 DE DEZEMBRO DE 1987^[9]

Venho por meio desta solicitar isenção de Latim 1, com base nos seguintes argumentos: embora eu tenha passado nos exames de matrícula para essa disciplina em 1938, e apesar do fato de ter passado num curso especial da mesma matéria na Universidade de Witwatersrand em 1944, esqueci praticamente tudo. Se for obrigado a fazer o curso, terei que começar do zero. Tendo 69 anos de idade, certamente seria um empreendimento muito difícil. Sou advogado, tendo exercido a profissão por nove anos antes da [minha] prisão e condenação. Ainda que eu decidisse retomar a prática da advocacia, não me seria exigido um diploma em Latim. É verdade que não tenho a intenção de voltar à profissão, em qualquer ramo da advocacia. Ainda que eu pretendesse voltar à profissão em algum momento futuro, não há muita probabilidade, dado que estou cumprindo sentença de prisão perpétua. Se minha solicitação for atendida, proponho me inscrever em Política Africana, em lugar de Latim 1.

4. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Minha associação com o Congresso Nacional Africano me ensinou que um grande movimento nacional tem numerosas contradições e divergências, fundamentais ou não. Em uma organização, a presença de várias classes e grupos sociais com interesses conflitantes de longa data, que podem colidir em momentos cruciais, já traz seu próprio rastro de conflitos. Contradições de vários tipos podem romper de cima a baixo uma classe ou grupo que, não fosse isso, seria homogêneo, e os preconceitos que surgem de diferentes práticas a respeito

da circuncisão estão entre elas. Lembro-me bem da minha primeira reação, até mesmo com repulsa, quando descobri, na Fort Hare, que um amigo não havia observado o costume. Eu tinha 21 anos e minha associação subsequente com o Congresso Nacional Africano e minhas ideias progressistas me ajudaram a vencer o preconceito juvenil e aceitar todas as pessoas como iguais. Aceitei que eu não tinha qualquer direito de julgar os outros segundo os meus próprios costumes, por mais que me orgulhasse desses costumes;^[10] que desprezar os outros porque não observavam determinados costumes era uma forma perigosa de chauvinismo. Considero-me obrigado a manter o devido respeito a meus costumes e tradições, desde que esses costumes e tradições ajudem a manter nossa união e de forma alguma conflitem com os objetivos e o objeto da luta contra a opressão racial. Mas não imporei meus costumes aos outros nem seguirei qualquer prática que possa ofender meus companheiros, principalmente agora que a liberdade está custando tão caro.

5. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Ah, sim. Fiquei orgulhoso porque nossos professores disseram: “Agora que vocês estão na Fort Hare, serão *líderes* do seu povo.”^[11] Era isso que repetiam sempre, e é claro que naquele tempo um negro ter um diploma era algo muito importante. Era o que eu sentia, e o rei estava muito orgulhoso de ter um filho, um membro do clã, na Fort Hare.

6. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Mas o processo de ilusão e desilusão faz parte da vida e é infundável. No início dos anos 1940, o que me causou um forte impacto foi o conflito entre minhas expectativas e a experiência de fato. Na faculdade, eu acreditava que, uma vez formado, estaria automaticamente na liderança, à frente do meu povo em todos os seus esforços. Em certo sentido, isso ocorria com a maior parte dos alunos da Fort Hare. Muitos deles saíam da sala de aula diretamente para um emprego confortável, com renda fixa e certa influência. Também é verdade que os formados gozam do respeito da comunidade, especialmente no campo da educação.

Mas minha experiência foi muito diferente. Andei nos círculos em que o senso comum e a experiência prática eram importantes, e onde as qualificações acadêmicas não eram necessariamente decisivas. Dificilmente algo que me ensinaram na faculdade parecia diretamente relevante no meu novo ambiente. Em geral, os professores se esquivavam de temas como opressão racial, falta de

oportunidades para os negros e as numerosas indignidades a que o negro é submetido na vida diária. Nenhum deles jamais me informou como poderíamos acabar com os males do preconceito de cor, os livros que eu deveria ler a esse respeito e as organizações políticas a que deveria me filiar se quisesse tomar parte num movimento de liberdade disciplinado. Tive que aprender tudo isso por puro acaso e por tentativa e erro.

PARTE II

Drama



Certa vez Nelson Mandela fez o papel de John Wilkes Booth, assassino de Abraham Lincoln, numa peça apresentada na Fort Hare. Fez o papel do tirano Creonte na montagem que os prisioneiros fizeram de Antígona, na Ilha de Robben. Ahmed Kathrada havia encomendado um lote de peças gregas ostensivamente para seus estudos. Isso não despertou nenhuma curiosidade entre os guardas, que permitiram a entrada sem problemas. O papel de vilão sem dúvida era atraente para o senso de humor astucioso de Mandela. Às vezes ele cita Shakespeare e gosta de tragédias gregas, que leu pela primeira vez na Ilha de Robben. Já fez piadas sobre sua função de ator e, nos anos de aprendizado político, aprendeu a força do gestual dramático.

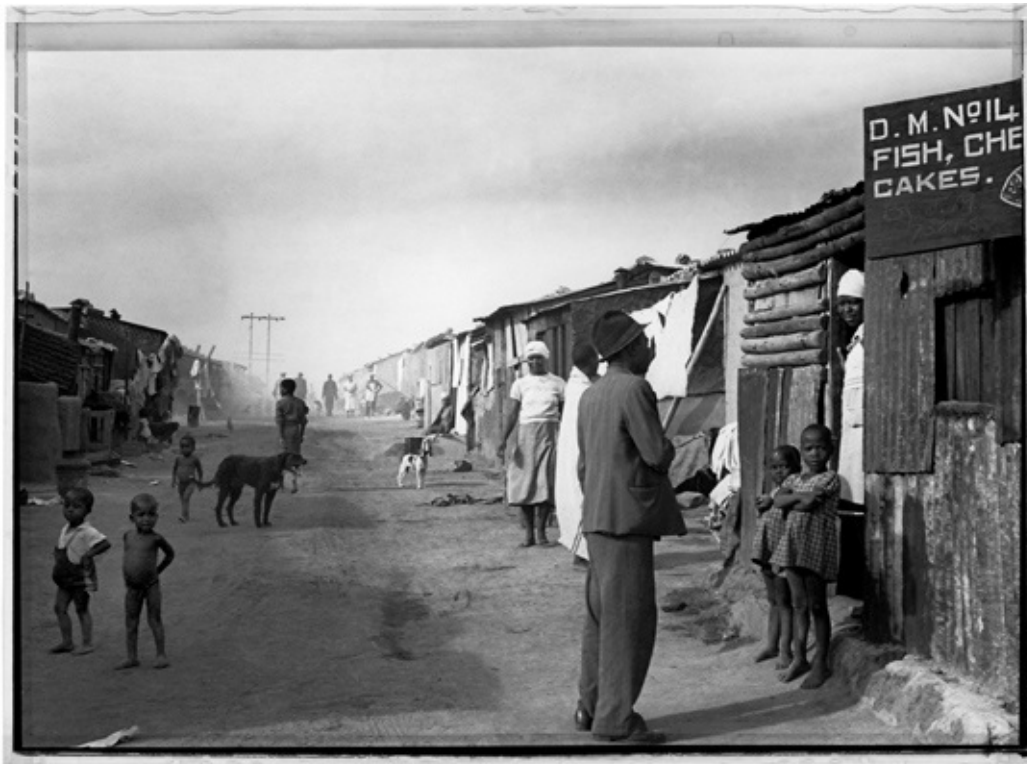
De fato, desde 1941 até sua prisão em 1962, sua vida foi um grande drama público. Já no final da década de 1940, ele começou a assumir posições de liderança no Congresso Nacional Africano (CNA), e nas décadas de 1950 e 1960 teve participação importante em todos os eventos e campanhas nacionais na luta contra o apartheid. Na ocasião de sua captura, em agosto de 1962, era o líder do Umkhonto we Sizwe (MK), o braço armado do CNA, e indiscutivelmente a figura mais conhecida e popular da luta contra o apartheid. Ele havia se tornado “O Pimpinela Escarlata Negro”, o homem mais procurado da África do Sul. Não é de surpreender que no Julgamento de Rivonia, em 1963-64, o mais dramático e significativo da história da África do Sul, Mandela tenha roubado a cena.

Seu drama pessoal se acentuou quando, depois de alguns casos passageiros, ele se casou com uma jovem parente de Walter Sisulu, Evelyn Mase, em 1944. Tiveram quatro filhos: uma filha chamada Makaziwe (Maki), dois filhos, Madiba Thembekile (Thembi) e Makgatho (Kgatho), e outra filha, a primeira, também chamada Makaziwe, que morreu com apenas 9 meses de idade. Após 12 anos de casados, eles se separaram com amargura e acrimônia, o que causou considerável infelicidade na família nos anos posteriores.

Em 1958, casou-se com a bela e radiante Winnie Madikizela. Mandela sempre admirou mulheres fortes, como Ruth Mompati, Lilian Ngoyi, Helen Joseph e Ruth First, mas talvez nunca tenha imaginado quão forte Winnie viria a ser. Tiveram duas filhas: Zenani (Zeni) e Zindziswa (Zindzi). Mandela costumava chamar Winnie de “Zami”, abreviatura do seu nome xhosa, “Nomzamo”. Essa segunda família sentiria tão agudamente quanto a primeira o impacto da vida pública de Mandela. O drama dele foi a dor delas.

CAPÍTULO 3

Asas para o espírito



“Somente políticos de gabinete são imunes ao erro. Os erros são inerentes à ação política. Quem está no centro da luta política, tendo que lidar com problemas práticos e prementes, dispõe de pouco tempo para a reflexão, não há precedentes para guiá-los e estão sujeitos a errar muitas vezes. Mas no devido tempo, desde que sejam flexíveis e preparados para um exame crítico do próprio trabalho, adquirem a experiência e a visão necessárias para evitar as ciladas mais comuns, e podem seguir adiante em meio à palpitação dos eventos.”

Excerto de texto autobiográfico inédito, escrito na prisão.

1. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Somente políticos de gabinete são imunes ao erro. Os erros são inerentes à ação política. Quem está no centro da luta política, tendo que lidar com problemas práticos e prementes, dispõe de pouco tempo para a reflexão, não há precedentes para guiá-los e estão sujeitos a errar muitas vezes. Mas no devido tempo, desde que sejam flexíveis e preparados para um exame crítico do próprio trabalho, adquirem a experiência e a visão necessárias para evitar as ciladas mais comuns, e podem seguir adiante em meio à palpitação dos eventos.

2. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

A vida era animada em Alexandra e, apesar de a política racial do atual governo ter destruído seu tecido social e a reduzido a uma cidade fantasma, pensar nela sempre me evoca boas lembranças.^[12] Ali aprendi a me adaptar à vida urbana e entrei em contato físico com todos os males da supremacia branca. Embora a *township* tivesse belos prédios, era uma favela típica, superpovoada e suja, com crianças subnutridas perambulando nuas ou vestidas com trapos sujos. Havia todo tipo de seitas religiosas, bandidos e biroschas. A vida valia pouco e a noite era governada pelo revólver e a faca. Muito frequentemente, a polícia invadia a área verificando passes, recebendo propinas, bebidas, e prendendo muita gente. Apesar disso, Alexandra era mais que um lar para seus 50 mil habitantes. Sendo uma das poucas áreas do país em que os africanos podiam adquirir propriedades e tratar de seus próprios assuntos livres da tirania dos regulamentos municipais, era ao mesmo tempo um símbolo e um desafio. Sua existência era o reconhecimento de que uma parte do nosso povo havia rompido seus laços com as zonas rurais e se tornado moradores permanentes da cidade. Vinda de todos os grupos de língua africana, a população tinha consciência política, maior articulação e um senso de solidariedade que causava crescente preocupação entre os brancos. Ficou claro para mim que a liderança do meu povo viria das zonas urbanas, onde trabalhadores militantes e uma classe emergente de negociantes prósperos e ambiciosos sofriam todas as frustrações do preconceito racial. Essas são as amarras que nos prendem tão fortemente a Alex. Até o momento da minha prisão, 14 anos atrás, sempre considerei a *township* como um lar em que eu não tinha uma casa específica, e Orlando, onde ainda moram minha mulher e filhas, um lugar em que tenho uma casa, mas não tenho um lar.

3. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Uma calorosa amizade desenvolveu-se entre mim e Lazar Sidelsky, e seus numerosos atos de bondade e assistência em todos os tipos de problemas que tive dariam para escrever um capítulo inteiro.^[13] Um amigo muito especial foi John Mngoma, orador e versado na história zulu. Passei horas ouvindo seus relatos de episódios interessantes do nosso passado. Como resultado desses e de outros contatos que fiz nos meus primeiros dias em Johannesburgo, desenvolvi alguma força interior e logo esqueci minhas dificuldades, minha pobreza, meus sofrimentos, minha solidão e frustrações. Esses relacionamentos me deram a confiança de que eu poderia andar com as próprias pernas, o prazer de ter a boa vontade e apoio de valorosos homens e mulheres que eu não conhecia até então e a quem poderia recorrer em caso de necessidade. E agora eu tinha um lar da minha escolha, longe do meu lugar de nascimento, e havia feito progressos, embora poucos, principalmente por minha iniciativa e meus recursos. Tenho uma ligação especial com as pessoas que foram amigas nos tempos de aflições. Um traço comum a muitas dessas amizades é que se uniram em torno de famílias e não de indivíduos, e pouco foram afetados pela morte dos membros por meio dos quais se constituíram.

4. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: Mas há um camarada com quem fiz amizade em Healdtown, e essa amizade deu frutos quando cheguei a Johannesburgo. Um sujeito chamado Zachariah Molete. Era encarregado [da venda] de coalhada em Healdtown e, se você fosse amigo dele, ele lhe dava um creme muito espesso... Quando cheguei a Johannesburgo, no início dos anos 1940, fiquei na... *township* de Alexandra, e fiquei muito amigo dele porque seu pai tinha... uma mercearia, era despenseiro da Igreja Metodista e cuidou de mim, porque eu estava em dificuldades, e sempre me dava comida. Numa ocasião ele me procurou e disse: “Olhe, você tem que ter muito cuidado à noite porque há uma gangue que chamam de Thutha Ranch.” *Thutha* significa pegar e levar. Eram ladrões que invadiam as casas e levavam tudo – daí o nome da gangue. Ele disse: “Estão agindo na sua área”... Eu morava na época... num único quarto, e uma noite acordei com barulho de gente andando lá fora, prestei atenção e me lembrei do que Zachariah tinha dito. E *então* houve uma discussão, e uma discussão muito clara. Um deles disse: “Não, vamos entrar, vamos lá dentro”, e outro disse: “Não, cara, esse sujeito não tem dinheiro, não tem nada, é estudante.” E ficaram discutindo... mas esse era durão e disse: “Deixe o estudante em paz, cara, deixe ele pra lá”... Mas parece que o sujeito que insistia ficou tão frustrado, tão aborrecido, que deu um *chute*

na porta. Era uma porta frágil, e o ferrolho, sabe, se soltou. Mas não entraram, foram embora.

STENGEL: Foi a sua porta que ele chutou?

MANDELA: Sim, a minha porta. E eu tive um *choque* tão grande, um *choque* tão grande, mas eles foram embora; não entraram... mudei a cama de lugar, pus atravessada atrás da porta, porque era a única maneira de manter a porta fechada. Foi assim que dormi. E fiquei muito grato porque... seja lá quem for... me salvou de ser roubado, um deles que teve a bondade de dizer "Não, não faça isso".

Nelson Mandela 466/64 *J* 9.12.79

My darling Zindzi,

I sometimes wonder what happened to our boxing gym at what used to be called St. Joseph's in Orlando East. The walls of that school & of the A.O.C.C. are drenched with sweet memories that will delight me for yrs. When we trained at the A.O.C.C. in the early 50s the club included amateur & professional boxers as well as wrestlers. The club was managed by Johannes [Skip] Adams] Mokoši, a former champ & a capable trainer who knew the history, theory & practical side of the game. Unfortunately in the mid-50s he began neglecting his duties & would stay away from the gym for long periods. Because of this, the boxers revolted. I tried to settle the matter, but when Skip failed to pay heed to repeated protests from the boxers things reached breaking point. This time I was totally unable to reconcile the parties. The boxers left the A.O.C.C. & opened their own gym at St. Joseph's, Ikembi & I went along with them. Simon Ishabalala, who is now abroad, became the manager & the star boxer was, of course, still Jerry [Majinga] Mokoši who later became the 201 light weight champ & leading contender for the national

De uma carta para Zindzi Mandela, datada de 9 de dezembro de 1979, ver texto a seguir. A carta foi descoberta em 2010, no Arquivo Nacional da África do Sul, com uma anotação manuscrita em africâner,

por um censor na prisão, dizendo: “A mensagem anexada pelo prisioneiro Mandela ao cartão de Natal não será enviada. O cartão será enviado. O prisioneiro não foi informado de que esta mensagem foi excluída. Ele não tem permissão para incluí-la junto com o cartão. Conversei sobre isso em 20 de dezembro de 1979, com o brigadeiro Du Plessis, e ele concordou com a decisão. Manter neste arquivo.”

5. DE UMA CARTA PARA ZINDZI MANDELA, DATADA DE 9 DE DEZEMBRO DE 1979, CONFISCADA PELA CENSURA DA PRISÃO PORQUE ELE “NÃO TINHA PERMISSÃO” PARA INCLUÍ-LA NO CARTÃO DE NATAL ENVIADO A ELA NAQUELE ANO.

Às vezes penso no que aconteceu com nossa academia de boxe no que se chamava então St. Joseph’s, em Orlando Leste. As paredes da escola do DOCC [Centro Comunitário Donaldson de Orlando] estão embebidas de lembranças que me darão anos de prazer. Quando treinávamos no DOCC, no começo dos anos 1950, havia boxeadores amadores e profissionais, além de lutadores. O treinador era Johannes (Skip Adonis) Molosi, ex-campeão e treinador competente, que conhecia a história, a teoria e a prática do esporte. ^[14]

Infelizmente, em meados dos anos 1950, ele começou a negligenciar seus deveres e passava longos períodos sem aparecer. Os boxeadores se revoltaram por causa disso. Por duas vezes resolvi a questão, mas quando Skip não deu ouvidos aos repetidos protestos dos boxeadores, as coisas chegaram ao limite. Dessa vez, fui totalmente incapaz de conciliar as partes. Os boxeadores deixaram o DOCC e abriram sua própria academia no St. Joseph’s. Thembi e eu fomos com eles. Simon Tshabalala, que agora está fora do país, assumiu a função e o astro do boxe ainda era Jerry (Uyinja) Moloi, é claro, que mais tarde veio a ser campeão peso-leve em TVL (Transvaal) e principal concorrente ao título nacional. Além de Jerry, produzimos três campeões: Eric (Black Material) Ntsele, que venceu Leslie Tangee no campeonato nacional de peso-galo, Freddie (Tomahawk) Ngidi, que se tornou campeão peso-pluma, título conquistado mais tarde por Johannes Mokotedi, também nosso companheiro de academia. Houve outros promissores, como Peter, peso-pluma, que construiu a garagem de nossa casa. Ele veio de Bloemfontein e estudava na Vacation School, em Dube. Thembi também era bom boxeador e às vezes eu ficava até muito tarde da noite esperando sua volta de algum campeonato em Randfontein, Vereeniging e outros centros. Eu e meus companheiros de boxe éramos uma família muito unida, e quando a mãe [Winnie] entrou em cena, essa família ficou ainda mais íntima. Jerry e Eric até levavam a mãe de carro quando eu não podia, e a academia inteira compareceu à nossa festa de noivado.

A propósito, Freddie trabalhou em nossa firma como funcionário. Era discreto, confiável e toda a equipe gostava dele. Mas numa véspera de Natal, voltei ao escritório e quem encontrei caído na passagem do lado de fora do

escritório geral? Freddie. Sua aparência me chocou tanto que corri com ele para o médico. O charlatão deu uma rápida olhada e assegurou que ele estava bem, só precisava dormir mais um pouco. Ele havia sucumbido à farra de Natal e exagerou. Levei-o em casa, em OE [zona leste de Orlando], muito aliviado. Aliás, eu devia ter lhe contado que durante a disputa no DOCC, Skip acusou Jerry de ter lhe dado uma facada pelas costas, tal como Marco Antônio traiu seu amigo César. Thembi perguntou quem eram Marco Antônio e César. Nessa época Thembi tinha apenas 9 anos. Skip explicou: “Não fale de gente que já morreu.” Se eu não estivesse lá, Skip teria arrancado as tripas do menino, tão furioso ficou. Veio queixar-se amargamente comigo do que considerou uma descortesia por parte do garoto. Lembrei a ele que em minha casa eu era o patriarca e mandava na família. Mas não tinha esse poder na academia, já que Thembi havia pago as mensalidades de sócio, tínhamos perfeita igualdade e eu não podia lhe dar ordens.

Passávamos cerca de uma hora e meia na academia e eu chegava em casa por volta das nove da noite. Cansado e sem uma gota de água no corpo. Sua mãe me dava um copo de suco de laranja gelado, feito na hora, servia o jantar com uma coalhada muito bem-feita. Naqueles dias, sua mãe brilhava de felicidade e boa saúde. A casa parecia uma colmeia, com a família, ex-colegas de escola, companheiros de trabalho do Bara [Hospital Baragwanath],^[15] membros da academia e até clientes vinham à nossa casa conversar com ela. Por mais de dois anos, ela e eu vivemos literalmente em lua de mel. Eu resistia, calado, à atividade que me mantinha longe de casa até tarde da noite. Entretanto, ela e eu advertíamos um ao outro que estávamos vivendo um tempo emprestado, e tempos difíceis não tardariam a bater à nossa porta. Mas nos divertíamos muito, com bons amigos, e não tínhamos tempo para autopiedade. Já se passaram duas décadas desde então, mas recordo tão claramente aqueles dias como se tudo tivesse acontecido ontem.

6. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Nessa época havia muitas reuniões, não? Você disse que, quando chegou a Johannesburgo, foi levado a reuniões, a reuniões do Partido Comunista, conheceu Michael Harmel,^[16] e tem muita coisa escrita sobre sua convivência social, com Joe Slovo e Ruth First..^[17]

MANDELA: Não. Na verdade não foi nada de extraordinário; uma coisa como outra qualquer que acontecia no país, tanto entre os brancos como entre os negros. A única diferença é que aí havia brancos e negros juntos.

STENGEL: Mas isso era extraordinário, não?

MANDELA: ... A convivência era extraordinária, mas as reuniões eram muito frequentes no país. Sim, não era algo novo. E não acontecia com muita regularidade. A questão é que esses grupos eram também usados pelo Partido [Comunista] com o propósito de recrutar novos membros.

STENGEL: Sei... pelo menos entre os brancos, eles não achavam que estavam fazendo uma coisa muito ousada e provocativa indo a essas reuniões mistas?

MANDELA: Não, não, não, acho que não. Ali os brancos tinham sido criados na tradição democrática, no sentido estrito da palavra, comprometidos na luta pelo povo oprimido, portanto queriam momentos de descontração e convidavam africanos, negros.

STENGEL: E você ia a essas reuniões?

MANDELA: Ah, sim, sim. Não ia a todas. Na verdade, certa vez Joe queixou-se a Walter [Sisulu] que “Esse Mandela não gosta das reuniões”.

7. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: Eu estava sendo apresentado a várias correntes de pensamento em Johannesburg.

STENGEL: E quando ia às reuniões, você ficava só ouvindo?

MANDELA: ... Não falava nada. Só participava dos debates – não nas reuniões políticas, só nos debates acadêmicos. Por exemplo: se havia uma equipe de Bloemfontein em Johannesburg, eu era convidado a conduzir a discussão por Johannesburg. *Nisso* eu tinha participação, mas nas reuniões, nunca, até entrar para a Liga da Juventude [CNA]. Mesmo então eu ficava nervoso. Ficava muito nervoso.

STENGEL: Nervoso por quê? Por que era um passo grande demais, ou era perigoso?

MANDELA: ... Eu não sabia nada de política, entende? Eu era politicamente atrasado e estava lidando com gente que entendia de política, que discutia o que estava acontecendo na África do Sul e fora da África do Sul. Gente que tinha um nível educacional muito baixo, qualificações acadêmicas modestas, mas sabiam *muito* mais do que eu... Em Fort Hare [na universidade] fiz dois cursos de história (bacharelado), e mergulhei fundo na história da África do Sul e na da Europa. Mas Gaur Radebe sabia muito mais do que eu porque não tinha aprendido só os fatos,^[18] ele sabia ver *por trás* dos fatos e explicar as causas de um determinado ponto de vista. Aprendi uma nova história, e conheci muitos deles. Claro que pessoas como Michael Harmel, com mestrado, e Rusty

Bernsntein, bacharel pela Wits [Universidade de Witwatersrand], eles... também eram muito bons em história, e embora eu não fosse do Partido [Comunista]... prestei *muita* atenção ao que diziam.^[19] Foi muito interessante ouvir o que diziam.

STENGEL: Quando você começou a ir às reuniões do Partido Comunista... você era muito anticomunista?

MANDELA: Ah, muito, sim, sim.

STENGEL: Então, enquanto você ia às reuniões, não se tornou um simpatizante do Partido Comunista?

MANDELA: Não, não, não, não, não, não. Eu ia porque era convidado e estava muito interessado em ver. Era uma nova sociedade onde se encontravam europeus, indianos, negros e africanos juntos. Algo novo para mim. Que eu nunca tinha visto. Eu estava interessado naquilo.

STENGEL: Você estava mais interessado em ser um observador social do que na política.

MANDELA: Ah, não, não, não... Eu não estava de fato interessado na política. Estava interessado, sim, no aspecto social daquilo... Ficava impressionado com os membros do Partido Comunista. Ver brancos *totalmente* despojados de consciência de cor era algo, sabe, que... era uma experiência nova para mim.

STENGEL: Então você se sentia de certa forma livre? Isso lhe causava muito entusiasmo?

MANDELA: Não, era interessante. Eu não diria libertador. E foi por isso que ataquei os comunistas quando me engajei politicamente. Não achava libertador. Achava que o marxismo era na verdade algo que nos submetia a uma ideologia estrangeira.

8. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 20 DE JUNHO DE 1970^[20]

De fato, “os grilhões do corpo são asas para o espírito”. É assim o tempo todo, e sempre será assim. Shakespeare coloca a mesma ideia em *As You Like It* [*Como gostais*], de modo um pouco diferente:

Doces são os usos da adversidade,
Que como o sapo, feio e venenoso,
Usa ainda uma joia preciosa na cabeça.^[21]

Outros também proclamaram que “somente grandes propósitos despertam grandes energias”.

Contudo, meu entendimento da verdadeira ideia por trás dessas simples palavras, através de 26 anos da minha carreira tempestuosa, tem sido superficial, imperfeito e talvez um pouquinho escolástico. Há um estágio na vida de todo reformador social em que ele troveja nas tribunas, primeiramente para se aliviar dos fragmentos de informação indigesta acumulada em sua cabeça; é mais uma tentativa de impressionar as multidões do que iniciar uma exposição calma e simples de princípios e ideias cuja verdade universal se evidenciou por meio da experiência pessoal e do estudo mais aprofundado. A esse respeito, não sou exceção e tenho sido vítima da fraqueza da minha geração, não uma, mas cem vezes. Preciso ser franco e lhe dizer que, quando volto a ler alguns dos meus primeiros escritos e discursos, fico abismado com o pedantismo, a artificialidade e a falta de originalidade. A ânsia de impressionar e fazer alarde é evidente.

9. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A CAMPANHA DE DESAFIO ÀS LEIS DO APARTHEID DE 1952

Bem, eu já havia estado na prisão antes disso, por violações menores, detido por quase um dia, nem chegou a um dia inteiro. Fui detido de manhã e solto à tarde... fui preso, não por ter desafiado, mas por ter entrado e urinado no que chamavam de banheiro de branco, somente para brancos. Pode-se dizer que fui lavar as mãos numa pia branca e por isso me prenderam... [risos] Foi um erro da minha parte, não li o aviso. Então me prenderam e me levaram para a delegacia. Mas no fim do dia me soltaram. Agora, *aqui* mesmo tinha gente sendo presa por causa de princípios, porque estavam protestando contra uma lei que consideravam injusta. Estudantes que tinham sido meus colegas saíram da sala de aula e foram desafiar, por *amor* ao seu povo e ao seu país. Isso me causou um tremendo impacto.

10. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

[Não]... interfiro nos assuntos dos outros, a não ser que me peçam. Mesmo quando me pedem, minha maior preocupação é conciliar as pessoas. Até como advogado, quando... um homem ou sua mulher me procuram para entrar com uma ação de divórcio, sempre digo: “Vocês fizeram tudo ao seu alcance para resolver esse problema?”... Algumas aceitam bem isso e de fato já salvei casamentos assim. É claro que outras se ressentem com a pergunta. Ela vem procurar você porque brigaram... está cheia de amargura, e quando você diz: “Posso falar com seu marido?” Ih, ela fica terrivelmente nervosa. Desse momento em diante, mesmo indo ao tribunal, ela não quer que você sequer olhe

para o marido... Ela quer que você adote exatamente a posição dela. Fica muito difícil. Mas a questão é que sempre tentei unir as pessoas, sabe?... Mas nem sempre consegui.

20/12/84 46
27. 12. 84

NHSON MANDUKA

Mum,

... of the letter to Bahwonga, which I handed in this morning for dispatch. Matata was summarised in the front page of today's *Die Burger* with the following headline: Matanzima down doubled (Matanzima makes an offer) Mandela overwepig vrylatung (Mandela rejects release). This is the letter "Ngubenguka".

Madanda has informed me that you have pardoned my nephews, and I am grateful for the gesture. I am more particularly touched when I think of my sister's feeling about the matter and I thank you once more for your kind consideration.

Madanda also informs me that you have now been able to persuade the Government to release political prisoners, and that you have also consulted with the other "homeland" leaders who have given you their full support in the matter. It appears from what she tells me that you and the Government intend that I and some of my colleagues should be released to Umtata.

I perhaps need to remind you that when you first wanted to visit us in 1977 my colleagues and I decided that, because of your position in the implementation of the Bantustan Scheme, we could not accede to your request.

Again in February this year when you wanted to come and discuss the question of our release, we reiterated our stand and your request was not acceded to. In particular, we pointed out that the idea of our release being linked to a Bantustan was totally and utterly unacceptable to us.

While we appreciate your concern over the incarceration of political prisoners, we must point out that your persistence in linking our release with the Bantustans, despite our strong and clearly expressed opposition to the scheme, is highly disturbing, if not provocative, and we urge you not to continue pursuing a course which will inevitably result in an unpleasant confrontation between you and ourselves.

We will, under no circumstances, accept being released to the Transkei or any other Bantustan. You know very well fully well that we have spent the better part of our lives in prison exactly because we are opposed to the idea of separate development, which makes us foreigners in our

De uma carta para Winnie Mandela, datada de 27 de dezembro de 1984, ver texto a seguir.

11. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 27 DE DEZEMBRO DE 1984, CITANDO UMA CARTA A K.D. MATANZIMA ^[22]

Parece... que você e o governo querem que eu e alguns dos meus colegas sejamos soltos em Umtata.^[23] Talvez eu precise lhe lembrar que, quando você quis nos visitar pela primeira vez em 1977, meus colegas e eu decidimos que, devido à sua posição quanto à implementação do Programa Bantustão, não poderíamos atender ao seu pedido.^[24] Novamente, em fevereiro desse ano, quando você quis vir discutir a questão de sermos soltos, reiteramos nossa opinião e seu plano não foi aceito. Ressaltei particularmente que a ideia de nossa libertação estar ligada a um bantustão era total e absolutamente inaceitável para nós. Embora agradecidos por sua preocupação com o encarceramento de presos políticos, devemos salientar que sua persistência em ligar nossa libertação aos bantustões, a despeito da nossa oposição claramente expressa ao programa, é altamente incômoda, senão provocativa, e insistimos que não continue mantendo uma ideia que resultará inevitavelmente num confronto desagradável entre você e nós. Não aceitaremos, em quaisquer circunstâncias, sermos soltos em Transkei ou em qualquer outro bantustão. Você sabe perfeitamente bem que passamos essa última parte de nossa vida na prisão exatamente porque nos opomos à ideia mesma de assentamentos separados, que nos torna estrangeiros em nosso próprio país, e que permite ao governo perpetuar a opressão até os dias de hoje. Pedimos ainda que desista desse plano explosivo e esperamos sinceramente que seja a última vez que venha a nos aborrecer com isso.

12. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Ontem à noite, terminamos falando de sua viagem em setembro de 1955, quando expiraram suas proibições,^[25] e você escreveu bastante sobre isso em suas memórias, no manuscrito, muito detalhadamente. Essa viagem foi importante para você porque achou que era seu último momento de liberdade?

MANDELA: Não, tive ordem de proibição desde setembro, desde dezembro de 1951. Foi minha primeira ordem de proibição segundo os termos da lei contra arruaças, durou um ano, e em outra ocasião, por dois anos, por causa da Lei de Supressão ao Comunismo, fui confinado a Johannesburgo por cinco anos, e quando expirou a ordem de proibição, que não me permitia viajar, fiz questão de ver o país porque sabia que as ordens de proibição e confinamento a uma determinada área me perseguiriam pelo resto da vida, enquanto eu fosse ativista político. Essa foi a verdadeira razão de ter dado tanta importância àquela viagem.

13. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: O que foi o Clube Internacional?

MANDELA: ... O Clube Internacional de Johannesburgo foi um clube que permitia o encontro de pessoas de diversos grupos nacionais... era um lugar onde as pessoas se encontravam, trocavam opiniões e recebiam visitantes... serviam-se refeições, havia jogos... debates *etc.* Era um lugar para ocasiões especiais. Uma vez veio um ator, dois atores americanos, Canada Lee,... e aquele sujeito, que hoje é um grande astro, Sidney Poitier. Nós os recebemos lá, e era um clube muito interessante; naqueles tempos era um dos poucos lugares em que se podiam reunir membros de todos os grupos nacionais.

STENGEL: E era aqui na cidade? Onde ficava?

MANDELA: Sim, era mais na direção da zona oeste...

STENGEL: E você foi o secretário?

MANDELA: Sim, fui o secretário.

STENGEL: Havia também outro camarada que acho que o sucedeu como secretário, um amigo seu chamado Gordon Goose.

MANDELA: Gordon Goose, isso mesmo.

STENGEL: E você se dava com essas pessoas.

MANDELA: Sim, era um inglês, que veio da Inglaterra, muito religioso, casado com uma senhora judia, Ursula. Era cega, mas muito capaz, uma senhora muito capaz. Ela hoje é professora, pelo menos era quando saí da prisão, fui visitá-los... Um dia Gordon não podia buscar a esposa, às cinco horas, e me pediu para buscá-la... Ela estava... trabalhando a poucas quadras de distância daqui, na Commissioner Street. Fui lá buscá-la. Como era cega, ela apoiou a mão aqui [*gestos*], no meu braço. E saí pela rua, de braços dados com ela. Os brancos queriam me matar. Ela... era uma mulher linda... e ver um negro de braços dados com aquela senhora branca, assim? Ah, quase me mataram. Mas sei fingir... que sou corajoso, sabe, que sou capaz de vencer o mundo inteiro, e por isso ignorei. E entramos no carro. [Mais tarde], quando estava na clandestinidade, estive com eles várias vezes. Não moravam longe do meu esconderijo e eu costumava visitá-los à noite.

14. CONVERSA COM AHMED “KATHY” KATHRADA SOBRE O DR. JAMES MOROKA,^[26] QUE QUERIA SE DISTANCIAR DOS OUTROS 19 ACUSADOS, INCLUSIVE MANDELA E KATHRADA, NO JULGAMENTO DA CAMPANHA DO DESAFIO, EM 1952, E CONTRATOU SEU PRÓPRIO ADVOGADO.^[27]

KATHRADA: Ah, nas páginas 61-62 [do rascunho de *Longo caminho para a liberdade*]: “Fui visitar o dr. Moroka em sua casa em Thaba Nchu, no Estado

Livre de Orange. No começo do nosso encontro, sugeri a ele esses dois cursos de ação. Mas ele não se interessou; tinha uma série de queixas que ele queria expor. Moroka podia ser muito arrogante” et cetera.

MANDELA: Podia ser “muito arrogante”?

KATHRADA: Arrogante.

MANDELA: Ah, não... não gosto dessa descrição de Moroka.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Em primeiro lugar, Moroka nunca foi arrogante. E não gosto de uma biografia assim, fazendo comentários depreciativos.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: ... Acho que devíamos, *podemos* dizer “Foi uma decepção ver que o líder do Congresso Nacional Africano queria se dissociar das ações e políticas adotadas sob a liderança dele”... Mas não quero entrar em questões de ser arrogante e estar traindo as pessoas.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Acho que devemos evitar isso... e... sabe, os filhos, escrevi para eles quando estive na prisão, e eles responderam dizendo que, pela primeira vez, alguém disse uma coisa boa sobre...

KATHRADA: Sobre o pai deles.

MANDELA: Sobre o avô deles.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Veja, o que *falamos* sobre os líderes, embora possamos criticá-los, seria *bom* dizer que em comparação com [Yusuf] Dadoo...^[28] [Walter] Sisulu,^[29] sabe, que são pessoas produzidas pelo movimento... comprometidas com uma cultura *inteira* da liderança coletiva... o dr. Moroka veio de outra escola e tinha essas limitações, mas colocá-las de maneira digna.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: ... A crítica deve ser digna. Devemos ser factuais, ser realistas, ser honestos, mas ao mesmo tempo, sabe, num certo contexto, porque somos *construtores*...

KATHRADA: Sim, sim.

MANDELA: Quando você disse que um escritor do movimento não está apenas registrando, mas também é um construtor, deve contribuir para a construção da organização e da confiança que deve ser investida nessa organização. Acho que você disse isso...

15. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE NÃO VIOLÊNCIA

O chefe [Albert Luthuli] era um discípulo apaixonado de Mahatma Gandhi e acreditava na não violência, enquanto cristão e como princípio...^[30] Muitos de nós não... porque quando você a toma como um princípio, isso significa totalmente, seja qual for a sua posição, você mantém a não violência... Nós adotamos a atitude de não violência só até o ponto em que as condições o permitiram. Quando as condições foram contrárias, abandonamos automaticamente a não violência e usamos os métodos ditados pelas condições. Nossa abordagem foi essa. Nossa abordagem foi fortalecer a organização para ter uma liderança *eficaz*. E se a adoção da não violência lhe desse essa eficácia, essa eficiência, manteríamos a não violência. Mas se as condições mostram que a não violência não era eficaz, usamos outros meios.

16. CONVERSA COM AHMED KATHRADA

KATHRADA: Você também leu Gandhi?

MANDELA: Ah, sim. Não, é verdade. Não, é verdade.

KATHRADA: Então é verdade?

MANDELA: Mas meu herói *realmente* foi Nehru.

KATHRADA: ... Está escrito assim, página 62 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho]: “Ele teve certa angústia ao abandonar a fé cristã, que havia fortificado sua infância, como São Pedro negando Cristo três vezes.” É correto dizer que você “abandonou a fé cristã”?

MANDELA: Não, não.

KATHRADA: Seria errado, não?

MANDELA: ... Eu digo que é absolutamente incorreto. Nunca abandonei a fé cristã.

KATHRADA: OK.

MANDELA: Acho que é o certo, sabe, poderia causar muito mal.

KATHRADA: Exatamente, sim.

MANDELA: Sim, poderia causar muito mal.

17. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Como era Ruth First?

MANDELA: Ruth? Ruth – a morte dela foi uma tragédia para a África do Sul porque ela estava entre as estrelas mais brilhantes deste país, no sentido próprio

da palavra.^[31] Eu... conhecia Ruth desde os tempos de universidade. Estávamos na mesma universidade e ela era progressista, mas não o tipo de branca progressista quando estava sozinha numa sala com você, ou longe do público. Se ela encontrava você num corredor da universidade ou na rua, ela parava para conversar, *muito* à vontade, de forma muito descontraída, e ela era *brilhante*. Cada vez que você se encontrava com Ruth, ela era nada menos que brilhante. E... ela não suportava os tolos, não tinha paciência para tolos, era enérgica, sistemática, muito trabalhadora, cobrava todo trabalho que você aceitasse fazer e... fazia o *máximo* esforço para obter o melhor resultado. Era destemida, criticava *qualquer um* e irritava as pessoas, sabe... às vezes de maneira errada. Falava diretamente, sem rodeios. Mas ao mesmo tempo era muito aberta, como o marido dela, Joe [Slovo], muito aberta. Naquela época, quando eram jovens comunistas, muito radicais, tinham amigos entre os liberais, entre empresários importantes, e a casa dela era um ponto de encontro de pessoas de diversas convicções políticas. Era uma mulher maravilhosa, eu gostava muito dela. Eu gostava e respeitava muito, e fiquei muito triste quando soube na prisão que ela havia falecido.

STENGEL: E a casa deles era, como você diz, uma espécie de centro.

MANDELA: Ah, sim.

STENGEL: E você ia jantar lá...?

MANDELA: Ah, muitas vezes, muitas vezes. Tive um confronto com ela... em 1958, houve um julgamento... eu perdi a causa, algumas mulheres foram para a prisão, e ela criticou a maneira como conduzi o processo. Na verdade, foi uma crítica de quem não estava familiarizado com a lei. Mas foi por telefone e eu me vi numa situação difícil porque estava lidando com mais de duas mil mulheres, tentando montar a defesa delas. Passava o dia inteiro ocupado, defendendo ou encontrando alguém para defender aquelas mulheres. E... peguei um caso, perdi, e três mulheres foram para a cadeia, mas claro que pagamos a fiança e foram soltas. Então ela me telefonou criticando a maneira como conduzi o caso, e eu disse a ela que fosse para o inferno. Logo em seguida, *[risos]* imediatamente me dei conta, rapaz, ela é uma dama, e *muito* boa companheira. Por mais errada que estivesse, ela acreditava no que tinha dito. No fim do dia, em vez de ir para casa fui com Winnie à casa dela, e a encontrei com um dos palestrantes... da universidade... Só entrei, não falei nada, peguei-a, abracei, beijei e saí. Fui embora. *[risos]* Sim, disseram para eu sentar e tal – fui embora. Sim. Mas fiz as pazes. Joe ficou dizendo: “Eu lhe disse que o Nelson nunca ficaria zangado com você.” Fui embora. Resolvemos assim. Eu não queria qualquer tensão entre nós. Embora tenha perdido a paciência, me dei conta imediatamente, não, fui injusto

com ela. É uma companheira *muito* sincera, tem o direito de criticar como me comportei quando cometi um erro. Mas resolvemos. Eu *realmente* respeitava Ruth e posteriormente, quando fiquei na clandestinidade, ela era um dos meus contatos.

18. DE UMA CONVERSA COM AHMED KATHRADA

Caramba. Acho que devo esclarecer o que significa ordem de proibição... você fica proibido de frequentar reuniões e confinado a um distrito judicial. Aquela foi a primeira vez, sabe, fui proibido pela lei contra arruaças, em dezembro de 1952. Fui proibido de ir a reuniões públicas, e confinado ao distrito judicial de Johannesburgo. Foi uma experiência *nova* para mim, e o fato de não poder sair de Johannesburgo era algo que me afetava demais, é claro. Mas as pessoas não te evitavam, porque, em primeiro lugar, nem todo mundo sabia que você estava sob a ordem de proibição. O único caso comigo foi que havia um sujeito chamado Benjamin Joseph, um advogado, onde Harry Mokoena trabalhava. Um dia... eu vinha andando pela Fox Street, ele vinha na minha direção, e quando me aproximei ele disse [*cochichando*]: “Nelson, não fale comigo. Por favor, passe direto. Não fale comigo.” É o *único* caso que conheço.

19. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Confinado a Johannesburgo durante dois anos inteiros e com a pressão do trabalho político e legal pesando muito sobre mim, sentia-me sufocado pela claustrofobia e ansioso para tomar um ar fresco. Catorze anos de vida espremida na maior cidade da África do Sul não haviam matado o camponês em mim e, mais uma vez, eu tinha o forte desejo de ver os sempre convidativos campos e as montanhas azuis, a relva verde e as touceiras, os morros ondulantes, ricos vales, a correnteza dos rios nas escarpas indo para o mar insaciável.

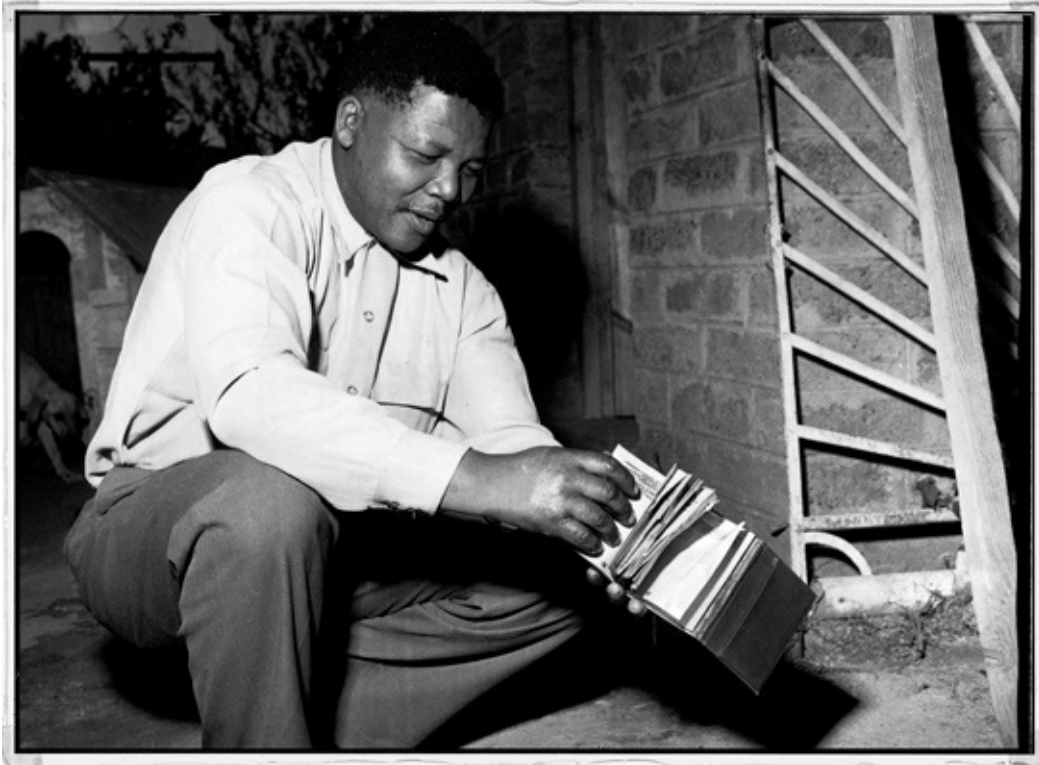
20. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Duma Nokwe e outros se reuniram em minha casa uma noite para se despedir de mim.^[32] O jovem e promissor advogado estava com seu humor jovial de sempre e, à medida que a noite se esticava, ele ficava mais lúcido e loquaz, nos fazendo rolar de rir. Vez por outra, desandava a cantar canções russas e chinesas, gesticulando zelosamente, como se regesse um coral imaginário. Ficamos lá até meia-noite e, quando eles iam saindo, minha filha Makaziwe, então com 2 anos de idade, acordou e perguntou se podia ir comigo. Embora confinado a

Johannesburgo, a pressão do trabalho me permitia passar pouco tempo com a família e eu bem sabia da saudade que a roeria por dentro à medida que eu ficasse cada vez mais longe delas, a caminho de Transkei. Por alguns segundos, um sentimento de culpa me perseguiu e o entusiasmo pela viagem evaporou. Dei-lhe um beijo, pus na cama e, quando ela adormeceu, saí.

CAPÍTULO 4

Sem motivo para matar



“... O lar é sempre o lar, mesmo para os que aspiram a servir a interesses maiores e fundam um lar, por escolha própria, em regiões distantes. O sentimento de felicidade que se apoderou de mim quando entrei na York Road, a rua principal, é incomensurável.”

Excerto de texto autobiográfico inédito, escrito na prisão, ver texto a seguir.

1. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Na noite do dia 3 cheguei a Mthatha, minha cidade natal.^[33] O lar é sempre o lar, mesmo para os que aspiram a servir a interesses maiores e fundam um lar, por escolha própria, em regiões distantes. O sentimento de felicidade que se apoderou de mim quando entrei na York Road, a rua principal, é incomensurável. Eu tinha ficado longe o prolongado tempo de 13 anos e, embora não houvesse novinhos cevados nem árvores enfeitadas com guirlandas para me dar as boas-vindas, sentime... como o Filho Pródigo, de fama bíblica, ansioso por ver minha mãe e meu humilde lar, os muitos amigos com quem cresci, o campo encantador e toda a parafernália que fez inesquecíveis os dias de infância... Achei que tinha deixado para trás a polícia de segurança no Rand, sem suspeitar que haviam estendido seus tentáculos pelos campos afora até minha cidade natal. Na manhã seguinte, ainda estava tomando um café no meu quarto com dois chefes quando minha anfitriã entrou, com um senhor branco. Sem a menor cerimônia, ele perguntou com arrogância: “Você é Nelson Mandela?” “E quem é você?”, respondi. Ele disse sua patente de sargento-detetive e seu nome. Perguntei: “Posso ver suas credenciais, por favor?” Ele se ofendeu muito mais com minha impertinência do que eu detestei a arrogância dele, mas após alguma hesitação ele me mostrou as credenciais. Então eu disse a ele que era Nelson Mandela. Ele solicitou que o acompanhasse à delegacia, perguntei se eu estava preso, e ele respondeu que não. Recusei-me a ir. Ele disparou uma série de perguntas, anotando minhas respostas num caderno: quando saí de Johannesburgo, a que lugares tinha ido, quanto tempo pretendia ficar em Transkei, para onde iria quando saísse de lá, se tinha permissão para entrar em Transkei. Disselhe onde iria estar, que Transkei era minha terra natal e não precisava de permissão para entrar lá, e me recusava a responder a outras perguntas. Quando ele saiu, os chefes me criticaram por ter sido muito brusco, dizendo que eu poderia ter respondido a outras perguntas sem me colocar em risco. Expliquei que tinha agido assim por causa da descortesia e empáfia do homem, e eu tinha, muito justamente, retribuído a arrogância dele. Acho que não os convenci... Estar com minha mãe, na casa dela, me enchia de entusiasmo juvenil. Ao mesmo tempo, não podia evitar um sentimento de culpa por minha mãe estar morando sozinha a 35 quilômetros do médico mais próximo. Minhas irmãs e eu morávamos cada um em seu lugar. Embora os filhos tentassem, cada um a seu modo, lhe proporcionar uma situação financeira confortável, ela levava uma vida austera, poupando o que um filho lhe dava para distribuir entre seus outros filhos que estivessem passando necessidade. Em ocasiões anteriores, eu

havia tentado muito convencê-la a vir morar comigo em Johannesburgo, mas ela nunca conseguiu enfrentar o sofrimento de deixar os campos onde tinha passado a vida inteira... Muitas vezes me perguntei se se justifica uma pessoa negligenciar a própria família para lutar por oportunidades de outros. Será que existe alguma coisa mais importante que cuidar da mãe que se aproxima dos 60 anos de idade, construir para ela uma bela casa, dar boa comida, boas roupas e todo o amor? A política não é uma mera desculpa para escapar da responsabilidade nesses casos? Não é fácil viver com uma consciência que levanta tais questões de tempos em tempos. Frequentemente, consigo me convencer de que fiz o melhor possível para trazer uma certa medida de facilidade e conforto à vida da minha mãe. Até quando a consciência pesada me aflige, vez por outra, sou obrigado a reconhecer que meu compromisso total com a libertação do nosso povo dá sentido à vida, me recompensa com um senso de orgulho nacional e verdadeira alegria. Esse sentimento foi multiplicado centenas de vezes, sabendo que até na última carta que me escreveu, pouco antes de sua morte, minha mãe me encorajou em minhas convicções e a continuar lutando por elas.

2. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: A propósito, quando eu vinha dirigindo... saindo de Porto Elizabeth, era de manhã, por volta de dez horas. Era um dia quente e enquanto eu dirigia – era uma área de muitas árvores, uma pequena área verde logo depois da saída de Porto Elizabeth – de repente vi uma cobra atravessando a estrada... Já estava ziguezagueando por causa do calor do chão – cobras não suportam calor. Estava ziguezagueando, mas eu já estava perto demais para fazer qualquer outra coisa, então, como se diz, [passei] por cima dela. Meu coração ficou pesado, sabe? Deu um pulo enquanto ela morria. Não pude fazer nada, eu simplesmente não tinha visto. É, coitada. Eu não tinha motivo *nenhum* para matá-la, sabe? Não era ameaça para mim, e me deixou com um sentimento de muita tristeza.

STENGEL: O incidente que você menciona nas memórias, você tinha alguma superstição quanto a atropelar uma cobra?

MANDELA: Não, não, não.

STENGEL: Seria má sorte ou mau agouro?

MANDELA: Ah, não, não, não. Eu não era nem um pouco supersticioso. Foi só matar um animal, um réptil inocente, que me aborreceu. Principalmente vendo pelo retrovisor, lutando para se manter viva. Sabe, foi um ato deplorável da minha parte. Mas era uma área linda na época... de Porto Elizabeth a

Humansdorp. Atravessava uma floresta, floresta densa, e *absolutamente* silenciosa, exceto... o barulho dos pássaros e tal, mas muito silenciosa. *Linda* área! E... selvagem então. Antes de chegar a Knysna passei por um babuíno, que cruzou a estrada e ficou atrás de uma árvore, me espiando, sabe? Eu gostava... desses incidentes... Sim, Knysna... eu achava sinceramente que se Deus voltasse à Terra, iria morar lá.

3. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Falei na reunião da Sociedade Interdenominacional dos Ministros Evangélicos de Cabo Oeste... É difícil me lembrar agora o que foi exatamente, mas eu disse para reforçar o *papel* da Igreja na luta e que, como os africanôeres usavam o púlpito para propagar suas ideias, nossos pastores deveriam fazer exatamente o mesmo. E havia lá um sujeito que falou, reverendo Japhta, que fez uma oração muito notável, e disse: “Deus, nós já oramos, já suplicamos, pedindo que nos liberte. *Agora* estamos lhe dando ordem de nos libertar.” Algo nessa linha, e achei muito significativo.

4. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Apesar de estar totalmente comprometido e ter adquirido alguma noção dos riscos que acompanham a vida de quem luta pela liberdade, não tinha visto nenhuma campanha política importante dos negros, nem havia começado a dar uma atenção séria à questão dos métodos. Os sacrifícios que tinha sido chamado a fazer até então não iam além de estar ausente da família, principalmente nos fins de semana, chegar tarde em casa, viajar para comparecer a reuniões e condenar a política do governo.

5. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Nessa época meu filho mais velho, Madiba [Thembu], tinha 5 anos. Um dia ele perguntou à mãe onde eu morava. Eu chegava em casa tarde da noite e saía de manhã cedo, antes que ele acordasse. Sentia muitas saudades dele naqueles dias agitados. Adoro brincar e conversar com crianças, dar banho, dar comida, pôr para dormir com uma historinha, e estar longe da família me afligiu em toda a vida política. Gosto de relaxar em casa, ler sossegado, sentir o doce aroma que vem das panelas, sentar em volta da mesa com a família e sair com minha mulher e meus filhos. Quando não se pode mais ter esses prazeres simples, algo valioso foi tirado da vida e isso é sentido no trabalho.

6. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Vamos voltar a 1944, quando você conheceu Evelyn.^[34]

MANDELA: Ah, sim, está bem.

STENGEL: ... Obviamente, você a conheceu por meio de Walter [Sisulu], pois ela era prima de Walter.

MANDELA: Sim, isso mesmo.

STENGEL: ... Pode me falar das circunstâncias em que a conheceu?

MANDELA: Bem, eu não gostaria de entrar nesse assunto. Você sabe que nosso povo se ressentia quando falamos de divórcio, nesses assuntos... eu mesmo não me importo... não gostaria de ser apresentado como se omitisse os momentos ruins da minha vida, mas não poderia convencê-los, inclusive pessoas como Walter Sisulu. Não poderia convencê-los nessa questão... porque na visão deles você não está falando apenas da sua vida; queremos ser modelos em torno dos quais iremos construir nossa organização. Se falar de Evelyn aqui, vou ter que contar por que nosso casamento acabou, porque nosso casamento *realmente* acabou devido a diferenças políticas, e não quero [falar] isso agora contra uma pobre mulher, entende? Que não pode escrever a própria história e colocar seu próprio ponto de vista. Apesar de ter sido entrevistada por pessoas, ela realmente distorceu o que de fato aconteceu... E se começar a falar sobre ela, vou ter que dar a verdadeira história, a história completa. Eu prefiro deixar isso de lado.

7. CONVERSA COM AHMED KATHRADA

KATHRADA: Falemos de Evelyn.

MANDELA: Aha?

KATHRADA: Agora, isso você já corrigiu. “Segundo Evelyn, quando Mandela reclamou que ela estava estragando o filho por lhe dar muito dinheiro, ele pegou-a na garganta e o menino foi chamar vizinhos, que vieram e encontraram arranhões no pescoço dela.”

MANDELA: Humm!

KATHRADA: Não é verdade?

MANDELA: Isso não é verdade. Mas me pergunto *como* posso não ter notado essas coisas.

KATHRADA: Você corrigiu essa outra coisa onde “Evelyn se tornou uma dedicada Testemunha de Jeová e passava muito tempo lendo a Bíblia. Mandela objetou que a Bíblia subjuga a mente das pessoas, que os brancos tomaram a terra dos africanos e os deixaram com a Bíblia”. Você disse: “Não é verdade.”

MANDELA: Isso mesmo.

KATHRADA: Mas, mais adiante, isso de você “pegá-la pela garganta”.

MANDELA: Não, definitivamente, disse “Não é verdade” para tudo isso.

KATHRADA: Ah, entendi.

MANDELA: Para tudo isso porque não foi nada disso, não foi nada disso. Tenho certeza de que ela me levaria à polícia se eu tivesse feito uma coisa dessas. Sabe o que aconteceu?

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Estávamos discutindo.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Ela estava preparada para isso, sem que eu soubesse. Você se lembra daqueles fogões, fogões a lenha?

KATHRADA: Hum-hum.

MANDELA: Fogões a lenha? Tínhamos um de ferro.

KATHRADA: Sim, um tição?

MANDELA: Isso mesmo, um tição.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Ela havia deixado aquilo no fogo e estava vermelho, em *brasa*, e enquanto estávamos discutindo, ela *tirou* aquilo do fogo, sabe, para, como se diz, *queimar* meu rosto. Então eu a agarrei e torci o braço dela o suficiente para tirar aquela coisa da mão dela.

KATHRADA: Tirar o tição.

MANDELA: Foi isso.

8. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O BOICOTE DA BATATA ^[35]

KATHRADA: Muito bem, página 30 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho], ainda de perguntas da editora. Ah, o que você diz aqui: “Uma das campanhas mais bem-sucedidas também ocorreu em 1959, e foi o Boicote da Batata.”

MANDELA: Sim.

KATHRADA: “... era bem sabido que as condições de trabalho nas fazendas dos brancos no Transvaal eram cruéis, mas ninguém sabia o quanto eram cruéis até que Henry Nxumalo, intrépido repórter de uma revista, se passou por um trabalhador e escreveu sobre isso.”^[36] Depois, você prossegue com um ou dois parágrafos sobre o Boicote da Batata. Ele diz: “Você esteve pessoalmente envolvido nisso de alguma forma? Se não esteve, estou inclinado a *deletar* esse

material.”

MANDELA: Oh.

KATHRADA: É o que *ele* diz, embora eu discorde dele porque acho que o Boicote da Batata foi muito importante...

MANDELA: Ah, sim, muito.

KATHRADA: ... Até para nós.

MANDELA: Sim, eu estava... isso foi em 1959, não é?

KATHRADA: Por aí.

MANDELA: Sim, isso mesmo. Não foi em 1957?

KATHRADA: Não, não.

MANDELA: Lembro de Lilian [Ngoyi] fazendo um discurso numa reunião com uma batata, e ela disse: “Olhem, nunca vou comer uma batata na vida.”^[37] Vejam essa batata, parece um ser humano...”

KATHRADA: Aha.

MANDELA: E “Porque foi fertilizada com carne humana”. Algo assim. Acho que foi em [19]57, mas você pode ter razão – pode ter sido em [19]59... Lembro que OR [Oliver Tambo],^[38] [ri] quando o boicote estava [em vigor], ele comprou peixe com batatas fritas e ficou comendo. Acho que foi [Patrick] Mthembu que disse: “Olhe o oficial líder do CNA [Congresso Nacional Africano] furando o boicote.”

KATHRADA: [risada]

MANDELA: OR não sabia do boicote e disse: “Tire isso daqui! *Tire* isso daqui!” Mas já tinha comido! [risada]

9. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O USO DA MEDICINA TRADICIONAL POR ANDERSON KHUMANI GANYILE

MANDELA: Caramba, [aquele] sujeito acredita em médicos feiticeiros. Quando o levamos para Lesoto, fui buscá-lo na White City, em Mofolo, e já tinha avisado antes: “Olhe, vou buscá-lo a tal hora”, porque eu estava no Julgamento da Traição. Então cheguei de manhã bem cedo, lá pelas sete horas, ele saiu de uma sala lateral, disse “Tudo bem”, e voltou a entrar. Olhe, acho que ficou lá uns trinta minutos, fiquei chateado, sabe, e disse: “Não, ponham ele para fora.” Ele estava recebendo o tratamento, tomando o banho. *Caramba!* Quando ele saiu, estava cheirando igual a, como se diz, um suricato, um gambá. Cheirava a tudo, todo tipo de ervas. Fiquei aborrecido com aquele rapaz.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Me fez esperar trinta minutos!

KATHRADA: Enquanto estava se *inyangando*.^[39]

MANDELA: Sim.

10. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O ESTADO DE EMERGÊNCIA EM 1960^[40]

KATHRADA: Então, na página 81 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho] você diz: “Depois que se esteve na prisão, o que se aprecia são as pequenas coisas – a sensação de poder ir aonde quiser, atravessar a rua, entrar numa loja e comprar o jornal, falar ou preferir ficar em silêncio –, o simples ato de estar no controle de si mesmo. Os homens livres nem sempre apreciam essas coisas, e você só tem *alegria* com elas *depois* que esteve acorrentado.” E eles [os editores] dizem aqui: “Pode transformar essa abstração numa descrição do que você fez que lhe pareceu tão bom? Mais sobre estar com a sua família”...

MANDELA: Não, exceto o dia em que fui de carro à cidade e levei duas multas de trânsito por...

KATHRADA: Excesso de velocidade?

MANDELA: Humm?

KATHRADA: Por excesso de velocidade?

MANDELA: Não, não, não, por estacionamento proibido.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: É por aí. Então Winnie me disse: “Olhe, é a última vez que dirijo.”

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Só isso.

11. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SE A EVIDÊNCIA QUE O INCRIMINAVA FOI ELIMINADA DE LILIESLEAF FARM EM RIVONIA.^[41]

KATHRADA: Sim, lembro-me de ter ido visitar você em Pretória, com Joe [Slovo].

MANDELA: Ah, sim.

KATHRADA: A princípio, disseram que não, mas Joe disse: “Não, essa é minha testemunha de defesa, e precisamos consultar”, e conversamos, e quando você levantou a questão da sua história em Rivonia, Joe disse: “Não se preocupe, *tudo* vai sair de lá!”

MANDELA: [*risada*] Sim, eu sei! Eu sei!

[*ambos riem*]

KATHRADA: E não saiu nada. Eles encontraram *tudo*.

MANDELA: Sim.

12. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE ESTAR ESCONDIDO

MANDELA: Também podemos dizer que gente importante, pessoas muito importantes que não eram conhecidas... se identificavam com o movimento, eram generosas e nos davam apoio. Não vamos falar em nomes, nomes específicos, mas as pessoas *eram* muito generosas, desde que tivessem certeza de que manteríamos o elemento de confidencialidade. Planejar encontros significava que eu ia encontrar pessoas, sabe, na infraestrutura, para dizer: “Hoje vou a uma reunião em Fordsburg”, que é um verdadeiro, como se diz, algo que realmente aconteceu.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Dois casos, casos de grande impacto, a propósito, quando fui a reuniões em Fordsburg e encontrei [Ben] Turok e outros naquele dia e Maulvi [Cachalia] foi ver uma família em Fordsburg.^[42]

KATHRADA: Em Vrededorp.

MANDELA: Vrededorp. Isso mesmo.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: E disse: “Olhem, uma pessoa vem aqui e vai passar a noite. Podem hospedá-lo?” *Eles* concordaram com muito entusiasmo porque respeitavam Maulvi. Bem, eu estava vestido com um macacão e muitas vezes não penteava o cabelo,^[43] e fui a essa casa só para saber onde era (Maulvi me deu o endereço) e avisar que eu voltaria lá à noite. Bati na porta, uma senhora atendeu e disse: “Sim, o que você quer?” Eu disse: “Maulvi Cachalia combinou que eu ficaria aqui”, e ela respondeu: “Não tem lugar para você aqui.” Bateu a porta [*risos*] quando viu aquele sujeito *esquisitão*, sabe?

13. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL, SOBRE SUA PRISÃO EM 5 DE AGOSTO DE 1962

Em Howick, isso mesmo, um carro – um Ford V8 – passou e ordenou que parássemos imediatamente. Escolheram *muito* bem o local, porque do lado esquerdo havia um barraco alto [*gesticula*] e eu estava sentado à esquerda, no lado esquerdo... Eu estava *muito* bem fisicamente naquela época, e podia escalar qualquer paredão. Então olhei para trás, pelo retrovisor, e vi que havia dois carros. Então achei que não, seria ridículo tentar fugir; iriam atirar em mim. E paramos. Veio um sujeito – um camarada alto, magro, à paisana –, veio direto

para o meu lado e disse: “Sou o sargento Vorster”, mostrando suas credenciais... Foi *muito* correto em tudo – muito, muito, muito correto e cortês. Disse: “Posso saber o seu nome?” Respondi: “Sou David Motsamayi.” Ele disse: “Não, mas você não é Nelson Mandela? Respondi: “Sou David Motsamayi.” Ele disse: “Ag, você é Nelson Mandela. Este é Cecil Williams.^[44] Você está preso. Temos que voltar para Pietermaritzburgo.” Eu disse: “Muito bem.” Ele disse: “... o major vai no seu carro, no banco de trás do seu carro. Dê meia-volta.” Demos meia-volta.

Eu tinha um revólver, sem autorização, então tirei o revólver e coloquei entre os bancos da frente. Eram bancos – o do motorista e o meu – separados, mas ligados, com um *pequeno* espaço entre eles, que mal se podia ver, e enfiei o revólver lá. Eu tinha também um caderno, peguei e enfiei lá enquanto conversava com o major lá atrás. Num certo momento, achei que podia abrir a porta bem *depressa* e rolar para fora, mas não sabia até onde ia aquele barranco e o que havia lá. Eu não conhecia bem a região. Não, achei que seria me arriscar muito, era melhor ir em frente e pensar numa outra chance. Então fomos para a delegacia e me trancafiaram lá.

14. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A PERMISSÃO PARA VISITAR SEU ESCRITÓRIO DURANTE SUA DETENÇÃO, NO ESTADO DE EMERGÊNCIA, EM 1960

KATHRADA: “Fiquei lá o dia inteiro e a noite inteira. Desci pela escada até o andar térreo, para comprar umas coisinhas no bar, e ele [o policial] virou a cabeça para o outro lado em uma ou duas ocasiões em que Winnie veio me ver. Tínhamos uma espécie de acordo de cavalheiros. Eu não fugiria, trazendo problemas para ele, e ele me dava um certo grau de liberdade, que de outra forma não me seria permitido.” A pergunta que eles [os editores] fazem, ah: “*Mais tarde* você disse que estava muito a fim de fugir.” “Foi uma mudança filosófica ou uma simples questão de lealdade pessoal versus um princípio?”

MANDELA: Essa é uma questão técnica, sabe?

KATHRADA: Ah...

MANDELA: Quer dizer, enquanto prisioneiro, eu aproveitaria qualquer oportunidade para fugir, mas em se tratando de um determinado indivíduo que você respeita, não gostaria de criar problemas para ele. Essa era a posição.

KATHRADA: Aha.

15. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O RECURSO À LUTA ARMADA

MANDELA: Em certos estágios, quem está numa posição de autoridade tem que

manter o comprometimento da organização. Porque senão, as pessoas são eloquentes, e você tem uma ideia, você *sente* que é a ideia correta, mas lida com pessoas *muito* poderosas, que podem reunir fatos e ser muito sistemáticas *etc.* Podem influenciar todo mundo. Portanto, se você quiser partir para a ação, se tiver certeza de que é a ação correta, vá adiante e enfrente a situação. Não se trata de ser [in]disciplinado. Você tem que escolher *cuidadosamente* a oportunidade e ter certeza de que a história estará a seu favor.

STENGEL: Eu gostaria de explicar como se deu todo o processo da decisão de formar o MK [Umkhonto we Sizwe].^[45] No Julgamento de Rivonia, você explicou em linhas gerais. Você disse que no fim, na segunda metade de 1960, você e alguns colegas chegaram à conclusão de que a violência seria inevitável. Como esse processo aconteceu? Você primeiro conversou em particular com as pessoas e depois houve a decisão do Comitê de Trabalho? Houve um desenvolvimento da decisão?

MANDELA: Não, o que aconteceu de fato foi que discuti a questão com o companheiro Walter [Sisulu]. Conversamos sobre isso porque quando Walter viajou para o exterior, em 1953, eu disse a ele: “Quando você chegar à República Popular da China, deve falar com eles, pedir a eles, que queremos começar uma luta armada e precisamos de armas”, e depois fiz aquele discurso em Sophiatown. Fui criticado, mas estava convencido de que era a estratégia correta para nós.^[46] Depois, quando eu estava escondido, discuti a questão com o companheiro Walter e decidimos *levantar* a questão numa reunião do Comitê de Trabalho. Levantamos a questão, mas, como eu lhe disse, fui dispensado sumariamente porque [Moses] Kotane – secretário do Partido e membro do Comitê de Trabalho e da Executiva Nacional –, o argumento *dele*, foi de que ainda não havia chegado a hora: “Devido às severas medidas tomadas pelo governo, você não pode continuar da maneira antiga.”^[47] As dificuldades paralisaram você, e agora você quer falar uma linguagem revolucionária e falar de luta armada quando, na verdade, ainda há espaço para o antigo método que estamos usando, se tivermos criatividade e determinação suficientes. Você só quer expor as pessoas, veja bem, a massacres pelo inimigo. Você nem pensou com muito cuidado sobre isso.” Assim ele me dispensou sem mais, e foi *rápido* em falar e todo mundo o apoiou. Depois discuti a questão com Walter... A oposição foi tão pesada que Walter não ousou dizer uma palavra. [risos] Mas ele sempre foi um sujeito muito diplomático, mas *confiável*, sabe, quando se tomava uma decisão junto com ele. Muito confiável. Então fomos rever a questão, ele sempre tinha outros recursos, e disse: “Não, fale com ele sozinho, discuta o assunto com ele. Vou providenciar para que ele venha ver você”, porque eu já

estava clandestino. Então Kotane veio e passamos o dia inteiro juntos. Dessa vez fui *muito franco* e disse: “Você está fazendo exatamente o que o Partido Comunista de Cuba fez – disseram que as condições para uma revolução ainda não tinham chegado. Seguindo os métodos antigos, veja, que eram defendidos por Stalin – como uma situação revolucionária pode ser identificada, isto é, por Lenin e Stalin. Aqui, temos que decidir a partir da nossa própria situação. A situação neste país é que é hora de considerar uma revolução, uma luta armada, porque as pessoas já estão formando unidades militares, a fim de iniciar atos de violência. E se não fizermos isso, elas vão continuar. Elas não têm os recursos, não têm experiência, não têm a máquina política para levar adiante essa decisão. A única organização que pode fazer isso é o Congresso Nacional Africano, que comanda as massas. E você precisa ser criativo e *mudar* sua atitude porque sua atitude é realmente a atitude de um homem que está liderando um movimento à maneira antiga, quando estávamos na legalidade, que não está considerando a liderança hoje em termos das condições ilegais em que estamos operando.” Então fui capaz de falar muito claramente para desafiá-lo, sabe... Fui capaz de desafiá-lo. Ele disse: “Bem, não posso prometer nada, mas leve o assunto de novo.” Levamos, e ele disse: “Bem, ainda não estou convencido, mas vamos dar uma chance a ele. Vamos deixar que ele apresente sua ideia à Executiva, com nosso apoio.” Então saímos e todo mundo concordou. Fomos a Durban para uma reunião da Executiva Nacional do CNA. Então o chefe [Albert Luthuli] Yengwa e outros se opuseram fortemente.^[48] Soubemos, é claro, que iríamos ter uma posição do chefe porque ele *acreditava* na não violência por *princípio*, mas acreditava na violência enquanto *tática*, embora não pudesse dizer isso no tribunal. No tribunal, isto é, [durante] o Julgamento da Traição, dissemos que ele acreditava em não violência por princípio porque, se disséssemos [que acreditávamos] enquanto *tática*, daria uma brecha para a Coroa, para o Estado, dizer que usaríamos violência a qualquer momento, quando nos aprovesse, e de fato era o que estávamos fazendo. Então evitamos, mas *somente* por essa razão. Sempre acreditamos na não violência como *tática*. *Onde* as condições exigissem o uso da não violência, era o que faríamos; onde as condições exigissem sair da não violência, era o que faríamos. Então sabíamos que o chefe era... iria se opor, e se opôs *muito* bem, mas nós o convencemos...

16. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A FORMAÇÃO DO UMKHONTO WE SIZWE (MK)

Então eles disseram: “Muito bem, vocês têm uma boa argumentação. Agora autorizamos. Damos permissão a vocês. Podem *começar* essa organização. Isto

é, você, Mandela, você pode começar essa organização... e pode se reunir com outros etc., colaborar com outros, cooperar com outros. Mas *nós*, como o CNA [Congresso Nacional Africano], somos formados para manter a política de não violência; essa decisão só pode ser mudada por uma conferência nacional. Vamos *manter* a antiga política do CNA.” Isso veio a ser uma boa decisão porque quando fomos a julgamento... [e] quando o Estado viu as minutas... viram que... não davam motivo nenhum para a acusação porque *ali* estava a decisão do CNA. Pessoas como... chefe [Albert] Luthuli, Moses Kotane, dr. Monty Naicker, que era diretor do Congresso Indiano da África do Sul, todos diziam: “Não vamos adotar a violência; vamos continuar com a não violência.”^[49] E quando não resistiram aos argumentos que apresentei, disseram: “Vão começar a organização. Não vamos punir você porque entendemos as condições que o levaram a adotar essa linha. Mas não nos envolva; vamos continuar com a não violência.” O Estado viu que aquelas minutas [provavam nosso] caso e não apresentaram. Nós, a defesa, apresentamos o documento dizendo: “A *prova* do nosso ponto de vista é essa.” Então, foi isso que aconteceu com o Umkhonto we Sizwe.

17. CONVERSA COM AHMED KATHRADA

MANDELA: Tudo o que temos a dizer é que o número dependia das condições em cada área. Não havia um número fixo e a maioria das pessoas foram treinadas no exterior, mas pouco depois achamos que valia a pena treinar as pessoas na área em que iriam operar. Mas é preciso entender que isso era extremamente difícil porque estávamos lidando com um governo forte, um inimigo forte... que tinha facilidade para se movimentar e detectar o que estava sendo feito no trabalho de campo. Naquelas circunstâncias, só conseguimos treinar uns poucos.

KATHRADA: Aha. Muito bem, então, na página 135 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho], você diz: “Por ordem do Alto-Comando do MK [Umkhonto we Sizwe], nas primeiras horas da manhã de 16 de dezembro, bombas caseiras explodiram nas estações de eletricidade e escritórios do governo em Johannesburg, PE [Porto Elizabeth], Durban. Um dos nossos homens foi morto acidentalmente, o primeiro soldado do MK a morrer no cumprimento do dever.”

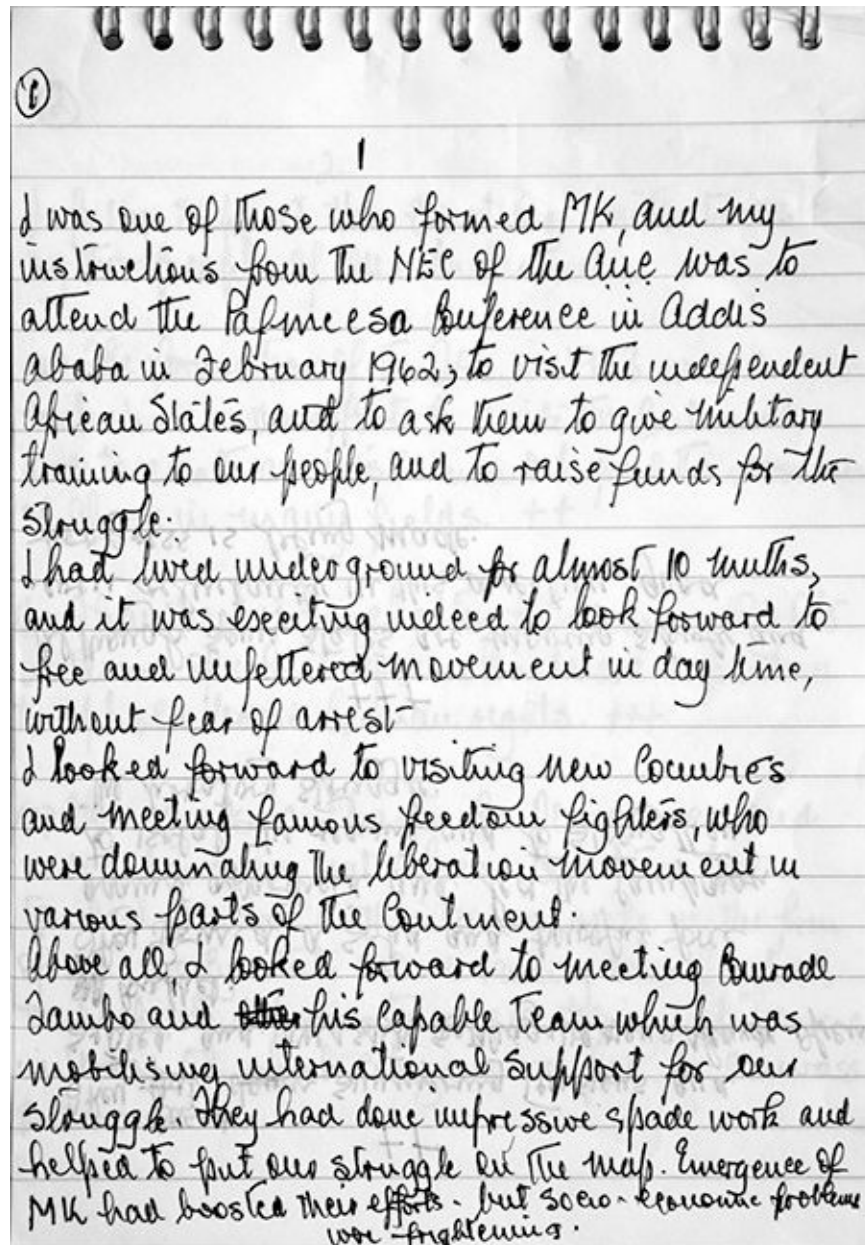
MANDELA: Foi [Petrus] Molefe, não?^[50]

KATHRADA: Sim, depois diz: “Foi a primeira morte associada ao MK? Você tem um sentimento de responsabilidade?”

MANDELA: Bem, dizemos que sim, ele foi o primeiro.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: E naturalmente tínhamos um senso de responsabilidade porque era nosso soldado, do nosso quadro, e a morte indicou... que não tínhamos pessoal suficientemente treinado, foi algo muito triste. Mas entendemos aquilo como um percalço, e perdas – não se podem evitar perdas quando se começa um novo método de atividade política.



①

1

I was one of those who formed MK, and my instructions from the NEC of the ANC was to attend the Pafmessa Conference in Addis Ababa in February 1962, to visit the independent African States, and to ask them to give military training to our people, and to raise funds for the Struggle.

I had lived underground for almost 10 months, and it was exciting indeed to look forward to free and unfettered movement in day time, without fear of arrest.

I looked forward to visiting new Countries and meeting famous freedom fighters, who were dominating the liberation movement in various parts of the Continent.

Above all, I looked forward to meeting Bourde Lambro and ~~the~~ his capable Team which was mobilising international support for our Struggle. They had done impressive spade work and helped to put our Struggle on the map. Emergence of MK had boosted their efforts - but socio-economic problems were frightening.

De um caderno sobre o envolvimento de Mandela na formação da Umkhonto we Sizwe (MK), braço armado da CNA, e foragido.

STENGEL: E a história do chefe [Albert Luthuli] que lhe perguntou por que você não o tinha consultado sobre a formação do MK foi nessa viagem ou foi quando você voltou da África?

MANDELA: Não, não, não. Foi antes de viajarmos... Mas na verdade o chefe tinha esquecido porque, como lhe contei, tivemos uma reunião da Executiva Nacional do CNA, em que discutimos a questão de pegar em armas. Depois que ele foi contra, acabamos concordando, e quando fomos a reuniões conjuntas do agora CNA, o Congresso Indiano da África do Sul, o Congresso Nacional dos Sindicatos, a Federação das Mulheres Sul-africanas, *então* o chefe perguntou: “Bem, meus companheiros, tomamos essa decisão.” Na verdade, ele pediu, na reunião: “Tomamos essa decisão de que precisamos começar a violência e formar um exército, mas eu gostaria de pedir a vocês: vamos manter nossas posições originais”, como se o CNA não tivesse tomado decisão nenhuma. Concordamos e passamos a noite *inteira* – não dormimos nada –, passamos a noite *inteira* discutindo a questão da formação – o começo dos atos de violência. Então, para ele dizer que não o consultamos, foi o fato de ele estar doente e esquecer com muita facilidade... Mas o assunto foi *exaustivamente* debatido.

19. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A VIDA SELVAGEM

KATHRADA: Você já foi ao zoológico? Em Johannesburgo?

MANDELA: Ah, sim, sim. Sim, já vi muitos animais no zoológico.

KATHRADA: Mas você não foi ao Parque Nacional Kruger naquela época...

MANDELA: Não, não. Só fui ao Parque Nacional Kruger...

KATHRADA: Depois que você voltou.

MANDELA: ... Depois que voltei da prisão.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Você já foi lá?

KATHRADA: Sim. Fui lá em dezembro passado também. Não esse último dezembro, o dezembro anterior.

MANDELA: O que você viu?

KATHRADA: ... Na primeira vez, rapaz, não vimos *nada*.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Acontece que tinha chovido.

MANDELA: Ah, sim.

KATHRADA: E o rádio disse que não adiantava ir porque depois da chuva os animais não vão aos lugares em que bebem água normalmente.

MANDELA: Sim, é isso. Sim, é verdade.

KATHRADA: Então não vimos nada.

MANDELA: Humm. Mas lá, matar um impala é o mesmo que cometer suicídio, sabe, é assassinato.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Porque eles são muito *confiantes*. Estão tão *acostumados* a turistas que vêm e ficam olhando a gente, não saem correndo.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Você não *consegue*. Eu nunca tive coragem de atirar neles.

20. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Você alguma vez fez essa comparação, antes ou depois? Com Cristo e os vendilhões do Templo?

MANDELA: Sim. Sim. Acho que devo ter usado, ou talvez tenha usado, porque conheço muito bem...

STENGEL: Explique aqui para mim como você usou essa analogia...

MANDELA: ... Se você tem que usar métodos pacíficos ou violentos... é determinado puramente pelas condições... Cristo usou a força porque *naquela* situação era a *única* linguagem que podia usar. E... portanto não há um princípio de que a força não deve ser usada. Depende das condições. Era assim que eu trazia o assunto.

STENGEL: Então naquelas circunstâncias era até cristão usar a força porque Cristo teve que recorrer à força?

MANDELA: Bem, *todo mundo* – quando a única maneira de levar um movimento à frente, de solucionar problemas, é o uso da força; quando os métodos pacíficos se tornam inadequados. É uma lição da história, através dos séculos e... em toda parte do mundo.

CAPÍTULO 5

Mundo em ruptura



January 1962 WEDNESDAY 17
Week 3 (17-348)

The immigration officer
sees me again and ~~says~~
appeals to me that on
no account must I move
around as I might be
kidnapped by the K.P.

I gain the impression that
whilst there may genuine
concern for my safety, he
also wishes to make me
that I should meet people
in the B.I.

January 1962

MONDAY 29
Week 5 20.3.62

I call for a visa at the
Ethiopian Embassy. On our
way we pass the Conference
Hall and I am told to
take care & look the other
way as John Legum
might recognise me.

In the evening we fly
off to Addis Ababa. On
the plane I meet Suallo,
Secretary of the A.A.P.
I also meet Hare Radibe,
Molise, Make, Kamenza,
Lipelo.

April 1962

THURSDAY 19

385/3

Week 16 (109-256) Maundy Thursday

I fly from Melbourne
to Monrovia. The
airport, Roberts Field is
48 miles away from
the city.

I lodge at the Monrovia
City Hotel.

April 1962

WEDNESDAY 25

385/33/17

Week 17 (115-250) Anzac Day

2 pm

I meet the President.
He informs me that
the people of Liberia
would do everything
in their power to help
our people in their
struggle for self-
determination. Sends
his regards to Chief.

3/17/54

THURSDAY 26
Week 17 (116-249)

April 1962

I miss my plane to
Algeria and I book
for the following
day at 9 am.

May 1962

MONDAY 7
Week 19 (127-238)

385/33

OK arrives at lunch time
We meet head of Algerian
mission at 7:30pm and
have a friendly chat
with him.

May 1962

SUNDAY 27

385/33

Week 22 (147-218) Rogation Sunday

5/30 am

We leave Lagos by Pan. Am
for Monrovia on our way
to Conakry. After stopping
for 45 minutes at Accra
plane reaches Monrovia
at 12 noon.

We arrive to Monrovia
city hotel.

5/17/70

FRIDAY 1

June 1962

Week 22 (152-213)

9.50 am

We fly to Dakar and
put up at Hotel de
La Paix.

June 1962

1 pm

I meet David Astor,
 Editor of the "Observer".
 Michael Scott and Colin
 Legum are present. I explain
 the situation in SA.
 Discussions are most
 cordial and each
 expresses feelings and
 offering comments.

June 1962

SATURDAY 30

Week 26 (181-184) Sun rises 3.46 Sun sets 8.20

385/33/17/

9 am

I have fractures in
 my ribs

33/17/83 SUNDAY 1 July 1962
Week 27 (182-183) ● 2nd after Trinity

I spend the day
writing up notes.

17/84 SATURDAY 7 July 1962
Week 27 (188-177) Sun rises 3.52 Sun sets 8.17

Li Befikadu takes me
out to a restaurant
serving national dishes

July 1962 SUNDAY 8 385/33/17
Week 28 (189-176) 3rd after Trinity

bol. Scellse, Li Befikadu
and I dine in small
restaurant in town and
Maseale go to the
cinemas.

Páginas do diário escrito por Mandela durante sua viagem pela África e por Londres, em 1962.

1. Excertos do diário escrito durante sua viagem pela África e por Londres em 1962

17 DE JANEIRO DE 1962

O funcionário da imigração me vê e diz que não devo andar por aí para não ser sequestrado pela SAP [Polícia Sul-Africana].

Tenho a impressão de que, embora possa ser uma preocupação genuína pela minha segurança, ele também deseja que eu encontre as pessoas no BP [Protetorado de Bechuanaland].

29 DE JANEIRO DE 1962

Peço um visto na Embaixada da Etiópia. No caminho, passamos pelo salão de conferências e me dizem para me esconder e olhar para o outro lado porque Colin Legum pode me reconhecer. [\[51\]](#)

15 DE ABRIL DE 1962

Passo o dia lendo sossegado em meu hotel.

19 DE ABRIL DE 1962

Vou de avião de Freetown para a Monróvia. O aeródromo Robertsfield fica a uns 76 quilômetros da cidade.

Hospedo-me no Monrovia City Hotel.

20 DE ABRIL DE 1962

Passo o dia lendo.

23 DE ABRIL DE 1962

Passo o dia lendo sossegado no hotel.

25 DE ABRIL DE 1962

Duas horas da tarde.

Encontro com o presidente. [\[52\]](#) Ele me informa que o povo da Libéria fará tudo em seu poder para ajudar o meu povo na luta pela autodeterminação.

Manda lembranças ao chefe [Albert Luthuli].

26 DE ABRIL DE 1962

Perco o avião para Accra e reservo para as 9 horas da manhã do dia seguinte.

5 DE MAIO DE 1962

OR [Oliver Tambo] telefona para dizer que vai chegar em 7/5. Telefona de Estocolmo.

7 DE MAIO DE 1962

OR chega na hora do almoço. Encontramos o chefe da missão africana às 7:30 da noite e temos uma conversa amistosa com ele.

27 DE MAIO DE 1962

Sáímos de Lagos pela Pan Am, para a Monróvia, a caminho de Conakry. Depois de 45 minutos parados em Accra, o avião chega à Monróvia ao meio-dia. Vamos de carro para o Monrovia City Hotel.

1º DE JUNHO DE 1962

Viajamos para Dacar e nos hospedamos no Hotel de La Paix.

7 DE JUNHO DE 1962

Vamos pela BOAC para Londres.

15 DE JUNHO DE 1962

Encontro David Astor, editor do “Observer”.^[53] Michael Scott e Colin Legum estão presentes.^[54] Explico a situação da África do Sul. A conversa é cordial e todos fazem comentários elogiosos e inspiradores.

16 DE JUNHO DE 1962

Vejo filme de Zami, Zeni, Zindzi, Gompo e outras cenas da África do Sul.^[55]

18 DE JUNHO DE 1962

OR e eu vamos para Cartum pela BOAC. Cruzamos os Alpes por volta das 6 da noite e chegamos a Roma por volta das 7 da noite.

26 DE JUNHO DE 1962

7:20 da manhã voamos para Addis Abeba e fomos levados para o Ras Hotel.

29 DE JUNHO DE 1962

Primeira aula de demolição. Instrutor: tenente Befekadu.

30 DE JUNHO DE 1962

Prática em demolição.

1º DE JULHO DE 1962

Passo o dia fazendo anotações.

7 DE JULHO DE 1962

O tenente Befekadu me leva a um restaurante que serve comidas típicas.

8 DE JULHO DE 1962

Cel. Tadesse, tenente Befekadu e eu jantamos num pequeno restaurante na cidade e depois fomos ao cinema.

2. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SUA VIAGEM PELA ÁFRICA EM 1962

KATHRADA: Depois “arrumaram um avião e nosso primeiro destino era uma cidade no norte de Botsuana, Bechuanaland, chamada Kasane...”

MANDELA: Sim.

KATHRADA: “... que ficava estrategicamente situada no ponto em que quase todo o Sul da África se encontrava: Angola, Rodésia do Norte e do Sul, sudoeste da África, como esses Estados eram conhecidos então.” Ele está perguntando, foi sua primeira viagem de avião, não foi?

MANDELA: Sim.

KATHRADA: A primeira de todas?

MANDELA: Não, não, não, não, não. Não foi. Durante a Campanha do Desafio, em 1952, viajei algumas vezes de avião.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Para Porto Elizabeth.

KATHRADA: “Se foi sua primeira viagem, você estava apreensivo ou ansioso? Qual era o tipo do avião? Parece trivial, mas é o tipo de momento humano de que os leitores gostam. A combinação paradoxal de sua importante missão e a primeira viagem para fora do país.”

MANDELA: Não, não foi a primeira vez, mas, mesmo assim, houve alguns momentos de medo... passamos por uma tempestade e a turbulência foi muito inquietante, e quando chegamos ao hotel, em Kasane, a única pista de pouso estava inundada, elefantes e outros animais – zebras – estavam pastando lá e não pudemos aterrissar... porque você pode assustar facilmente os animais, sabe, se voar baixo... então voamos sobre o hotel e fomos aterrissar em outro lugar... Voamos sobre o hotel para avisar ao proprietário que tínhamos chegado e apontando onde íamos aterrissar, que era mais longe do hotel. Ele [o dono do hotel]... demorou a chegar e... disse que tinha encontrado elefantes no caminho... [que] se recusavam a sair do lugar... e eles tiveram que parar e esperar que saíssem.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Já era fim de tarde, e quando íamos voltando vimos uma leoa dormindo no meio da estrada... era mais ou menos uma trilha.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: ... Foi minha primeira experiência selvagem, na verdade. E durante a noite os leões rugiam, rapaz, parecendo que estavam logo ali, do lado de fora da rondavel. Porque quando eles rugiam a janela – a vidraça – vibrava e eu estava com medo demais para ir lá fora.

3. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O ENCONTRO COM O IMPERADOR HAILE SELASSIE, DA ETIÓPIA

STENGEL: Fale-me sobre o imperador Haile Selassie. Você o conheceu.

MANDELA: *Esse* era um sujeito impressionante, rapaz, muito impressionante. Foi a primeira vez que vi... um chefe de Estado com todas as formalidades... os movimentos da formalidade. O sujeito chegou vestindo um uniforme, chegou e fez uma mesura. Mas era sem se curvar – ele se manteve ereto e só curvou a cabeça. ... depois... se sentou e se dirigiu a nós, mas falou em [amárico]... depois, no fim do discurso, ele viu todas, cada uma das delegações... e o companheiro

Oliver Tambo me pediu para falar por nossa delegação, para falar com ele. Expliquei a ele, muito sucintamente, o que estava acontecendo na África do Sul. Ele continuou sentado, ouvindo impassível... sem um aceno de cabeça, imóvel como uma estátua... Na segunda vez que o vi, foi quando assistimos a uma parada militar, e *aí* foi muito impressionante [*assovia*], absolutamente impressionante. Ele estava distribuindo condecorações... aos soldados; todos os que tinham se graduado receberam um certificado. Uma cerimônia muito bonita – um sujeito muito cheio de dignidade –, e deu medalhas também. Havia consultores militares americanos... e grupos de consultores militares de vários países. Ele deu medalhas para aqueles sujeitos também. Mas ver brancos fazendo medidas a um monarca negro foi muito interessante.

4. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SEU TREINAMENTO MILITAR

KATHRADA: Depois eles querem saber, na mesma página – 166 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho]: “Você chegou a ser bom com uma pistola? Você teve mais treinamento militar do que esse em Oujda?”

MANDELA: Ah, sim, em Oujda, sim, tive. Mas a perfeição foi na Etiópia, porque passei dois meses lá, aprendendo a usar várias armas em alvos diversos, sabe?... A diversas distâncias, alvos fixos e depois alvo móvel. Eles, como se diz, apareciam e depois desapareciam, apareciam... desapareciam. Corriam, e você tinha que acertar o alvo correndo. Então o aperfeiçoamento se deu na... Etiópia. Depois, marchas de cansaço... com uma carga *pesada* – pentes de balas na cintura. E levava uma mochila, muitas provisões etc., uma garrafa de água e a arma... e viajava pelas montanhas e tal. Um pouco... extenuante.

5. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE ATIRAR COM ARMA DE FOGO

KATHRADA: Então... sobre o seu treinamento: “Eu nunca havia atirado com um revólver, mas ficou confortável em minha mão. Mirei, apertei o gatilho e depois só vi a poeira que a bala levantou na pedra. Meus instrutores ficaram exclamando alguma coisa em árabe e me cumprimentaram pelo tiro. Mas foi pura sorte porque não consegui acertar a pedra em várias outras tentativas.”

MANDELA: Na verdade, não, nem na *primeira* eu acertei a pedra.

KATHRADA: Oh.

MANDELA: Mas passou *perto* da pedra.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Mas levando em conta a distância porque tinha um rio entre nós.

Tinha um vale, um vale comprido, o rio, o alvo estava do outro lado e acertei do lado da pedra.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: E foi suficientemente... perto para quem estava manejando uma arma pela primeira vez. Acho que já lhe contei como esse sujeito me ensinou – ele não sabia falar a língua.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Árabe.

KATHRADA: Continue.

MANDELA: Sim. Acho que demonstrei – não sei bem se fiz para você, mas ele não falava inglês e... ele só pegou a arma, uma Mauser pesada. Pegou a arma e disse [som de *batidinha rápida*], sabe?

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Eu tinha que segurar *firme*, então ele disse que eu devia, como se diz, ficar *plantado* no chão, ele disse [som de *pé batendo forte no chão*].

KATHRADA: Ah.

MANDELA: [outro som de *pé batendo forte no chão*] Sabe?

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Ele era muito bom, sabe; quer dizer, sem saber falar [inglês]...

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Mas o sujeito era muito bom. Mas eu *não* acertei a pedra.

KATHRADA: Hum-hum.

MANDELA: Acertei perto dela.

KATHRADA: Perto dela.

MANDELA: Sim.

6. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Apesar de saqueado pelos colonialistas, o Egito ainda é um país de uma riqueza fabulosa em cultura e arte antiga. Sempre tive muita curiosidade de ver as pirâmides, a Esfinge e o corpo embalsamado de Ramsés II, talvez um dos mais fortes faraós que já regeram o país. Passei a manhã inteira no museu, tomando notas detalhadas, e mais tarde Oliver [Tambo] me levou a Gizé, onde vimos a colossal estrutura de pedra com a base quadrada firmemente plantada no solo, as laterais inclinadas se encontrando no ápice, toda em argamassa, e gigantescos blocos de pedra com que o enorme edifício foi construído, mantidos em posição pelo próprio peso.

Oliver me levou para um passeio de barco em volta da ilha no Nilo e quando um menino de uns 9 anos manobrou habilmente o barco em que iríamos, meu valente e calmo companheiro de armas arregalou os olhos, observando desconfiado a operação, e explicou: “Nós seremos conduzidos por esse garotinho? Ah, não.” Ao mesmo tempo, ele deu um passo atrás e ficou a uma distância segura. Mas quando um homem mais velho pegou os controles, relaxamos e aproveitei ao máximo aquele passeio de uma hora pelo rio mais longo da África.

Meu principal interesse era descobrir que tipo de homens havia fundado a alta civilização dos tempos antigos que floresceu no Vale do Nilo desde 5000 a.C. Não era simplesmente uma questão de interesse arqueológico, mas uma questão de suprema importância para os pensadores africanos, que estão essencialmente interessados na coleção de evidências científicas, para explodir a fictícia afirmação dos propagandistas brancos de que a civilização começou na Europa e que os africanos não têm um passado rico que se compare ao deles. Discuti o assunto com um dos curadores do museu, mas ele foi extremamente cauteloso e, embora tenha chamado minha atenção para diversas teorias a respeito, pelo que fiquei extremamente grato, saí com o mesmo conhecimento do assunto do que antes de entrar no museu.

7. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE GUERREIROS DA LIBERDADE ARGELINOS

MANDELA: Mostefai? Sim, sim, era o chefe da delegação argelina no Marrocos.

STENGEL: Exato. Ele conversou muito extensivamente com você, não?

MANDELA: Ah, sim, muitos dias.

STENGEL: Isso.

MANDELA: Revendo a Revolução Argelina. Ah, foi uma obra de arte, rapaz, vou lhe dizer. Poucas coisas me inspiraram tanto quanto as informações do dr. Mostefai.

STENGEL: É mesmo? Como assim? Por quê?

MANDELA: ... Ele repassou conosco a *história* da Revolução Argelina. Os problemas que tiveram. Como começaram. Começaram pensando que seriam capazes de derrotar os franceses no campo de batalha, inspirados pelo que aconteceu no... Vietnã. Dien Bien Phu. Eles se inspiraram nisso e acharam que podiam derrotar os franceses... Ele disse que até os uniformes, as roupas, tinham sido concebidos para um exército que iria derrotar os franceses. Depois descobriram que não conseguiriam. Precisavam usar táticas de guerrilha, e ele disse que até o uniforme deles mudou, porque agora era um exército que corria,

ou atacando [ou] se retirando depressa. Eles tinham calças mais estreitas embaixo e sapatos mais leves. Foi *muito* fascinante, e mantiveram o exército francês em movimento.

Atacaram partindo da Tunísia, lançaram uma ofensiva dali, e os franceses – por causa disso – *retiraram* seus exércitos do lado oeste, da fronteira com o Marrocos, porque os argelinos vinham lutando da Tunísia e do Marrocos. Embora tivessem também unidades operando de dentro, o exército principal lutava nessas duas áreas, dois países... Então lançaram uma ofensiva partindo da Tunísia, entraram na Argélia, e os franceses *retiraram* o exército do oeste, da fronteira do Marrocos, para deter a ofensiva. Quando *retiraram* o exército, a ofensiva partiu do lado marroquino, entende? E os franceses voltaram a retirar as forças, indo para o lado marroquino, e continuaram a movimentação assim. *Todos* esses homens eram muito interessantes, absolutamente interessantes.

STENGEL: E você achou que poderia ser um modelo para o MK [Umkhonto we Sizwe] na África do Sul?

MANDELA: Bem, foi uma informação na qual podíamos basear nossas táticas.

8. DO SEU CADERNO DE 1962 SOBRE O TREINAMENTO NO MARROCOS COM A FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DA ARGÉLIA (FLN)

Marrocos

18/3

R. [Robert Resha]^[56] e eu saímos [de Rabat] para a cidade de fronteira, Oujda, QG da FLN no Marrocos. Fomos de trem e chegamos às 8 da manhã em 19/3.

19/3

Um guarda nos pega na estação e nos leva [para o QG]. Somos recebidos por Abdelhamid [Brahimi],^[57] chefe da seção política da FLN.

Estão presentes Si Jamal, Aberrahman, Larbi, Noureddine Djoudi. Uma discussão geral sobre a situação da África do Sul levanta questões pertinentes e inquisitivas colocadas para nós. A discussão é adiada para nos dar chance de conhecer os campos de treinamento e as linhas de frente.

Às 4 da tarde, acompanhado por Djoudi e outro oficial, fomos de carro à base de treinamento de Zegangan, situada no que era conhecido como Marrocos espanhol. Chegamos às 6 da tarde e fomos recebidos pelo comandante do campo, Si Jamal. Ele nos mostra o museu do exército, contendo uma interessante coleção de armamentos da FLN, começando pelos usados no levante de 1º de novembro de 1954, até os últimos equipamentos.

Depois do jantar, fomos ao teatro dos soldados, ouvimos músicas e assistimos

a algumas cenas. As duas cenas apresentadas continham enorme propaganda contra a administração francesa na Argélia. Depois do show, voltamos ao alojamento e fomos dormir.

21/3

Depois de ver o material impresso e a transmissão do QG da FLN, seguimos para Bouleker em companhia de dois oficiais. Primeiro visitamos o QG do batalhão na divisão norte. Está convenientemente situado na área mais estratégica e fortemente protegida. Almoçamos lá carne de coelho e pão fresco.

Depois seguimos para o QG de um dos batalhões, situado junto à fronteira com a Argélia. Vimos tudo e entramos nos abrigos. Há muitos refugiados em volta do campo e sua aparência é muito comovente. Mais tarde voltamos a Oujda para conversar.

A discussão começou às 6:30 da tarde e tínhamos que sair às 9:45 da noite para voltar a Rabat. Às 9:30 foi decidido que iríamos para Rabat de carro no dia seguinte, pois mal tínhamos resolvido $\frac{1}{4}$ dos nossos assuntos.

9. DO CADERNO DE 1962

Outro aspecto... que o capitão Larbi assinalou foi que a elite do país deve entender que as massas, o povo, por mais pobre e analfabeto que seja, é o maior investimento do país. Em todas as atividades e operações deve haver uma completa difusão da *intelligentsia* e das massas – camponeses, trabalhadores, operários nas cidades *etc.*

Em terceiro lugar, as massas devem entender que a ação política, na forma de greves, boicotes e manifestações similares, isoladas, se tornaram ineficazes por si mesmas. A ação deve ser aceita como a forma mais básica e essencial da atividade política.

10. DO CADERNO DE 1962

Embora a conscientização política seja vital na formação de um exército e na mobilização do apoio das massas, não se pode perder de vista as questões práticas. Por exemplo: uma mulher que não é politicamente desenvolvida pode fazer muito pela revolução simplesmente porque o namorado, o marido ou o filho está no exército. Vilarejos também podem mostrar iniciativa e ser encorajados.

Há o caso de um vilarejo que atacou um posto francês sem instruções da FLN [Frente de Libertação Nacional, Argélia]. Em outro vilarejo, as pessoas cavaram

um túnel por sua própria conta.

Sabe-se também que, em certo estágio, a FLN proibiu que seus soldados se casassem. Mais tarde isso foi alterado e foi dada permissão geral para o casamento. As mulheres casadas com soldados da FLN, e também suas famílias, se tornaram imediatamente colaboradoras da FLN e da revolução.

11. DO CADERNO DE 1962

Certas questões vitais precisam estar em mente para a construção de um exército revolucionário:

Embora seja importante ter o povo treinado por países amigos... isso deve ser apenas parte do plano. O ponto essencial a ser apreendido é a criação de suas próprias escolas [que] estabeleçam centros de treinamento dentro ou nas fronteiras do país.

É preciso também planejar e providenciar substituições, simplesmente porque se perdem muitos homens em combate. Se não forem feitos os preparativos necessários, a revolução fracassa. E dá mais confiança aos inimigos. Pelo contrário, desde o começo é preciso mostrar que sua força está aumentando.

É preciso ser flexível e original, ou o inimigo esmaga suas forças.

Deve-se atentar também para o fato de que, quanto mais a guerra durar, mais vão aumentar os massacres, e o povo se cansa.

12. DO CADERNO DE 1962

Ataques espetaculares e vitoriosos dos revolucionários possibilitaram ao povo argelino recuperar sua dignidade. Na Argélia, estabeleceram comando setorial com função especializada. Suas atividades não tinham finalidade econômica, mas eram extremamente úteis para levantar o moral do povo. Mas essa ação não poderia fracassar. Exemplos de operações do comando consistiam em ataques por terra a soldados franceses nas cidades, explosões em cinemas.

Não se pode meramente confiar na declaração de um recruta de que está pronto para lutar. É preciso testá-lo. Num vilarejo, duzentas pessoas declararam estar prontas para se unir à FLN. Disseram a eles que no dia seguinte haveria um ataque ao inimigo. Pediram voluntários, e só três se apresentaram. Em outro caso, mandaram novos recrutas a um certo lugar à noite, onde receberiam armas. Ao chegarem lá, à meia-noite, lhes disseram que o homem que prometera as armas tinha faltado e eles deveriam retornar na noite seguinte. Os que reclamaram se revelaram não confiáveis em condições adversas.

13. DO CADERNO DE 1962

É preciso haver uma coordenação adequada das atividades de guerrilha, nas cidades e nas zonas rurais.

14. DO CADERNO DE 1962

Considerações para se ter em mente ao começar uma Revolução.

É preciso haver garantia absoluta de que todas as precauções foram tomadas para assegurar a vitória – organização é extremamente importante. Em primeiro lugar e acima de tudo, é preciso haver uma rede cobrindo todo o país... Temos que fazer um estudo completo de todas as revoluções, inclusive as que fracassaram. Uma boa organização é absolutamente essencial. Na [província de] Wilaya, foi preciso um ano para montar uma boa organização.

Um levante local deve ser evitado. Muitos levantes fracassaram porque a ideia revolucionária não era aceita por todos.

Um levante deve ser organizado de modo a assegurar sua continuidade.

15. DO CADERNO DE 1962

Organizadores de revolução não devem se preocupar indevidamente com a falta de treinamento militar das massas. Os melhores comandantes e estrategistas na FLN [Frente de Libertação Nacional, Argélia] foram os que não tinham experiência militar prévia. Existe também uma diferença entre ser militar e militante. Na Argélia, as mulheres não só sabiam atirar, como também desmontar e montar um rifle.

16. DO CADERNO DE 1962

A data de início deve ser escolhida quando houver absoluta certeza de que a revolução será vitoriosa, e deve estar relacionada a outros fatores. Por exemplo: o ministro da Defesa francês, depois de percorrer a Tunísia e o Marrocos, declarou que a Argélia estava em paz. O levante ocorreu no dia seguinte. Depois disso, ele declarou que o levante era restrito a certas áreas, e não em todo o país. Pouco depois, se estendeu a todo o país. A escolha da data deve ser influenciada pela oportunidade psicológica.

17. DO CADERNO DE 1962

Devemos ter coragem de aceitar que haverá represálias contra a população. Mas devemos tentar evitar isso com uma seleção cuidadosa dos alvos. É melhor

atacar alvos mais distantes da população do que os que estão mais perto. Os alvos devem estar o mais perto possível do inimigo. Para o povo e para o mundo, o levante deve assumir o caráter de um movimento revolucionário popular. Para o inimigo, deve parecer um levante de uns poucos.

Devemos buscar apoio de toda a população, com um equilíbrio perfeito de todas as classes sociais. O apoio fundamental deve ser do homem comum, dos pobres e analfabetos, mas os intelectuais devem ser convocados.

Enfim, deve haver perfeita harmonia entre a delegação externa e o alto comando do movimento revolucionário. Ambos devem contar com pessoal similar e igualmente desenvolvido.

18. DO CADERNO DE 1962

14/3/62 Dr. Mostefai

O objetivo original da Revolução Argelina era vencer os franceses com ação militar, como na Indochina. Não foi considerada uma negociação para reintegração de posse.

A concepção da luta já no começo determina o fracasso ou o sucesso da revolução.

É preciso ter um plano geral para as operações do dia a dia. Além do plano geral, que leve em conta a situação total, é preciso ter um plano, digamos, para os três meses seguintes. Não se pode ter uma ação pela ação. A ação de cada indivíduo deve ser realizada para implementar o objetivo estratégico.

É preciso ter

- a) objetivo militar
- b) objetivo político
- c) objetivo psicológico

Essa é a meta estratégica por um tempo limitado. A meta estratégica pode criar uma nova situação que torne necessário alterar o plano geral. Os planos táticos são governados pela estratégia. As táticas não se limitarão apenas a operações militares, mas cobrirão áreas, como a conscientização política das massas, a mobilização dos aliados no campo internacional. A meta deve ser destruir a legalidade do governo e instituir a do povo. É preciso haver uma autoridade paralela na administração da justiça, no governo e no abastecimento.

A organização política deve ter o controle total do povo e de suas atividades. Os soldados devem viver entre o povo como peixes na água.

A meta é que nossas forças se desenvolvam e cresçam, e as do inimigo se desintegrem.

Começar uma revolução é fácil, mas dar continuidade e manter é muito difícil. O dever de um comandante é fazer uma análise completa da situação antes de dar início.

19. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A VIAGEM A LONDRES EM 1962

MANDELA: Sim, na verdade os britânicos foram duros comigo no aeroporto. Não grosseiros; você sabe que eles são muito sutis.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: ... Tive que mostrar meu passaporte, sabe, mas antes Oliver [Tambo] disse: “Você vai para aquela mesa, eu vou para aquela outra.” Nos separamos, dei meu passaporte ao sujeito, ele olhou, me cumprimentou muito educadamente e perguntou: “Por que veio à Inglaterra?” Respondi: “Vim à biblioteca, ao museu, porque estou escrevendo um livro.” Ele disse: “Que livro é esse?” Respondi: “Bem, o tema é o pensamento sobre a evolução política na África.” Daí ele disse: “Maravilhoso, senhor, é um título maravilhoso. Quanto tempo quer ficar?” Respondi: “Quero só duas semanas.” Ele disse: “Não, não peça duas semanas, peça um mês.” Pensei... vai ser ótimo, e falei: “Não, quero ficar um mês”, e ele disse: “Tem passagem de volta...?”

KATHRADA: Ah.

MANDELA: “... com você?” Fiquei *abalado* e disse: “Não, mas tenho dinheiro.” Na verdade, acho que eu tinha uns 20 randes, algo assim. [*risos*] Eu disse: “Tenho dinheiro”, e vi minha mão indo em direção ao bolso, mas ele falou: “Não, não, não, não, não. Não se preocupe.” Porque... ele sabia... o fato de que eu tinha dinheiro e ele não queria fazer aquilo. Eles são muito sutis.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: “Não, não, não, não, não faça isso.” E *enquanto* ele estava falando comigo, o outro sujeito no balcão fez sinal para ele, indicando [*gestos*]... Oliver, sabe? Em outras palavras, ele estava dizendo que “Esse sujeito está...”, como se diz, “na lista negra”.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: Ele estava passando a informação e fazendo perguntas muito sutis, mas *levando* a alguma coisa arrasadora, sabe?

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Acabou dizendo: “Vou lhe dar o formulário tal com permissão para ficar um mês”, e me desejou felicidades. Enquanto isso, ficaram trocando sinais... Descobriram que, não, éramos guerreiros da liberdade. Mas tive uma estada ótima, porque conheci políticos britânicos e me receberam *muito* bem.

Estive com aquele sujeito, Denis Healey, do Partido Trabalhista,^[58] e conheci... o Hugh Gaitskell...^[59] Queriam que eu conhecesse [o primeiro-ministro] Macmillan, mas... foi bobagem nossa; nosso programa estava muito apertado, conhecendo gente como David Astor, Anthony...^[60]

KATHRADA: Sampson.^[61]

MANDELA: Sampson e outros...

KATHRADA: Você não ficou hospedado com Astor, ficou?

MANDELA: Não, não, não, não. Fiquei hospedado com Oliver.

KATHRADA: Aha.

MANDELA: ... Claro que foi muito empolgante estar na Inglaterra, e na capital do antes... poderoso Império Britânico. Gostei muito, e de ir às livrarias deles e tal, e comprar literatura sobre guerra de guerrilha.

20. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE GUERRA DE GUERRILHA

MANDELA: A revolução na China foi uma obra-prima, uma *verdadeira* obra-prima. Se você ler como eles fizeram aquela revolução, acha que é impossível. É simplesmente miraculoso. Quem é aquele americano que escreveu o livro *Estrela vermelha sobre a China*?

STENGEL: Sim.

MANDELA: Qual é o nome dele? Nome famoso, rapaz.

STENGEL: Snow.

MANDELA: Edgar Snow.

STENGEL: Sim.

MANDELA: Foi o primeiro livro que li sobre a China.

STENGEL: Ah, é mesmo?

MANDELA: Sim. *Estrela vermelha sobre a China*, Edgar Snow... Bem escrito, simples e solidário, mas não comunista, sabe? Não comunista, o que era uma... vantagem, porque ele podia também criticar. *Mas* foi uma obra construtiva e quando ele descreveu a origem na região Sudeste da China, onde começaram, e depois quando Chiang Kai-shek e outros tentaram cercar, cercar essa área para *sufocar* e *esmagar* a revolução, e como eles lutaram contra isso. E quando ficou claro que, se eles *permanecessem* ali, seriam esmagados, decidiram *romper* aquela parede de aço e desceram para a China, e subiram *direto* para as fronteiras com a União Soviética, onde começaram a ofensiva.

STENGEL: Sim, a longa marcha.

MANDELA: Sim, a longa marcha, entende? Aquilo foi um milagre. Alguns

incidentes demonstraram que foi pura magia, como eles conseguiram fugir.

STENGEL: Então, dessa sua leitura, quais foram as lições tiradas que você quis aplicar ao MK [Umkhonto we Sizwe], no sentido de que você tinha lido sobre movimentos que fracassaram? O que você quis evitar para impedir o fracasso do MK, a partir do que aprendeu nas suas leituras?

MANDELA: Bem, primeiro foi descobrir quais são os princípios fundamentais para se começar uma revolução? Uma revolução armada, luta armada. Foi por isso que li Clausewitz, porque não fala de guerra de guerrilha; fala das regras da guerra, sabe, os princípios da guerra... Ah, a propósito, li também *A revolta*, de Menachem Begin.

STENGEL: Oh.

MANDELA: Sim, *A revolta*, de Menachem Begin. Foi muito encorajador para nós porque foi um movimento num país que não tinha montanhas e... a base deles era dentro de Israel... que estava ocupada de cima a baixo pelo Exército Britânico, entende? Todas as fronteiras. Mas eles conduziram a luta de forma *muito* poderosa, e isso é muito interessante. Li também sobre os *partisans* na França, Mitterrand, e no Leste Europeu. Foi esse tipo de literatura que li.

21. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: No período de clandestinidade... li Clausewitz... li *Commando*, de Deneys Reitz. E li... dois livros sobre a Malásia... li um livro sobre as Filipinas, sobre Hukbalahap, e *Born of the People*, de Luis Taruk. E tinha lido as obras de Mao Tsé-tung. Mas então eu só estava... aprendendo a usar uma arma [na Etiópia].

STENGEL: Certo. Pegando prática.

MANDELA: Prática, sim.

STENGEL: Ah. Então você foi lá para duas sessões de tiro ao alvo de distâncias diferentes, foi isso mesmo?

MANDELA: Sim, isso mesmo. Houve uma sessão de tiro ao alvo para todos os soldados, a uma boa distância do acampamento. Depois houve uma para... a guarda do imperador – a guarda de honra –, bem mais perto. Fui às duas.

STENGEL: Que tal você era como atirador?

MANDELA: Não, por... quer dizer, razoável, porque no [Marrocos], que foi onde eu empunhei uma arma pela primeira vez. Eles só me ensinaram a empunhar a arma e o mecanismo. Eles desmontavam e a gente conhecia as diversas partes. Eles montavam e pediam para você repetir diversas vezes, até fazer com perfeição.

22. DE UMA CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A LUTA ARMADA

Bem, um dos temas controversos quando fundamos o MK foi... controle. Queríamos evitar o militarismo, queríamos criar... uma força militar que estivesse submetida a uma organização política central, que recebesse instruções da organização política, e foi fundada nesse princípio... Insistimos que o treinamento militar deveria ir de mãos dadas com o treinamento político. Eles precisavam saber por que iriam pegar em armas e lutar. Precisavam aprender que a revolução não era só uma questão de puxar o gatilho e atirar – era uma organização montada para tomar o poder político. Isso foi bem definido.

CAPÍTULO 6

Os grilhões do corpo



“Nas minhas atuais circunstâncias, pensar sobre o passado pode ser uma exigência muito maior do que contemplar o presente e prever o curso dos eventos futuros. Até ser preso, nunca apreciei devidamente a capacidade da memória, o interminável fluxo de informações que a mente pode armazenar.”

Excerto da carta para Hilda Bernstein, datada de 8 de julho de 1985, ver texto [aqui](#).

1. UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Peças como *Antígona*... As peças gregas, sabe, vale a pena ler. É como os clássicos, você conhece a obra de Tolstoi e outros, depois que lê... essa literatura, você sempre sai... se sentindo muito elevado, e sua sensibilidade com... os seres humanos se aprofunda. É uma das maiores experiências que se pode ter, ler uma tragédia grega e a literatura grega em geral.

2. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SE MANDELA FOI TRAÍDO

KATHRADA: Você sabe, é claro, que telefonaram para Walter [Sisulu] dizendo que *eu* tinha entregado você?^[62]

MANDELA: A... imprensa?

KATHRADA: Não, foi um telefonema anônimo... dizendo a Walter... “Só estou avisando que a pessoa que denunciou Mandela foi Kathrada.”

MANDELA: Yoh!

KATHRADA: [ri]

MANDELA: Yoh!... Meu Deus do céu. Porque essas coisas são esmagadas pelos acontecimentos.

KATHRADA: Sim, eu me lembro que culparam Albertina [Sisulu] também.^[63]

MANDELA: Sim, isso mesmo. Sim. Sei que culparam Albertina e Walter.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Isso me incomodou. Eu não sabia de você.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Mas a de Walter, rapaz. Na verdade, quando ele veio me visitar na prisão, ele não parecia o mesmo Walter, parecia ter ficado abalado pela acusação.

KATHRADA: Acho que a imprensa chegou a publicar alguma coisa sobre Albertina e Winnie [Mandela] terem uma briga a respeito, sobre essa acusação que... Walter e Albertina teriam denunciado você...

MANDELA: Não, eu sei o que aconteceu porque lia os jornais, e mencionavam essa questão do Walter.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Tive que falar com ele: “Olhe, tenho confiança *completa* em você... não se *preocupe* com isso”, e ele *estava* preocupado porque as pessoas, sabe, tirariam vantagem disso.

3. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A PRISÃO

KATHRADA: O editor pede: “*Mais sobre suas emoções... sabendo que o jogo tinha acabado. Você teve medo de ser morto?*”^[64]

MANDELA: Não, não tive esse medo porque considerei minhas opções imediatamente depois que o carro passou e sinalizou para nós; porque olhei pelo retrovisor e vi carros vindo atrás e selecionaram um local muito estratégico, com um barraco alto à minha esquerda, por onde eu não poderia fugir, e vi que o jogo tinha terminado. Eu via as montanhas, as montanhas de Lesoto... mas vi que seria muito arriscado e decidi ficar. Não tive medo de que atirassem em mim depois que decidi não fugir.

4. DE UMA CARTA PARA HILDA BERNSTEIN, DATADA DE 8 DE JULHO DE 1985, SOBRE O JULGAMENTO DE RIVONIA.^[65]

Como está sua memória? Pode ser que você não precise mais dela, com todas as facilidades modernas à sua volta – jornais, boa literatura, arquivos, bibliotecas, rádio, televisão, computadores e sabe-se lá mais o quê. Nas minhas atuais circunstâncias, pensar sobre o passado pode ser uma exigência muito maior do que contemplar o presente e prever o curso dos eventos futuros. Até ser preso, nunca apreciei devidamente a capacidade da memória, o interminável fluxo de informações que a mente pode armazenar.

Ainda me lembro do dia em que você se sentou atrás de mim em Pretória, quando Rusty [Bernstein, companheiro acusado] estava ocupado em se desviar dos ataques furiosos do [promotor Percy] Yutar. Logo no começo das argumentações, tive a impressão de que não era Yutar, mas o homem do Observatório que estava no controle da situação. Pareceu-me também que até o juiz Quartus, de Wet, estava ficando desarmado, senão encantado, pela maneira amável e confiante com que a testemunha descartava todas as alegações de Yutar.

No recesso, não resisti a lhe dizer que o testemunho foi bom. Lembra do que a sra. Bernstein retorquiu? “Como assim, bom? Ele foi brilhante!”, ela respondeu na hora. E foi mesmo. Se fosse um despreparado como nós éramos, ele também estaria apodrecendo na cadeia, não teria ido ao casamento de Tony e, quem sabe, os problemas de força masculina na família poderiam ter piorado. Para Keith, Francis, Patrick, Tony [filhos de Bernstein] e você, o retorno dele foi certamente um dia inesquecível.^[66]

Lembro-me também que no primeiro dia das atividades em Pretória você expressou certa preocupação sobre minha aparência e a de um colega vestindo nossas roupas cáqui. Mas depois dos elogios a seu marido você teve algumas

coisas boas a dizer sobre nossa aparência. Não me recordo mais se consegui conversar com você no dia em que Rusty foi dispensado. Só me lembro agora de ter lido num jornal que achei num monte de lixo na Ilha de Robben que ele estava em Zâmbia.^[67]

5. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE ROBERT SOBUKWE,^[68] LÍDER DO CPA
[CONGRESSO PAN-AFRICANISTA]

KATHRADA: E Sobukwe ficou preso junto com criminosos na cela ao lado.

MANDELA: Ah, sim.

KATHRADA: E conseguimos falar com ele.

MANDELA: Aha.

KATHRADA: Claro que ele foi muito maltratado.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Calças curtas, sem sapatos.

MANDELA: Sim, isso mesmo.

KATHRADA: E conseguimos falar com ele, e perguntamos... se podíamos fazer alguma coisa por ele. O pedido foi tabaco e uma colher. Então, você lembra, tinha aquele buraquinho.

MANDELA: Ah, sim.

KATHRADA: Passamos o tabaco por ali, e a colher, e possivelmente alguma comida, mas não me lembro. Mas o pedido *principal* foi o tabaco.

MANDELA: Sim, eu sei. Acho que foi uma das coisas que o mataram.

KATHRADA: Ah, sim, câncer de pulmão.

MANDELA: Humm. Sim. Porque ele tinha tuberculose.

KATHRADA: Aha.

6. CONVERSA COM AHMED KATHRADA

KATHRADA: Depois, na página 15 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho], você está falando da visita... a primeira visita que recebeu de Winnie [Mandela] no Fort. Ah, você diz “Agradei a ela” – as roupas e um capote que ela trouxe. Ah, “agradei e, embora não tivéssemos muito tempo, falamos rapidamente sobre os assuntos da família, reafirmei a força da nossa causa, a lealdade dos nossos amigos, e que o amor e dedicação dela valeriam no que quer que acontecesse”.

MANDELA: Por falar nisso, ela me trouxe pijamas e um robe de seda, sabe?

KATHRADA: Sim.

MANDELA: E eu disse “Não...”

KATHRADA: [*risos*]

MANDELA: “... esses trajes não são para esse lugar.” [*risos*]

7. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Me fale de quando você teve um *blackout* e desmaiou.

MANDELA: Ah, sim. Ah! Fui com [Robert] Sobukwe ao hospital, ao hospital da prisão. Simplesmente caí. Eu não sabia que tinha alguma coisa errada, só esfolei um lado do rosto e tive um corte em algum lugar. Foi só isso. Simplesmente caí e me levantei, mas as notícias que circularam lá fora, nossa! O homem está doente. Muito doente. Eu não tinha sentido nada, não sabia por que tinha caído. Mas certamente tive uma tontura, mas depois disso não aconteceu mais nada. Não sei o que aconteceu.

8. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE ROBERT SOBUKWE

MANDELA: Não, nunca tive confrontos com Sobukwe. Você deve se lembrar de que Sobukwe era meu cliente. Eu era advogado dele, respeitávamos muito um ao outro, porque era um camarada muito agradável.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: E um cavalheiro, nunca houve briga e me dei *muito bem* com ele na prisão.

9. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE NÃO RACISMO

Nunca aceitamos de fato o multirracismo. Nossa exigência é de uma sociedade *não racial* porque, quando se fala de multirracismo, você está multiplicando raças, está dizendo que existem muitas raças neste país. De certo modo, isso é perpetuar o conceito de “raça”, e preferimos dizer que queremos uma sociedade não racial.

... Conversamos e dissemos exatamente o que estamos dizendo, que não somos multirracistas, somos não racialistas. Estamos lutando por uma sociedade em que as pessoas parem de pensar em termos de cor... Não é uma questão de raça, é uma questão de ideias.

10. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O CABO JOHANNES GREEFF, UM POLICIAL

QUE AJUDOU QUATRO COMPANHEIROS PRESOS EM CONEXÃO COM O CASO A ESCAPAR DA CUSTÓDIA.^[69]

KATHRADA: Então, nossos amigos tinham prometido pagar a ele duas mil libras e o dinheiro foi enviado a Laloo [Chiba].^[70]

MANDELA: Entendo.

KATHRADA: E ele estava então... dando continuidade ao arranjo que tinham começado. O principal suborno, tanto quanto me lembro, ou convencer o camaradinha, foi Mosie [Moolla].^[71]

MANDELA: Sei.

KATHRADA: E até certo ponto, suponho que de fato foi uma coisa mais coletiva.

MANDELA: Sim, com certeza, sim.

KATHRADA: Então... a combinação era que Laloo iria pagar a ele e o dinheiro foi levado à casa de Laloo, onde esse camarada iria buscar, mas quando quiseram pagar, ele estava com policiais, sabe, então não pagaram.

MANDELA: *Oh!*

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Caramba!

KATHRADA: Então o sujeito foi preso e pegou seis anos...

MANDELA: *Oh!*

KATHRADA: ... esse Greeff, e o soltaram, depois de três anos ou coisa assim. Mas ele cumpriu pena.

MANDELA: Foi mesmo, é?

KATHRADA: E ainda vou lhe contar que Harold [Wolpe] disse, citando você, que devemos pagar essa dívida.^[72]

MANDELA: Não, devemos mesmo. Se *essa* é a história, se o rapazinho foi para a prisão.

KATHRADA: Ah, *sim!* Cumpriu três anos, pelo menos, de uma pena de seis anos. Outro dia eu estava conversando com Joel, falando sobre isso. Você sabe, duas mil libras naquele tempo, qual é o valor hoje?

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Muitíssimo mais.

MANDELA: Sim, humm.

KATHRADA: E pensei que talvez a gente pudesse dar a ele um desses carros do CNA [Congresso Nacional Africano], que não nos custará nada. E eles *vão* para o lixo, um monte desses carros, tenho certeza.

MANDELA: Tome nota desse homem, rapaz, tome nota disso.

KATHRADA: Humm. Já tenho uma anotação, sobre Greeff, mas ia tratar disso depois com você, quando tivesse essa informação do Harold, sabe, a quem você teria dito que devemos pagar essa...

MANDELA: Sim, claro.

KATHRADA: ... essa dívida, mas isso...

MANDELA: ... Veja, insisto muito, rapaz, que devemos pagar.

KATHRADA: Sim. E nos dará boa publicidade também.

MANDELA: Sim, sim.

KATHRADA: Esse camarada agora mora no Cabo...

MANDELA: Greeff?

KATHRADA: Greeff e...

MANDELA: O que ele faz?

KATHRADA: É agricultor, eu acho.

MANDELA: Coitado, deve estar em dificuldade, pode crer. Não é fácil ser agricultor.

KATHRADA: Então acho que devemos...

MANDELA: Não, não, não, vamos conversar sobre isso, vamos conversar.

11. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SE DECLARAR INOCENTE NO JULGAMENTO DE RIVONIA

MANDELA: Nunca nos declaramos culpados no Julgamento de Rivonia. Nos declaramos *inocentes*, lembra?

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Dissemos que é o governo...

KATHRADA: Exatamente.

MANDELA: ... que é culpado e deveria ser...

KATHRADA: Exatamente, o que está errado é que...

MANDELA: Sim.

KATHRADA: ... em nossa declaração...

MANDELA: Isso mesmo.

KATHRADA: ... no banco dos réus, você admitiu...

MANDELA: Sim.

KATHRADA: ... um monte de coisas.

MANDELA: Isso mesmo.

KATHRADA: Mas não se declarou culpado.

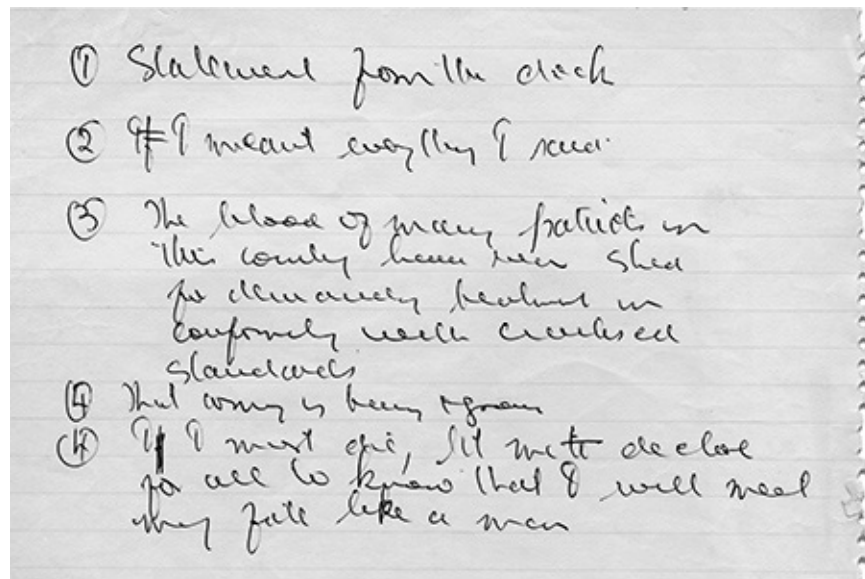
MANDELA: Sim, sim, isso mesmo.

KATHRADA: Culpado.

MANDELA: Humm.

12. CONCLUSÃO DE SUA DECLARAÇÃO NO BANCO DOS RÉUS NO JULGAMENTO DE RIVONIA, EM 20 DE ABRIL DE 1964

Durante toda a minha vida me dediquei à luta do povo africano. Lutei contra a dominação dos brancos e lutei contra a dominação dos negros. Defendi o ideal de uma sociedade livre e democrática em que todas as pessoas vivam juntas em harmonia, com oportunidades iguais. Vivo para esse ideal, que espero viver para alcançar. E se necessário for, estou preparado para morrer por esse ideal.



Cinco pontos anotados por Mandela em preparação para seu discurso do banco dos réus em 20 de abril de 1964 no Julgamento de Rivonia, no qual ele e seus companheiros estavam enfrentando a pena de morte. São eles:

1. Declaração do banco dos réus
2. Levem a sério tudo o que eu disse
3. O sangue de muitos patriotas neste país tem sido derramado, pois exigimos um tratamento em conformidade com os padrões civilizados
4. Esse exército está começando a crescer
5. Se devo morrer, declaro para que todos saibam que irei enfrentar meu destino como homem

13. DE UMA CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A POSSIBILIDADE DA SENTENÇA DE MORTE

Conversamos sobre isso, como eu disse, e achamos necessário pensar, não

somente em termos de nós mesmos, que estávamos naquela situação, mas na luta como um todo. Iríamos desaparecer sob uma nuvem de glória, iríamos lutar até o fim. Esse é o serviço que podemos prestar à nossa organização e ao nosso povo. E é claro que, quando você está sozinho numa cela, também pensa em si mesmo e no fato de que provavelmente não vai viver, e isso é... simplesmente humano. Mas, *coletivamente*, tomamos essa decisão, que também nos deixou felizes, porque esse seria o *último* serviço que poderíamos prestar ao nosso povo e à nossa organização.

14. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O DIA DA SENTENÇA NO JULGAMENTO DE RIVONIA

KATHRADA: “Fiquei preocupado ao descobrir, naquele primeiro dia, que Winnie [Mandela] não podia comparecer. Devido à ordem de proibição e às restrições que tinha em Johannesburg, ela precisava de permissão da polícia para ir ao julgamento. O pedido dela foi recusado. Por essa mesma ocasião, soube também que nossa casa havia sido invadida recentemente, e a polícia prendeu um jovem parente de Winnie que estava hospedado lá. Winnie não foi a única esposa a ser molestada. Albertina Sisulu, Caroline [Motsoaledi]” *etc.* ^[73] Eles agora querem saber, os editores, na página 93 [de *Longo caminho para a liberdade*, rascunho]: “Você estava preocupado com a segurança das crianças?”

MANDELA: Sim, claro, naturalmente. Por que me fazer uma pergunta dessas?

15. DE UMA CARTA A SEFTON VUTELA, DATADA DE 28 DE JULHO DE 1969^[74]

Como companheiros disciplinados e dedicados lutando por uma causa justa, devemos estar prontos a assumir qualquer tarefa que a história possa nos atribuir, por mais alto que seja o preço a pagar. Esse foi o princípio que norteou toda a nossa carreira política, mesmo enquanto passamos por todos os estágios do julgamento. Devo, porém, confessar que, de minha parte, a ameaça de morte não evocou nenhum desejo de desempenhar o papel de mártir. Estaria pronto para isso, se precisasse. Mas a ansiedade de viver sempre permaneceu. Mas a familiaridade gera desprezo até pela mão terrível da morte. A fase crítica durou poucas horas apenas, e eu era um homem preocupado e exausto quando fui dormir no dia em que soube da varredura de Rivonia. Mas quando acordei de manhã, o pior tinha passado e eu tinha conseguido reunir força e coragem suficientes para racionalizar que, se não houvesse nada mais que eu pudesse fazer pela causa que defendemos tão apaixonadamente, até a consequência terrível que nos ameaçava poderia servir como um propósito útil a questões

maiores. Essa crença serviu para alimentar e reabastecer meus frágeis recursos de fortaleza até o último dia dos procedimentos. Foi reforçada pela convicção de que nossa causa é justa e pelo amplo apoio que recebemos de indivíduos e corpos influentes nos dois lados da linha de cor. Mas todo o floreado de trombetas e hosanas cantadas por nós e por nossos torcedores no decorrer do julgamento de nada valeriam se a coragem nos desertasse quando chegasse o momento decisivo.

16. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE OS PENSAMENTOS DELES ANTES DA SENTENÇA NO JULGAMENTO DE RIVONIA

MANDELA: Bem, é fácil, é claro, dizer *agora* que eu não me importava, mas *nós* esperávamos, sim, a sentença de morte, e de fato, no dia antes que o juiz pronunciasse o julgamento, a *sentença*, porque ele já nos achava culpados, mas antes de pronunciar a sentença, você lembra, ele... parecia... estar *nervoso*, e dissemos: “Bem, é muito claro, ele vai dar a sentença de pena de morte”...

KATHRADA: Aha.

MANDELA: *Estávamos* esperando a sentença de morte e nos resignamos. Mas claro que é uma experiência muito *séria* você achar que alguém vai se virar para você e dizer “esse é o fim da sua vida”, e *isso* era motivo de preocupação, mas mesmo assim tentamos nos endurecer para essa eventualidade, trágica como era.

KATHRADA: Aha.

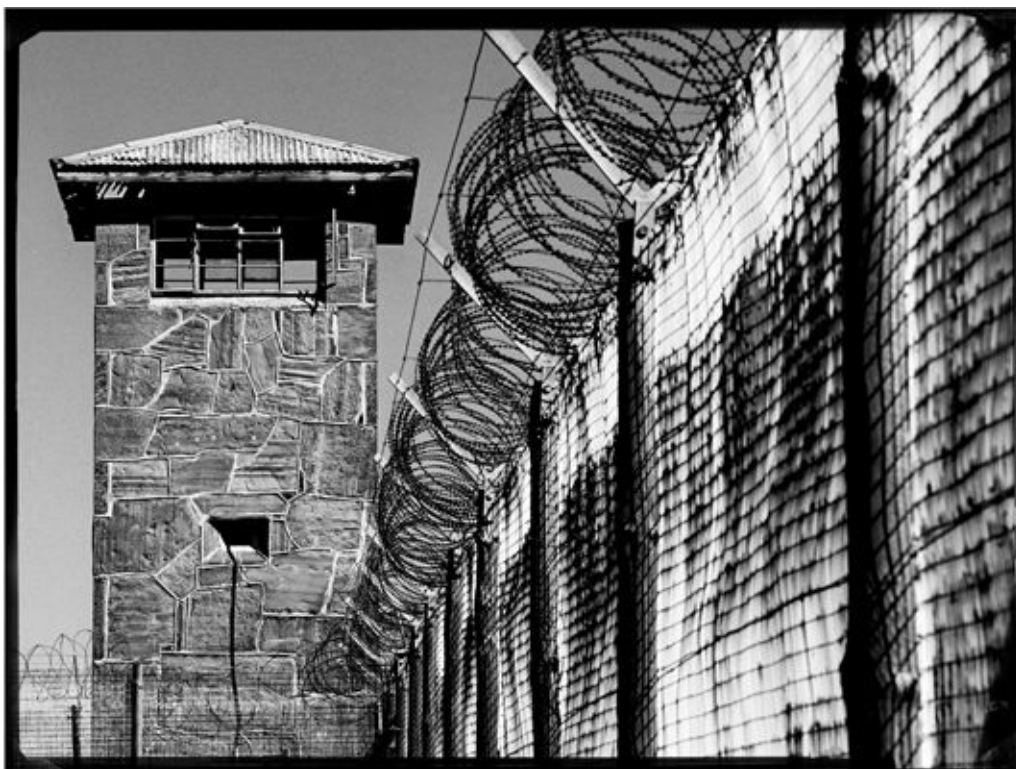
MANDELA: E eu estava com bravos colegas; pareciam ainda mais bravos do que eu. Eu gostaria de registrar isso.

KATHRADA: Aha. Bem, acho que isso encerra este capítulo, pelo menos.

MANDELA: Bom.

PARTE III

Épico



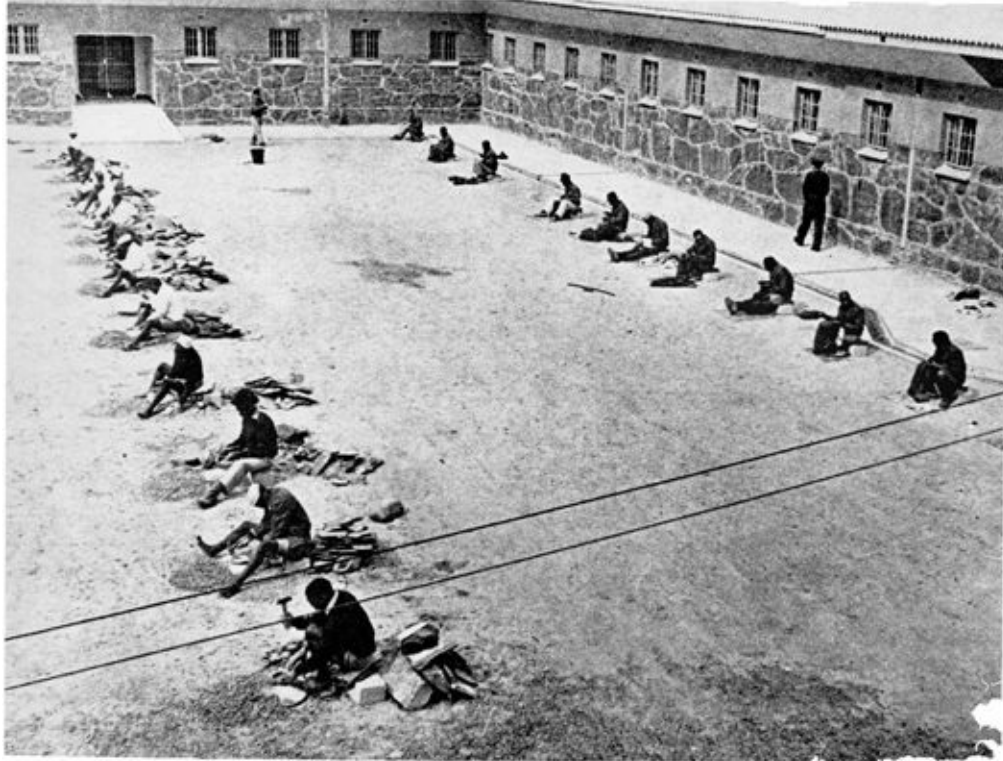
Do ponto de vista do presente, a vida inteira de Nelson Mandela parece ter levado a energia da lenda e o peso da narrativa épica. Sua história foi tecida dentro da história da jornada da África do Sul desde o colonialismo, através do apartheid, até a democracia. Essa longa caminhada até a liberdade de uma nação era inimaginável sem a longa caminhada pessoal de Mandela. Mas foi durante os seus mais de 27 anos de prisão que sua vida assumiu proporções épicas. Mandela tornou-se um símbolo internacional das lutas por justiça. Ele foi, sem dúvida, o mais famoso prisioneiro do mundo. Um prisioneiro pronto em 1990, ano da sua libertação, para caminhar a passos largos pelo cenário global.

As condições na Ilha de Robben eram, nos primeiros anos, muito difíceis. A comida era ruim, o trabalho, duro, os verões, quentes, os invernos, muito frios, e os guardas, brutais. No início, somente uma pequena carta e uma curta visita eram permitidas a cada seis meses. O sofrimento físico era significativo; a dor psicológica era pior. A mesquinharia das autoridades era inflexível. A divisória de vidro na sala dos visitantes era uma vergonha. A vigilância era invasiva. Toda carta para um ente querido, a respeito de coisas profundamente pessoais, era escrita com o conhecimento de que uma terceira pessoa, o censor, também iria lê-la.

Com o passar dos anos, Mandela acomodou-se às circunstâncias, assim como as autoridades prisionais (sob a pressão dos prisioneiros políticos, que combatiam incessantemente o sistema de prisão com base em questões de princípios) faziam suas próprias acomodações. Os privilégios de Mandela, e sua capacidade para influenciar as autoridades, aumentaram depois da sua transferência para a Prisão de Pollsmoor, em 1982, em especial depois que ele iniciou conversações com o regime de apartheid em 1985. Quando foi transferido para a Prisão Victor Verster, em dezembro de 1988, onde ocupava sozinho uma casa espaçosa, ele podia ver ou se comunicar com quem quisesse. Frequentemente ele era levado para viagens fora da prisão, algumas vezes para reuniões de alto nível, outras vezes simplesmente para ver a paisagem. Ele já era um presidente à espera.

CAPÍTULO 7

Um homem inconformista



“Zami e eu nos encontramos com você na festa, mas você saiu logo. Alguns dias depois, dei adeus a Zami e às crianças, e agora sou um cidadão através das ondas.”

Excerto da carta para Amina Cachalia, datada de 8 de abril de 1969, ver texto [aqui](#).

1. DE UMA CARTA PARA ARCHIE GUMEDE, DATADA DE 8 DE JULHO DE 1985^[75]

Concluindo, gostaria de chamar sua atenção para uma carta publicada em um jornal de JHB [Johannesburgo] que abordava o caso de nove homens condenados à morte por traição pela rainha Vitória. Em consequência de protestos em todo o mundo, os homens foram banidos do país. Muitos anos depois, a rainha Vitória soube que um daqueles homens havia sido eleito PM [primeiro-ministro] da Austrália, o segundo tinha sido promovido a general de brigada no Exército dos Estados Unidos, o terceiro tornou-se procurador-geral da Austrália, o quarto foi o sucessor do terceiro como procurador-geral, o quinto tornou-se ministro da Agricultura do Canadá, o sexto também foi promovido a general de brigada nos EUA, o sétimo foi nomeado governador-geral de Montana, o oitavo tornou-se um proeminente político em Nova York e o último foi nomeado governador-geral da Terra Nova.

2. DE UMA CARTA PARA AMINA CACHALIA, DATADA DE 8 DE ABRIL DE 1969, A RESPEITO DO DIA EM QUE TERMINOU O JULGAMENTO POR TRAIÇÃO^[76]

Zami e eu nos encontramos com você na festa, mas você saiu logo. Alguns dias depois, dei adeus a Zami e às crianças, e agora sou um cidadão através das ondas.

Não foi uma decisão fácil de tomar. Eu sabia do sofrimento, da miséria e da humilhação aos quais minha ausência iria expô-las. Tenho passado momentos de angústia pensando nelas e nunca duvidei da coragem e determinação de Zami. Mas há ocasiões em que chego a ter medo de receber cartas dela, porque todas as vezes em que ela aparece, vejo com meus próprios olhos a pesada carga causada pelos turbulentos acontecimentos dos últimos oito anos sobre a saúde dela.

3. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO ESCRITO NA PRISÃO SOBRE A PRIMEIRA VEZ EM QUE ELE FOI MANDADO PARA A ILHA DE ROBBEN^[77]

Uma noite, perto do fim de maio de 1963, ordenaram que eu pegasse meus pertences pessoais. Na recepção, encontrei outros três prisioneiros políticos... Soube pelo coronel Aucamp, que na época era o oficial comandante de Pretória, que estávamos sendo transferidos para a Ilha de Robben. Detesto ser transferido de uma prisão para outra. Isso envolve muitos inconvenientes e muito tratamento degradante. A pessoa é amarrada ou mesmo algemada e muitas vezes fica exposta aos funcionários da prisão e ao público em cada parada nas prisões do caminho, vestindo o humilhante uniforme de prisioneiro. Mas eu estava animado

com a perspectiva de conhecer a Ilha de Robben, um lugar de que ouvira falar desde meus tempos de infância, um lugar que nosso povo chamava de *esiqithini* (na ilha). A ilha tornou-se famosa entre o povo xhosa depois que Makana, também conhecido como Nxele, o comandante do exército xhosa na chamada Quarta Guerra Xhosa, foi banido e pouco depois morreu afogado, quando tentava escapar da ilha nadando até o continente.^[78] Sua morte foi um grande golpe para as esperanças dos xhosas e a sua lembrança persiste na expressão que as pessoas usam para se referir a uma “esperança perdida”: “Ukuza kuka Nxele.” Makana não foi o primeiro herói negro a ser banido e confinado na Ilha de Robben. Essa honra cabe a Autshumayo, conhecido pelos historiadores brancos como Harry, o Passarinho. Autshumayo foi banido para a Ilha de Robben por Jan Van Riebeeck no final da guerra de 1658 entre os khoikhoi e os holandeses. A honra foi ainda mais adequada porque Autshumayo também foi o primeiro – e até hoje o único – a escapar com sucesso da ilha. Depois de várias tentativas ele finalmente conseguiu fugir em um velho bote todo cheio de buracos e considerado completamente impossibilitado de navegar. Em épocas diferentes, muitos outros patriotas e defensores da liberdade foram prisioneiros na Ilha de Robben. Heróis como o chefe Maqoma, que foi comandante na Quinta Guerra Xhosa de 1834,^[79] Langelibalele, o chefe hlubi que foi sentenciado por alta traição por um tribunal especial em 1873, o xeque Abdul Rahman Mantura, um exilado político de Java, fazem parte da história da ilha.^[80] Assim como os colonizadores portugueses conferiram à Ilha de Fernando Pó um lugar único na história, aprisionando nela numerosos patriotas africanos, os britânicos mantiveram patriotas indianos nas ilhas Andamã e os franceses mantiveram Ben Bella na Ilha de Aix,^[81] também os governantes da África do Sul determinaram que a Ilha de Robben deveria viver na memória do nosso povo. Ilha de Robben – no passado uma colônia de leprosos, na Segunda Guerra Mundial uma fortaleza naval guardando a entrada da baía da Cidade do Cabo – um pequeno afloramento de pedra calcária, gelado, varrido pelos ventos e banhado pela fria corrente de Benguela, cuja história conta os anos de cativeiro do nosso povo. Meu novo lar.

4. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO, SOBRE SER MANDADO DE VOLTA A PRETÓRIA

Nunca consegui saber por que, depois de apenas duas semanas na Ilha de Robben, fui transferido de volta a Pretória. Mas sei que o Departamento Prisional emitiu um comunicado à imprensa alegando que eu havia sido removido para minha própria segurança, porque os prisioneiros do CPA

[Congresso Pan-Africano] que estavam na ilha pretendiam me agredir. Esta foi uma mentira gritante, porque o único grupo de prisioneiros do CPA com quem tive contato na ilha eram meu sobrinho e seus amigos, com os quais eu estava nos melhores termos. E reuniões subsequentes com vários membros do CPA me convenceram de que as autoridades inventaram esta história – talvez para encobrir suas próprias razões, talvez como parte de uma intenção deliberada de fomentar animosidades entre membros do CPA e do CNA [Congresso Nacional Africano], dentro e fora da prisão. A transferência certamente não teve nenhuma ligação com o fato de eu ter sido logo depois acusado no Julgamento de Rivonia, pois a prisão que levou àquele caso teve lugar em 11 de julho de 1963, quase um mês depois de eu ter sido removido da ilha.

5. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE OS GUARDAS DA PRISÃO

KATHRADA: Então você está dizendo que “Os guardas eram, sem exceção, brancos e falavam africâner”. Isso não é correto.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Porque Southerby estava lá.

MANDELA: Aha.

KATHRADA: Mann estava lá, havia alguns que falavam inglês.

MANDELA: Sim, mas a maioria...

KATHRADA: A maioria eram africânderes. E apesar daquela coisa de chamá-los de “baas”. [\[82\]](#)

MANDELA: *[risos]* Você se lembra de Southerby?

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Tinha um barrigão, não?

KATHRADA: Sim, Southerby.

MANDELA: O que disse ele?

KATHRADA: Quando [Andrew] Mlangeni atingiu-o na barriga, ele disse... [\[83\]](#)

MANDELA: *[risos]*

KATHRADA: ... Capitão, onde você arrumou este barrigão?

MANDELA: Puxa vida!

KATHRADA: Você se lembra? Sim, Mlangeni.

MANDELA: Sim, acho que me lembro disso.

KATHRADA: *[risos]* Sim.

MANDELA: Mas ele me disse uma coisa, sabe? E ele era muito *bom* de respostas.

Não me lembro agora, mas ele achava que eu havia exagerado minha própria importância, sabe? Mas ele era muito vivo e muito *astuto*.

KATHRADA: Sim. Não, não existe algum registro.

MANDELA: Não consigo lembrar, não consigo.

KATHRADA: Também não consigo me lembrar. Ah, “Apesar de nos ordenarem para chamá-los de ‘baas’, nós nunca o fizemos”.

MANDELA: Sim.

6. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A NECESSIDADE DE ÓCULOS DE SOL NA ILHA DE ROBBEN

KATHRADA: *Depois*, quando você fala a respeito de óculos de sol lá na pedreira, mesmo quando eles nos deram [permissão] para seu uso, nós tivemos de *comprá-los*.^[84]

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Eles não os forneceram para nós.

MANDELA: Sim, sim. Bem, eles forneceram óculos *baratos*, que eram...

KATHRADA: Inúteis.

7. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O TRABALHO NA PEDREIRA

KATHRADA: Você falou que na hora do almoço na pedreira nós nos sentávamos no chão. Não é verdade. Havia tijolos e pedaços de madeira e nós improvisávamos bancos.

MANDELA: Sim, eu lembro.

KATHRADA: Para nos sentarmos neles.

MANDELA: É verdade, está certo.

KATHRADA: Então nós não sentávamos no chão.

MANDELA: Sim, sim.

KATHRADA: Então na página 49 [do rascunho de *Longo caminho para a liberdade*] é verdade que o problema que você tem nos olhos também tem algo a ver com o pó das pedras?

MANDELA: Ah. Não, foi isso que o especialista disse...

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Amoils é um ótimo especialista, que também cuidava dos olhos de Margaret Thatcher.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: E ele recebeu um prêmio da Universidade de Harvard. Ele me examinou com muito cuidado; disse que há em meus olhos lesões originárias da pedreira de calcário. Ele também trata de Steve [Tshwete].^[85] E disse que o problema dele é igual ao meu.

KATHRADA: É verdade?

MANDELA: Sim. Ele disse que é um problema causado por olhar para a areia brilhante e assim por diante.

KATHRADA: Oh... precisamos acrescentar isso.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: É uma coisa importante.

MANDELA: Sim, foi o que ele disse.

KATHRADA: Porque tentamos criar um caso com isso.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: E aqueles médicos simplesmente ignoraram o assunto.

MANDELA: Sim, completamente...

8. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE CRIMINOSOS COMUNS NA ILHA DE ROBBER

KATHRADA: Quando você fala dos criminosos levados à Ilha de Robben, eles também iam para lá para nos *ensinar* a trabalhar.

MANDELA: Nós também não deveríamos chamá-los de criminosos.

KATHRADA: Sim, eu sei.

MANDELA: Prisioneiros comuns...

KATHRADA: Os prisioneiros comuns também foram levados à pedreira para nos ensinar. Você se lembra daquele gordo?

MANDELA: *Oh*, sim!

KATHRADA: E daquele outro sujeito, o Tigha, que de vez em quando cortava nosso cabelo.

MANDELA: Oh, sim.

KATHRADA: Alguns deles eram levados para nos espionar.

MANDELA: [*risos*] Sem dúvida.

KATHRADA: E também para nos *ensinar* como trabalhar.

MANDELA: É verdade.

KATHRADA: Eles tentavam demonstrar como usar picareta e pá para trabalhar mais rápido.

9. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE O LADRÃO DE BANCOS

KATHRADA: Página 51 do rascunho [de *Longo caminho para a liberdade*]: “Havia entre nós, por exemplo, um ladrão de bancos cujo nome era Joe My Baby.”

MANDELA: Sei, seu sobrenome era Sihlabane... Não sei qual era seu nome de guerra. Mas acho que mesmo que ele fosse um ladrão de bancos, não devemos dizer isso.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Porque ele estava fazendo um trabalho responsável.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Ele era um de nossos melhores amigos.

KATHRADA: Sim, ele era muito bom.

MANDELA: *Muito* bom...

KATHRADA: Eram Poppies e ele, lembra?

MANDELA: Hein? Sim, está certo.

KATHRADA: Poppies e ele.

MANDELA: Sim, sim.

KATHRADA: Eles tinham decidido entre si que um deles ficaria encarregado dos prisioneiros políticos, contrabandeando coisas para nós, e Poppies cuidava dos prisioneiros comuns que cumpriam três refeições.^[86]

MANDELA: Sim, sei.

KATHRADA: E eles costumavam contrabandear comida.

MANDELA: Sim, sim.

KATHRADA: Para as pessoas que eram castigadas.

MANDELA: Sim, era isso.

KATHRADA: Mas os dois eram muito bons.

MANDELA: Homens muito bons.

KATHRADA: Na verdade, Poppies era o especialista em roubo de carros.

MANDELA: Acredito que sim.

KATHRADA: E, é claro, ele costumava vender produtos clandestinos para os indianos.

[*ambos riem*]

Ele me contava quem eram os indianos e eu os conhecia todos.

MANDELA: É?

KATHRADA: Poppies costumava lhes fornecer drogas.

MANDELA: Ei, aquele era um sujeito excelente. É uma pena que tenha morrido.

KATHRADA: Ele *morreu*?

MANDELA: Sim, atiraram nele.

KATHRADA: No Poppies?

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Oh.

MANDELA: Sim, logo depois que saiu da prisão atiraram nele.

KATHRADA: Puxa.

MANDELA: Em Meadowlands.

KATHRADA: Ele era um cara muito inteligente.

MANDELA: Muito inteligente.

KATHRADA: E muito articulado.

MANDELA: Humm.

10. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE CANTAR NA PRISÃO

STENGEL: Cantar era proibido?

MANDELA: Sim, sim, inicialmente era, em qualquer parte da prisão, especialmente quando estávamos trabalhando... Eles nos levavam à pedreira para cavar calcário. É uma tarefa difícil, porque usávamos uma picareta. O calcário está em camadas de rocha. Você acha uma camada de rocha e, para extrair o calcário, precisa *quebrar* aquela camada... Eles nos *mandavam* para lá porque queriam nos mostrar que ficar na cadeia não é fácil. Não é um *piquenique* e você nunca deve voltar para a cadeia. Eles queriam *quebrar* nosso moral. Assim, o que fazíamos era cantar canções de liberdade enquanto estávamos trabalhando e todos ficavam inspirados e passavam pelo trabalho com moral alto e, é claro, dançando conforme a música enquanto estávamos trabalhando, sabe? Então as autoridades compreenderam que... aqueles sujeitos eram muito militantes. Eles tinham moral alto e as autoridades disseram: “Nada de cantar enquanto estão trabalhando.” Assim vocês *realmente* irão sentir a *dureza* do trabalho... E, é claro, incluíram no código disciplinar um regulamento que proibia cantar e forçavam seu cumprimento. Nós os escutávamos... e quando voltávamos para nossas celas, especialmente na véspera do Natal e do Ano-Novo, organizávamos concertos de canto e cantávamos. Assim eles finalmente se acostumaram com aquilo.

11. DE CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O ASSASSINATO DO PRIMEIRO-MINISTRO H.F. VERWOERD^[87] EM 6 DE SETEMBRO DE 1966

Bem, a morte – o assassinato – de qualquer indivíduo nunca é agradável. Eu preferiria que a comunidade manifestasse sua desaprovação das políticas dele sem usar métodos como o assassinato, porque isso pode deixar cicatrizes que teremos dificuldades para remover para as futuras gerações. Hoje, neste país, quando você ouve africânderes e pessoas que falam inglês, pensa que a Guerra dos Bôeres, que ocorreu de 1899 a 1902... pensa que ela ainda está sendo travada, devido às cicatrizes do passado. Até mesmo o atual gabinete do governo é composto totalmente de africânderes. Há dois ou três ingleses, mas o gabinete inteiro é de africânderes e isso ocorre porque eles foram incapazes de... usar métodos pacíficos para resolver seus problemas... Embora Verwoerd tenha sido um dos primeiros-ministros mais *insensíveis* que este país já teve... que considerava os africanos animais, em muitos casos piores que os animais. Apesar disso, ninguém ficou feliz com seu assassinato. E menos ainda com a maneira pela qual as autoridades policiais retaliaram, como se nós fôssemos responsáveis por ele. Elas trouxeram o guarda Van Rensburg de outra prisão... e ele foi brutal. Ele era um sujeito muito desleixado em seus hábitos. Só para ilustrar, quando estávamos trabalhando na pedreira, ele se mantinha em determinado ponto. E quando queria urinar, ele o fazia exatamente onde estava, em vez de se afastar para ter alguma privacidade. Na verdade, apresentamos uma reclamação *muito* forte porque um dia ele estava em pé perto da mesa onde almoçávamos e, quando sentiu vontade, urinou onde estava e, embora não o tenha feito sobre a mesa, urinou ao lado do pé da mesa... apresentamos um forte protesto... Ele não era um homem de hábitos higiênicos e também era muito insensível. O que aconteceu foi que eles, pela manhã, antes de irmos para o trabalho, decidiam quem seria punido naquele dia. E uma vez tomada a decisão, não importava o quanto você se esforçasse naquela manhã; no fim do dia, você seria punido.

12. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE ACUSAÇÕES FORJADAS NA ILHA DE ROBBEN^[88]

STENGEL: Vocês não tinham advogados?

MANDELA: Sim... Precisávamos de advogados devido a todas aquelas acusações... Mas éramos condenados da mesma maneira... Isolamento e privação de determinados alimentos... Arroz e água, e nada mais. Às vezes, quando a sentença era longa, tínhamos de jejuar. Não tenho certeza agora se jejuava dois dias e tinha uma folga para comer e no dia seguinte continuava a jejuar, e então, no quinto dia, eles me davam comida novamente.

STENGEL: Como você lidava com a fome?

MANDELA: Era relativamente fácil. Você a *sentia* no primeiro dia, mas no segundo... se acostumava com ela. No terceiro dia, não sentia nada, exceto que não estava forte como antes. Dá para se acostumar. O corpo humano possui uma enorme capacidade de adaptação, em especial se você puder coordenar o seu pensamento, toda a sua abordagem espiritual com o corpo físico. E se você se convencer de que está fazendo a coisa certa, que está demonstrando às autoridades que pode defender seus direitos e resistir, você não sentirá fome.

13. DE UMA CARTA AO MINISTRO DA JUSTIÇA, DATADA DE 22 DE ABRIL DE 1969

Meus companheiros solicitaram que eu lhe escrevesse e pedisse que nos liberte da prisão, e, dependendo da sua decisão a este respeito, nos desse o tratamento devido como prisioneiros políticos. Queremos deixar claro que, ao fazer este pedido, não estamos implorando por misericórdia, mas sim exercendo os direitos inerentes de todas as pessoas encarceradas por suas crenças políticas... Antes de nossa condenação e prisão, éramos membros de organizações políticas bem conhecidas, as quais combatiam perseguições políticas e raciais e exigiam plenos direitos políticos para o povo africano, os negros e indígenas deste país. Rejeitamos completamente todas as formas de dominação branca e, mais particularmente, a política de desenvolvimento separado, e exigimos uma África do Sul democrática, livre dos males da opressão da cor e onde todos os sul-africanos, independentemente de raça ou crença, vivam juntos em paz e harmonia com base na igualdade.

Todos nós, sem exceção, fomos condenados e sentenciados por atividades políticas que exercemos como parte de nossa luta para conquistar, para nosso povo, o direito à autodeterminação, reconhecido em todo o mundo civilizado como direito inalienável de todos os seres humanos. Essas atividades foram inspiradas pelo desejo de resistir às políticas raciais e leis injustas que violam o princípio dos direitos humanos e liberdades fundamentais que formam a base do governo democrático.

No passado, os governos da África do Sul tratavam as pessoas consideradas culpadas de delitos desta natureza como criminosos políticos, que em alguns casos eram libertados da prisão muito antes do término de suas sentenças. A este respeito queremos lembrar os casos dos generais Christiaan De Wet, J.C.G. Kemp e outros, que foram acusados de alta traição pela Rebelião de 1914. O caso deles era, em todos os aspectos, mais grave do que o nosso. Doze mil rebeldes pegaram em armas e houve nada menos de 322 baixas. Cidades foram ocupadas e foram causados danos consideráveis a instalações do governo, enquanto as indenizações por danos à propriedade privada chegaram à quantia

de R500.000. Esses atos de violência foram cometidos por homens brancos que gozavam de plenos direitos políticos, pertenciam a partidos políticos legais e contavam com jornais que podiam divulgar seus pontos de vista. Eles podiam se deslocar livremente pelo país, expondo sua causa e obtendo apoio para suas ideias. Eles não tinham nenhuma justificação para recorrer à violência. De Wet, o líder dos rebeldes do Estado Livre de Orange, foi condenado a seis anos de prisão mais uma multa de R4.000. Kemp recebeu uma pena de sete anos e uma multa de R2.000. Os outros receberam sentenças comparativamente leves.

Apesar da gravidade dos seus crimes, De Wet foi libertado depois de seis meses de confinamento e os outros em menos de um ano. Este fato ocorreu há pouco mais de meio século; contudo, o governo da época mostrou muito menos intransigência no tratamento desta categoria de prisioneiro que o governo atual, 54 anos depois, com relação a políticos negros que têm ainda mais justificativas para recorrer à violência que os rebeldes de 1914. Este governo tem, de forma persistente, menosprezado nossas aspirações, reprimido nossas organizações políticas e imposto severas restrições a ativistas conhecidos e trabalhadores do campo.

Ele causou sofrimento e perturbações na vida familiar, jogando na prisão centenas de pessoas sob outros aspectos inocentes. Por fim, o governo instituiu um reino de terror sem precedentes na história do país e fechou todos os canais de luta constitucional. Nessa situação, recorrer à violência era a alternativa inevitável dos defensores da liberdade que tinham a coragem de suas convicções. Nenhum homem de princípios e integridade poderia ter agido de forma diferente. Cruzar os braços teria sido um ato de rendição a um governo imposto por uma minoria e uma traição à nossa causa. A história do mundo em geral e a da África do Sul em particular ensinam que, em certos casos, recorrer à violência pode ser perfeitamente legítimo.

Ao libertar os rebeldes logo depois das suas condenações, o governo de Botha Smuts reconheceu este fato vital. Acreditamos firmemente que nosso caso não é diferente e, assim sendo, pedimos-lhe que nos ofereça este privilégio. Como indicamos anteriormente, houve 322 baixas na Rebelião de 1914. Em contraposição, chamamos atenção para o fato de que nós, ao cometermos atos de sabotagem, tomamos precauções para evitar a perda de vidas, fato este que foi expressamente reconhecido pelo juiz no julgamento e pela acusação no caso Rivonia.

Um exame da tabela anexa mostra que, se usarmos o caso de De Wet como padrão, então cada um de nós a esta altura deveria ter sido libertado. Dos 23 nomes aqui relacionados, oito cumprem prisão perpétua, dez têm sentenças entre dez e vinte anos e cinco entre dois e dez anos... A única maneira de evitar um

desastre é não manter homens inocentes na prisão, mas sim deixar de lado seus atos provocativos e seguir políticas sadias e esclarecidas. A ocorrência ou não de conflito e derramamento de sangue neste país depende inteiramente do governo. A repressão contínua de nossas aspirações e o respeito à lei através de coerção empurram cada vez mais nosso povo para a violência. Nem você nem eu podemos prever o que o país terá de pagar no final desse conflito. A solução óbvia é nos libertar e realizar uma mesa-redonda para se chegar a uma solução amigável.

Nossa principal solicitação é que o senhor nos liberte e, dependendo da sua decisão, nos trate como prisioneiros políticos. Isto significa que devemos receber uma boa dieta, roupas, camas e colchões adequados, jornais, rádios, ter acesso a filmes e um contato melhor e mais próximo com nossas famílias e amigos aqui e no exterior. O tratamento como prisioneiro político significa a liberdade para a obtenção de materiais de leitura não proibidos e para escrever livros para publicação; esperamos que nos seja dada a opção de trabalhar como quisermos e de decidir o ofício que gostaríamos de aprender... Nesta situação, o governo vê a prisão não como uma instituição de reabilitação, mas como um instrumento de retaliação, não para nos preparar para levar uma vida respeitável e produtiva e desempenhar nosso papel como membros dignos da sociedade, mas para nos punir e debilitar, para que nunca mais tenhamos a força e a coragem para perseguir nossos ideais. Esta é nossa punição por termos erguido nossas vozes contra a tirania da cor. Esta é a verdadeira explicação para os maus-tratos que recebemos na prisão – trabalhar continuamente com pás e picaretas nos últimos cinco anos, uma dieta miserável, a negação de materiais culturais essenciais e o isolamento do mundo fora da prisão. Esta é a razão pela qual privilégios normalmente concedidos a outros prisioneiros, inclusive aqueles condenados por homicídio, estupro e crimes envolvendo desonestidade, são negados aos prisioneiros políticos... Concluindo, registramos que os anos passados nesta ilha têm sido difíceis. Quase todos nós tivemos, de uma maneira ou de outra, nossa dose das dificuldades enfrentadas pelos prisioneiros não brancos. Em alguns casos, essas dificuldades resultaram da indiferença oficial para com nossos problemas, em outros se deveram à perseguição pura e simples. Mas de alguma forma as coisas têm melhorado e esperamos que dias ainda melhores virão. Só queremos acrescentar é que confiamos que, quando o senhor analisar esta solicitação, terá em mente que as ideias que nos inspiram, e as convicções que dão forma e direção às nossas atividades, constituem a única solução para os problemas do nosso país e estão de acordo com as concepções esclarecidas da família humana.

14. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SER POSTO EM ISOLAMENTO^[89]

Estar *sozinho* na prisão é uma dificuldade. Nunca passe por isso. O que eles fizeram foi *isolar-me* sem me punir de fato com a privação das refeições. Mas eles se certificaram de que eu não visse um único *rosto* de prisioneiro. Eu via um guarda o tempo todo; até minha comida era trazida por um guarda. [*risos*] E eles me deixavam ficar no pátio por trinta minutos de manhã e trinta minutos à tarde, quando os outros prisioneiros estavam trancados.

15. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O SISTEMA DE BALDES NA PRISÃO

MANDELA: Sim, eu tinha um balde para minha cela... Não tínhamos um vaso sanitário em cada cela. Nas celas grandes havia sanitários, mas nas individuais não. Eu tinha um balde, para ser usado a noite inteira.

STENGEL: Não me lembro de quem foi, mas era um novato na ilha e muito chato, que disse que uma vez você ajudou-o a limpar o balde dele porque ele não queria fazê-lo...

MANDELA: Bem... *havia* um sujeito, um dos nossos amigos, um membro treinado do Umkhonto we Sizwe [braço armado do Congresso Nacional Africano]; ele tinha que ir para a Cidade do Cabo e eles costumavam sair muito cedo, por volta das cinco da manhã, antes que abrissem as celas para que esvaziássemos nossos sanitários (baldes). Assim, ele pediu que o prisioneiro da cela em frente da sua limpasse seu balde e foi para a cidade. Minha cela ficava ao lado da dele. Então eu lembrei ao sujeito em frente de que o outro havia pedido que ele limpasse seu balde. Mas ele disse: “Não, não estou preparado. Não vou limpar o balde de outro homem.” Assim, eu limpei o balde, porque isso nada significava para mim; eu limpava meu balde todos os dias [*risos*] e não tinha problemas para limpar o balde de outra pessoa. Foi o que aconteceu. E foi só para ajudar um amigo que havia sido deixado na mão por um amigo dele.

16. DE UMA CARTA A FRIEDA MATTHEWS, DATADA DE 25 DE FEVEREIRO DE 1987^[90]

Uma visita tem, para um prisioneiro, uma importância difícil de colocar em palavras. A rotina é a lei suprema de uma prisão em quase todos os países do mundo e cada dia é, para todos os fins práticos, igual ao dia anterior: a mesma vizinhança, os mesmos rostos, o mesmo diálogo, o mesmo cheiro, paredes que vão até o céu e o sempre presente sentimento de que fora dos portões da prisão existe um mundo maravilhoso, ao qual você não tem acesso. Uma visita dos entes queridos, de amigos e até mesmo de estranhos sempre é uma ocasião inesquecível, quando é quebrada aquela frustrante monotonia e o mundo inteiro

é literalmente trazido para sua cela.

17. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE VISITAS NA PRISÃO

STENGEL: Quanto tempo duravam as visitas?

MANDELA: No início, trinta minutos. Assim, tínhamos que esperar seis meses para falar somente por trinta minutos. Depois ampliaram para uma hora, mas para eles os primeiros trinta minutos eram um direito e os outros trinta, um privilégio. Eles podiam recusá-lo se quisessem. Por exemplo, quando eu estava tendo uma hora, eles costumavam dizer antes quem viria me visitar. Mas um dia disseram apenas: “Você tem uma visita.” Eu perguntei: “Quem é?” Eles responderam: “Não sabemos.” Então eu disse: “Bem, perguntem ao comandante, quero vê-lo.” E o comandante veio e eu disse: “Tenho uma visita. Perguntei aos guardas quem é o visitante, mas eles disseram que não sabem.” Ele respondeu: “Irei investigar para saber quem é seu visitante.” Mas ele não voltou e fui levado à sala de visitas sem saber quem era. *De repente*, chegou a professora Fatima Meer. Então eles não queriam me contar porque Fatima Meer era uma figura *marcada* e estava na lista negra deles. Eles não queriam me contar, mas foram *forçados* a permitir que ela me visse. E eu pensei que a visita seria de uma hora. Mas depois de trinta minutos eles disseram: “Visita terminada!” Eu disse: “Mas vocês devem me dar uma hora.” E o guarda disse: “Não, você tem direito a trinta minutos. Os outros trinta são discricionários; nós decidimos. A visita terminou.” E eles eram muito rudes. E assim era a posição no início, mas... mais de uma hora, disseram eles, não podia ser excedida. Somente quando fui para a Penitenciária Victor Verster é que passei a ser mantido sob condições que estavam entre as de um prisioneiro e as de um homem livre.^[91] Fui colocado numa pequena cabana, na qual eu ficava sozinho. Eu não era trancado e podia ficar fora até meia-noite. E havia um guarda que preparava minha comida; mas voltaremos a isso mais tarde.

18. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Um homem que ascende à posição de primeiro-ministro em qualquer país deve ser um homem capaz, de personalidade forte e sincero em sua vida pública. (d) Mesmo levando em conta todas as manobras e manipulações ocultas, os fundos suficientes para fazer campanhas e garantir o apoio de pessoas influentes e de agências de propaganda, acredito que o primeiro-ministro B.J. Vorster merece as mais altas honras se considerarmos os políticos brancos conservadores.^[92] (e) Suas atividades desleais durante a Segunda Guerra Mundial e sua internação

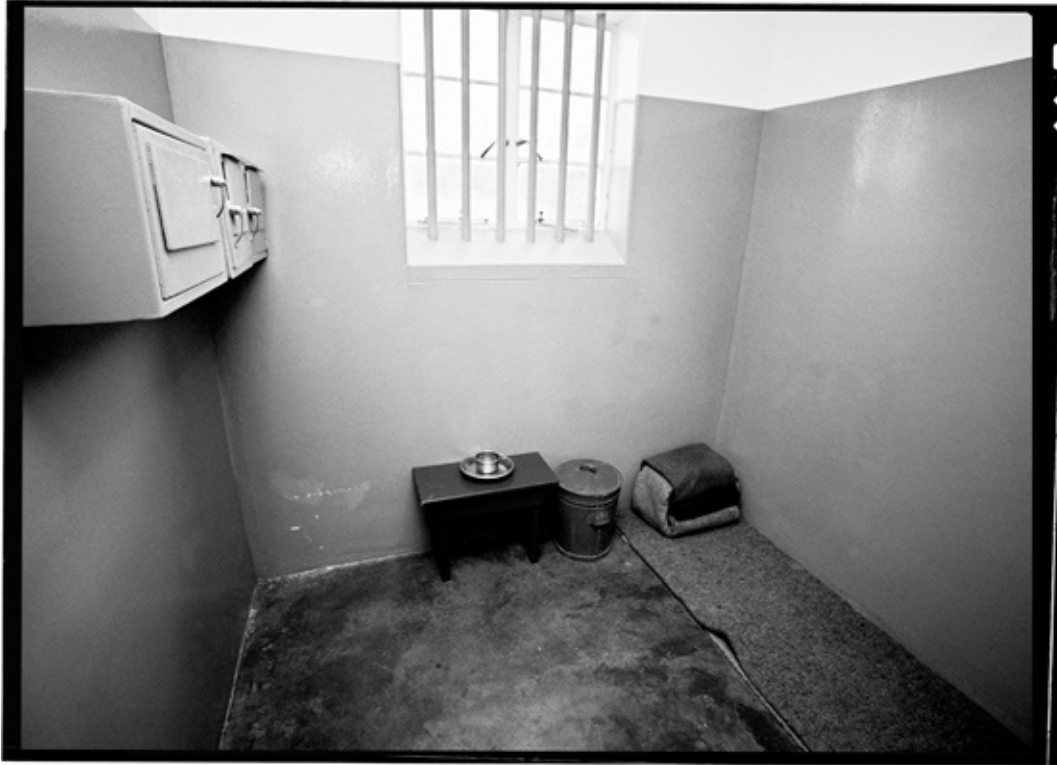
Finalmente uma foto da família – “que obra-prima”! Kgatho e as irmãs estão muito bem e tive muita alegria em ver sua foto.^[93] Sua foto quase criou um motim aqui dentro. “Ayingo Nobandla lo!” “Esta é a irmã mais nova dela!” “Madiba está na cadeia há muito,^[94] ele não conhece sua cunhada”, são algumas das observações que me vieram de todas as direções.

A foto despertou em mim sentimentos contraditórios. Você parece um tanto triste, distante e doente, mas mesmo assim adorável. A foto grande é um magnífico estudo que descreve tudo que conheço em você, a beleza devastadora e o charme que dez anos de tempestuosa vida de casados não congelaram. Suspeito que você pretendia que a foto transmitisse uma mensagem especial, que palavra nenhuma poderia expressar. Saiba que eu a captei. Tudo que quero dizer agora é que a foto despertou em mim todos os sentimentos de ternura e suavizou a crueldade que me cerca. Ela aumentou minhas saudades de você e seu doce e pacífico lar.

Nos últimos dias meus pensamentos têm vagueado por muitos lugares; pela Hans Street, onde uma amiga entrou em uma van azul, livrando-se de todos os votos solenes que uma noiva assume com seu noivo, e correu imediatamente para um Oldsmobile na outra esquina para assumir votos igualmente doces e tranquilizadores; a habilidade com que ela manipulava seus “estudos” noturnos na Chancellor House e conseguiu receber e entreter velhos amigos tão logo os novos amigos foram para uma academia de boxe. Tudo isso volta repetidamente, enquanto examino a foto.

CAPÍTULO 8

Arras

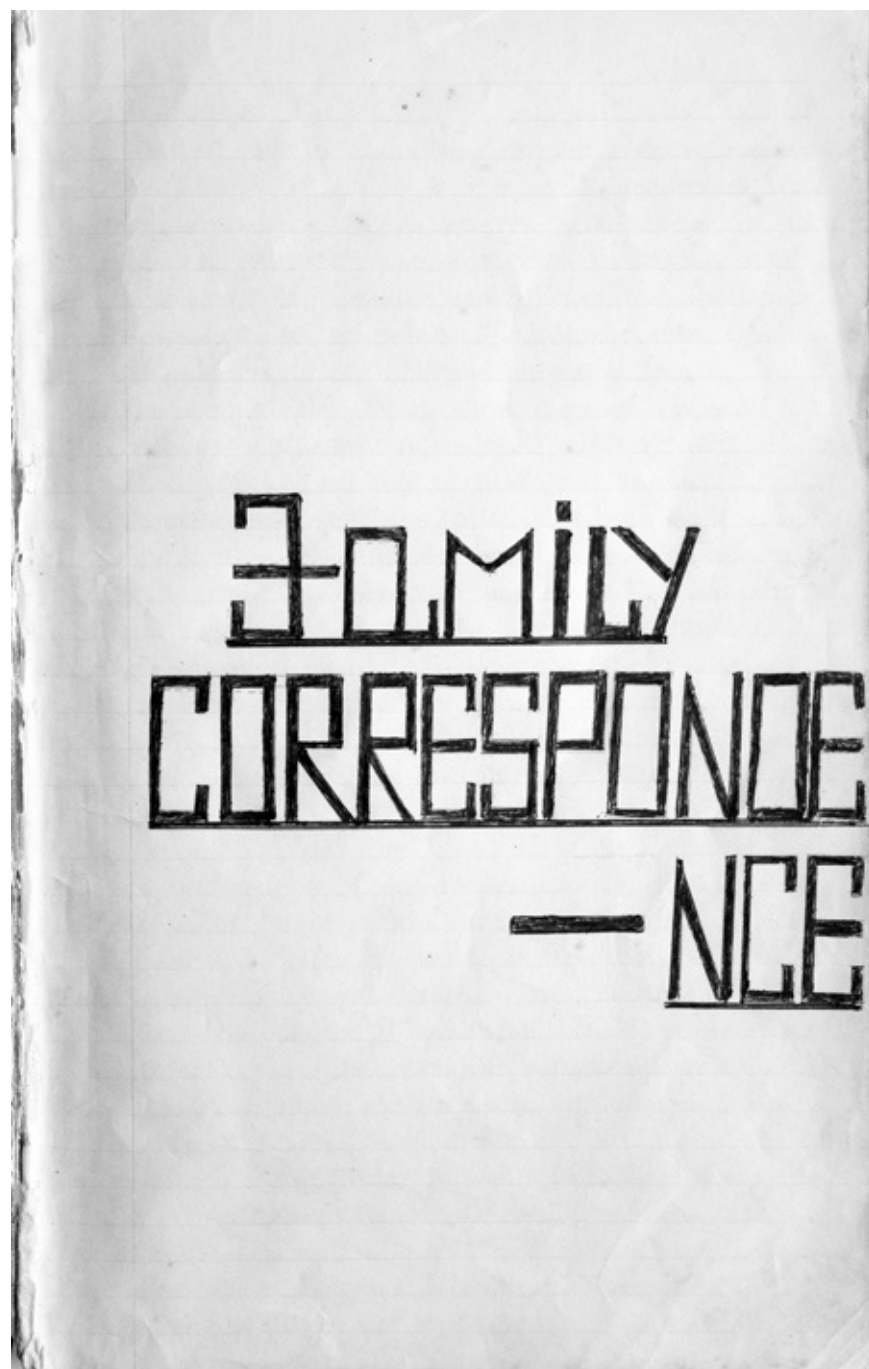


“Vi minha mãe pela última vez em 9 de setembro do ano passado. Depois da visita consegui olhar para ela enquanto caminhava para o barco que iria conduzi-la até o continente e passou pela minha cabeça a ideia de que nunca mais iria vê-la.”

Excerto de uma carta para K.D. Matanzima, datada de 14 de outubro de 1968; ver texto a seguir.

1. DE UMA CARTA A K.D. MATANZIMA, DATADA DE 14 DE OUTUBRO DE 1968, SOBRE A MORTE DA MÃE DE MANDELA^[95]

Vi minha mãe pela última vez em 9 de setembro do ano passado. Depois da visita consegui olhar para ela enquanto caminhava para o barco que iria conduzi-la até o continente e passou pela minha cabeça a ideia de que nunca mais iria vê-la. Suas visitas sempre haviam me estimulado e a notícia da sua morte feriu fundo. De repente sentime solitário e vazio. Mas meus amigos daqui, cuja solidariedade e afeição sempre foram uma fonte de força para mim, ajudaram a aliviar minha dor e elevar meu ânimo. O relato sobre o funeral reforçou minha coragem. Foi para mim um prazer saber que meus parentes e amigos haviam comparecido em grande número para honrar a ocasião com sua presença e fiquei feliz em saber que você esteve entre aqueles que lhe prestaram seus últimos respeitos.



A primeira página de um dos diários de Mandela na prisão.

2. DE UMA CARTA A P.K. MADIKIZELA, DATADA DE 4 DE MAIO DE 1969^[96]

Nunca pensei que iria enterrar minha mãe. Ao contrário, tinha a esperança de que teria o privilégio de cuidar dela na velhice e estar ao seu lado quando chegasse a hora fatal. Zami e eu tínhamos tentado muito persuadi-la a vir morar conosco em Johannesburgo, destacando que ela estaria mais perto do Hospital

Baragwanath, que iria lhe assegurar cuidados médicos regulares e apropriados, e que se ela se mudasse para o Reef, Zami poderia lhe dar toda atenção. Voltei a discutir o assunto com minha mãe quando ela me visitou em 6/3/66 e de novo em 9/9/67. Mas ela passou toda a sua vida no campo e tornou-se ligada às suas planícies e colinas, às pessoas boas e às maneiras simples. Embora tivesse passado alguns anos em Johannesburgo, ela achava muito difícil deixar o lar e os túmulos da família. Apesar de respeitar suas opiniões e sentimentos, eu ainda esperava ter sucesso em persuadi-la a ir para Johannesburgo.

23. 6. 69

My darlings,

Once again our beloved Mummy has been arrested and now she and Daddy are away in jail. My heart bleeds as I think of her sitting in some ^{cell} far away from home, perhaps alone and without anybody to talk to, and with nothing to read. Twenty-four hours of the day longing for her little ones. It may be many months or even years before you see her again. For long you may live like orphans, without your own home and parents, without the natural love, affection and protection Mummy used to give you. Now you will get no birthday or Christmas parties, no presents or new dresses, no shoes or toys. Gone are the days when, after having a warm bath in the evening, you would sit at table with Mummy and enjoy her good and simple food. Gone are the comfortable beds, the warm blankets and clean linen she used to provide. She will not be there to arrange for friends to take you to museums, concerts and plays, or to tell you nice stories in the evening, help you read difficult books and to answer the many questions you would like to ask. She will be unable to give you the help and guidance you need as you grow older and as new problems arise. Perhaps now again I will Mummy and Daddy join you in House No. 6, St. Andrew's West, the one place in the whole world that is so dear to our hearts.

This is not the first time Mummy goes to jail. In October 1958, only four months after our wedding, she was arrested with 2000 other women when they protested against passes in Johannesburg and spent two weeks in jail. Last year she served few days, but now she has gone back again and I cannot tell you how long she will be away this time. All that I ^{always} want you to bear in mind is that we have a brave and determined Mummy who loves her people with all her heart. She gave up pleasure and comfort in return for a life of hardship and misery because of the deep love she has for her people and country. When you become adults and think carefully of the unpleasant experience Mummy has gone through, and the stubbornness with which she has held to her beliefs, you will begin to realize the importance of his contribution in the battle for truth and justice and the extent to which she has sacrificed for our ^{present} interests and happiness.

Mummy comes from a rich and respected family. She is a qualified Social

De uma carta às suas filhas Zeni e Zindzi Mandela, datada de 23 de junho de 1969; ver texto a seguir.

3. DE UMA CARTA A SUAS FILHAS ZENI E ZINDZI MANDELA, ENTÃO COM NOVE E DEZ ANOS DE IDADE, DATADA DE 23 DE JUNHO DE 1969

Mais uma vez sua querida mamãe foi presa e agora ela e papai estão na cadeia.

Meu coração sangra quando penso nela sentada numa cela policial longe de casa, talvez sozinha e sem ter alguém com quem conversar e sem nada para ler.^[97] Vinte e quatro horas por dia sentindo a falta das suas filhinhas. Meses e até mesmo anos poderão se passar até que vocês a vejam de novo. Vocês poderão viver muitos anos como órfãs, sem lar e sem pais, sem o amor, o afeto e a proteção que sua mãe costumava lhes dar. Agora vocês não terão festas de aniversário ou de Natal, nem presentes, vestidos novos, sapatos ou brinquedos. Foram-se os dias em que, depois de um banho quente à noite, vocês se sentavam com mamãe e apreciavam sua comida boa e simples. Foram-se as camas confortáveis, os cobertores quentes e lençóis limpos que ela costumava usar. Ela não estará em casa para fazer com que os amigos as levem a cinemas, concertos e teatros, ou lhes contar belas histórias à noite, ajudá-las a ler livros difíceis e responder às muitas perguntas que vocês gostariam de fazer. Ela não poderá lhes dar a ajuda e orientação de que vocês necessitam à medida que crescem e surgem novos problemas. Pode ser que nunca mais mamãe e papai se juntem a vocês na casa nº 8.115 de Orlando Oeste, o único lugar do mundo inteiro que é tão caro aos nossos corações.

Não é a primeira vez que sua mãe é presa. Em outubro de 1958, apenas quatro meses depois do nosso casamento, ela foi presa com outras 2 mil mulheres quando elas protestavam contra salvo-condutos em Johannesburgo e passou duas semanas na cadeia. No ano passado ela ficou presa quatro dias, mas agora ela foi presa novamente e não sei dizer quanto tempo ficará desta vez. Quero que vocês sempre se lembrem de que têm uma mãe corajosa e determinada, que ama sua família com todo o coração. Ela abriu mão do prazer e do conforto em troca de uma vida de dificuldades e miséria devido ao profundo amor que tem por seu povo e seu país. Quando forem adultas e pensarem com atenção nas experiências desagradáveis pelas quais sua mãe passou e na determinação com que ela se agarrou às suas crenças, vocês começarão a compreender a importância da contribuição dela na luta por verdade e justiça e até que ponto ela sacrificou seus interesses e sua felicidade pessoal... Desde então sua mãe viveu uma vida dolorosa e precisou cuidar da família sem uma renda fixa. Contudo, de alguma forma ela conseguiu comprar comida e roupas para vocês, pagar a escola, o aluguel da casa e me enviar dinheiro regularmente. Eu saí de casa em abril de 1961, quando Zeni tinha 2 anos e Zindzi, 3 meses. No início de janeiro de 1962, viajei pela África e visitei Londres por dez dias, retornando à África do Sul no final de julho do mesmo ano. Fiquei terrivelmente abalado quando vi sua mãe. Eu a havia deixado com boa saúde. Mas ela havia perdido peso e parecia uma sombra do que fora. Percebi imediatamente a tensão que minha ausência havia lhe causado. Eu esperava ansiosamente poder contar a ela sobre minha jornada,

dos países que visitei e das pessoas que conheci, mas minha prisão em 5 de agosto pôs um fim a esse sonho. Quando sua mãe foi presa em 1958 eu a visitava diariamente e lhe levava comida e frutas... Ela me contou [durante uma visita que me fez na prisão em 1962] que, embora fosse provável que fosse presa e mandada para a cadeia, como deve esperar todo político que luta pela liberdade, ela mesmo assim iria permanecer no país e sofrer com seu povo. Agora vocês compreendem como sua mãe é corajosa?

4. DE UMA “CARTA ESPECIAL” A WINNIE MANDELA, DATADA DE 16 DE JULHO DE 1969, SOBRE A MORTE DE THEMBI, FILHO DELE^[98]

Esta tarde o comandante recebeu o seguinte telegrama de Mendel Levin, meu advogado:

“Por favor, avise Nelson Mandela que Thembekile, o filho dele, morreu instantaneamente no dia 13, em consequência de um acidente automobilístico na Cidade do Cabo.”

Tenho dificuldade para acreditar que nunca mais verei Thembi. Em 23 de fevereiro último, ele completou 24 anos. Eu o vi no final de julho de 1962, alguns dias depois de voltar da minha viagem ao exterior. Na época, ele era um vigoroso rapaz de 17 anos que eu nunca poderia associar à morte. Ele vestia uma das minhas calças, um pouco grande demais. O incidente foi significativo e me fez pensar. Como vocês sabem, ele tinha muitas roupas, era exigente a respeito de se vestir e não tinha razão nenhuma para usar minhas roupas. Fiquei profundamente emocionado, porque os fatores emocionais subjacentes ao ato dele eram demasiado óbvios. Nos dias subsequentes, minha mente e meus sentimentos estavam agitados pela percepção das tensões que minha ausência de casa havia imposto aos meus filhos. Recordei um incidente ocorrido em dezembro de 1956, quando eu era um preso aguardando julgamento no Forte de Johannesburgo. Na época, Kgatho tinha 6 anos e vivia em Orlando Leste. Embora soubesse que eu estava preso, ele foi até Orlando Oeste e disse à minha mãe que sentia minha falta. Naquela noite ele dormiu na minha cama.

Mas voltemos ao meu encontro com Thembi. Ele viera se despedir a caminho do internato. Ao chegar, ele me cumprimentou com calor, segurando minha mão com firmeza por algum tempo. A seguir, nós nos sentamos e conversamos. Em certo momento a conversa girou em torno dos seus estudos e ele me deu aquela que considereei, em virtude da idade dele na época, uma avaliação interessante da peça *Júlio César*, de Shakespeare, da qual eu gostava muito.

Nós nos correspondíamos regularmente desde que ele tinha ido para a escola em Matatiele, mudando depois para Wodehouse.

Em dezembro de 1960, viajei de carro para vê-lo. Durante todo este período eu o via como uma criança e o tratava como tal. Mas nossa conversa em julho de 1962 me fez lembrar que eu não estava mais falando com uma criança, mas com alguém que estava começando a ter uma atitude definida na vida. De repente, ele havia crescido e passado de filho para um amigo. Fiquei um pouco triste quando nos despedimos. Eu não podia acompanhá-lo até um ponto de ônibus, nem vê-lo na estação, porque um fora da lei, o que eu era na ocasião, precisa estar preparado para abrir mão até mesmo de deveres paternos importantes. Foi assim que meu filho – não!, meu amigo – partiu sozinho para se arranjar por si mesmo em um mundo em que eu só podia encontrá-lo secretamente e com pouca frequência. Eu sabia que você havia comprado roupas para ele e lhe dado algum dinheiro, mas mesmo assim esvaziei meus bolsos e lhe dei todo o dinheiro que um pobre fugitivo podia dar.

Durante o julgamento em Rivonia, ele sentou-se um dia atrás de mim. Olhei para trás várias vezes, acenando para ele com um largo sorriso. Na época, todos acreditavam que nós certamente receberíamos a pena máxima, e isto estava claramente visível no rosto dele. Embora ele tivesse acenado para mim todas as vezes em que acenei, ele não devolveu meu sorriso nenhuma vez. Eu não esperava vê-lo novamente. Isso foi há cinco anos... Nunca senti sua falta como sinto neste momento. É bom lembrar isso neste dia de amarga infelicidade e revezes. P.J. Schoeman, o escritor, conta a história de um comandante em chefe africano que conduziu seu exército de magníficos guerreiros negros a uma caçada. Durante a caçada, o filho do comandante foi morto por uma leoa e ele próprio foi ferido gravemente pela fera. O ferimento foi esterilizado com uma ponta de lança em brasa e o dignitário ferido contorcia-se de dor durante o tratamento. Mais tarde, Schoeman perguntou como ele se sentia, e o dignitário respondeu que o ferimento invisível era mais doloroso que o visível. Hoje, eu entendo o que ele queria dizer.

16. 7. 69

special letter to zami

My darling,

This afternoon the Commanding Officer received the following telegram from Attorney, Mendel Levin:

"These advise Nelson Mandela his Thembu ka passed away 15th instant result motor accident in Cape Town"

I find it difficult to believe that I will never see Thembu again. On February 23 this year he turned 24. I had ~~last~~ seen him towards the end of July 1962 a few days after I had returned from the trip abroad. Then he was a lusty lad of 17 that I could never associate with death. He wore one of my boots which was a shade too big & long for him. The incident was significant & set me thinking. As you know he had a lot of clothing, was particular about his dress that no reason whatsoever for using my clothes. I was deeply touched for the emotional factors underlying his action were too obvious. For days thereafter my mind & feelings were agitated to realise the psychological strains & stresses my absence from home had imposed on the children. I recalled an incident in December 1956 when I was an awaiting-trial prisoner at the Johannesburg Fort. At that time Kgatho was 6 & lived in Orlando East. Although he well knew that I was in jail he went over to Orlando West & told me that he longed for me that night he slept in my bed. But let me return to my meeting with Thembu. He had come to bid me farewell on his way to a boarding school. On his arrival he greeted me very warmly, holding my hand firmly & for some time thereafter we sat down & conversed. Somehow the conversation drifted to his studies, & he gave me what I considered, in the light of his age, ^{at the time} to be an interesting appreciation of Shakespeare's Julius Caesar which I very much enjoyed. We had been corresponding regularly ever since he went to school at Maitshile & when he later changed to Mosehauwe. In December 1960 I travelled some distance ^{by car} to meet him. Throughout this period I regarded him as a child & I approached him mainly from this angle. But our conversation in July 1962 reminded me I was no longer speaking to a child but to one who was beginning to have a settled attitude in life. He had suddenly raised himself from a son to friend. I was indeed a bit sad when we ultimately parted. I

De uma carta a Winnie Mandela, datada de 16 de julho de 1969, a respeito da morte do filho Thembi; ver texto abaixo.

5. DE UMA CARTA A EVELYN MANDELA, DATADA DE 16 DE JULHO DE 1969, SOBRE A MORTE DE THEMBI

Esta tarde, o comandante me informou de um telegrama recebido de Mendel

Levin, o advogado de Johannesburg, no qual ele relatava a morte de Thembi em um acidente de carro na Cidade do Cabo em 13 de julho.

Escrevo para solidarizar-me com você, Kgatho e Maki.^[99] Sei mais que qualquer pessoa viva o quanto este golpe cruel deve ter sido devastador para você, pois Thembi era seu primeiro filho e o segundo que você perdeu. Também estou plenamente consciente do amor apaixonado que tinha por ele e dos esforços que fez para prepará-lo para desempenhar sua parte numa complexa sociedade industrial moderna. Também estou ciente de como Kgatho e Maki o adoravam e respeitavam, das férias e dos bons momentos que passavam com ele na Cidade do Cabo.

Em sua carta de outubro de 1967, Maki contou-me que Thembi ajudou você a comprar tudo de que elas necessitavam. Minha falecida mãe deu-me detalhes da cordial hospitalidade que recebeu dele quando ela me visitou na ilha. Durante os últimos cinco anos, até março deste ano, Nobandla fez relatos interessantes sobre a dedicação dele à família e o interesse pessoal que ele tinha por todos os parentes. Eu o vi pela última vez durante o Julgamento de Rivonia e sempre aguardei com interesse esses relatos, pois eles eram o principal canal através do qual eu conseguia ter notícias dele.

O golpe foi igualmente doloroso para mim. Além do fato de eu não tê-lo visto por pelo menos sessenta meses, também não pude lhe dar uma cerimônia de casamento, nem colocá-lo para descansar quando chegou a hora fatal. Em 1967, escrevi a ele uma longa carta, chamando sua atenção para alguns assuntos dos quais eu achava que ele deveria cuidar sem demora. Eu esperava mais cartas dele e me encontrar com ele e sua família quando retornasse. Todas essas expectativas foram agora completamente destruídas, pois ele nos foi tirado com apenas 24 anos e nunca mais iremos vê-lo. Devemos nos consolar com o fato de que ele teve muitos bons amigos, que irão se juntar a nós para lamentar sua morte. Ele cumpriu todos os seus deveres para conosco como pai e nos deixou uma herança da qual todo pai se orgulha – uma encantadora Molokazana e dois adoráveis bebês.^[100]

Mais uma vez estendo a você, Kgatho e Maki, minhas sinceras condolências e confio que reúnam força e coragem suficientes para sobreviver a esta dolorosa tragédia.

6. DE UMA CARTA AO COMANDANTE DA PRISÃO DA ILHA DE ROBBEN, DATADA DE 22 DE JULHO DE 1969

Madiba Thembekile, meu filho mais velho, com 24 anos de idade, faleceu na Cidade do Cabo em 13 de julho de 1969, em consequência de ferimentos em um

acidente de carro.

Quero comparecer, por minha própria conta, à cerimônia do funeral e prestar meus últimos respeitos à memória dele. Não sei onde ele será enterrado, mas suponho que será na Cidade do Cabo, em Johannesburgo ou em Umtata. A este respeito, gostaria que o senhor me desse permissão para partir imediatamente, com ou sem escolta, para o lugar onde ele irá descansar. Caso ele já tenha sido sepultado quando o senhor receber esta solicitação, então eu pediria para visitar seu túmulo com o objetivo de “lançar a pedra”, a cerimônia tradicional reservada às pessoas que perdem o enterro.

Espero que ache possível, nesta ocasião, tratar este pedido de forma mais humana do que tratou um pedido semelhante feito há cerca de dez meses, em setembro de 1968, para comparecer ao funeral de minha mãe. A aprovação daquele pedido teria sido um ato generoso de sua parte, que teria deixado uma profunda impressão em mim. Um gesto assim humanitário teria feito muito para amenizar o duro golpe e o doloroso infortúnio de um homem preso que perdeu sua mãe e teria me dado a oportunidade de estar presente ao lado do túmulo. Posso acrescentar que vi meu falecido filho há pouco mais de cinco anos e o senhor pode imaginar como estou ansioso para comparecer ao funeral.

Finalmente, gostaria de destacar que existem precedentes em que o governo considerou de forma favorável solicitações desta natureza.

7. DE UMA CARTA A NOLUSAPHO IRENE MKWAYI, DATADA DE 29 DE SETEMBRO DE 1969^[101]

Dez meses antes eu havia feito um pedido semelhante, quando minha mãe faleceu; embora as autoridades tivessem adotado uma linha dura ao recusar aquilo que eu considerava um pedido razoável em quaisquer circunstâncias, eu esperava vagamente que desta vez a morte de dois membros da família ocorrendo tão próximas uma da outra iria provavelmente induzir as autoridades a me concederem a única oportunidade que teria em vida para prestar meus últimos respeitos a Thembi... meu pedido foi simplesmente ignorado e não acusaram sequer seu recebimento. Um outro pedido de permissão para obter cópias de reportagens sobre o acidente fatal foi recusado, e até agora não tenho nenhuma informação real a respeito de como Thembi morreu... Não só fui privado da oportunidade de ver pela última vez meu filho mais velho e amigo e orgulho do meu coração, como sou mantido no escuro em tudo relativo a ele e seus assuntos.

8. DE UMA CARTA A IRENE BUTHELEZI, DATADA DE 3 DE AGOSTO DE 1969^[102]

Fiquei comovido com a mensagem de condolências do telegrama enviado por meu chefe, Mangosuthu [Buthelezi], em nome da família, que recebi em 18 de julho (meu aniversário); quero que ele saiba que agradeço profundamente por isso.^[103] Os anos de 1968 e 1969 foram difíceis e penosos para mim. Perdi minha mãe há apenas dez meses. Em 12 de maio, minha mulher foi detida por tempo indefinido sob a Lei do Terrorismo [*sic*], deixando para trás crianças pequenas como órfãs virtuais, e agora meu filho mais velho se foi para sempre. A morte é um desastre assustador, quaisquer que sejam a causa e a idade da pessoa afetada. Quando ela se aproxima gradualmente, como no caso de doenças normais, a família pelo menos está alertada e o golpe pode não ser tão demolidor quando finalmente chega. Mas quando se sabe que a morte levou uma pessoa forte e saudável na plenitude da vida, é preciso passar de fato pela experiência para compreender como ela pode ser totalmente paralisante. Esta foi minha experiência em 16 de julho, ao ser comunicado da morte de meu filho, quando fiquei tão abalado que por alguns segundos não soube exatamente como reagir. Eu deveria estar mais bem preparado, pois Thembi não foi o primeiro filho que perdi. Nos anos 1940, perdi uma filha com 9 meses.^[104] Ela havia sido hospitalizada e estava melhorando, quando subitamente seu estado se agravou e ela morreu na mesma noite. Consegui vê-la durante os momentos críticos em que ela lutava desesperadamente para manter em seu delicado corpo as últimas centelhas de vida que lhe escapavam. Nunca soube se tive ou não sorte por ver aquela triste cena. Ela me perseguiu por muitos anos e até hoje ainda provoca lembranças dolorosas; mas ela deveria ter me preparado para catástrofes semelhantes. Então, veio o dia 26 de setembro (aniversário de minha mulher), quando fui avisado da morte de minha mãe. A última vez em que a vi foi em setembro do ano anterior, quando ela me visitou na ilha com a avançada idade de 76 anos, tendo viajado sozinha desde Umtata. Sua aparência tinha me deixado muito preocupado. Ela havia perdido peso e, embora se mostrasse alegre e encantadora, parecia doente e cansada. No fim da visita, consegui observá-la quando caminhava lentamente para o barco que iria levá-la de volta ao continente e passou por minha mente o pensamento de que eu a tinha visto pela última vez. Mas com o passar dos meses o quadro que eu havia formado da sua última visita começou a desaparecer e acabou sendo dissipado pela estimulante carta que ela me escreveu depois, atestando sua boa saúde. O resultado foi que quando chegou a hora fatal, em 26 de setembro, mais uma vez eu estava despreparado e, por alguns dias, passei em minha cela momentos que nunca mais quero lembrar. Mas nada do que experimentei no final dos anos 1940 e em setembro do ano passado pode ser comparado àquilo pelo que passei em 16 de

julho. A notícia chegou a mim por volta das 14:30. De repente, meu coração pareceu parar de bater e o sangue que correu livremente pelas minhas veias nos últimos 51 anos pareceu congelar. Por algum tempo eu não conseguia pensar nem falar e minha força pareceu se esgotar. Finalmente consegui voltar para minha cela com um grande peso nos ombros; aquele era o último lugar em que um homem cheio de tristeza deveria estar. Como sempre, meus amigos se mostraram bondosos e solícitos e fizeram o possível para me consolar.

9. DE UMA CARTA A NOLUSAPHO IRENE MKWAYI, DATADA DE 19 DE NOVEMBRO DE 1969

Eu havia ficado ansioso por comparecer ao funeral e prestar meus últimos respeitos a Thembi assim como havia desejado fazê-lo no caso de minha mãe. Embora nunca tivesse esperado ter sucesso, meu coração sangrou quando finalmente compreendi que não poderia estar presente ao lado do túmulo – o único momento na vida que um pai nunca gostaria de perder. A maioria das pessoas que pensam nos problemas de um prisioneiro comum tendem a se concentrar mais nas longas sentenças que ainda têm de ser cumpridas, no trabalho duro ao qual somos condenados, nos cardápios horríveis e insípidos, na amarga e tediosa vida que persegue todo prisioneiro e nas terríveis frustrações de uma vida na qual seres humanos se movem em círculos completos, aterrissando hoje exatamente no ponto em que se começou no dia anterior. Mas algumas pessoas têm passado por experiências muito mais dolorosas do que essas, porque essas experiências corroem profundamente o ser, a alma da pessoa.

10. DE UMA CARTA A SEU FILHO MAKGATHO, DATADA DE 28 DE JULHO DE 1969

Kgatho, detesto fazer sermões até mesmo a meus filhos e prefiro discutir com todos em perfeita igualdade, onde meus pontos de vista são oferecidos como conselhos que a pessoa afetada pode aceitar ou rejeitar como quiser. Mas estarei deixando de cumprir meu dever se não disser que a morte de Thembi deixa sobre seus ombros uma pesada responsabilidade. Agora você é o filho mais velho e será sua responsabilidade manter a família unida e dar um bom exemplo para suas irmãs, ser um orgulho para seus pais e para todos os seus parentes. Isto significa que você terá de se esforçar mais em seus estudos, nunca se permitir ser desencorajado por dificuldades ou reveses e nunca desistir da batalha, mesmo nas horas mais sombrias. Lembre-se de que vivemos numa nova era de realizações científicas, sendo a mais incrível a recente descida do homem na Lua. Este é um acontecimento sensacional que enriquecerá o conhecimento do homem sobre o Universo e poderá até resultar na modificação de muitas

hipóteses fundamentais em muitos campos do conhecimento. As gerações mais jovens precisam estudar e se preparar para que possam compreender facilmente as repercussões abrangentes dos acontecimentos no domínio do espaço. Esta é uma era de competição intensa e cruel, na qual as maiores recompensas estão reservadas para aqueles que passaram pela educação mais completa e conseguiram as mais altas qualificações acadêmicas em suas respectivas áreas. As questões que hoje agitam a humanidade exigem mentes treinadas e o homem que for deficiente neste aspecto estará paralisado, porque não possuirá os instrumentos e equipamentos necessários para garantir sucesso e vitória no serviço ao seu país e a seu povo. Levar uma vida organizada e disciplinada e abrir mão dos prazeres cintilantes que atraem um rapaz comum, para trabalhar de forma árdua e sistemática em seus estudos durante todo o ano, irá lhe trazer no fim a recompensa cobiçada e muita felicidade pessoal. Isso irá inspirar suas irmãs a seguir o exemplo do seu querido irmão, e elas se beneficiarão muito através do seu conhecimento científico, da sua vasta experiência, sua diligência e suas realizações. Além disso, os seres humanos gostam de ser associados a pessoas esforçadas, disciplinadas e bem-sucedidas, e, cultivando essas qualidades, você conquistará muitos amigos.

11. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SEXUALIDADE

STENGEL: As cartas à sua mulher que eu li... são muito apaixonadas e esta é uma combinação incomum, porque ao mesmo tempo você estava sempre no controle de si mesmo. Como explica isso?

MANDELA: Bem, essa é uma coisa difícil de explicar, mas lá estava eu com uma mulher com quem estava casado... havia quatro anos quando fui mandado para a prisão, e ela era muito jovem e inexperiente; tinha dois filhos e não podia educá-los de maneira adequada devido ao assédio e à perseguição por parte da polícia.

STENGEL: E como isso explica a paixão nas suas cartas?

MANDELA: Bem, é claro que eu estava pensando nela todos os dias e também queria encorajá-la, para que ela soubesse que em algum lugar existia alguém que se importava com ela.

STENGEL: Sim. Isso é evidente nas cartas. Como você lida com a ideia de que sua mulher... de que você foi sentenciado à prisão perpétua e ficou afastado por muitos e muitos anos. Ela tem uma vida lá fora, conhece outros homens... deve ser muito difícil pensar a este respeito; que talvez ela, sabe, conheça outros homens dos quais pode gostar ou que podem tomar temporariamente seu lugar. Como você lidou com isso?

MANDELA: Bem, esta é uma pergunta que precisei varrer da minha cabeça. Você deve se lembrar de que vivi na clandestinidade por quase dois anos antes de ser preso. Tomei a decisão de viver na clandestinidade. Em outras palavras... essas questões para mim não eram materiais e era preciso aceitar o fato humano, a realidade de que há ocasiões em que uma pessoa quer relaxar e não se deve ser inquisitivo. É suficiente que esta mulher seja leal a mim, me apoie, venha me visitar e escreva para mim. Isso é suficiente.

STENGEL: E então... isso é suficiente e você tira todas as outras coisas da sua cabeça?

MANDELA: Oh, sim.

STENGEL: Porque elas não são importantes.

MANDELA: Sim.

STENGEL: E isso não altera o relacionamento dela com você nem o seu com ela.

MANDELA: Não.

STENGEL: E se o fato de você pensar que poderá ficar na prisão pelo resto da vida, nunca mais fazer amor com uma mulher e com isso sua sexualidade se atrofiar? Como você lida com isso na prisão?

MANDELA: Bem, você se acostuma com isso e não é tão difícil controlar a si mesmo. Quero dizer que fui educado em escolas, internatos, onde se ficava sem mulheres durante quase seis meses e a autodisciplina era necessária. Então, quando fui para a prisão, resignei-me com o fato de que não teria nenhuma oportunidade de expressão sexual e consegui lidar com isso.

12. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 23 DE JUNHO DE 1969

Por um lado, aqueles que não têm alma, senso de orgulho nacional nem ideais para conquistar não podem sofrer humilhação, nem derrota; não podem desenvolver uma herança nacional, não são inspirados por uma missão sagrada, nem podem produzir mártires ou heróis nacionais. Um novo mundo não será conquistado por aqueles que se mantêm a distância com os braços cruzados, mas por aqueles que estão na arena, cujas vestes estão rasgadas por tempestades e cujos corpos são mutilados no decorrer da luta. A honra pertence àqueles que nunca abandonam a verdade, mesmo quando as coisas parecem sombrias e terríveis, que tentam de novo e de novo, que nunca são desencorajados por insultos, pela humilhação e mesmo pela derrota. Desde o amanhecer da história, a espécie humana tem honrado e respeitado as pessoas corajosas e honestas, homens e mulheres como você, querida – uma garota comum vinda de uma aldeia dificilmente mostrada na maior parte dos mapas, casada com um líder que

é humilde até mesmo pelos padrões dos camponeses.

Meu senso de devoção a você me impede de dizer em público mais do que já disse nesta nota, a qual precisa passar por muitas mãos. Um dia teremos a privacidade que irá nos possibilitar compartilhar os pensamentos ternos que mantivemos enterrados em nossos corações durante os últimos oito anos.

13. DE UMA CARTA A ADELAIDE TAMBO, DATADA DE 31 DE JANEIRO DE 1970^[105]

Foi-se o tempo em que eu teria achado muito difícil viver sem ver Zami indefinidamente, sem receber cartas ou ouvir a respeito dela e das crianças. Mas a alma e o corpo humanos têm uma capacidade infinita de adaptação e é surpreendente como uma pessoa pode se endurecer e como conceitos que no passado tratávamos como relativamente pouco importantes de repente se tornam significantes e cruciais.

Nunca pensei que o tempo e a esperança pudessem significar tanto para uma pessoa como hoje significam. Um personagem importante comentou sobre a morte de minha mãe, de Thembi e o encarceramento de Zami e disse: para você nunca chove, apenas goteja. Também me senti assim. Mas as numerosas mensagens de condolências e solidariedade que recebemos nos deram muito encorajamento e nosso ânimo está alto como sempre esteve.

A esperança é uma arma poderosa, mesmo quando tudo o mais parece perder a força.

O que me sustentou, mesmo nos momentos mais tristes, foi saber que sou membro de uma família julgada e testada que triunfou sobre muitas dificuldades. Nessa grande família, as opiniões podem ser diversas sobre quase tudo, mas sempre conseguimos separar as coisas e seguir em frente. Este fato dota meu estado de ânimo de poderosas asas.

14. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A MÃE DE MANDELA

STENGEL: Sua mãe entendeu sua luta, suas crenças e sacrifícios?

MANDELA: Sim. Mas no início ela não entendia. Um dia, quando cheguei do trabalho, ela estava à minha espera. “Meu filho, você deve voltar a Transkei porque estiveram aqui dois homens que falavam xhosa *muito* bem e disseram: ‘Veja, seu filho está perdendo tempo. Ele é advogado e está com pessoas que querem apenas criar problemas, que não têm profissão, como Walter Sisulu, e é melhor você salvá-lo. Ele deveria voltar para Transkei.’” E ela dizia: “Não, não, não, vamos voltar. Vamos voltar para Transkei.” Assim compreendi que não havia feito bem meu trabalho. Em vez de pregar para minha mãe, eu estava

pregando para o povo. Então eu comecei a lhe explicar por que estava na política. E mais tarde ela diria: “Veja bem, se você não se juntar aos outros na política, eu irei deserdá-lo!” Mas levou *algum* tempo até ela dizer isso.

15. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE OS SENTIMENTOS DELE SOBRE DEIXAR SUA FAMÍLIA

MANDELA: E é claro, o rei Sabata... o pai do atual rei. Ele é meu sobrinho e cuidou muito bem de minha mãe; foi ele que a enterrou. Sim... senti muito quando ele morreu, enquanto eu estava na prisão.

STENGEL: Foi muito difícil para você? A ideia de que você era o arrimo da família e estava na prisão, portanto não podia...

MANDELA: Sim, foi difícil. E às vezes eu pensava – fazia um exame de consciência – se tinha feito a coisa certa, porque não só minha mãe, mas também minhas irmãs, estavam lutando; duas delas, embora fossem casadas, estavam lutando... e eu me perguntava se havia feito a coisa certa em tentar ajudar o povo e deixar minha família enfrentando tantas dificuldades. Mas todas as vezes eu acabava dizendo: “Bem, esta foi a decisão correta de minha parte.”

STENGEL: Mas então havia um conflito entre suas obrigações pessoais com sua família e suas obrigações com a sociedade?

MANDELA: Sim, havia.

STENGEL: E esse era o argumento de que você estava...?

MANDELA: Sim, sim. Será que tomei a decisão certa? Uma decisão pode ser certa se significar que sua família deve sofrer o que sofre? E como você sabe, minha mãe batalhou para que eu estudasse e, embora mais tarde eu tenha ficado sob os cuidados de um membro de nosso clã... o chefe Jongintaba Dalindyebo, que estava como regente de Sabata.^[106] Ele me criou e me tratou *muito* bem, como um dos seus filhos. Nunca tive motivos de queixa dele nem da sua mulher... Mas... meu dever era sustentar a família tão logo fosse capaz de fazê-lo; eu deveria cuidar de minha mãe e minhas irmãs. E num momento eu não consegui.

STENGEL: Porque, em filosofia moral, existem aqueles que podem dizer que sua primeira obrigação é para com os que o cercam?

MANDELA: A família, sim.

STENGEL: E isso é difícil?

MANDELA: Muito, muito, muito difícil. Mas é preciso resistir, porque quando parei para pensar nisso, eu disse: “Bem, apesar de tudo, tomei uma decisão, uma decisão correta”, porque eles não são os únicos que estão sofrendo. *Centenas, milhões* de pessoas em nosso país estão sofrendo, e assim senti que havia tomado

uma decisão correta.

March 1, 1971

My darling,

Friday the 5th February this year was your 12th birthday and in January I sent you a card containing my congratulations and good wishes. Did you get it? Again I say many happy returns.

It is not long for me to be here that our son, who was only a baby when I last saw him, is now a big girl ^{studying} Standard V at a boarding school, and ^{studying} subjects like English, Physical Science and Maths. I still remember clearly the night when you were born in 1959. On 31 January that year I returned home very late and found Mummy highly restless. I rushed for the late Aunt Phyllis to inquire, and the two of us drove Mummy to Kwa-Nqwane Hospital that was a remarkable coincidence. Aunt Phyllis was herself born on the 31st January and on our way to Kwa she hoped that you would be born on the same date, and that is exactly what happened. When she heard of the news of your arrival, she was as happy as she had created you.

You birth was a great relief to us. Only three months before this Mummy had spent fifteen days in jail ^{circumstances} ~~circumstances~~ that were dangerous for the prison in its condition. We did not know what harm might have been done to you and to the health and we happily intended to be blessed with a healthy and lovely daughter. As you ^{understand} ~~realize~~ that you were nearly born in prison? Not many people have had your experience of having been in jail before they were born. You were only 25 months old when I left home and, though I met you frequently times to times, January 1962 when I left the country for a short period, we never lived together again.

You will probably not remember an incident that moved me very much at the time and about which I never like to think. Towards the end of 1961 you were brought to the home of a friend and I was already waiting when you came. I was ^{wearing} ~~wearing~~ a jacket and hat. I took you in to my arms and for about 15 minutes we hugged and kissed and talked ~~then~~ then sweetly. You seemed to have remembered something. You pushed me aside and began searching the room. In a corner you found the rest of my clothing. After collecting it you gave it to me and asked me to go home. You held my hand for quite some time, pushing desperately and begging me to return. It was a difficult moment for both of us. You felt I had deserted you and Mummy and your request was a reasonable one. It was similar to the note that you dictated to Mummy's letter of the 3rd December 1968 where you said: "Will you come home next year. My mother will fetch you with her car." ~~in 1961~~ Your age in 1961 made it difficult for me to explain my conduct to you, and ~~you~~ the worried expression that I saw in your face.

De uma carta de Zeni Mandela, datada de 1º de março de 1971, por ocasião do seu duodécimo aniversário.

16. DE UMA CARTA A ZENI E ZINDZI MANDELA, DATADA DE 1º DE JUNHO DE 1970

Faz mais de oito anos que eu não as vejo e pouco mais de 12 meses que sua mãe

foi tirada de vocês.

No ano passado, escrevi a vocês duas cartas – uma em 23 de junho e a outra em 3 de agosto. Hoje sei que vocês não as receberam. Como ambas têm menos de 16 anos e não lhes é permitido me visitar até atingirem essa idade, escrever cartas é o único meio que tenho para me manter em contato com vocês e de ouvir alguma coisa a respeito do seu estado de saúde, seus trabalhos escolares e seus progressos na escola. Embora essas preciosas cartas não cheguem a vocês, continuarei tentando escrever sempre que possível. Estou particularmente preocupado pelo fato de, por mais de um ano, não ter recebido nenhuma informação clara e direta a respeito de quem cuida de vocês durante as férias escolares e onde vocês as passam, quem as alimenta e lhes compra roupas, quem paga as mensalidades escolares, e os progressos que vocês estão fazendo na escola. Continuar escrevendo oferece a possibilidade de um dia a sorte estar do nosso lado e vocês poderem receber essas cartas. Enquanto isso, o simples fato de colocar por escrito meus pensamentos e expressar meus sentimentos me dá prazer e satisfação. É uma forma de transmitir a vocês meu maior amor e meus melhores votos e tentar mitigar a profunda dor que me acomete sempre que penso em vocês.

17. DE UMA CARTA AO SENADOR DOUGLAS LUKHELE NA SUAZILÂNDIA, DATADA DE 1º DE AGOSTO DE 1970¹⁰⁷

Minhas cartas dificilmente chegam a seu destino e com aquelas a mim endereçadas acontece o mesmo. Espero que a sorte cruel que tem interferido de forma consistente na minha correspondência e me mantido isolado de minha família neste momento tão crítico seja induzida, por considerações de honra e honestidade, a permitir que esta carta passe. Sei que tão logo ela chegue a suas mãos meus problemas estarão virtualmente terminados.

Você sabe que, essencialmente, sou um rústico como muitos de meus contemporâneos, nascido e criado numa aldeia com espaços abertos, paisagens adoráveis e muito ar puro. Embora antes de minha prisão e condenação há oito anos eu tenha vivido duas décadas como um homem da cidade, eu nunca consegui apagar meu passado de camponês e costumava passar, de tempos em tempos, algumas semanas em meu distrito natal como forma de recordar os momentos felizes de minha infância. Durante todo o meu tempo de prisão meu coração e minha alma sempre estiveram muito longe deste lugar, nas savanas. Vivo através dessas ondas com todas as lembranças e experiências que acumulei ao longo do último meio século – lembranças das terras em que eu cuidava do gado, caçava, brincava e onde eu tinha o privilégio de frequentar a escola

primária tradicional. Vejo a mim mesmo entrando no Reef no início dos anos 1940 para ser apanhado na fermentação das ideias radicais que estavam sacudindo a parcela mais consciente da juventude africana... lembro dos dias em que entregava artigos, lambia selos, executando diariamente todos os tipos de missão, inclusive comprar xampu e outros cosméticos para mulheres brancas.Chancellor House!^[108] Foi lá que OR [Oliver Tambo] e eu nos tornamos ainda mais íntimos do que quando éramos colegas de faculdade e membros da Liga da Juventude. Em torno de nós se desenvolveram novas e frutíferas amizades – Maindy, Zubeida Patel e Winnie Mandleni, nossas primeiras datilógrafas; a falecida Mary Anne, cuja morte súbita e prematura nos abalou profundamente; Ruth, Mavis, Godfrey; Freddy, o boxeador, e Charlie, o popular zelador e limpador que nunca perdia um dia em Mai-Mai.^[109] Por algum tempo lutamos quase sozinhos contra dificuldades gigantescas para manter a firma viva quando OR e eu fomos presos e julgados por traição.^[110] Lembro até do estranho incidente ocorrido quando você visitou Zami e eu em nossa casa em Orlando Oeste em dezembro de 1960. Quando você se aproximava do portão, um raio caiu com tanta força que Zeni, então com apenas 10 meses, foi arremessada ao chão, onde permaneceu imóvel por alguns segundos. Foi um alívio quando ela se virou e começou a chorar; aquele passou perto... As armas espirituais podem ser dinâmicas e muitas vezes têm um impacto difícil de avaliar, exceto à luz de experiências reais em determinadas situações. De certa maneira, elas transformam homens livres em prisioneiros, pessoas comuns em monarcas e pó em ouro puro. Em termos claros, Douglas, são somente minha carne e meu sangue que estão trancados atrás dessas grossas paredes.

De qualquer forma, permaneço cosmopolita em minha visão; em meus pensamentos, sou livre como um falcão.

A âncora de todos os meus sonhos é a sabedoria coletiva da espécie humana como um todo. Sou mais do que nunca influenciado pela convicção de que a igualdade social é a única base da felicidade humana... É em torno dessas questões que evoluem meus pensamentos. Eles são centrados em seres humanos, nas ideias pelas quais eles lutam, no novo mundo que está emergindo, na nova geração que declara guerra total contra todas as formas de crueldade, contra qualquer ordem social que mantém privilégios econômicos para uma minoria e condena a maioria da população à pobreza e às doenças, ao analfabetismo e à série de males que acompanham uma sociedade estratificada.

As misérias que colhemos das dolorosas frustrações dos últimos 15 meses não irão desaparecer facilmente de nossas mentes. Sinto-me como se tivesse sido encharcado de amargor, todas as minhas partes, a corrente sanguínea, ossos e alma, tão amargo que estou completamente impotente para ajudá-la nas difíceis provações pelas quais você está passando. Que mundo de diferenças para sua fraca saúde e seu estado de ânimo, querida, para minha própria ansiedade e a tensão da qual não consigo me livrar; se pudéssemos nos ver, se eu pudesse estar ao seu lado e abraçá-la, ou se eu pudesse vislumbrar seu perfil através da grossa tela que inevitavelmente iria nos separar.

O sofrimento físico não é nada comparado à destruição dos ternos laços de afeto que formam a base da instituição do matrimônio e da família, que unem marido e mulher. Este é um momento assustador em nossa vida. É um momento de desafio a crenças acalentadas, colocando resoluções sob severas provações. Mas enquanto ainda tenho o privilégio de me comunicar com você, mesmo que ele possa existir somente na forma para mim, e até que ele me seja expressamente tirado, os registros serão testemunhas do fato de que tentei ardentemente alcançá-la escrevendo todos os meses. Devo-lhe isto e nada irá me impedir de cumprir este dever. Pode ser que isso um dia me renda bons dividendos. Sempre haverá homens bons na Terra, em todos os países, até mesmo aqui no meu. Um dia poderemos ter ao nosso lado o apoio firme e genuíno de um homem justo e sincero na presidência, que irá considerar impróprio fugir ao seu dever de proteger os direitos e privilégios até mesmo dos seus maiores oponentes na batalha de ideias que hoje se trava em nosso país; um representante que terá senso de justiça e clareza suficiente para colocar à nossa disposição não apenas os direitos e privilégios que a lei nos concede hoje, mas também compensar aqueles que nos foram tirados de forma subreptícia.

Apesar de tudo que tem acontecido eu tenho vivido, através dos altos e baixos do destino nestes últimos 15 meses, com esperança e expectativa. Às vezes até acredito que este sentimento faz parte de mim, parece estar entrelaçado em meu ser. Sinto meu coração bombeando regularmente esperança a todas as partes do meu corpo, aquecendo meu sangue e revigorando meu ânimo. Estou convencido de que as enchentes de desastres pessoais não podem afogar um revolucionário determinado, nem as nuvens da miséria que acompanham a tragédia podem sufocá-lo. Para um guerreiro da liberdade, a esperança é o que um cinto salva-vidas é para um nadador – uma garantia de que ele se manterá flutuando e livre de perigos. Querida, eu sei que se as riquezas fossem contadas em termos de toneladas de esperança e coragem que seu peito abriga (tirei esta ideia de você), você certamente seria uma milionária. Lembre-se sempre disto.

19. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 31 DE AGOSTO DE 1970

Se já houve uma carta que eu queria desesperadamente guardar, ler muitas e muitas vezes na privacidade de minha cela, foi aquela. Era uma compensação pelas coisas preciosas das quais sua prisão me privou – Natal, cartões de aniversário de casamento, as pequenas coisas a respeito das quais nunca se deixa de pensar. Mas mandaram que eu a lesse naquele momento e ela me foi tirada tão logo cheguei à última linha.

O brigadeiro Aucamp tentou justificar aquele procedimento arbitrário com a frágil desculpa de que na carta você deu seu endereço pessoal em vez do endereço da prisão. Ele explicou que minhas cartas a você eram tratadas exatamente da mesma maneira e não permitiam que você ficasse com elas. Quando eu o pressionei para que desse uma explicação, ele se mostrou evasivo. Percebi que havia questões importantes em jogo, as quais levaram a sérias quebras em seu direito, como prisioneira à espera de julgamento, de escrever e receber cartas, e uma redução de meu privilégio em termos de correspondência. Nossas cartas são submetidas a uma censura especial. A verdade é que as autoridades não querem que você divulgue o conteúdo das cartas que escrevo entre suas colegas de prisão e vice-versa. Para evitar isso eles recorrem a todos os meios, justos ou não. É possível que a comunicação entre nós possa ser cortada ainda mais, pelo menos enquanto durar o julgamento. Como você sabe, o privilégio de enviar e receber cartas mensalmente de amigos e parentes praticamente desapareceu com sua prisão. Venho tentando me comunicar com Matlala desde janeiro e com Nolusapho desde novembro.

Em 19 de junho, o brigadeiro Aucamp explicou que havia sido instruído por outro departamento a não entregar essas cartas, e que ele não deveria me dar razões para essas instruções, e que elas não eram influenciadas pelo conteúdo das cartas. Essa revelação resolveu o enigma do misterioso desaparecimento das cartas que escrevi ao longo dos últimos 15 meses. O assunto tem implicações ainda mais sérias. Eu gostaria de estar em posição de acreditar sempre naquilo que dizem as autoridades, mas estou tendo cada vez mais dificuldades para conciliar desejos e experiência. Duas vezes em julho e uma vez no início deste mês fui informado de que sua carta não havia chegado. Hoje tenho certeza de que a carta estava aqui quando eu estava sendo informado do contrário.

20. DE UMA CARTA A NONYANISO MADIKIZELA, DATADA DE 1º DE NOVEMBRO DE 1970^[111]

Se houve uma hora para Zami permanecer calma, cautelosa e calculista, *uma hora para pensar, pensar e pensar*, é agora. Deixe-a ser cuidadosa. Há pessoas que não querem vê-la livre e irão usar qualquer pretexto para atacá-la.

Depois de listados todos os defeitos de Zami, ela ainda emerge como uma mulher de grande capacidade e ambição, dotada de qualidades muito superiores às minhas e tenho por ela o maior respeito. Ela merece encorajamento e apoio. Um de meus maiores pesares é ser incapaz de protegê-la – a única mulher a ter direito a tudo que possuo na forma de conhecimento, experiência e aconselhamento. Em coragem e dedicação, ela não perde para ninguém. Mas, por mais que possa ser afetada pelos ideais que entusiasmaram outras grandes mulheres, ela ainda vive aqui na terra. Precisa comer, criar os filhos, manter-me e ter um lar decente. Uma de minhas grandes esperanças foi que eu lhe daria todas essas coisas, as quais a deixariam livre para lutar pela realização das suas aspirações com alguma independência. Essa oportunidade não veio e nunca fui capaz de prover a ela e as crianças. Diante das suas numerosas restrições, ninguém está preparado para empregá-la e ela tem dificuldades para ganhar a vida. Que catástrofe para uma mulher de 36 anos! Nunca irei lamentar a decisão que tomei em 1961, mas quero que um dia minha consciência sinta-se à vontade em meu coração.^[112] Nyanya, procure por ela. Dei a você um vislumbre da mulher que adoro, do ser humano por trás do véu das finas vestimentas que ela usa e das qualidades cativantes pelas quais é amplamente conhecida.

21. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 16 DE NOVEMBRO DE 1970

Você estava muito melhor do que eu esperava, mas longe do que era quando nos vimos pela última vez em dezembro de 1968. O efeito acumulado de mil e uma pressões era claramente visível. Enquanto eu caminhava de volta à prisão depois de sua visita, estava preocupado pelo temor de que, agora que você tem que viver sozinha por 12 horas todas as noites, a solidão e a ansiedade poderão piorar seu estado de saúde. Este medo ainda me persegue.

Casualmente, a caminho da sala de visitas em 7 de novembro, consegui ver o barco em que você vinha enquanto ele navegava graciosamente para o porto, lindo em suas cores vivas. Mesmo a distância ele parecia um verdadeiro amigo dos prisioneiros, e eu ficava mais ansioso à medida que ele se aproximava. Você sabe por quê! Eu o vi novamente, quando ele voltava para o continente. Dessa vez o quadro já era diferente. Embora ele ainda mantivesse seu brilho, a beleza que eu havia visto algumas horas antes acabara. O barco parecia grotesco e inamistoso. Enquanto ele deslizava lentamente para longe com você, sentime sozinho no mundo e os livros que enchem minha cela, que me fizeram companhia todos esses anos, pareciam mudos e indiferentes. Será que vi minha amada pela última vez é uma pergunta recorrente.

É em ocasiões como esta que eu entendo como estou completamente dependente de sua mãe em quase tudo que faço. Desde o momento em que soube que ela e seus amigos haviam sido libertados, eu vivia na esperança de que logo iria vê-la, e estava tão contente quanto você quando ouvia o sino do sorveteiro, ou quando mamãe lhe comprava um minivestido.

Tentei permanecer calmo quando Kgatho trouxe inesperadamente a dolorosa notícia. Talvez eu tivesse me saído muito melhor nos palcos do que em Direito ou na política. Devo ter atuado bem, porque consegui fazer com que um de meus amigos acreditasse que o fato de sua mãe não ter vindo não tinha me afetado. Se ele soubesse! A verdade é que minha aparência nada tinha a ver com o estado dos meus sentimentos. Eu estava gravemente ferido e abalado.

Você e Zeni, e talvez até sua mãe, podem ter razões para pensar que o magistrado, que aparentemente nos tratou com tanta mesquinharia e falta de sentimentos, é um homem cruel. É provável que ele tenha mulher e filhos, assim como eu, e certamente estava ciente do sofrimento criado por manter a mim e sua mãe em separação forçada por tanto tempo e por nos negar o prazer de nos vermos. Contudo, sei que como pessoa ele não é cruel. Ao contrário, e dentro dos limites impostos por certas tradições que passaram a ser aceitas em nosso país, ele é bondoso e cortês, e com toda sinceridade eu o considero um cavalheiro. Durante os nove anos em que trabalhei como advogado, estive diante dele com frequência e tive grande prazer em argumentar perante um homem que considerava justo.

Mas até mesmo um homem como o principal magistrado da poderosa Johannesburgo, a maior cidade da África do Sul e a mais rica da África, tem suas mãos atadas. Ele não pode fazer o que gostaria. Seus deveres oficiais podem forçá-lo a fazer aquilo que sua natureza pessoal detesta. Até mesmo autoridades menores de outros departamentos podem exercer mais poder do que ele e têm a palavra final a respeito de alguns dos importantes deveres oficiais dele. Em assuntos deste tipo nunca é prudente isolar indivíduos e jogar a culpa sobre seus ombros. Eles podem não ser responsáveis pelas decisões que tomam. Podem ser meramente os meios através dos quais operam forças mais poderosas. A respeito dessas questões seria igualmente um erro depositar sua confiança em bons homens, por maior que possa ser a importância do cargo dele. Onde há sistemas envolvidos, a bondade dos indivíduos muitas vezes é irrelevante. Mas a história é diferente quando você, Zeni, Maki, Kgatho, Mfundo, Motsobise, Bazala, Pumla, Thamie e Andile, Nombeko, Mpho e Thabo e outros jovens se unem por ideias comuns e seguem planos comuns.^[113] Então os velhos sistemas são

deixados de lado e surgem novos sistemas. O sistema como um todo precisa mudar. Só assim os homens bons terão a oportunidade de servir seus compatriotas plenamente e bem. Então sua mãe não terá que viajar até a Cidade do Cabo para ver seu pai. Eu estarei em casa, onde quer que seja. Juntos nos sentaremos em torno da fogueira para conversar calorosa e animadamenete. Poderemos até convidar o magistrado para jantar. Não sei onde iremos conseguir o dinheiro para o jantar. Quando eu voltar, terei esquecido quase tudo a respeito de leis e terei de fazer outra coisa para ganhar a vida, talvez abrir estradas, limpar bueiros ou descer para as minas de carvão com pá e picareta.

* I don't know where we shall get the money to arrange the dinner when I return to school for a long time. I'm doing what I can, but I'll have to do something else for a living. I'm thinking of going to the bank to get down the road for a while. I'll be back in a few days.

* I expect a letter from you giving me a report on your school progress, your friends and relatives, where you will be spending your holidays and on Mummy's birthday.

more powerful forces operate. On such questions it would be equally misleading to place your trust on good men, no matter how highly placed they may be. When systems are involved, the goodness of individuals is very often not enough. However, a different story when you, Zini, Maki, Kgatho, Mfundo, Misiwe, Zogole, Rumba, Shami and Anate, Nontoko, Mphah and Shabo and other young people become united by common ideas and when you follow up common plans. Good systems will be pushed aside and new ones arise. Only then will good men have the opportunity to serve their countrymen fully. Then Mummy will not have to travel to Cape Town to see Daddy. I will be at home, where I will be. Together we shall sit around the fire and chat warmly and laugh gaily. We may even write the magazine for Mummy.

Tell them, please, look after Mummy, you and Zini. She is a brave person, but there are difficult times for her. She needs no pity, not even from you or me. But she deserves our full support, warm friendship and all our love. Look after her, my darling. See to it that she sees the specialists regularly, takes things easy and keeps her mind occupied.

I have not forgotten that on the 23rd of this month you will be 10. In fact, this is the main reason for writing this letter, to give you my love and special wishes. Mummy will be able to arrange a party which will be as bright as day, when your friends will shout, as shall also we, and say: "Happy 10th birthday." I wish I could have written you a much shorter letter than this, not more than the 28 words I wrote you. But a letter to you is also meant for Zini and Mummy, for the whole family - a family affected with many problems; without regular income, enough food, that is, no regular payment of rent and a host of other things required by modern standards of living. These letters are the only means we have of keeping together, of affirming the bonds that inspire us and of reminding one another that Ndudumane Ndudumane Ndudumane. Love, Mummy, Zini and I. A big hug and warm kiss for me. Make sure that you personally see Maki and Kgatho and tell them to answer my letter.

Love and tons of love and a million kisses
 Affectionately,
 Father.

De uma carta a Zindzi Mandela, datada de 1º de dezembro de 1970.

23. DE UMA CARTA A JOYCE SIKHAKHANE, DATADA DE 1º DE JANEIRO DE 1971^[114]

Re roba matsoho a você e John!^[115] É verdade? Vocês dois podem mesmo fazer isto para mim, tomar decisões tão importantes sem me dar nem mesmo uma pista? Devo ter perdido montes de carne e pudim na festa de noivado. Para seu casamento eu teria sido aceito assim como sou, sem ter que vestir fraque, camisa engomada e cartola. E o mais importante para mim, seu casamento teria sido

uma ocasião em que eu finalmente teria brilhado. Eu ensaio diariamente com uma flauta barata, apesar de ela ter custado R2,00. Ainda estou no estágio de principiante, mas com mais prática eu poderia ter tentado executar o *Messias* de Handel no grande dia.

24. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Você tinha pesadelos recorrentes quando estava na Ilha de Robben?

MANDELA: Não, não. Nunca tive.

STENGEL: Está bem, não teve.

MANDELA: Não, nunca tive pesadelos.

STENGEL: Tudo bem. Para você, qual foi seu pior momento na Ilha de Robben, quando você se sentiu mais por baixo?

MANDELA: É difícil... muito difícil, identificar um determinado momento como meu pior momento, mas havia o problema de minha mulher ser assediada e perseguida pela polícia, e algumas vezes agredida, e eu não estar lá para defendê-la. Esse foi um momento muito difícil para mim. E quando eu soube que ela estava sendo perseguida de um emprego para outro pela polícia. Eles iam até o empregador e diziam: “Se continuar com essa mulher aqui, você estará procurando encrenca.”

STENGEL: Mas o que você sentia? Quer dizer, sentia-se impotente? Ficava furioso?

MANDELA: Naturalmente havia um elemento de raiva, mas ao mesmo tempo eu procurava me manter calmo e lembrar que esse é o preço que temos de pagar por nos comprometermos com a luta. Era uma coisa que *me* perturbava muito e o sentimento de frustração e impotência *estava* presente, porque não havia nada que eu pudesse fazer.

STENGEL: Li que algumas vezes você voltava à sua cela no fim do dia e eles deixavam recortes de jornais...

MANDELA: Sim, eles faziam isso.

STENGEL: Regularmente?

MANDELA: De vez em quando. Sempre que havia uma má notícia a respeito da família, eles deixavam o recorte sobre minha mesa. Uma grande sujeira.

STENGEL: E suponho que isso também o deixava furioso.

MANDELA: Sim, mas eu me acostumei com os métodos deles e decidi me manter calmo. É claro que havia um elemento de raiva, mas aprendi a conservar a calma diante dessas coisas.

STENGEL: OK. Bem, tenho aqui uma citação de Mac Maharaj, que disse uma coisa relevante em relação ao que você está dizendo: “Como ele está há muito tempo na prisão, sua raiva, seu ódio pelo sistema está crescendo, mas suas manifestações se tornaram menos visíveis.”^[116] Você diria que isso é verdade?

MANDELA: Isso certamente é verdade no sentido de que agora estou trabalhando com as mesmas pessoas que me mandaram para a prisão, perseguiram minha mulher, caçaram meus filhos de uma escola para outra... e sou um daqueles que dizia “Vamos esquecer o passado e pensar no presente”.

25. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A COMUNICAÇÃO COM OUTRAS ALAS DA PRISÃO

STENGEL: Como você se comunicava com pessoas de outras alas?

MANDELA: Bem, nós contrabandeávamos cartas... e Kathrada, Ahmed Kathrada, era o encarregado disso. Mas havia situações embaraçosas, porque um dia eu estava com o guarda, estavam trazendo a comida em tambores e os rapazes da cozinha somente podiam nos entregar os tambores através da porta, sem entrar em nossa ala. Aquela era a *última* entrega de comida do dia, ao pôr do sol. E um jovem estava *desesperado* para me passar uma carta, e, como eu estava recebendo a comida, ele simplesmente pegou a carta e entregou para mim. Àquela altura, é claro, os guardas me respeitavam e eu me senti mal. Não sabia o que fazer, não por causa de uma punição, mas por causa do efeito sobre aquele guarda; em especial porque ele era mais jovem e eu não queria abusar do respeito... que ele tinha por mim... fui realmente torturado por aquilo; apenas me afastei dele, entreguei a carta a Kathrada e achei *muito* difícil olhar para aquele jovem guarda.

STENGEL: Porque ele viu?

MANDELA: Ele deve ter visto... porque estávamos próximos e aquele jovem da cozinha, logo depois de entregar os tambores, pegou a carta e a deu para mim. Porque ele estava *desesperado*, precisava *entregar* a carta, uma mensagem urgente.

STENGEL: E foi humilhante para o guarda testemunhar aquilo?

MANDELA: Sim, foi humilhante e uma quebra do dever, porque ele deveria ter agido contra aquele jovem e também contra mim. Ele deveria ter tomado a carta, mas por respeito fingiu que não havia visto nada e nada fez. E aquilo *realmente* me humilhou. Abusar da confiança dele daquela maneira. Ao mesmo tempo, eu não poderia dizer ao jovem “Não me dê a carta, leve-a de volta”, porque se o fizesse, o guarda teria punido o jovem, o teria acusado. Mas conseguíamos

contrabandear cartas discretamente.

26. DE UMA CARTA A TIM MAHARAJ, DATADA DE 1º DE FEVEREIRO DE 1971^[117]

Já foi dito mil e uma vezes que o que importa não é o que acontece a uma pessoa, mas como ela reage. Pode parecer bobagem aborrecê-lo com algo que é de conhecimento mais que comum. Contudo, sempre que é minha vez de ser vítima de um infortúnio, eu esqueço precisamente dessas pequenas coisas e com isso o inferno cai sobre mim.

M/S Seedat, Pillay & Co, Durban // I intend
instituting legal proceedings in the CPD against the
Act of Prisons for a declaration of rights & for an
interdict restraining the prison authorities from
abusing their authority & subjecting me & my fellow
prisoners to political persecution & from committing
other irregularities // In this connection I should be
pleased if you would act for me & brief Adv. B. Bizos
of the JHB Bar or any other barrister he recommends.
I hope you will be able to arrange a consultation at
your earliest possible convenience either with a
member of your firm or with counsel whom the
full facts on which the cause of action is founded
will be placed before you // If your firm is for any
reason unable to come down for consultation, I
would still like to retain your services but would be
happy to have an interview with any other person
you might send. Arrangement for payment of your
fees & disbursements will be made directly with
you or your representative at the consultation // On Oct.
7, 1976 I wrote & asked the Commanding Officer, Col.
Roelofse, for permission to instruct my lawyers to
institute these proceedings. The request was refused &
I had no option but to smuggle this letter out of
prison // On July 12, 1976 I wrote a 22 page letter to the
Commissioner of Prisons & expressly drew his attention
to the abuse of authority, political persecution & other
irregularities committed by him & his staff. A
copy of this letter is still in my possession & I hope
to hand it directly to you in due course. Meantime
I would suggest that you ask him not to remove the
document & other papers relevant to the contemplated
proceedings from my custody // Here is a summary of
the letter: Abuse of Authority. Both Col. Roelofse & Lt. Pien-
aar, Head of Prison, have been systematically preaching
moralism to fellow prisoners of different populations

De uma carta contrabandeada para fora da prisão para advogados em Durban, datada de janeiro de 1977, ver texto a seguir. A página acima está em tamanho real.

27. DE UMA CARTA CONTRABANDEADA DA PRISÃO PARA ADVOGADOS EM DURBAN,
DATADA DE JANEIRO DE 1977

M/S Seedat, Pillay and Co, Durban

Pretendo iniciar procedimentos legais na CPD [Divisão Provincial do Cabo] contra o Departamento Prisional para uma declaração de direitos e para impedir que as autoridades prisionais abusem da sua autoridade e submetam a mim e meus colegas prisioneiros a perseguições políticas e cometam outras irregularidades.

A este respeito, gostaria que vocês agissem em meu nome e avisassem o advogado G. Bizos, da Ordem dos Advogados de Johannesburgo, ou qualquer outro por ele recomendado. ^[118] Espero que vocês consigam, no menor prazo possível, uma consulta com um membro da sua firma, quando todos os fatos sobre os quais se baseia a ação serão expostos.

Caso, por alguma razão, sua firma não possa vir para uma consulta, mesmo assim eu gostaria de contar com seus serviços e gostaria de ter uma entrevista com qualquer outra pessoa enviada por vocês. Os acordos para o pagamento de seus honorários e suas despesas serão feitos diretamente com vocês ou seu representante na consulta.

Em 7 de outubro de 1976, escrevi ao oficial-comandante, coronel Roelofse, pedindo permissão para instruir meus advogados para a instituição dos procedimentos. A solicitação foi recusada e não tive opção senão contrabandear esta carta para fora da prisão.

Em 12 de julho de 1976, escrevi uma carta de 22 páginas ao comissário prisional e chamei expressamente sua atenção para o abuso de autoridade, a perseguição política e outras irregularidades cometidas pelo oficial-comandante e seu pessoal. Uma cópia dessa carta ainda está comigo e espero entregá-la diretamente a vocês no devido tempo. Enquanto isso, sugiro que vocês lhe peçam para que não retire de minha custódia o documento e outros papéis relevantes para os procedimentos pretendidos.

Aqui está um resumo da carta: Abuso de autoridade. Tanto o coronel Roelofse quanto o tenente Prins, diretor da prisão, pregam sistematicamente o racismo a colegas prisioneiros de diferentes grupos populacionais na ala de celas individuais onde vivo, tentando fomentar entre nós sentimentos de hostilidade.

Interferência imprópria com as relações sociais. Depois de expor os fatos que corroboram esta alegação, acrescentei: “Agora considero as explicações inverídicas que são dadas repetidamente pelos funcionários locais a respeito da nossa correspondência e as chamadas objeções ao seu conteúdo ou à pessoa que a escreveu como uma mera técnica para nos privar do direito legal de preservar um bom relacionamento entre nós e com nossos parentes e amigos.”

Censura à correspondência enviada. Como aconteceu com frequência no passado, o cartão de aniversário que enviei à minha filha em dezembro de 1975 não chegou até ela. Em 1º de fevereiro último escrevi à minha mulher e lamentei

o fato. Também fiz referência às fotos que minha filha enviou repetidamente e desapareceram sem deixar rastro. O oficial-comandante fez objeção a este parágrafo. Minha filha joga rúgbi e, em outra carta, eu a aconselhei a prestar atenção à sua dieta. Pediram que eu retirasse essa passagem. Minha sobrinha-neta queria estudar Direito, e escrevi à sra. F. Kentridge, da Ordem dos Advogados de Johannesburgo, pedindo que a orientasse a respeito da advocacia como profissão para mulheres. O tenente Prins pediu que eu retirasse esse parágrafo em particular e, algumas semanas depois de entregar a carta alterada, fui informado de que ela não seria enviada porque o departamento tinha objeções à pessoa da sra. Kentridge. Eu concluí: “Impedir que eu diga à minha mulher que enviei à minha filha um cartão de aniversário que não chegou até ela, que eu sempre penso nela e que as fotos que ela me enviou haviam desaparecido não é razoável, nem com base em considerações de segurança nem no desejo de manter boa ordem e disciplina, nem na promoção do meu bem-estar. O mesmo se aplica à minha carta à sra. Kentridge...”

Censura à correspondência recebida. Mas os piores abusos relativos à censura de cartas são cometidos com a correspondência que chega, e, a este respeito, o comandante e seu pessoal se tornaram desmedidos. A censura é maliciosa e vingativa e, mais uma vez, não é motivada por considerações de segurança e disciplina, nem pelo desejo de promover nosso bem-estar.

Considero isto parte de uma campanha de perseguição política sistemática e uma tentativa para nos manter na ignorância do que acontece fora da prisão, até mesmo de nossos assuntos familiares. O que o comandante está tentando fazer não é apenas nos isolar da poderosa corrente de boa vontade e apoio que vem fluindo incessantemente durante os 14 anos de meu encarceramento na forma de visitas, cartas, cartões e telegramas, mas também nos desacreditar junto às nossas famílias e aos nossos amigos nos apresentando a eles como pessoas irresponsáveis, que nunca respondem às cartas a eles enviadas, nem tratam dos assuntos importantes a eles encaminhados pelos seus correspondentes.

Além disso, os padrões duplos usados na censura às cartas são covardes e calculados para que o povo tenha a falsa impressão de que as cartas que saem não são censuradas. Na verdade, nos pedem para reescrevê-las sempre que haja qualquer assunto ao qual as autoridades prisionais façam objeções, para eliminar qualquer evidência de que elas foram fortemente censuradas. As cartas que chegam são cortadas e raspadas de acordo com a vontade do censor. Nada poderá lhe transmitir melhor a extensão dos danos causados à correspondência que chega que uma inspeção pessoal sua. Muitas das cartas da minha mulher não passam de tiras de informações incoerentes, difíceis de serem mantidas juntas até mesmo em um arquivo. [\[119\]](#)

Minha mulher esteve presa várias vezes e conhece bem não só as regras relevantes da prisão, mas também a sensibilidade dos funcionários prisionais a qualquer coisa que eles possam considerar censurável. Ela faz um esforço consciente para se limitar a assuntos de família, mas mesmo assim dificilmente uma carta sua escapa à mutilação.

Em 24 de novembro de 1975 ela me escreveu uma carta de cinco páginas e somente fragmentos de duas delas chegaram até mim. A política de censura adotada aqui não é seguida pelos funcionários de outras prisões. Como se sabe, minha mulher cumpriu recentemente uma sentença de seis meses em Kroonstad. [120] Algumas cartas suas foram postadas pelo comandante daquela prisão, mas foram fortemente censuradas.

Mas o que mais detesto é ser forçado a fazer parte de uma prática baseada em pura falsidade. É imoral o comandante destruir ou reter cartas de nossas famílias e amigos e, ao mesmo tempo, nos impedir de contar a eles o que ele faz. Considero uma insensibilidade permitir que nossas famílias continuem a desperdiçar dinheiro, tempo, energia, boa vontade e amor nos enviando cartas e cartões que o comandante sabe que nunca nos serão entregues... O senhor precisa fazer uma declaração pública na qual defina claramente a política do seu departamento e particularmente aquilo que considera censurável e as categorias de pessoas que não podem nos escrever, nem enviar mensagens de boa vontade.

Desaparecimento de cartas em trânsito. O número de cartas que desaparecem em trânsito é grande demais para ser explicado como ineficiência dos correios e, pela recusa irracional e persistente do comandante em permitir que registremos nossas cartas, devo inferir que seu desaparecimento não é acidental.

Visitas. Até mesmo aqui as medidas tomadas pelo comandante para supervisionar as conversas entre presos e visitas vão além dos requisitos de segurança. A colocação de quatro ou mesmo seis guardas para cada visitante e respirar ou encará-lo de modo ameaçador é uma forma gritante de intimidação.

É meu dever lhe informar que existe uma crença disseminada entre meus colegas prisioneiros de que nessas visitas há um dispositivo de escuta que grava todas as conversas, inclusive sobre assuntos confidenciais entre marido e mulher. Caso isto ocorra, dificilmente existe justificativa para a demonstração de força geralmente exibida durante essas visitas.

Qualificações linguísticas dos censores. O homem diretamente encarregado de censurar cartas e revistas é o suboficial Steenkamp. Embora possa ter sido aprovado em inglês, ele certamente não é mais fluente nesse idioma do que eu em africâner, e duvido que o sargento Fourie seja melhor do que ele.

Até mesmo o comandante tem dificuldade para se expressar em inglês. Na verdade, durante meus 14 anos de encarceramento não conheci nenhum

comandante cujo inglês fosse tão ruim quanto o do coronel Roelofse, que comanda a prisão... onde a maioria esmagadora dos prisioneiros fala inglês e não conhece africâner.

Proibição de correspondência com partidários políticos. Prins disseme agora que não temos permissão para nos comunicar com qualquer pessoa que o departamento considera nosso aliado político, nem com parentes de outros prisioneiros, independente do conteúdo das cartas.

Telegramas e cartões de Páscoa. O comandante introduziu uma nova prática de não permitir que leiamos os telegramas a nós enviados. Agora nos é dada uma mensagem rabiscada em um pedaço de papel, sem data de emissão e de recebimento e sem outras informações essenciais. Acreditamos que esses telegramas são primeiro enviados para exame à polícia de segurança antes de serem entregues ao destinatário e que, para ocultar o atraso resultante, o comandante criou esta prática.

Os remetentes desses telegramas pagam mais para garantir a entrega rápida da mensagem e é um assunto de preocupação pública o fato de um departamento do governo frustrar deliberadamente a operação eficiente de um serviço público pelo qual os cidadãos pagam um imposto especial.

Dinheiro recebido para os prisioneiros. Há entre os presos a impressão geral de que o comandante e a polícia de segurança estão se apropriando do nosso dinheiro. Em 31 de maio de 1976 o tenente Prins enviou uma mensagem comunicando que a quantia de R30 havia sido recebida do sr. e da sra. Matlhaku em 5 de novembro de 1975. Nenhuma explicação foi dada sobre por que, durante todo o período, ele me havia dito repetidamente que o dinheiro não tinha sido recebido, nem creditado em minha conta.

Devo lhe dizer que a maneira negligente com que minhas queixas têm sido investigadas e a grande demora no fornecimento de informações simples sobre nosso dinheiro são motivos de grave preocupação que o senhor deveria investigar o mais depressa possível e limpar a reputação do seu departamento pelo menos neste aspecto em particular.

Debates políticos nas sessões do Conselho Prisional. Há vários anos é prática normal nessas sessões que seus membros envolvam os presos em debates políticos. Esses debates são usados pelo conselho para punir aqueles que se opõem à política de desenvolvimento segregacionista.

Incapacidade do comissário prisional de visitar os presos políticos na Ilha de Robben. Os abusos acima descritos são agravados pela sua incapacidade de visitar a Ilha de Robben e nos dar a oportunidade de discutir esses problemas diretamente com você. Visitas de outros representantes do quartel-general, qualquer que seja sua patente, não podem substituir uma visita do diretor do

departamento em pessoa.

Uma das principais causas de atrito é a ligação entre este departamento e a polícia de segurança, e um dos seus primeiros passos para solucionar nossas reclamações é cortar completamente essa ligação. Muitos presos veem o comissário prisional, com respeito a todos os assuntos ligados a nós, como uma mera figura decorativa e acham que quem manda na verdade é o chefe da polícia de segurança, que diz ao comissário não só o que fazer, mas também como fazer.

Tenho me perguntado se devo continuar a participar de uma prática que considero antiética e que me dá a impressão de que ainda tenho direitos e privilégios que foram tão alterados que se tornaram praticamente sem valor.

Mas ainda acredito que o senhor, diretor deste departamento, que detém a patente de general, não irá permitir nem perdoar esses métodos clandestinos, e até que sua decisão sobre o assunto prove que estou errado, continuarei a agir na crença de que não está informado a respeito do que acontece nesta prisão.

É inútil pensar que qualquer forma de perseguição irá mudar nossas opiniões. Seu governo e seu departamento têm um histórico notório de ódio, desprezo e perseguição aos negros, em especial os africanos, ódio e desprezo estes que formam o princípio básico das leis do país. A crueldade do seu departamento em submeter nosso povo à prática indecente da *thawuza*, pela qual um prisioneiro devia se despir e mostrar seu ânus à inspeção de um funcionário na presença de outros, a prática igualmente obscena de um guarda introduzir um dedo no reto do prisioneiro, de agredi-lo brutalmente todos os dias e sem provocação foi abolida pelo governo depois que se transformou em escândalo nacional.

Mas a desumanidade do guarda sul-africano ainda permanece; só que agora foi desviada para outros canais e assumiu a forma sutil de perseguição psicológica, um campo no qual alguns dos seus agentes locais estão se tornando especialistas. Tenho a esperança de que um homem do seu nível e sua experiência irá entender imediatamente a gravidade desta prática perigosa e tomar as providências adequadas para eliminá-la.

É inútil e contrário às experiências históricas do país pensar que nosso povo irá nos esquecer. Embora 160 anos tenham se passado desde as execuções de Slachter's Neck, 74 desde os campos de concentração da Guerra dos Bôeres e 61 desde que Jopie Fourie fez seu último discurso.

Certamente nunca irei acreditar se o senhor disser que se esqueceu dos patriotas africânderes, os homens cujo sacrifício ajudou a libertá-los do imperialismo britânico e governar o país, e, para o senhor em particular, a se tornar o chefe deste departamento.

De uma carta contrabandeada da prisão para advogados em Durban, datada de janeiro de 1977; ver texto a seguir.

É certamente irracional para qualquer homem esperar que nosso povo, para quem somos heróis nacionais, perseguidos por lutar pela recuperação do nosso país, nos esqueça enquanto vivermos e no auge da luta por uma África do Sul livre. Seu povo está matando o meu hoje, e não há um século e meio. É a África do Sul de hoje que é um país de opressão racial, prisão sem julgamento, de tortura e sentenças rigorosas e a ameaça dos campos de concentração não está no passado distante, mas no futuro imediato. Como poderá nosso povo nos esquecer quando lutamos para libertá-lo de todos esses males?

Na África do Sul, como em muitos outros países, várias questões dividem presos e autoridades prisionais. Não concordo com a política do departamento chefiado pelo senhor. Detesto a supremacia branca e irei combatê-la com todas as armas à minha disposição. Mas mesmo quando o choque entre nós tiver assumido a forma mais extrema, eu gostaria que combatêssemos de acordo com nossos princípios e ideias e sem ódio pessoal para que, no final da batalha, qualquer que seja o resultado, eu possa apertar orgulhosamente sua mão, por sentir que lutei contra um oponente correto e valoroso, que observou o código de honra e decência. Mas enquanto seus subordinados continuarem a usar métodos

baixos, a sensação de amargura e desprezo se tornará inevitável.

A carta termina aqui. Ela é um mero resumo e alguns fatos importantes foram omitidos.

Com respeito à questão da correspondência, é possível que este departamento tenha apenas o direito de objetar o conteúdo de uma carta e não o seu autor. Mas não tenho acesso à Lei das Regras e Regulamentos Prisionais, nem às Ordens de Serviço. Talvez vocês queiram investigar o assunto.

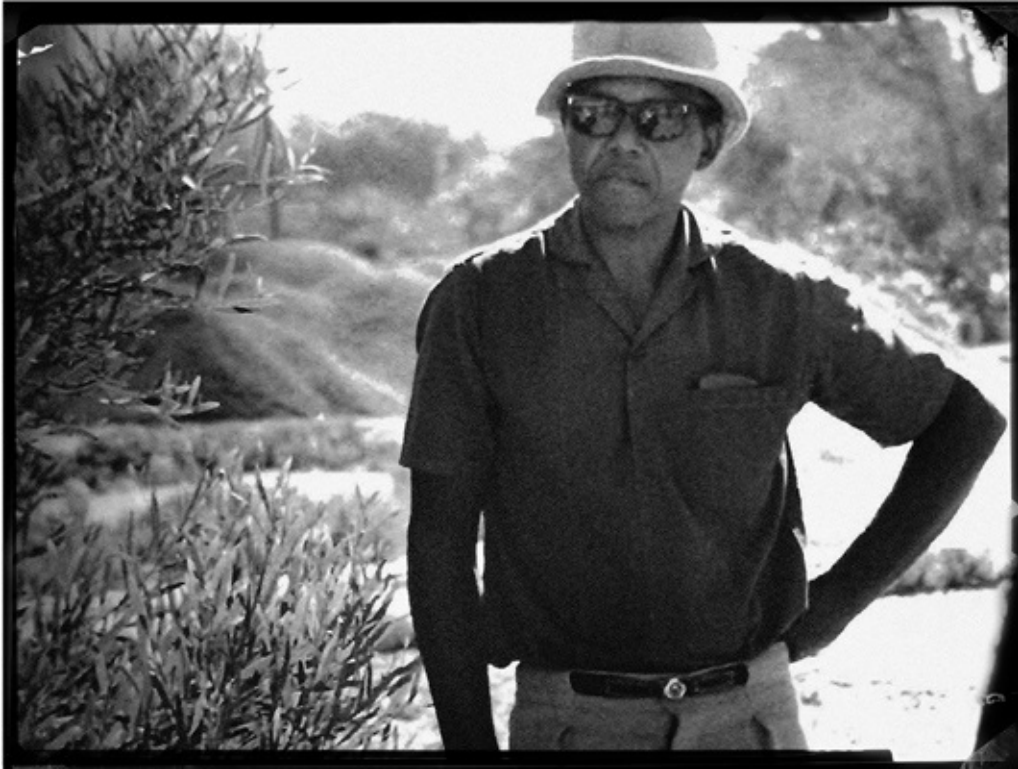
Quase esqueci de lhes contar que, em 9 de setembro, o comandante me informou de que recebeu uma carta do comissário prisional, datada de 26 de agosto, na qual este declarava estar satisfeito com a atuação da administração desta ilha e que não podia investigar as queixas de indivíduos mantidos em custódia nas prisões do país. Com essa resposta, o comissário deu sua aprovação oficial aos abusos de autoridade, à perseguição sistemática e a outras irregularidades mencionadas em minha carta de 12 de julho.

Finalmente, gostaria que soubessem que essas instruções serão canceladas somente por mim, ou... por minha assinatura ou diretamente durante uma entrevista com um representante da sua firma.

Sinceramente,
NR Mandela 466/64
Janeiro de 1977

CAPÍTULO 9

Um homem acomodado



“Cavalos velhos e famosos tombam como muitos tombaram antes, alguns para serem esquecidos para sempre e outros para serem lembrados como meros objetos históricos e de interesse somente para acadêmicos.”

De uma carta a Archie Gumedé, datada de 1º de janeiro de 1975; ver texto a seguir.

1. DE UMA CARTA A ARCHIE GUMEDE, DATADA DE 1º DE JANEIRO DE 1975

Cavalos velhos e famosos tombam como muitos tombaram antes, alguns para serem esquecidos para sempre e outros para serem lembrados como meros objetos históricos e de interesse somente para acadêmicos.

2. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

(1) A história da vida de uma pessoa deve lidar de forma franca com colegas políticos, suas personalidades e visões. O leitor quer conhecer que espécie de pessoa é o escritor, seu relacionamento com outras pessoas e essas informações devem emergir não dos epítetos usados, mas dos próprios fatos. (2) Mas a autobiografia de um combatente da liberdade precisa inevitavelmente ser influenciada pela pergunta de se a revelação de determinados fatos, mesmo que sejam verdadeiros, irá ou não ajudar o progresso da luta. Caso a revelação desses fatos permita que vejamos os problemas com clareza e nos aproxime de nosso objetivo, então é nosso dever fazê-lo, por mais que essas revelações afetem de forma adversa os indivíduos envolvidos. Mas a franqueza que cria tensões e divisões desnecessárias que podem ser exploradas pelo inimigo e retardar a luta como um todo é perigosa e deve ser evitada. (3) O máximo de cautela torna-se particularmente necessário quando uma autobiografia é escrita clandestinamente na prisão, onde a pessoa lida com colegas políticos que também vivem sob os sofrimentos e tensões da vida na prisão, que estão em contato diário com funcionários com mania de perseguir prisioneiros. Quando se escreve sob essas condições é forte a tentação de mencionar somente as coisas que irão fazer com que seus colegas prisioneiros sintam que seus sacrifícios não foram em vão, que os afastam das cruéis condições em que vivem e os tornam felizes e esperançosos. Uma parte essencial dessa cautela e dessa imparcialidade é contar com a mais ampla possibilidade de consultar seus colegas sobre o que você pretende dizer a respeito deles, de fazer circular seu manuscrito e lhes dar oportunidade de expor suas opiniões a respeito de qualquer questão controversa exposta, para que os próprios fatos possam refletir com exatidão os pontos de vista de todos os envolvidos, quaisquer que possam ser os comentários do autor sobre os fatos. Infelizmente, as condições sob as quais escrevi esta história, em especial as considerações relativas à segurança, possibilitaram a consulta de apenas uns poucos amigos meus. [\[121\]](#)

3. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

(15) Os holofotes focalizaram algumas figuras conhecidas, como Wilton Mkwayi, Billy Nair, Raymond Mhlaba, Ahmed Kathrada, Govan Mbeki e Walter Sisulu.^[122] Isto é muito natural, porque eles estão entre os principais homens do país, admirados por centenas de milhares de pessoas aqui e no exterior por sua coragem e dedicação. Todos eles estão alegres e otimistas e têm sido uma fonte de inspiração para mim e meus companheiros de prisão. Eles estão entre aqueles que têm ajudado a nos manter constantemente conscientes da nobre tradição associada ao Movimento do Congresso.^[123] Mas esta é só parte da história. Cada um dos nossos homens é como um tijolo que compõe nossa organização; eles são homens da Seção Principal que, enquanto nós aqui lidamos com cerca de 20 homens, lidam com os maiores e mais delicados problemas que afetam várias centenas de homens vindos de todas as partes e profissões, que em sua maioria esmagadora não recebem visitas, nem cartas, não dispõem de fundos para estudar, não sabem ler nem escrever e são constantemente submetidos a todas as crueldades da vida na prisão.

4. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Walter [Sisulu] e Kathy [Kathrada] têm em comum uma característica que forma uma parte essencial da nossa amizade e à qual dou muito valor – eles nunca hesitam em me criticar por meus erros e em toda a minha carreira política serviram como um espelho através do qual posso ver a mim mesmo. Gostaria de lhes contar mais a respeito do corajoso grupo de colegas com quem sofro humilhações diariamente e que, mesmo assim, comportam-se com dignidade e determinação. Gostaria de poder relatar suas conversas e brincadeiras, sua disposição para ajudar em qualquer problema pessoal enfrentado pelos colegas de prisão, para que vocês pudessem julgar por si mesmos o calibre dos homens cujas vidas estão sendo sacrificadas no diabólico altar do ódio racial.

5. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA NA PRISÃO DE KROONSTAD, DATADA DE 1º DE FEVEREIRO DE 1975

Você pode achar que a cela é o lugar ideal para aprendermos a nos conhecer, para se vasculhar realística e regularmente os processos da mente e dos sentimentos. Ao avaliarmos nosso progresso como indivíduos, tendemos a nos concentrar em fatores externos, como posição social, influência e popularidade, riqueza e nível de instrução. Certamente são dados importantes para se medir o sucesso nas questões materiais, e é perfeitamente compreensível que tantas

peessoas se esforcem tanto para obter todos eles. Mas os fatores internos são ainda mais decisivos no julgamento do nosso desenvolvimento como seres humanos. Honestidade, sinceridade, simplicidade, humildade, generosidade pura, ausência de vaidade, disposição para ajudar os outros – qualidades facilmente alcançáveis por todo indivíduo – são os fundamentos da vida espiritual. O desenvolvimento de questões dessa natureza é inconcebível sem uma séria introspecção, sem o conhecimento de nós mesmos, de nossas fraquezas e nossos erros. Pelo menos – ainda que seja a única vantagem – a cela de uma prisão nos dá a oportunidade de examinarmos diariamente toda a nossa conduta, de superarmos o mal e desenvolvermos o que há de bom em nós. A meditação diária, de uns 15 minutos antes de nos levantarmos, é muito produtiva neste aspecto. A princípio, pode ser difícil identificar os aspectos negativos em sua vida, mas a décima tentativa pode trazer valiosas recompensas. Nunca se esqueça de que os santos são pecadores que continuam tentando.

6. DE UMA CARTA À SRA. D.B. ALEXANDER, DATADA DE 1º DE MARÇO DE 1976

Um dos meus passatempos favoritos é examinar todos os cartões que recebi no ano anterior; outro dia, eu estava olhando aquele que você enviou em dezembro último. Ele contém apenas quatro palavras impressas, às quais você acrescentou três escritas com clareza. Essa economia de palavras é característica de todas as mensagens sazonais que recebi de você; contudo, elas estão cheias de calor e inspiração e, toda vez que recebo uma, sinto-me mais jovem que meu neto Leo.

7. DE UMA CARTA A ZAMILA AYOB, DATADA DE 30 DE JUNHO DE 1987

Certa vez escrevi a Zami no início dos anos 1970 aquela que considereei uma carta romântica, de um homem que adorava e venerava sua amada esposa. Nela observei que Zeni e Zindzi haviam crescido lindamente e que eu tinha muito prazer em conversar com elas. Minha amada ficou furiosa e, quando cheguei à última linha da sua carta, senti que tinha muita sorte em estar fisicamente tão longe dela, caso contrário teria perdido minha jugular. Foi como se eu tivesse cometido uma traição. Ela me fez lembrar: “Fui eu, não você, quem criou essas meninas que agora você prefere a mim!” Fiquei simplesmente estupefato.

8. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DA SUA AUTOBIOGRAFIA

Meu aprendizado e minha experiência como advogado praticante em Johannesburg, a maior cidade da África do Sul, me sensibilizaram, no início de

minha carreira política, para aquilo que estava acontecendo nos corredores do poder de nosso país. Esta experiência foi reforçada durante meu período como prisioneiro na Ilha de Robben.

Naquela época, os guardas da prisão não constituíam o estrato mais bem-educado da comunidade. Em sua maioria, eles eram hostis às nossas aspirações e consideravam todos os prisioneiros negros sub-humanos. Eles eram intensamente racistas, cruéis e rudes no trato conosco.

Havia entre eles exceções notáveis, que pacientemente alertavam seus colegas de que, em outras partes do mundo, os movimentos de libertação com frequência venciam seus opressores e passavam a ser governantes. Os guardas, progressistas, recomendavam que os prisioneiros deviam ser bem-tratados, estritamente de acordo com os regulamentos, para que no devido tempo, caso vencessem e se tornassem o governo, eles tratassem bem os brancos.

O CNA [Congresso Nacional Africano] sempre salientou o princípio de que estávamos lutando não contra os brancos em si, mas contra a supremacia branca, uma política que se reflete totalmente na composição racial das principais estruturas da organização e dos governos nos níveis nacional, provincial e municipal.

Naquela época, nem todos os meus companheiros de prisão tinham tido oportunidade de conhecer os assuntos dos departamentos do governo. Alguns dos mais influentes entre nós duvidavam seriamente que o diálogo com o regime do apartheid fosse uma opção exequível.

9. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA PROMOÇÃO A UMA POSIÇÃO MAIS GRADUADA NA PRISÃO¹²⁴

STENGEL: E por que você foi o primeiro?

MANDELA: Bem, trata-se apenas de uma questão de bom relacionamento com as autoridades... Embora elas nos combatessem, eu mantinha um bom relacionamento porque queria poder ir até elas para discutir um problema. Porque eu me preocupava com as pessoas, tanto na ala principal – pessoas com quem eu não tinha contato – como no nosso grupo, na nossa seção, e elas me deixavam preocupado a respeito de problemas de todos os tipos, alguns muito sérios, os quais tinham de ser resolvidos separadamente dos problemas gerais de políticas... e da prática... Portanto, eu mantinha um bom relacionamento com as autoridades, até mesmo com Aucamp e, é claro, o comissário-geral Steyn... Mas eu as combatia em questões de princípios, e quando elas faziam alguma coisa errada, eu as enfrentava.

10. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE OS GUARDAS DA PRISÃO

Não quero dar a impressão de que *todos* os guardas não passavam de animais e patifes. Desde o começo havia guardas que achavam que nós devíamos ser tratados corretamente... Sem querer me vangloriar, eles vinham conversar comigo, em especial nos fins de semana e à noite. E alguns deles eram *realmente* bons homens e expressavam com isenção suas opiniões a respeito do tratamento que estávamos recebendo. E soubemos, quando começamos a conhecer melhor os guardas e oficiais, que havia uma *séria* discussão entre os guardas. Alguns diziam: “Não podemos tratar as pessoas desta maneira. Devemos tratá-las com decência. Devemos lhes dar jornais e rádios.” E outros diziam: “Não, se fizermos isso estaremos elevando o moral deles. Não façam isso.” Eles diziam: “Mesmo assim, eles estão na ilha.” E assim seguia a discussão. E para ver essa divisão entre os guardas, nós decidimos, depois de algum tempo, fazer uma operação tartaruga... costumávamos levar uma manhã *inteira* para fazer um carregamento... Eles tentaram de *tudo* e nós não cedemos. Mas havia um sujeito chamado sargento Opperman, que nos reuniu e disse: “Cavalheiros, choveu ontem à noite e as estradas estão esburacadas. Preciso de calcário para consertá-las. Quero cinco cargas de caminhão para hoje. Vocês podem me ajudar?” O fato de ele ter nos chamado e nos tratado como cavalheiros nos fez sentir que devíamos ajudá-lo e carregamos cinco caminhões em pouco mais de uma hora. E depois que ele se foi, voltamos à operação tartaruga.

Mas *aquele* sujeito não só era cortês, mas quando ele estava de serviço na cozinha, nós recebíamos nossas rações... na cozinha havia muito contrabando. Tomavam nossa carne, nosso açúcar e assim por diante. E *aquele* sargento certificava-se de que recebêssemos nossas rações, e por isso nós o respeitávamos. E havia *muitos* guardas com a mesma visão. E assim, embora tivéssemos sérias dificuldades, havia bons momentos em que alguns guardas nos tratavam como seres humanos.

11. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Algum dos guardas participava de discussões políticas com vocês?

MANDELA: Oh, sim. Muitos deles. Em geral havia alguns sujeitos inteligentes que se envolviam em discussões. E em consequência dessas discussões, eles se tornaram *muito* amistosos conosco – *muito, muito* amistosos. Ainda sou amigo de alguns deles até hoje.

STENGEL: E como eles começavam a participar? Ouviam e depois também começavam a dar suas opiniões?

MANDELA: Bem, eles nos faziam perguntas. De minha parte, nunca iniciei uma

discussão política com nenhum carcereiro. Eu os ouvia. Você é mais eficaz se está respondendo a uma pessoa que quer saber, que pergunta. Quando uma informação é dada de forma gratuita e voluntária, algumas pessoas se ressentem e você não é eficaz. É melhor se manter a distância. Mas quando alguém pergunta “O que exatamente você quer?”, como eles faziam normalmente, “Conte-me, o que você quer?”, então eu explicava: “Bem, você tem comida suficiente e se preocupa com essas coisas? Por que criar tantas dificuldades, desgraças para o país, atacar pessoas inocentes, assassiná-las?” E então eu tinha a oportunidade de explicar e dizer: “Não, você não conhece sua própria história. Quando vocês eram oprimidos pelos ingleses, faziam exatamente aquilo que fazemos. E essa é a lição da história.”

12. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Mac Maharaj estava falando a respeito de como você... na prisão... costumava representar os outros presos; mas isso era contra os regulamentos?

MANDELA: Sim, era.

STENGEL: Mas eles no fim das contas permitiam isso?

MANDELA: Sim.

STENGEL: Como isso aconteceu?

MANDELA: Insistindo e reafirmando o nosso direito. Eles tiveram que aceitar. Porque quando um homem luta, até mesmo os inimigos o respeitam, especialmente se ele lutar de forma inteligente... Eu digo: “*Isto está errado, eu vi.* O que você vai fazer a este respeito? Quer eu tenha ou não o direito de falar pelos outros presos, um crime foi cometido e o que você irá fazer? Você é um policial: precisa fazer alguma coisa. Muito bem, se você não quer fazê-lo, dê permissão para que eu escreva à administração. E se ela não me ajudar, escreverei ao ministro da Justiça. Se ele não me ajudar, então terei esgotado todos os canais de reclamações dentro do serviço prisional. Eu irei para fora dele.” E eles temiam isso. Eles temiam porque... eu era persistente e houve casos em que assumi a frente e fui até o ministro da Justiça, e quando nada aconteceu, contrabandeei uma carta para fora e relatei o caso à imprensa. Assim, quando eu ia até eles e dizia: “Se vocês não cuidarem disto, eu sei o que fazer”... eles temiam devido às experiências anteriores. Dessa maneira, eles me permitiam falar pelos outros presos.

13. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: Você acha que as pessoas da sua geração ainda têm uma espécie de

deferência em relação aos brancos que não irá existir na geração mais jovem? Mesmo em você, por exemplo, existe algum sentimento residual...

MANDELA: De inferioridade em relação ao homem branco?

STENGEL: Sim.

MANDELA: Não, não creio... porque, especialmente quando você esteve por tanto tempo no movimento de libertação e esteve dentro e fora da prisão... Um dos objetivos da Campanha de Desafio, de 1952, era instilar este espírito de resistência à opressão, não para ter medo dos brancos, os policiais, sua prisão, seus tribunais... e naquela ocasião 8.500 pessoas foram presas porque transgrediram leis que pretendiam nos humilhar e nos manter segregados, para reservar determinados privilégios para aos brancos. Transgredimos essas leis e fomos presos, e, como resultado de campanhas dessa natureza, hoje nosso povo não teme a repressão; está preparado para desafiá-la. E se um homem pode questionar uma lei, ir para a cadeia e sair, é pouco provável que ele se sinta intimidado pela vida na prisão. Portanto, mesmo em nossa geração mais velha, não existe sentimento de inferioridade, exceto que pode ser dito que somos mais maduros no trato de problemas. Sabemos que o contato é a melhor maneira de convencer alguém. Isso porque esses sujeitos, em sua maioria, não são esclarecidos, não têm a *profundidade* para poder apreciar os problemas. E quando você os confronta com um argumento sem elevar a voz, parece não estar questionando a dignidade e a integridade deles. Deixe que ele relaxe e entenda seu argumento. Invariavelmente, até mesmo os guardas mais calejados da prisão, quando você se senta e fala com eles, desmoronam totalmente...

Havia um sujeito, o sargento Boonzaier, muito interessante... Um dia tivemos uma discussão e eu lhe disse algumas coisas muito desagradáveis na presença de outros prisioneiros. Mas depois reconheci que havia sido muito duro com ele, porque ele é comparativamente jovem. Tinha pouco mais de vinte anos, mas era um sujeito duro, frio e distante, e obviamente havia cometido um erro. Mas achei que minhas observações haviam sido demasiado severas, e no dia seguinte voltei ao escritório e lhe disse: “Desculpe-me por aquilo que eu disse. Não era a coisa certa a fazer. Apesar de você estar errado, sinto muito por aquilo que eu disse.” Ele respondeu: “Você falou comigo daquele jeito na frente dos seus amigos e agora vem rastejando quando estamos sozinhos [*risos*] e pede desculpas. Agora chame aqueles sujeitos e lhes diga que me xingou na presença deles.” E eu tive de chamá-los e dizer: “Ele tem razão, pois eu o censurei na presença de vocês. E então fui pedir-lhe desculpas em particular, e ele não aceitou.” Depois ele disse: “Bem, então aceito suas desculpas.” Mas mesmo assim não havia nenhum sentimento de gratidão, de agradecimento a mim, sabe? Ele ainda estava

assustado [risos]...

Uma das coisas mais temidas pelos guardas é quando um oficial superior vem à nossa ala. Eles querem estar lá para receber o oficial... Vi de longe um oficial vindo e achei que deveria avisá-lo, e disse: “Sr. Boonzaier, o coronel está vindo para cá.” Ele respondeu: “E daí? Ele conhece este lugar. Ele pode ir e vir sozinho. Não vou me juntar a ele.” [risos]... *Muito* independente. Ele era órfão. Contou-me sua história e foi por isso que fiquei tão *envergonhado* por aquilo que havia dito... Ele foi criado em um orfanato e uma das histórias que me contou foi que quando eles tomavam o café da manhã, ou qualquer outra refeição, não falavam uns com os outros porque eles *detestavam* sua situação, o fato de não terem pais, nenhum amor paterno; a amargura dele se devia a isso. E eu o respeitava muito porque ele era um sujeito que se virou sozinho. E ele era independente e estava estudando. Era absolutamente destemido... Acho que ele deixou a prisão. Sim. É por isso que falo dele tão abertamente. Caso contrário, eu não falaria porque isso poderia afetá-lo.

I wrote to the children just after your detention consoling them not to be worried about your absence from home. I also reminded them that you are experienced in facing difficulties at the same time wishing them good luck and success in the examinations. Although encouraging them, I am always concerned about your health, spending sleepless nights thinking about the children who are left alone the damage of property in the house, thinking of friends and the loss of such a good paying job, the loss of money paid for examinations and the anxiety of not knowing when we shall meet again. The girls told me that they visited you several times and that you seemed to be in good health. Such messages gives one courage.

This year I received two letters from ZINDZI and none from ZENI. I did not want to ask her about that when they were here for fear that she would be ashamed. Although I wrote to them in September I will do so again next month. It sounds well that ZEIN and BAHLE are still in good terms. ZINDZI said she parted with FIDZA. Her new friend is MAFUTHA OUPA. She said you will explain all about that for she could take the whole day and night to do that. I hope you will write about that. I always think of a place where they can spend the holiday since you are not at home.

Although I am still without proof whether you received the letters of Sept. 1 and Oct. 1, as for the one of Aug. 1 I will always be expecting an answer to hear if you do receive my letters. In spite of what the contents of those letters might be, their main point love, sympathy, remembrance, respect and all that might be relevant to all that I had written therein. My main problem since I left home is my sleeping without you next to me and my waking up without you close to me, the passing of the day without my having seen you with that audible voice of yours. The letters I write to you and those you write to me are an ointment to the wounds of our separation.

As I am writing, the look of that famous author about the desert country is not far from me. The spiritual draught has vanished and substituted by the rain that fell as I completed it. Your letter dated 19/9 is just arriving now. As I am speaking, all the springs of life are running. The tributaries are full of clean water, the lakes are full and all the grandeur of nature has returned to normal. At this minute all my thoughts are beyond the Vaal in Johannesburg in the room where you are my sister.

With love,

DALIBUNGA.

Mrs. Nobandla MANDELA, Female Section, Johannesburg Prison,
P.O. Box 1133, Johannesburg (2000).

TRANSLATED FROM Xhosa to English by B/D/Sgt. RAPHADU.

CAPE TOWN.
1.11.1976.

De uma carta a Winnie Mandela, datada de 26 de outubro de 1976; ver texto a seguir. Ela foi escrita originalmente em isihosa, mas traduzida para o inglês e datilografada por um funcionário da prisão.

14. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, ENTÃO NA PRISÃO FEMININA, DATADA DE 26 DE OUTUBRO DE 1976, ESCRITA ORIGINALMENTE EM ISIHOSA E TRADUZIDA DE FORMA CANHESTRA PARA O INGLÊS POR UM FUNCIONÁRIO DA PRISÃO

Há momentos de felicidade em que rio sozinho pensando nas oportunidades que tive, bem como momentos de prazer. Mas há muito mais tempo para meditação do que para me ocupar com coisas importantes. Há muitas coisas que atraem a

atenção – conversar com amigos, ler livros diferentes, coisas que renovam a mente, escrever cartas para parentes e amigos e reler as que vêm de fora. Os pensamentos vêm somente em momentos de relaxamento; conheço muito bem meus amigos permanentes. A consciência está em pedaços, o respeito e o amor se multiplicam. Essa é a única riqueza que possuo.

15. DE UMA CARTA À ADVOGADA FELICITY KENTRIDGE, DATADA DE 9 DE MAIO DE 1976

Estou fora de ação há 16 anos e minhas opiniões podem estar desatualizadas. Mas nunca considere as mulheres, em nenhum aspecto, menos competentes do que os homens...

16. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 2 DE SETEMBRO DE 1979

Você terá toda razão se considerar 1979 o ano das mulheres. Elas parecem estar exigindo que a sociedade viva de acordo com seus sermões sobre a igualdade entre os sexos. A francesa Simone Veil passou por experiências assustadoras para se tornar presidente do Parlamento Europeu, enquanto Maria Pintasilgo exige respeito em Portugal. Pelas reportagens não está claro quem lidera a família Carter. Há ocasiões em que Rosalynn Carter parece estar vestindo as calças.^[125] Nem preciso mencionar Margaret Thatcher. Apesar do colapso do seu império mundial e da sua emergência da Segunda Guerra Mundial como potência de terceira classe, a Grã-Bretanha ainda é, em muitos aspectos, o centro do mundo. O que acontece lá atrai a atenção de todos.

Indira [Gandhi] nos lembrará com razão que a este respeito a Europa está meramente seguindo o exemplo da Ásia, que nas duas últimas décadas produziu nada menos que dois primeiros-ministros mulheres. Na verdade, os séculos passados viram muitos governantes mulheres. Isabel de Espanha, Elizabeth I da Inglaterra, Catarina, a Grande, da Rússia (o quanto ela era realmente grande, não sei), Mantatisi, a rainha Batlokwa e muitas mais.^[126] Mas todas essas se tornaram primeiras-damas através da hereditariedade. Hoje as luzes recaem sobre essas mulheres que ascenderam por seus próprios meios.

17. DE UMA CARTA A AMINA CACHALIA, DATADA DE 27 DE ABRIL DE 1980

Como você ousa me torturar lembrando daquela refeição de pombo! Isso é como esfregar sal em ferida aberta. Depois de 28 anos, ainda penso com nostalgia naquele dia memorável. Sim, você está certa! Está na hora de outra refeição. Onde e quando? Isso não mais importa. O fato de você ainda pensar nisso e fazer

perguntas tão relevantes já é ótimo. Fico tentado a dizer: cozinhe os malditos pombos e mande-os até aqui. Se alguns homens em Johannesburgo pedem com frequência uma refeição de um restaurante de Paris, por que você não conseguiria enviar uma a milhares de quilômetros de distância? É claro que isto é fantasia; você e eu sabemos muito bem que a refeição nunca chegaria até o Atlântico. Em dezembro último nossa amiga Ayesha, da Cidade do Cabo, enviou-me uma refeição de Natal digna de um rei, ignorando o fato de que neste departamento não há provisão para gestos como esse.^[127] Que delícia teria sido provar curry fresco e de verdade preparado em casa! A encomenda não só foi devolvida a ela, mas também algumas das embalagens estavam amassadas. Aquilo que começou com muita boa vontade e afeto terminou em frustração e, pode até ser, em amargura. Escrevi a ela uma carta de consolo e só posso esperar que ela tenha se sentido um pouco melhor depois de recebê-la. Mas mesmo enquanto rabiscava aquelas apressadas linhas, o coração e a cabeça, o sangue e o cérebro estavam lutando entre si, aquele desejando de forma idealista todas as boas coisas que perdemos na vida, a cabeça resistindo e guiada pela realidade concreta em que vivemos.

18. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: Tive várias obras de [C.J.] Langenhoven... “Christus Van Nasareth, Christ of Nazareth” [*Shadows of Nazareth*]. E o outro é *Loeloeraai*... Este é um livro muito inteligente... escrito nos anos 1920... onde um homem da Terra voa até a Lua... e aí compara as condições na Lua com as da Terra. Na verdade, era um homem da Lua que voava até a Terra e ele descreve o contraste entre a vida na Terra e a vida na Lua, como lá as ruas são pavimentadas com ouro e assim por diante, e como ele voou de volta ao seu país...

STENGEL: Aha, e por que você gostou de Langenhoven? Por que você gostou dele?

MANDELA: Bem, em primeiro lugar ele escrevia de forma muito simples. Em segundo, era um escritor de muito humor e, é claro, parte do seu objetivo era libertar o africânder do desejo de imitar o inglês. Sua ideia era instilar o orgulho *nacional* nos africânderes e por isso eu gostava muito dele. Sim... e do ponto de vista da poesia, [D.J.] Opperman... Sua poesia não estava realmente ligada a qualquer ideia de natureza política; era apenas uma questão de literatura, pura literatura, que era *muito* boa.

446/64 Nelson Mandela
 Winnie,
 January 1, 1970

A novel by Langenhoven, "Skaduwees van Nasaret" [Shadows of Nazareth] depicts the trial of Christ by Pontius Pilate when Israel was a Roman dependency & when Pilate was its military governor. I read the novel in 1964 & now speak partly from memory. Yet though the incident described in the book occurred about 2000 years ago, the story contains a moral whose truth is universal & which is as fresh & meaningful today as it was at the height of the Roman Empire. After the trial, Pilate writes to a friend in Rome to whom he makes remarkable confessions. Briefly, this is the story as told by him & for convenience, I have put it in the first person:

As governor of a Roman province I have tried many cases involving all types of rebels. But this trial of Christ I shall never forget. One day a huge crowd of Jewish priests & followers, literally swarming with rage & excitement, assembled just outside my palace & demanded that I execute Christ for claiming to be king of the Jews, at the same time pointing to a man whose arms & feet were heavily chained. I looked at the prisoner & our eyes met. In the midst of all the excitement & noise, he remained perfectly calm, quiet & confident as if he had millions of people on his side. I told the priests that the prisoner had broken Jewish & not Roman law & that they vote the rightful people to try him. But in spite of my explanation they stubbornly persisted in demanding his execution. I immediately realised their dilemma. Christ had become a mighty force in the lives of the hearts of the people who were fully behind him. In this situation the priests felt powerless & did not want to take the responsibility of sentencing & condemning him. Their only solution was to involve Imperial Rome to do what they were unable to do.

At festival time it has always been the practice to release some prisoner & as the festival was then due, I suggested that the prisoner be set free. But instead, the priests asked that Barabbas, a notorious prisoner, be released & that Christ be executed. At this stage I went into the courtyard & ordered the prisoner to be brought in. My wife & I & some of the Roman officials occupied seats in the bay reserved for distinguished guests. As the prisoner walked in my wife & I & the companions instinctively got up as a mark of respect for Christ, but soon realised that this man was a Jew & a prisoner, & when they resumed their seats. For the first time in my experience, I faced a man whose eyes appeared to see right through me, whereas I was unable to fathom him. Written across his face was a gleam of hope & hope, but at the same time he bore the expression of one who was deeply pained by the folly & suffering of mankind as a whole. He gazed upwards & his eyes seemed to pierce through the roof & to see right beyond the stars. It became clear that in that courtroom authority was not in me as judge, but was drawn below in the clerk whose the prisoner was.

My wife passed me a note in which she informed me that the priests might she had learnt that I had sentenced an innocent man whose only crime was that of mankind to be

De uma carta a Winnie Mandela, datada de 1º de janeiro de 1970; ver texto a seguir.

19 DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, AOS CUIDADOS DO BRIGADEIRO AUCAMP, PRISÃO DE PRETÓRIA, DATADA DE 1º DE JANEIRO DE 1970

Um romance de [C.J.] Langenhoven, "Skaduwees van Nasaret" [*Shadows of Nazareth*], descreve o julgamento de Cristo por Pôncio Pilatos, quando Israel era uma província romana e Pilatos, seu governador militar. Li o livro em 1964 e hoje falo puramente de memória. Embora o incidente descrito no livro tenha ocorrido há cerca de 2 mil anos, a história contém uma moral cuja verdade é universal e é hoje tão nova e cheia de significado como era no auge do Império

Romano. Depois do julgamento, Pilatos escreve a um amigo em Roma, a quem faz confissões notáveis. Resumidamente, esta é a história contada por ele; por conveniência, eu a coloquei na primeira pessoa:

Como governador de uma província romana, tenho julgado muitos casos envolvendo todos os tipos de rebeldes. Mas deste julgamento de Cristo eu nunca esquecerei! Um dia uma enorme multidão de sacerdotes judeus e seus seguidores, literalmente tremendo de raiva e excitação, reuniu-se diante de meu palácio e exigiu que eu crucificasse Cristo porque ele afirmava ser o rei dos judeus, apontando ao mesmo tempo para um homem cujos braços e pernas estavam acorrentados. Olhei para o prisioneiro e nossos olhos se encontraram. Em meio a toda a algazarra, ele permanecia perfeitamente calmo, quieto e confiante, como se tivesse milhões de pessoas ao seu lado. Eu disse aos sacerdotes que o prisioneiro transgredira leis judaicas e não romanas e que eles eram as pessoas indicadas a julgá-lo. Mas apesar da minha explicação, eles teimosamente persistiam em exigir sua crucificação. Percebi imediatamente o dilema deles. Cristo havia se tornado uma poderosa força na terra e as massas apoiavam-no totalmente. Naquela situação, os sacerdotes sentiam-se impotentes e não queriam assumir a responsabilidade de sentenciá-lo e condená-lo. A única solução deles era induzir a Roma Imperial a fazer aquilo que eram incapazes de fazer.

Na época do festival era prática libertar alguns prisioneiros e, como o festival já havia terminado, sugeri que aquele prisioneiro fosse libertado. Mas, em vez disso, os sacerdotes pediram que Barrabás, um notório ladrão e assassino, fosse libertado e que Cristo fosse executado. Naquele momento fui ao tribunal e ordenei que o prisioneiro me fosse trazido. Minha mulher e as mulheres de outros funcionários romanos ocupavam assentos na ala reservada para convidados especiais. Quando o prisioneiro entrou, minha mulher e suas companheiras se levantaram instintivamente em sinal de respeito por Cristo, mas logo perceberam que aquele homem era um judeu e um prisioneiro, e assim sentaram-se novamente. Pela primeira vez na vida, enfrentei um homem cujos olhos pareciam ver através de mim, ao passo que eu era incapaz de decifrá-lo. Havia em sua face um lampejo de amor e esperança, mas ao mesmo tempo ele tinha a expressão de alguém profundamente aflito pela ignorância e pelo sofrimento da espécie humana. Ele olhava para cima e seus olhos pareciam perfurar o teto e ver diretamente além das estrelas. Ficou claro que naquele tribunal a autoridade não estava em mim como juiz, mas lá onde estava o prisioneiro.

Minha mulher passou-me um bilhete onde informava que na noite anterior havia sonhado que eu tinha sentenciado um homem inocente, cujo único crime

era ser o messias para seu povo. “Diante de você, Pilatos, está o homem do meu sonho; deixe que a justiça seja feita!” Eu sabia que aquilo que ela dizia era verdade, mas meu dever exigia que eu condenasse aquele homem a despeito da sua inocência. Guardei o bilhete e prossegui com o caso. Informei o prisioneiro sobre a acusação que pesava sobre ele e pedi que ele indicasse se era ou não culpado. Várias vezes ele me ignorou completamente, e ficou claro que considerava os procedimentos uma inutilidade total, uma vez que eu já havia tomado minha decisão sobre a sentença. Repeti a pergunta e lhe garanti que eu tinha autoridade para salvar sua vida. O brilho em seu rosto deu lugar a um sorriso e, pela primeira vez, ele falou. Admitiu que era rei e com aquela resposta simples me destruiu totalmente. Eu esperava que ele fosse negar a acusação, como fazem todos os prisioneiros, e sua admissão significou o fim do caso.

Você sabe, caro amigo, que quando um juiz romano julga um caso em Roma, ele é guiado simplesmente pela acusação, pela lei e pelas evidências mostradas perante o tribunal, e sua decisão será determinada exclusivamente por esses fatores. Mas aqui nas províncias, longe de Roma, estamos em guerra. Um homem que está no campo de batalha está interessado somente em resultados, na vitória e não na justiça, e o próprio juiz está em julgamento. Foi assim que, apesar de saber que o homem era inocente, meu dever exigia que eu lhe desse a sentença de morte, e assim o fiz. Na última vez em que o vi ele lutava na direção do Calvário em meio a zombarias, insultos e bofetadas, sob o peso esmagador da pesada cruz na qual iria morrer. Decidi lhe escrever esta carta pessoal porque acredito que esta confissão a um amigo irá pelo menos acalmar minha inquieta consciência.

Em resumo, esta é a história de Jesus e comentários são desnecessários, exceto para dizer que Langenhoven escreveu a história... para instilar a consciência política do seu povo numa África do Sul onde, em determinada época, a despeito da independência formal desfrutada por seu povo, os órgãos de governo, inclusive o Judiciário, eram monopolizados por ingleses. Para um africânder esta história pode recordar experiências desagradáveis e abrir velhas feridas, mas ela pertence a uma fase que já passou. Para mim e você, ela levanta questões de natureza contemporânea. Espero que você a ache importante e útil, e creio que ela irá lhe trazer alguma felicidade.

20. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 26 DE OUTUBRO DE 1976, NA PRISÃO FEMININA DE JOHANNESBURGO, E TRADUZIDA DO ISIXHOSA PARA O INGLÊS POR UM FUNCIONÁRIO DA PRISÃO

Acabei de ler um livro escrito por nosso famoso autor a respeito de Karoo e

algumas outras áreas. Ele me fez lembrar dos tempos em que eu passava por esses lugares de avião, trem e carro. Vi a área novamente quando passei por Botsuana em minha volta da África. Mas de todos os desertos que vi acho que não existe um tão temível quanto o Saara, onde há montes e montes de extensas massas de areia, visíveis mesmo quando se está no ar. Nunca vi uma árvore nem um pouco de grama.

Estava tão seco no deserto que não havia uma gota de água para matar minha sede. As suas cartas e da família são como orvalho e chuvas de verão e toda a beleza nacional que refresca a mente e me faz sentir confiança. Desde que você foi detida recebi somente uma carta sua, datada de 22 de agosto. Até agora não sei nada a respeito de como estão as coisas em casa, quem está lá, nem sobre o pagamento das contas de aluguel e telefone, da manutenção das crianças ou se há esperança de você ser recolocada em seu emprego depois de libertada. Enquanto não receber uma carta sua explicando essas coisas não terei paz... Enquanto escrevo, o livro daquele famoso autor que fala do deserto está perto de mim. A secura espiritual se foi e foi substituída pela chuva que caiu quando acabei de lê-lo. Sua carta datada de 19/9 está chegando agora. Enquanto falo, todas as fontes da vida estão jorrando. Os afluentes estão cheios de água pura, os lagos estão cheios e toda a grandiosidade da natureza voltou ao normal.

21. DE UMA CARTA A ZINDZI MANDELA, DATADA DE 10 DE FEVEREIRO DE 1980

Outro dia eu estava examinando as anotações que fiz sobre Black As I Am. [\[128\]](#) Infelizmente o livro não está mais comigo e, embora possa agora ler a coletânea com mais atenção, não posso estudar cada poema com a ajuda das fotos que o acompanham. Apesar disso, quando vi a antologia pela primeira vez, tomei a precaução que pode ajudar-me a lembrar da foto associada sempre que leio um determinado poema.

UMA ÁRVORE DERRUBADA
DE ZINDZI MANDELA

*Uma árvore derrubada
E os frutos se espalharam
chorei
porque havia perdido uma família
o tronco, meu pai
os galhos, seu apoio
e também*

*os frutos, a mulher e os filhos
que significavam tanto para ele
graciosos
adoráveis como devem ser
tudo no chão
as raízes, a felicidade
dele arrancadas*

Ao ler “Uma árvore derrubada”: com a imagem da árvore seca logo acima clara em minha mente, e com as cabanas e a cadeia de montanhas ao fundo, fiquei imediatamente fascinado pelo simbolismo de contradições que surge claramente dos versos. Talvez este tipo de contradição seja inerente a quase todos os aspectos da vida. Na natureza e na sociedade essas contradições estão no centro de cada fenômeno e podem estimular o impulso para pensar a sério e progredir de verdade.

Sem o texto sob ela, a árvore pareceria menos que comum. Dificilmente seria notada por alguém. Ela parece ter sido atingida por um raio na Idade da Pedra e sua seiva parece ter sido sugada por mil vampiros. Se objetos inanimados pudessem se transformar em fantasmas, essa árvore facilmente teria sido um.

A idade ou as doenças a destruíram. Ela não pode mais captar a energia do sol, nem tirar o vital suprimento de água do solo. Seus galhos e folhas, a beleza e a dignidade que no passado chamavam a atenção dos amantes da natureza e animais de todas as espécies desapareceram. A árvore não passa de lenha com raízes. É estéril como uma pedra e poucas pessoas acreditarão que em alguma época da sua história ela podia gerar frutos.

Contudo, a metáfora transformou esse espetáculo da morte em um objeto vivo de forte significado, maior do que o de uma árvore jovem e saudável em um vale fértil e bem irrigado, com alcance tão grande quanto a famosa funda de Davi. Deve haver na natureza poucas coisas que são, ao mesmo tempo, tão mortas e mortais quanto uma árvore de aparência triste. Mas em versos ela deixa de ser um objeto insignificante e se torna uma propriedade familiar, uma parte da arte mundial que ajuda a cuidar das necessidades espirituais dos leitores em muitos países. O emprego hábil da metáfora faz da árvore o centro de um conflito que é antigo como a própria sociedade; o ponto de encontro de dois mundos: o que era e o que é, o símbolo de uma casa de sonhos erguida do chão, de esperanças abaladas pela realidade na qual vivemos nossas vidas.

A boa arte é invariavelmente universal e atemporal, e aqueles que leem sua antologia podem ver nesses versos suas próprias aspirações e experiências. Me pergunto que conflitos, nas ideias e nos sentimentos da sua mãe, devem ter sido

provocados pela antologia. Felicidade e orgulho devem ter sido abundantes. Mas deve haver momentos em que sua caneta arranha as partes mais tenras do corpo dela, deixando-a tremendo de dor e ansiedade, e tudo isso torna a bile dela ainda mais amarga.

A derrubada da árvore e a dispersão dos seus frutos irão fazê-la lembrar do belo pessegueiro que ficava perto da janela do nosso quarto e sua produção de saborosos pêssegos. Seus sonhos devem ter sido assombrados pela figura de um lenhador impiedoso, cuja ocupação é demolir o que a natureza criou e cujo coração nunca é tocado pelo lamento de uma árvore que cai, pela quebra dos seus galhos e pela dispersão dos seus frutos.

Crianças à solta e fora do alcance! Lembro-me imediatamente do falecido Thembi e do bebê Makaziwe [o primeiro], que dorme em Croesus [cemitério] há trinta anos. Penso em vocês todos na miséria em que cresceram e na qual têm de viver agora. Mas me pergunto se sua mãe alguma vez lhes falou do seu irmão que morreu antes de nascer. Ele era pequeno como sua mão quando eu deixei vocês. E quase matou-a.

Ainda me lembro de um domingo ao pôr do sol. Ajudei sua mãe a deixar a cama para ir ao banheiro. Ela tinha pouco mais de 25 anos e estava adorável com seu corpo jovem e macio coberto por uma camisola de seda cor-de-rosa. Mas quando estávamos voltando ao quarto, ela subitamente se inclinou e quase caiu. Percebi que suava muito e descobri que estava mais doente do que havia revelado. Levei-a ao médico da família e ele a enviou ao Coronation Hospital, onde ela permaneceu por vários dias. Aquela foi sua primeira e terrível experiência como esposa e a consequência da aguda tensão em nós provocada pelo Julgamento por Traição que durou mais de quatro anos. “Uma árvore derrubada” me faz lembrar de todas essas duras experiências.

Mas um bom texto também pode nos fazer lembrar dos momentos mais felizes de nossas vidas, trazer ideias nobres para nosso trabalho, nosso sangue e nossas almas. Também pode transformar tragédia em esperança e vitória.

22. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 26 DE ABRIL DE 1981

Continuo a ter sonhos, alguns agradáveis, outros não. Na véspera da Sexta-Feira Santa, estávamos você e eu numa casinha no alto de uma colina com vista para um grande rio que margeava uma floresta. Vi você caminhar encosta abaixo, não tão ereta como é normalmente e com passos menos confiantes. O tempo todo sua cabeça estava baixa, aparentemente buscando alguma coisa a poucos passos de seus pés. Você cruzou o rio e levou embora todo o meu amor, deixando-me vazio e intranquilo. Observei enquanto você vagueava sem rumo pela floresta,

mantendo-se perto da margem do rio. Imediatamente acima de você havia um casal que representava um agudo contraste. Eles estavam visivelmente apaixonados e concentrados um no outro. Todo o universo parecia estar naquele lugar.

A preocupação com sua segurança e a saudade de você me conduziram encosta abaixo para recebê-la quando você voltou a cruzar o rio a caminho de casa. A perspectiva de me unir a você ao ar livre, em um lugar tão belo, evocou boas lembranças e eu queria segurar sua mão e lhe dar um beijo apaixonado. Para meu desapontamento, eu a perdi nas ravinas que cortam o vale e somente a vi de novo quando voltei para casa. Mas aí a casa estava cheia de pessoas que tiravam a privacidade que eu tanto queria. Eu precisava lhe dizer tantas coisas. Na última cena, você estava esticada sobre o piso em um canto dormindo, descansando da depressão, do tédio, da fadiga. Ajoelhei-me para cobrir as partes expostas do seu corpo com um cobertor. Sempre que tenho esses sonhos, costumo acordar ansioso e muito preocupado, mas imediatamente fico aliviado quando descubro que tudo não passou de um sonho. Porém, desta vez minha reação foi confusa.

23. DE UMA CARTA A AMINA CACHALIA, DATADA DE 3 DE MAIO DE 1981

Tem havido aqui e ali boatos de que minha saúde entrou em colapso e que estou nas últimas. O mais recente deles deve ter abalado minha família e meus amigos. É verdade que uma doença traiçoeira pode corroer os órgãos vitais do corpo sem que a vítima perceba. Mas até agora estou me sentindo ótimo...

24. DE UMA CARTA A ZINDZI MANDELA, 1º DE MARÇO DE 1981

Muitas vezes, quando caminho de um lado para outro em minha pequena cela, ou estou deitado em minha cama, a mente vagueia para longe, recordando um episódio ou um erro. Entre eles penso se, em meus melhores dias fora da prisão, demonstrei ou não apreço suficiente pelo amor e pela bondade de muitas daquelas pessoas que foram amigas e até me ajudaram quando eu era pobre e lutava.

25. DE UMA CARTA A THOROBETSANE TSHUKUDU, DATADA DE 1º DE JANEIRO DE 1977^[129]

Catorze anos é um longo período no qual reveses e sucessos caminharam lado a lado. Entes queridos envelheceram rapidamente em consequência de todos os tipos de problemas físicos e espirituais terríveis demais para mencionar, laços de

afeição tendem a se enfraquecer enquanto o idealista recita a máxima: a ausência faz o coração ficar mais terno, as crianças crescem e desenvolvem ideias não alinhadas com os desejos dos pais. Quando os ausentes finalmente retornam, encontram um ambiente estranho e pouco amigável. Sonhos e projetos mostram-se difíceis de cumprir e, quando sobrevém a infelicidade, o destino dificilmente oferece pontes douradas.

Mas um progresso importante sempre é possível se nós mesmos tentarmos planejar todos os detalhes de nossas vidas e atos e permitirmos a intervenção do destino somente em nossos próprios termos.

26. DE UMA CARTA A WINNIE MANDELA, DATADA DE 9 DE DEZEMBRO DE 1979

As distorções iludiram muita gente inocente porque elas são tecidas em torno de fatos concretos e acontecimentos que as pessoas que ainda têm consciência nunca poderiam negar. Hábitos são difíceis de desaparecer e deixam marcas claras, as cicatrizes invisíveis que estão gravadas em nossos ossos e fluem em nosso sangue, que provocam nos principais atores danos irreparáveis, que podem confrontar seus descendentes seja lá onde apareçam, privando-os da dignidade, da pureza e da felicidade que deveriam ser deles. Essas cicatrizes retratam as pessoas como elas são e trazem ao escrutínio público as contradições embaraçosas com que as pessoas vivem suas vidas. Essas contradições são, por sua vez, o espelho que dá uma representação fiel dos afetados e proclamam “quaisquer que sejam meus ideais na vida, isto é o que sou”.

Nossa vida tem suas inerentes salvaguardas e compensações. Nos dizem que um santo é um pecador que continua tentando ser limpo. Uma pessoa pode ser má por dois terços da sua vida e ser canonizada porque viveu uma vida santa pelo terço de vida restante. Na vida real lidamos não com deuses, mas com seres humanos comuns, como nós mesmos: homens e mulheres cheios de contradições, que são estáveis e instáveis, fortes e fracos, famosos e infames, pessoas em cuja corrente sanguínea os vermes lutam diariamente com potentes pesticidas. O aspecto no qual a pessoa se concentra para julgar outras depende do seu caráter em particular. Quando julgamos outras pessoas, também estamos sendo julgados por elas. Quem suspeita sempre será atormentado pela suspeita, o crédulo sempre estará pronto para aceitar sem pensar tudo que um *oo-thobela sikutyele*^[130] disser, ao passo que um vingador irá usar seu machado afiado, em vez do espanador. Mas um realista, por mais chocado e desapontado que esteja com as fragilidades das pessoas a quem adora, irá olhar para o comportamento humano de todos os lados de forma objetiva e se concentrará nas qualidades edificantes da pessoa, aquelas que elevam o espírito e despertam o entusiasmo

pela vida.

27. DE UMA CARTA A MAKI MANDELA, DATADA DE 27 DE MARÇO DE 1977

Como você sabe, fui batizado na Igreja Metodista e educado em escolas wesleyanas – Clarkebury, Healdtown e Fort Hare. Na Fort Hare, fui até professor da escola dominical. Mesmo aqui compareço a todos os cultos da igreja e tenho gostado de alguns dos sermões... Tenho minhas próprias crenças a respeito da existência ou não de um Ser Supremo, e é possível que se possa explicar facilmente por que a humanidade acredita, desde tempos imemoriais, na existência de um deus.

Estou certo de que você sabe que a chamada civilização europeia foi grandemente influenciada pelas antigas civilizações dos gregos e dos romanos. Porém os gregos, a despeito do seu avançado conhecimento científico em muitos campos, tinham nada menos que 14 deuses. Você deve conhecer os nomes de alguns deles – Apolo, Júpiter, Marte, Netuno, Zeus, Hera, Eros, Atena, Hades *etc.* Recentemente foi realizada na Inglaterra uma pesquisa para descobrir o número de pessoas que acreditavam em deus, e, se me lembro bem dos fatos, menos de 30% da população total era composto por crentes. Mas quero dizer, minha cara, com base em minha experiência, que é muito melhor guardar suas crenças religiosas para si mesma. Você poderá ofender muitas pessoas sem querer tentando lhes vender ideias que elas consideram não científicas e fictícias.

28. DE UMA CARTA A ZINDZI MANDELA, DATADA DE 25 DE MARÇO DE 1979

Mais ou menos na mesma época um sacerdote nos contou a respeito de um nepalês que tinha poderes semelhantes aos do filho de Satã. Segundo ele, o nepalês matava gatos, cães e porcos apenas olhando-os nos olhos, e afirmava que poderia fazer o mesmo com seres humanos. O sacerdote contou também que um ministro cristão naquele país informou ao nepalês que o poder de Deus era maior que o mal no coração dos homens. A seguir, ele desafiou o nepalês para um teste de força. A história diz que, no dia marcado, o ministro e seus anciões enfrentaram o asiático e também suplicaram que o Todo-poderoso lhes desse força para demonstrar a superioridade da fé cristã. O resultado foi a conversão do nepalês ao cristianismo.

Minha única dificuldade a respeito desse sermão é que não gosto de milagres que sempre ocorrem em terras distantes, em especial se não têm explicação científica. Esta história é difícil de acreditar, mesmo que contada do púlpito. Porém, ela pretende descrever a batalha do bem contra o mal, da justiça contra a

crueldade, então aceitamos o simbolismo.

29. DE UMA CARTA À PRINCESA ZENANI LA MANDELA DLAMINI, DATADA DE 25 DE MARÇO DE 1979^[131]

Mas o hábito de se preocupar com pequenas coisas e dar valor a pequenas cortesias é uma das marcas importantes de uma boa pessoa.

30. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SE OS PRISIONEIRO DO MOVIMENTO CONSCIÊNCIA NEGRA NA ILHA DE ROBEN ACHAVAM QUE OS PRISIONEIRO DO CONGRESSO NACIONAL AFRICANO (CNA) ERAM EXCESSIVAMENTE MODERADOS^[132]

Não, não penso assim, mas vários deles se juntaram a nós e as pessoas tinham concepções erradas a respeito do CNA, porque a primeira coisa que um político faz é ser agressivo com o inimigo. Isso pode estar certo, mas se quisermos educar as pessoas e convertê-las para nosso lado, devemos fazer o que fizemos com os guardas da prisão. Não se pode fazer isso sendo agressivo, pois as pessoas se afastam e reagem negativamente, enquanto uma abordagem mais suave, especialmente quando se tem confiança no argumento, traz resultados muito melhores do que a agressão.

31. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: No fim de semana você contou uma parábola do sol e do vento?

MANDELA: Sim.

STENGEL: Achei que era uma história adorável e pensei que talvez pudéssemos usá-la no livro.

MANDELA: Sim.

STENGEL: E pensei: será que você pode contá-la agora?

MANDELA: Sim, o importante é certificar-se de que a mensagem de paz penetrou profundamente no pensamento e na visão de nosso povo... Eu estava contrastando o poder da paz com o poder da força e contei o incidente... de uma discussão entre o sol e o vento, em que o sol disse: “Sou mais forte que você”, e o vento respondeu: “Não, eu sou mais forte que você.” Portanto, eles decidiram testar seus poderes com um viajante... que estava usando um cobertor. E eles combinaram que quem fizesse o viajante largar o cobertor seria o vencedor. Então o vento começou a *soprar* e, quanto mais *forte* ele soprava, mais o viajante puxava o cobertor em torno do seu corpo. E o vento soprou e soprou, mas não conseguiu fazer com que ele largasse o cobertor. E o vento finalmente

desistiu. Então o sol começou com seus raios no início suavemente, e quando eles aumentaram sua força... o viajante achou que o cobertor era desnecessário, porque servia para dar calor. O viajante decidiu afrouxá-lo, mas os raios do sol ficaram mais fortes e finalmente ele largou o cobertor. E esta é a parábola de que através da paz você consegue converter as pessoas mais determinadas, as mais comprometidas com a violência, e este é o método que devemos usar.

CAPÍTULO 10

Tática



“Os ideais que cultivamos, nossos maiores sonhos e esperanças mais ardentes podem não se realizar durante a nossa vida. Mas isto não é o principal. Saber que em seu tempo você cumpriu seu dever e viveu de acordo com as expectativas de seus companheiros é em si uma experiência compensadora e uma realização magnífica.”

De uma carta a Sheena Duncan, datada de 1º de abril de 1985; ver texto a seguir.

1. DE UMA CARTA AO REVERENDO FRANK CHIKANE, DATADA DE 21 DE AGOSTO DE 1989^[133]

A vitória em uma grande causa se mede não só por ter atingido o objetivo final. Também é um triunfo viver de acordo com as expectativas a vida inteira.

2. DE UMA CARTA A SHEENA DUNCAN, DATADA DE 1º DE ABRIL DE 1985^[134]

Os ideais que cultivamos, nossos maiores sonhos e esperanças mais ardentes podem não se realizar durante a nossa vida. Mas isto não é o principal. Saber que em seu tempo você cumpriu seu dever e viveu de acordo com as expectativas de seus companheiros é em si uma experiência compensadora e uma realização magnífica.

3. DE UMA CARTA AO PROFESSOR SAMUEL DASH, DATADA DE 12 DE MAIO DE 1986^[135]

Você não pode destrancar os portões desta prisão para que eu possa sair como um homem livre, nem melhorar as condições sob as quais tenho de viver. Mas sua visita certamente tornou mais fácil para mim suportar toda a crueldade que me cerca nos últimos 22 anos.

4. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Também estou ciente de que grandes esforços têm sido feitos, aqui e no exterior, pela minha libertação e a de outros presos políticos, uma campanha que nos deu muita inspiração e nos mostrou que temos milhares de amigos. Além do carinho de minha mulher e da família, poucas coisas têm me inspirado mais do que saber que, apesar de tudo que o inimigo está fazendo para nos isolar e desacreditar, pessoas de todas as partes não nos esquecem. Mas conhecemos os inimigos muito bem – eles gostariam de nos libertar numa posição de força e não de fraqueza, e esta oportunidade eles perderam para sempre. Por mais inspirador que seja saber que nossos amigos estão lutando por nossa libertação, uma abordagem realista mostra claramente que precisamos não contar com a possibilidade de esse pedido ser atendido. Mas sou otimista; mesmo atrás dos muros da prisão posso ver as nuvens pesadas e o céu azul no horizonte, que, por mais errados que estivessem nossos cálculos e por maiores que sejam as dificuldades que ainda teremos de enfrentar, sairei daqui para a luz do sol, caminharei com passos firmes porque isso se dará pela força de minha organização e a determinação do nosso povo.

5. DE UMA CARTA A HILDA BERNSTEIN, DATADA DE 8 DE JULHO DE 1985

Por falar em progresso, minha mente volta a [19]62, quando ouvi sobre as experiências dos companheiros de Ben Bella, as quais foram muito ilustrativas. [136] Em algumas dessas discussões estive com jovens, alguns com pouco mais de 20 anos, mas que falavam como veteranos e com autoridade a respeito de questões sobre as quais eu era um amador, para dizer o mínimo. Quase enrubesci de vergonha e fiquei imaginando por que estávamos tão atrasados naquela área. Mas agora as coisas mudaram e é uma fonte de inspiração saber que a África do Sul está gerando jovens determinados cujo nível de consciência é bastante elevado. Quando os joelhos enrijecem, os olhos começam a falhar e a cabeça está toda prateada, é bom saber que sua contribuição foi um fator importante nesse fermento.

6. DE UMA CARTA A LORDE NICHOLAS BETHELL, DATADA DE 4 DE JUNHO DE 1986^[137]

Devo dizer que é motivo de grande preocupação ficar à margem e ser um mero espectador do trágico tumulto que está despedaçando nosso país e está gerando paixões tão perigosas. Pode ser que ainda estejam longe os dias em que as nações irão transformar grandes exércitos em poderosos movimentos pela paz e armas mortíferas em lâminas de arado. Mas é uma fonte de real esperança a existência de organizações mundiais, governos e pessoas que lutam com ardor e coragem pela paz mundial.

7. DE UMA CARTA A HILDA BERNSTEIN, DATADA DE 8 DE JULHO DE 1985

Minha mente não para de lembrar desses e de outros eventos há muito esquecidos, alguns envolvendo grandes amigos que se foram. Fico aborrecido pelo fato de, na maior parte dos casos, não ter sido possível para nós prestar a eles nossos últimos respeitos, ou ao menos enviar mensagens de solidariedade aos seus entes queridos – Moses e Bram, Michael e J.B., Duma e Jack, Molly e Lilian, M.P. e Julian, George e Yusuf. A lista é muito extensa e não irei esgotá-la aqui. Mas a maneira brutal pela qual Ruth [First] morreu chocou e amargurou todos nós além das palavras, e, quase três anos depois desse trágico acontecimento, as feridas não estão completamente curadas. Como você pode reconhecer, poucos amigos dela deixaram de ser, uma vez ou outra, feridos pela sua língua afiada. Mas nenhum irá negar que ela era uma pessoa altamente comprometida e capaz, cuja morte foi um sério revés para todos nós.

8. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE QUANDO ELE VOLTOU À PRISÃO APÓS UMA CIRURGIA NA PRÓSTATA EM NOVEMBRO DE 1985

STENGEL: Você ficou surpreso quando foi levado a uma cela só sua?

MANDELA: Não... o comandante na época era o brigadeiro Munro; ele foi me buscar e no caminho do hospital para a prisão me disse: “Não vamos levá-lo de volta para seus amigos ou colegas de prisão.”^[138] Você ficará sozinho.” Eu perguntei: “Por quê?”, e ele respondeu: “Não sei, apenas recebemos ordens do quartel-general.”

STENGEL: Mas você não havia pedido para ser transferido?

MANDELA: Não, não. Eu não havia pedido, mas já que eles o fizeram, decidi que iria usar aquilo para iniciar as negociações e porque aquele assunto era *delicado*... A propaganda do governo nas eleições sempre foi de que “Nunca falaremos com o Congresso Nacional Africano”... Trata-se de uma organização terrorista dedicada a assassinatos e à destruição da propriedade. Assim, para qualquer movimento a confidencialidade era necessária; estando sozinho, eu poderia mantê-la. Assim, embora *sentisse falta* dos meus amigos, decidi que... iria usar aquela oportunidade, e foi o que fiz. E disse aos meus companheiros que não deveríamos criar problemas a respeito do assunto. É claro que eu não lhes disse que iria aproveitar o fato de ficar só. Se eu tivesse contado a eles que iria usá-lo para iniciar negociações, não estaríamos negociando agora. Eles teriam *rejeitado* a ideia. Assim, decidi iniciá-las sem contar nada e depois confrontá-los com um fato consumado.

the deepening political crisis in our country has been a matter of grave concern to me for quite some time, and I now consider it necessary in the national interest, for the African National Congress and the Government to meet urgently to negotiate an effective political settlement.

At the outset I must point out that I make this move without consultation with the ANC. I am a loyal and disciplined member of the ANC, my political loyalty is owed primarily, if not exclusively, to this organisation and, in particular, to our Lusaka Headquarters where the official leadership is stationed, and from where our affairs are directed.

In the normal course of events, I would put my views to the organisation first, and if these views were accepted, the organisation would then decide on who were the best qualified members to handle the matter on its behalf, and on exactly when to make the move. But in my current circumstances I cannot follow this course, and this is the only reason why I am acting on my own initiative, in the hope that the organisation will, in due course, endorse my action.

I must stress that no prisoner, irrespective of his status or influence, can conduct negotiations of this nature from prison. In our special situation negotiation on political matters is literally a matter of life and death which requires to be handled by the organisation itself through its appointed representatives. The steps I am taking should, therefore, not be seen as the beginning of actual negotiations between the Government and the ANC. My task is a very limited one, and that is to bring the country's two major political bodies to the negotiating table.

I must further point out that the question of my release from prison is not an issue at least at this stage of the discussions, and I am certainly not asking to be freed. But I do hope that the Government will, as soon as possible, give me the opportunity from my present quarters to sound the views of my colleagues, inside and outside the country, on this move. Only if this initiative is formally endorsed by the ANC will it have any significance.

I will touch presently on some of the problems which seem to stand in the way of a meeting between the ANC and the Government. But I must emphasise right at this stage that this step is not a response to the call by the Government or ANC leaders to declare whether or not they are nationalists, /and to...

Rascunho de uma carta propondo conversações entre o CNA e o governo, c. 1985.

9. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Meus companheiros de prisão eram homens honestos e de princípios. Sabendo como alguns revolucionários de outros países haviam traído a luta na véspera da vitória ou pouco depois dela, eles desconfiavam de iniciativas individuais. Se algum deles tivesse sabido antecipadamente do meu plano de falar com o governo, sua preocupação a respeito de um homem isolado fazê-lo seria compreensível. A sede da organização [Congresso Nacional Africano] era em Zâmbia, onde ficavam os líderes que conduziam a luta. Somente eles conheciam

o momento estratégico para começar a agir. O CNA nunca se desviava do princípio pelo qual a libertação de nosso país teria de ser obtida através do diálogo e da negociação.

No entanto, me dirigi ao governo sem contar nada aos meus colegas de prisão. Foi durante essas conversações que o dr. Niël Barnard, chefe do Serviço de Inteligência do apartheid, propôs que a equipe deles havia decidido iniciar discussões confidenciais com Thabo Mbeki, acrescentando que, segundo suas fontes, ele era uma pessoa favorável a negociações.^[139]

Objetei a proposta alegando que tais negociações nunca poderiam ser secretas, uma vez que elas teriam lugar em outro país. Salientei que eles deveriam contatar o presidente ou o secretário-geral do Conselho Nacional Africano, respectivamente Oliver Tambo e Alfred Nzo.^[140] Acrescentei que tais conversações não autorizadas poderiam arruinar o futuro político de um jovem talentoso. Achei que Barnard havia aceito meu conselho.

No entanto, fiquei chocado ao descobrir mais tarde que Barnard havia ignorado meu conselho e contatado Thabo Mbeki. Mas este foi prudente e recusou-se a iniciar conversações clandestinas sem o consentimento da organização. Ele relatou o caso ao presidente, que o autorizou, juntamente com seu amigo Jacob Zuma, a se encontrar com Barnard.^[141]

10. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE AS CONVERSAÇÕES A RESPEITO DE CONVERSAÇÕES NOS ANOS 1980^[142]

STENGEL: E você continuou dizendo a eles que a luta armada era uma reação àquilo que o governo havia feito inicialmente e que desde então não havia espaço para protestos pacíficos ou constitucionais.

MANDELA: Sim.

STENGEL: E qual foi a resposta deles?

MANDELA: Bem, é claro que eles não podiam responder a essa pergunta. Inicialmente, eles adotaram a atitude normal de que a violência não passa de uma ação criminosa que não podiam tolerar. E o que eu estava dizendo era que os *meios* que são empregados pelos oprimidos em sua luta são determinados pelo próprio opressor. Se este usa métodos pacíficos, os oprimidos também irão usar métodos pacíficos, mas se o opressor usar a força, os oprimidos *também* irão retaliar usando a força. Esse foi meu argumento... Mas uma *questão* levantada por eles, que achei muito razoável, foi: “Passamos o ano fazendo declarações públicas de que nunca iríamos negociar com o CNA; *agora*, você diz que devemos negociar. Vamos perder *credibilidade* com nosso povo. Como superar

isso? Podemos conversar com você e talvez nosso povo aceite isso, mas não podemos conversar com o CNA porque isso seria um desvio *radical* da política que propusemos antes. *Perderemos credibilidade.*” Foi essa a pergunta que eles fizeram.

Tive dificuldades para *responder* à pergunta e disse a eles: “Vocês vêm aplicando o apartheid. Também disseram que os negros deveriam ser levados de volta ao campo. Agora, vocês mudaram isso. Vocês tinham o sistema de passes como uma das suas principais políticas e agora aboliram as leis do passe. Vocês não perderam credibilidade... A questão das negociações deve ser olhada desse ponto de vista. Vocês devem conseguir contar ao seu povo que não pode haver uma solução para esta questão sem o CNA.” Essa foi minha abordagem. Mas a pergunta era difícil porque era verdade.

STENGEL: Mas e as outras questões que eles queriam discutir com você? Também havia a questão dos direitos de grupos; como podemos proteger os interesses da minoria branca?

MANDELA: Sim, sim.

STENGEL: O que você explicou a eles a esse respeito durante essas discussões?

MANDELA: Falei a eles sobre meu artigo de 1956, em um jornal chamado *Liberation*, onde eu escrevi que a Carta da Liberdade não é um projeto para o socialismo.^[143] No que concerne aos africanos, ela é de fato um projeto para o capitalismo, porque os africanos teriam a oportunidade, que nunca tiveram antes, de possuir propriedades onde quisessem, e o capitalismo iria florescer entre eles como nunca antes. Foi esse o tema que propus.

11. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A CLÍNICA MÉDICA CONSTANTIABERG, ONDE SUA TUBERCULOSE FOI TRATADA

STENGEL: Como era a clínica?

MANDELA: Muito boa. Na verdade, no dia em que fui levado para lá, Kobie Coetsee foi me ver de manhã *bem* cedo e a seguir trouxeram meu desjejum. No primeiro dia, eles não sabiam que dieta tinha sido prescrita para mim... uma dieta livre de colesterol, o que significava que eu não deveria comer ovos nem bacon. Mas naquela manhã eles trouxeram dois ovos, um monte de bacon e cereal [risos], e então o *major*, que estava encarregado de mim na Penitenciária de Pollsmoor, disse: “Não, Mandela, você não pode comer isso – é contra as instruções do médico.” Eu respondi: “Hoje estou preparado para morrer, vou comer.” [risos] Sim, eu não comia ovos e bacon havia *muito* tempo.

12. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A VOLTA DA CLÍNICA CONSTANTIABERG
PARA A PENITENCIÁRIA VICTOR VERSTER EM DEZEMBRO DE 1988

MANDELA: Eu já estava acostumado com os hábitos dos guardas... E naquela ocasião em particular pude *perceber*, pelo movimento, que *alguma coisa* ia acontecer, uma coisa extraordinária... o major, que era o encarregado, estava muito tenso e *irritadiço*, e havia muitas consultas entre os guardas e a *vigilância* para impedir que alguém entrasse na minha enfermaria; permitiam apenas a entrada da enfermeira que estava de serviço; eu podia ver que havia alguma coisa no ar, mas não sabia o quê. Finalmente, no início da noite, o major entrou e disse: “Mandela, prepare-se. Vamos levá-lo para Paarl.”^[144] Eu perguntei: “Para quê?” Ele respondeu: “Bem, é para lá que você vai agora.” E saímos às nove da noite com uma grande escolta. Quando chegamos, fui levado a um grande dormitório... mas nele havia muitos insetos. É claro que estou acostumado com insetos. Se você gosta da natureza, ficará *feliz* naquele lugar. Mas lá havia *muitos* insetos, alguns que eu nunca tinha visto antes – uma enorme variedade, uma rica variedade de insetos e centopeias, que se moviam de um lado para outro.

STENGEL: No seu quarto?

MANDELA: Sim, principalmente no quarto. E pela manhã eu varria todos para fora. E também havia mosquitos. Mas eu dormia muito bem. *Então*, na tarde seguinte, Kobie Coetsee, o ministro da Justiça, veio e quis saber como era o prédio – a casa – e foi de cômodo em cômodo para inspecioná-lo. Saímos para inspecionar os muros de segurança, e ele disse: “Não, os muros precisam ser mais altos”... Ele era muito cuidadoso e queria se certificar de que eu estava bem, e também me trouxe alguns bons vinhos, *muito* caros... Ele foi *muito* gentil e me contou: “Não, vamos transferi-lo para cá. Este é um estágio entre a prisão e a liberdade. Estamos fazendo isto porque esperamos que você goste. Queremos ter alguma confidencialidade nas nossas discussões com você.” Gostei daquilo. Foi o que aconteceu.

STENGEL: E você se sentiu entre a liberdade e a prisão quando estava lá?

MANDELA: Sim, porque o que eles fizeram foi cercar o lugar longe do muro de segurança e assim havia *bastante* espaço para me movimentar. Eu podia me movimentar pela área e o guarda que me servia, o suboficial Swart,^[145] vinha às 7 horas e saía às 16 horas. Não havia chaves. Eu podia ficar fora quanto tempo quisesse. E quando ele ia para sua casa, havia guardas durante toda a noite. Eu tinha uma piscina e assim ficava muito à vontade naquela área. A única coisa era que estava cercado por arame farpado e por muros de segurança; sob outros aspectos, eu estava livre...

Swart era encarregado de cozinhar e lavar os pratos. Mas eu mesmo fazia isso,

para quebrar a tensão e evitar um possível ressentimento da parte dele, que era cozinhar para um prisioneiro e depois lavar seu prato. Ofereci-me para lavar os pratos e ele recusou, dizendo que aquele era seu trabalho. Eu disse: “Não, devemos dividi-lo.” Apesar da insistência dele, eu literalmente o *forcei* a permitir que eu lavasse os pratos e estabelecemos um relacionamento *muito* bom... O guarda Swart era *realmente* um bom sujeito, um bom amigo... Escute, dê-me uma folha de papel, porque preciso telefonar ao comissário prisional.

13. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O QUE APRENDEU NA PRISÃO

Não consigo identificar um fator isolado que possa dizer que me impressionou, mas em primeiro lugar *havia* a política governamental, que era impiedosa e brutal, e é preciso ir para a prisão para descobrir qual é a verdadeira política de um governo... atrás das grades... Mas ao mesmo tempo a gente descobre que nem todos os guardas são animais. É claro que a política principal é brutal, como também a maioria dos guardas, mas havia entre eles bons sujeitos, seres humanos, que nos tratavam *muito* bem e procuravam fazer com que nos sentíssemos à vontade, dentro dos regulamentos e, algumas vezes, fora deles.

E havia a questão da *militância* dos presos. Alguns poderiam esperar que com as duras condições existentes, em especial nos anos 1960... nosso pessoal se sentisse intimidado. Nada disso, eles lutavam desde o início e algumas das pessoas que lideravam essas lutas eram pouco conhecidas, e ainda são até hoje. E a gente descobria a *resistência*, a capacidade do espírito humano de resistir à injustiça dentro da prisão. E ficava sabendo que não é preciso ter um diploma para ter as qualidades de um líder, de um homem que quer combater a injustiça esteja onde estiver... Havia homens que podiam assumir uma posição de militante, que preferiam ser punidos a ceder... Na ala em que estávamos, havia pessoas cultas, que liam muito e haviam viajado ao exterior, e era um prazer conversar com elas... Quando tinha uma discussão com elas, eu sentia que havia aprendido muito.

14. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O ASSÉDIO DA POLÍCIA A WINNIE MANDELA

Eles assediaram a companheira Winnie durante os 27 anos em que estive longe e o que eu criticava era o *elemento* de propaganda e publicidade que davam àquilo... Quando Winnie desembarcou no [Aeroporto Internacional] Jan Smuts, depois de me ver, havia uma quantidade enorme de repórteres e eles faziam perguntas ligadas ao caso; então ela entrou na Kombi para ir a Orlando. Ela

possuía uma Kombi que acomodava alguns dos seus correligionários. No *caminho* do Soweto a polícia *parou-a*, revistou e apreendeu o veículo. Aquilo foi desnecessário. Era apenas uma maneira de dar publicidade ao caso no país e no mundo. Eles poderiam ter investigado discretamente e até apreendido o veículo, se achassem que era seu dever fazê-lo... Mas não agiram assim. Depois, quando faziam uma incursão na casa dela, eles levavam a SABC [South African Broadcasting Corporation] e *toda* a operação era mostrada na televisão. Eram cerca de 3 da manhã e minha mulher era mostrada de camisola. Algumas das pessoas eram desnudadas nos quartos dos fundos... Assim, havia muita publicidade. Não se tratava apenas de uma investigação policial, era uma questão de propaganda. Era isso que eu criticava.

15. DE UMA CARTA AO CHEFE MANGOSUTHU BUTHELEZI, DATADA DE 3 DE FEVEREIRO DE 1989

Uma das tarefas mais desafiadoras enfrentadas hoje pela liderança é a da unidade nacional. Em nenhuma outra época da história do movimento de libertação foi tão crucial para nosso povo falar com uma única voz e para que os guerreiros da liberdade unam seus esforços. Qualquer ato ou declaração de qualquer fonte, que tente criar ou acirrar divisionismos, é, na atual situação política, um erro fatal que deve ser evitado a qualquer custo... A luta é nossa vida e, mesmo que o momento da vitória não esteja próximo, podemos tornar essa luta imensamente enriquecedora ou totalmente desastrosa... Em toda a minha carreira política, poucas coisas me perturbaram tanto quanto ver nossa gente se matando como está acontecendo agora. [\[146\]](#)

16. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE SE ELE HAVIA ENDOSSADO OU NÃO UM DISCURSO DE WINNIE MANDELA SOBRE OS “COLARES DE FOGO” – UM MÉTODO DE MATAR PESSOAS PONDO FOGO EM PNEUS CHEIOS DE GASOLINA PRESOS EM TORNO DO PESCOÇO

KATHRADA: Dizem que você apoiou o “discurso do colar de fogo” de Winnie.

MANDELA: Meu Deus.

KATHRADA: Anthony Sampson me enviou uma transcrição de uma conversa...

Agora, não sabemos quem fez essas anotações... [\[147\]](#) “N.M. aprovou o discurso de W.M. sobre o ‘colar de fogo’. Ele disse que era uma coisa *boa*, uma vez que nenhuma pessoa negra atacou W.M. Porém, ele tinha algumas reservas sobre o ataque de W.M. a Rex Gibson, do *Star*, porque Gibson publicou uma forte defesa do discurso alguns dias antes”...

MANDELA: Condenei aquilo expressamente.

KATHRADA: Sampson disse: “A respeito do assunto polêmico sobre os alegados comentários de Madiba sobre o ‘discurso do colar de fogo’ de Winnie, achei que você deveria ver o documento no qual se basearam minhas observações, uma vez que ele é aparentemente autêntico e está em um arquivo público. Não creio que eu possa ignorá-lo, *mas* é claro que posso declarar que o presidente o contradiz com firmeza. Mas seria útil explicar ou especular como ocorreu este mal-entendido.”

MANDELA: Mas como ele pode não confiar em nós? Quem guardou esses arquivos?... Não existe nada desse gênero. Condenei a coisa *sem reservas*...

KATHRADA: Eu também...

MANDELA: Isso absolutamente não é verdade.

17. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE ESTUDAR NA PRISÃO

STENGEL: Era agradável estudar Direito na prisão, ou o estudo parecia distante daquilo pelo que você estava passando na ocasião? Ou distante da luta?

MANDELA: Era agradável. Direito – sou muito interessado em Direito. Mas eu estava *demasiado* ocupado na Ilha de Robben. Não fiz nenhum progresso nos estudos. Nos dois primeiros anos, eu estava bem, mas no terceiro eu não tinha tempo para estudar devido aos problemas políticos e acho que fracassei três vezes. Só quando fui para a Penitenciária de Pollsmoor é que tive uma chance de me concentrar, especialmente quando estava sozinho. Então eu sabia, desde o início, que iria ser aprovado. Mas com esta exceção, eu literalmente abandonei o Direito.

18. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

No Congresso Nacional Africano, quando abordamos um determinado problema, normalmente começamos a partir de polos opostos e debatemos o assunto exaustivamente... depois chegamos a um consenso que torna nossas decisões muito fortes. De um modo geral, na ilha, o companheiro [Harry] Gwala liderava um grupo com uma abordagem específica e, devido ao seu conhecimento, sua habilidade, sua experiência, ele era capaz de influenciar um grande número de companheiros. ^[148] Mas em quase tudo acabávamos chegando a um consenso. E ficávamos gratos pelo fato de termos examinado o assunto de *todos* os ângulos. Por exemplo, sobre a questão do relacionamento entre o CNA e o Partido [Comunista], Gwala costumava *ofuscar* a distinção e muitas de nossas

discussões se deveram a este fato. Enquanto alguns de nós queriam manter a diferença bem ampla, bem clara, ele tendia a embaçá-la. E talvez houvesse uma razão para isso na prisão, porque queríamos falar com uma única voz. Mas mesmo assim não era uma abordagem precisa, porque o Partido e o CNA *sempre* foram totalmente diferentes, apesar da cooperação mútua.

19. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Bem, como sabe, eu costumava gostar de ler antes de ficar realmente ocupado... É uma das coisas das quais sinto falta, que eu gostava de fazer na prisão... Eu podia acordar, tomar banho, esperar pelo médico do hospital... *então* tomava o café da manhã e estava livre para me sentar e estudar... Aquela cena de Kutozov [em *Guerra e paz*], discutindo se eles deviam ou não defender Moscou, era linda. Quando *todos* diziam que não *se podia* abandonar a capital, a preocupação dele era que o exército russo deveria ser poupado para o inverno, porque o exército de Napoleão nunca seria capaz de enfrentar o exército russo no inverno... “Não estou preocupado com prédios; isso é apenas emoção. Estou preocupado em salvar meu exército da destruição.” E essa também era a atitude do rei zulu Shaka.^[149] Durante um combate, ele recuou diante do ataque de uma das tribos e, quando chegou ao Royal Kraal, seu conselheiro disse: “Agora vamos resistir, manter nossa posição.” E ele respondeu: “Por que deveria eu defender prédios? Eles podem ser destruídos hoje e reconstruídos amanhã, mas um exército destruído leva anos para ser formado novamente.” Ele recuou, mas certificou-se de que ao longo do caminho não houvesse uma só migalha de comida para o inimigo – ele levou consigo o gado, todo o estoque de grãos e assim por diante. Ele certificou-se de não haver comida nenhuma. *Então*, o exército inimigo ficou cansado e faminto... Quando eles estavam recuando, Shaka seguiu-os de perto, *muito* perto. O inimigo queria um conflito para acabar com a ameaça, mas Shaka não atacava. Quando o inimigo parava, ele também parava, e quando o inimigo avançava, ele recuava.

Mas, enfim, o inimigo retirou-se. Todos estavam cansados e, quando dormiram, Shaka mandou seus homens se misturarem entre eles porque os uniformes eram iguais... e na calada da noite cada homem de Shaka *esfaqueou* o sujeito ao seu lado e saiu gritando: “Umthakathi está me atacando!” Com isso todos acordaram. Shaka os manteve despertos e preparou-se para atacá-los quando eles estivessem cansados e famintos. Assim eles prosseguiram até chegar a um grande rio, onde havia uma passagem, e o inimigo teve que desfazer sua formação para atravessar o rio. Quando a *metade* deles havia atravessado, Shaka *então investiu*, e atacou e destruiu a metade que ficara para trás... depois cruzou

o rio para eliminar os restantes. Ele tinha táticas semelhantes às de Kutuzov contra Napoleão.

20. DE UMA CONVERSA COM AHMED KATHRADA

MANDELA: Eu poderia ter ganho muito dinheiro quando estava na Penitenciária Victor Verster. Dois jornais, totalmente diferentes.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: ... Foram falar comigo para tirar uma foto. Um deles me prometeu meio milhão.

KATHRADA: Isso apareceu nos jornais.

MANDELA: Ah, é?

KATHRADA: Não, espere um pouco, ou será que foi o guarda Brand que me contou? Mas eu sabia da história.

MANDELA: *Meio* milhão!

KATHRADA: Sim, foi Brand que nos contou.

MANDELA: Então eu disse: “Não, não concordo com isso.”

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Eu disse não.

KATHRADA: Mas isso não foi quando você estava na clínica?

MANDELA: Hum?

KATHRADA: Não foi quando você estava na clínica?

MANDELA: A *outra* vez foi quando eu estava na clínica.

KATHRADA: Ah, sim.

MANDELA: Mas a outra vez foi quando eu estava na Penitenciária Victor Verster. Eu disse: “Veja bem, estou negociando para que *essas* pessoas não pensem que estou abusando da minha posição aqui...”

KATHRADA: Ah.

MANDELA: ... isso destruiria minha credibilidade. Não posso fazer isso.” E eles disseram: “Meio milhão de rands.”

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Pobre como sou, com filhos e netos, já pensou?

KATHRADA: Sim.

MANDELA: E eu nem queria pensar naquilo, porque se pensasse eu me sentiria tentado.

KATHRADA: É.

MANDELA: E eu disse: “Não, não. Eu não quero.” E disse aquilo alto e claro, porque pensava que havia escutas na sala.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Porque estávamos dentro do... prédio, na sala de espera.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: E eu disse: “Não, não, não. Nem quero pensar nisso. Estou em negociações. Talvez em outra ocasião, se não estivesse empenhado em negociações, eu poderia pensar nisso, mas não agora!” E eu fui *muito* ríspido.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Então ele disse: “Bem, e que tal 750 mil rands?” E eu respondi: “Nem por 750 *milhões*.”

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Eu não poderia aceitar e simplesmente recusei a oferta. E quando eu estava na clínica apareceu *outra* oferta, desta vez de um milhão.

KATHRADA: Sim. Foi da revista *Time*, eu acho.

MANDELA: Acho que foi.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: É. Assim eu recusei e, você sabe, ser pobre é uma coisa terrível.

KATHRADA: Também escrevi a esse respeito quando você sofria privações na prisão.

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Você se vê tentado...

MANDELA: É verdade.

KATHRADA: ... por *muitas* coisas.

MANDELA: Certamente.

KATHRADA: Sim.

MANDELA: Exato. Mesmo hoje, aqui fora, é preciso adquirir o hábito de *relatar* aos seus companheiros sobre qualquer oferta recebida.

21. DE UMA CARTA À ENFERMEIRA SHAUNA BRADLEY, DATADA DE 21 DE AGOSTO DE 1989^[150]

Certa manhã ouvi um sermão pelo rádio, no qual o pregador estava dando conselhos a respeito de como enfrentar problemas. Ele destacou que os problemas sempre são de natureza temporária e que, dependendo da abordagem da pessoa, quase sempre eles são seguidos por momentos mais felizes.

22. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

STENGEL: As pessoas dizem: “O grande problema do Mandela é que ele só vê o bem nas pessoas.” Como você responde a isso?

MANDELA: Bem, isso é o que muitas pessoas dizem. Dizem isso desde meus tempos de adolescente e não sei... Pode haver um elemento de verdade nisso. Mas quando se é uma figura pública, temos de aceitar a integridade das outras pessoas até prova em contrário. E quando não existe essa prova, e as pessoas fazem coisas que parecem ser boas, que razão você tem para suspeitar delas? Vai dizer que elas estão fazendo o bem porque têm segundas intenções? E até a prova surgir, você... lida com a possibilidade de infidelidade e esquece o assunto. Porque é assim que se pode conviver com os outros. É preciso reconhecer que as pessoas são feitas do barro da sociedade em que vivemos e, portanto, são seres humanos. Elas têm pontos fortes e pontos fracos. Seu dever é trabalhar com os seres humanos como eles são, não porque pensa que são anjos. Portanto, uma vez sabendo que um homem tem esta virtude e aquela fraqueza... você trabalha com elas, se adapta à fraqueza e procura ajudá-lo a superá-la. Não quero viver assustado pelo fato de uma pessoa poder cometer determinados erros e ter fragilidades humanas. Não posso me permitir ser influenciado por isso. E é por isso que muitas pessoas me criticam.

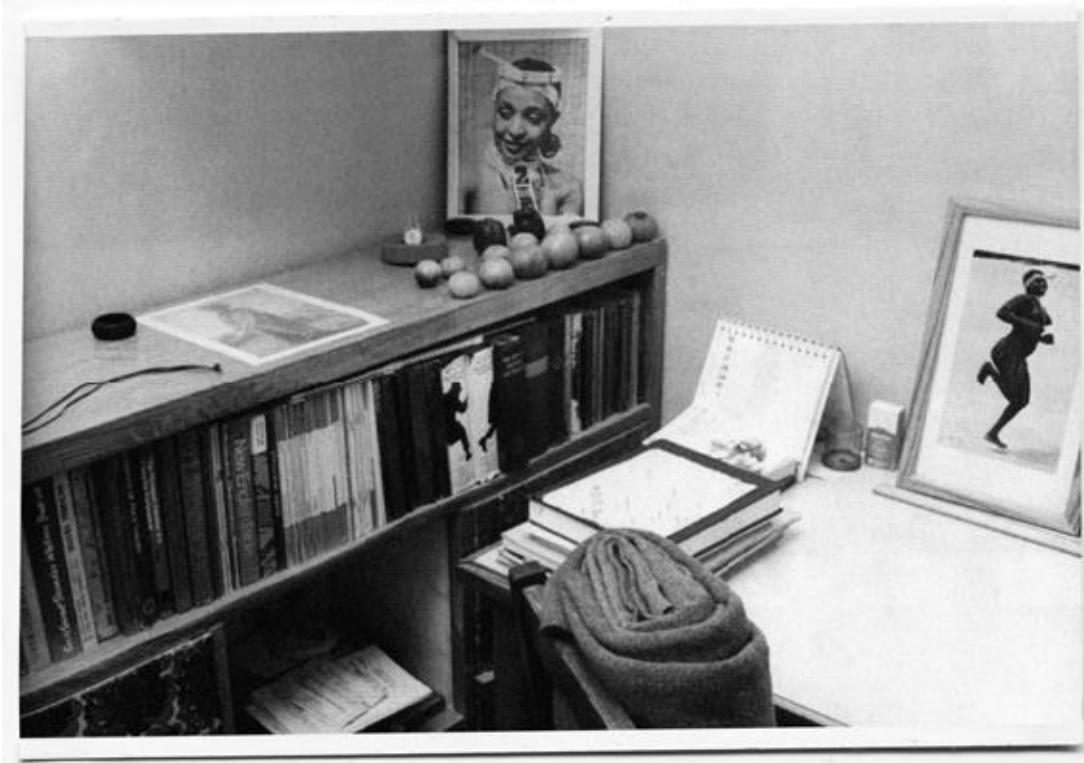
Na minha posição, a tarefa principal é manter unidas facções diferentes; portanto, é preciso ouvir com muita atenção quando alguém vem lhe explicar um problema. Mas, ao mesmo tempo, enquanto você ouve e trata do problema, é preciso compreender que o fator *predominante* é manter a organização unida. Não se pode dividir a organização. As pessoas precisam ser capazes de vir até você... para que você possa exercer o papel de manter a organização unida.

23. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Costumam achar que só vejo o bem nas pessoas. É uma crítica à qual devo me acostumar e tenho procurado me adaptar a ela porque, esteja eu certo ou errado, acho que meu modo de ser é vantajoso. É bom presumir que os outros sejam pessoas íntegras e honradas, porque você tende a atrair integridade e honra se olhar dessa forma para as pessoas com que trabalha. E você faz muitos progressos no desenvolvimento de relacionamentos pessoais, ao partir do pressuposto básico de que as pessoas com as quais lida são íntegras. Acredito nisso.

CAPÍTULO 11

Calendários





Anotação de uma agenda de mesa, na qual Mandela observa que em 21 de julho de 1976 houve uma "Incursão".

Mandela mantinha uma série de calendários de mesa que iam de 1976 a 1989 na Ilha de Robben e nas prisões de Pollsmoor e Victor Verster. Juntamente com

os cadernos, eles constituem os registros mais diretos dos seus pensamentos particulares e das suas experiências no dia a dia. Ele não fazia anotações todos os dias. Na verdade, há períodos de semanas sem nenhum registro, o que explica alguns dos vazios nas datas que aparecem na seleção que compõe o capítulo 11. Das anotações existentes, as mais importantes e interessantes foram reunidas neste capítulo. Embora elas representem uma pequena porcentagem do total, o teor geral dos calendários não foi alterado de forma substancial. A inclusão de algumas anotações pode parecer estranha. Porém, é preciso ter em mente que necessidades dadas como certas no mundo exterior eram preciosos luxos na prisão. Por exemplo, leite para o chá era um acontecimento, assim como visitas e cartas. E a simples palavra “Incursão” mascara uma ameaça mais profunda.

18 DE AGOSTO DE 1976

Recebidas informações sobre a prisão de Zami.
O oficial-comandante nega o recebimento do cartão de aniversário

23 DE AGOSTO DE 1976

Informado pelo suboficial Barnard que o cartão de aniversário foi retido

8 DE DEZEMBRO DE 1976

Comecei a ler “Enterrem meu coração”, de Dee Brown; enviei carta à Universidade de Londres [\[151\]](#)

23 DE DEZEMBRO DE 1976

Aniversário de Zindzi

17 DE JANEIRO DE 1977

Fofocar sobre a vida alheia é certamente um vício, e uma virtude quando é sobre si mesmo

20 DE JANEIRO DE 1977

Sonhei com Kgatho caindo no canal e machucando a perna

21 DE FEVEREIRO DE 1977

Incursão de cerca de 15 guardas, sob o comando de Barnard

2 DE MARÇO DE 1977

Forte tremor às 6:55 da manhã^[152]

25 DE MARÇO DE 1977

Sonhei que Kgatho, George, eu e outros estávamos correndo em um campo verde e descendo uma colina a galope. Kgatho cai e é ajudado. Acordo quando estou correndo até ele

25 DE ABRIL DE 1977

Jornalistas, fotógrafos e pessoal de TV visitam a ilha e tiram fotos das celas dos prisioneiros e das instalações^[153]

4 DE JUNHO DE 1977

Zami e Zindzi me viram por uma hora e meia. Contam que a deportação para Brandfort ocorreu em 16.5.77^[154]

11 DE JULHO DE 1977

Lâminas de barbear

22 DE AGOSTO DE 1977

Carta s/ creme de barbear e dois tubos de creme entregues

7 DE NOVEMBRO DE 1977

O major Zandburg avisa que K. D. [Kaiser Matanzima] quer visitar Madiba em 2.12.77. Madiba responde que a visita deve ser adiada^[155]

29 DE DEZEMBRO DE 1977

2.100 ml de pasta de dentes Mentadent
6 sabonetes Vinolia grandes

1 pote grande de óleo para cabelos Vaseline
1 k de sabão em pó Omo

11 DE MARÇO DE 1979

Síndrome de DDM: debilidade, dependência, medo

27 DE ABRIL DE 1979

O ministro Jimmy Kruger visita ilha acompanhado por G. du Preez.
Conversamos cerca de 15 minutos [\[156\]](#)

9 DE MAIO DE 1979

Consulta com o dr. A.C. Neethling, oftalmologista
Visão excelente. Infecção viral, mas irá cessar logo. Não há necessidade de novos óculos

20 DE MAIO DE 1979

Vírus novamente ativo passa do olho esquerdo para o direito

21 DE MAIO DE 1979

Olho direito muito dolorido e vermelho

22 DE MAIO DE 1979

À tarde comecei com gotas de Albucid

23 DE MAIO DE 1979

Sonho que chego em casa à noite, as portas todas abertas e Zami dormindo em uma cama, e, na outra, possivelmente, Zeni e Zindzi. Muitas crianças de colégio lá fora. Abraço Zami e ela me manda dormir

24 DE MAIO DE 1979

Começo a usar gotas de Albucid a 30% nos olhos ao meio-dia

1º DE JUNHO DE 1979

“Esperar é fácil, o querer é que estraga.”

2 DE JUNHO DE 1979

Em um país doente, cada passo para a saúde é um insulto aos que vivem da doença.

O propósito da liberdade é criá-la para os outros

3 DE JUNHO DE 1979

Zami e Zazi por 1h. [\[157\]](#) Zami de jérsei vermelho e aparelho nos dentes.

Zazi com um casaco parecido com o meu

12 DE JUNHO DE 1979

[Em africâner] O general Roux veio. Falou com o brigadeiro Du Plessis

14 DE JUNHO DE 1979

21º aniversário de casamento

14 DE JULHO DE 1979

Zeni, Zindzi e Zamaswazi me visitam por 45 minutos. [\[158\]](#)

Zamaswazi está com gripe e grita sem parar

6 DE AGOSTO DE 1979

O ministro L. le Grange visita a prisão acompanhado pelo oficial-comandante Du Preez [\[159\]](#)

15 DE SETEMBRO DE 1979

O chefe Bambilanga me visita à 1:30 [\[160\]](#)

9 DE OUTUBRO DE 1979

Entrevista com o sr. A.M. Omar a respeito do processo Estado *versus* Sabata Dalindyebo

17 DE OUTUBRO DE 1979

Peso sem roupas: 75 k

20 DE OUTUBRO DE 1979

Entrevista com Zindzi por +/- 1h.

Zindzi está linda e alegre. Está na casa de Anne [sic] Tomlinson

21 DE OUTUBRO DE 1979

Zindzi retorna por +/- 45 minutos. Mais uma vez, está linda e alegre.

Fala sobre livros e o editor Mike Kirkwood

5 DE NOVEMBRO DE 1979

Hospitalizado: Pequena cirurgia para remoção do tendão rompido do calcanhar direito, executada pelo dr. Breytenbach.

Sonho com Zindzi e que visito o Hospital Baragwanath à noite. Perguntam por que instruí um advogado em vez do outro

17 DE NOVEMBRO DE 1979

Zami vem me ver por +/- 2h. Vestido azul-claro – ela ganhou um peso razoável e está realmente elegante

19 DE NOVEMBRO DE 1979

Pontos removidos pelo sargento Kaminga. Ossículo grande removido do calcanhar direito pelo dr. Breitenbach. Anestesista: dr. C. Moss.

3 DE DEZEMBRO DE 1979

Carta s/ compra de chinelos enviados ao major Harding.

25 DE DEZEMBRO DE 1979

Visita de 1h de Zami: guloseimas de Natal de Pietermaritzburgo

26 DE DEZEMBRO DE 1979

Visita de 45 minutos de Zami e Swati. Prometeram enviar vinte fotos

3 DE JANEIRO DE 1980

Lendo “Black As I Am”: 55 poemas de Zindzi, “Black and Fourteen”, a ser publicado brevemente.

Para N.M. em sua prisão e Nomzamo Mandela em sua sentença de silêncio pelo sofrimento que trazem a todos nós. [\[161\]](#)

10 DE JANEIRO DE 1980

Nova lâmina de barbear

13 DE JANEIRO DE 1980

Leite para o chá

26 DE JANEIRO DE 1980

Visita de Zami por +/- 45 minutos. Ela se queixa de que Madiba parece cansado

13 DE MARÇO DE 1980

Primeiro aniversário de Swati

19 DE MARÇO DE 1980

Recebi telegrama de Zami informando a morte de Lilian Ngoyi

20 DE MARÇO DE 1980

Enviado telegrama de condolências (urgente) a Edith Ngoyi [\[162\]](#)

January Januarie Janvier Enero					
Sunday Sondag Dimanche Sonntag Domingo	13	Milk for Tea.			
Monday Maandag Lundi Montag Lunes	14	Send back telegrams to Zindzi & Depa for release. 76 76 kg.			
Tuesday Dinsdag Mardi Dienstag Martes	15	Consult Dr. Bisset. Cholesterol level 5.5, uric acid Indira Gandhi sweeps back to power 351 out of 525 196,000,000 votes: Jagjwan Ramus Janata Party → 31 (295 in ??)			
Wednesday Woensdag Mercredi Mittwoch Miércoles	16	Two cones & tablets 16.81 Chaudhry's Lok Seel party - 4			
Thursday Donderdag Jeudi Donnerstag	17				

Ver acima.

14 DE MAIO DE 1980

A deputada Helen Suzman vem com o general Roux. [\[163\]](#) Entrevista de +/- 1h.

Maandag Lundi Montag Lunes	12				
Tuesday Dinsdag Mardi Dienstag Martes	13				
Wednesday Woensdag Mercredi Mittwoch Miércoles	14	Mrs Helen Suzman m.p. comes with Gen. Roux. Interview for ± 1 hr.			
Thursday Donderdag Jeudi Donnerstag Jueves	15	R.P. $\frac{160}{105}$ Ascension Day Hemelvaartdag			
Friday Vrydag Vendredi Freitag Viernes	16	$\frac{160}{98}$			
Saturday Saterdag Samedi Samstag Sábado	17	$\frac{160}{90}$			

5 [S] M T W T F S [S] M T W T F S [S] M T W T F S [S] M T W T F S [S] M T W T F S [S] M T W T F S

- - - 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Ver acima.

23 DE MAIO DE 1980

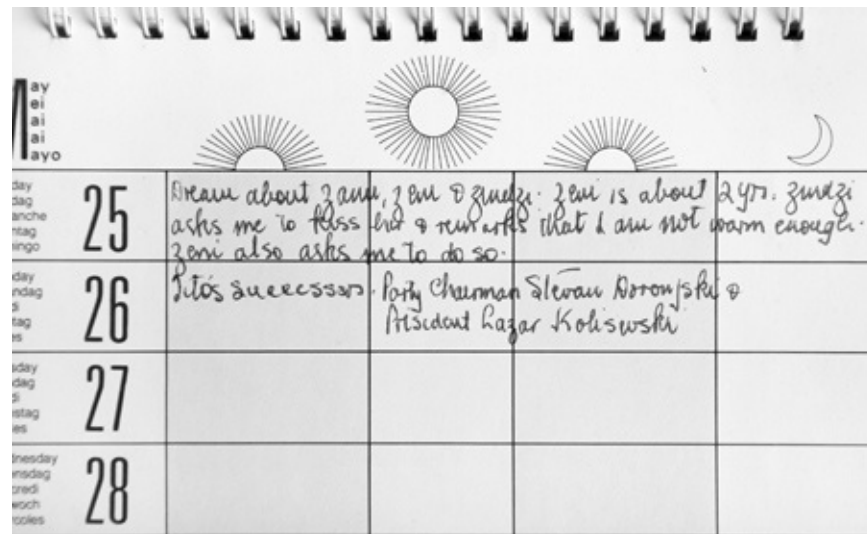
Consulta com o dr. A.L. Maresky estabelece que estou com boa saúde. Coração melhor que na última vez em que ele me examinou.

Sonhei que voltei para casa tarde da noite, quase de madrugada. Abracei muito Zami quando ela entrou pela porta dos fundos da nossa casa em Orlando. Zeni está com 2 anos e engoliu uma lâmina de barbear, que vomitou. Bati nela por

isso.

25 DE MAIO DE 1980

Sonhei com Zami, Zeni e Zindzi. Zeni está com mais ou menos 2 anos. Zindzi pede que eu a beije e diz que não sou suficientemente carinhoso. Zeni pede o mesmo.



May	day	day	day	day
25	day	day	day	day
26	day	day	day	day
27	day	day	day	day
28	day	day	day	day

Ver acima.

8 DE JUNHO DE 1980

Zami retorna alegre e vestida de azul

9 DE JUNHO DE 1980

Saldo R41,44

24 DE JUNHO DE 1980

Sargento Kamminga mede a pressão arterial: 180/90

30 DE JUNHO DE 1980

Examinado pelo dr. Kaplan pressão 120/80, peso 78 k.
Ele também leu para mim o relatório do dr. Maresky sobre cardiógrafo

12 DE JULHO DE 1980

Zami, Zindzi e Zobuhle deixam de vir devido ao mau tempo

13 DE JULHO DE 1980

Zami, Zindzi e Zobuhle chegam para uma longa visita [\[164\]](#)

Comunicação da morte de sir Seretse Khama

24 DE AGOSTO DE 1980

Buthi e Kgatho; [\[165\]](#) é a primeira vez que vejo Kgatho de gravata

7 DE SETEMBRO DE 1980

250 g de Nescafé R4,10

Molho de mostarda 54 centavos

Trims 45

Biscoitos de coco 54

Pasta para sanduíche 71

Marmite 55

Fray Bentos 55

Limão 26

Mistura para bolo 250 g 38

14 DE SETEMBRO DE 1980

Zami e Oupa. Zami de vestido marrom e um pingente dourado está linda. Oupa com um terno (preto) risca de giz [\[166\]](#)

10 DE OUTUBRO DE 1980

73 mil pessoas assinam petição pela libertação de N.M.

11 DE OUTUBRO DE 1980

Dia do Prisioneiro [\[167\]](#)

27 DE OUTUBRO DE 1980

Documentos confiscados sem minha permissão pelo suboficial Pienaar

3 DE NOVEMBRO DE 1980

Passeata no Zimbábue: O movimento Libertem Nelson Mandela na Universidade do Zimbábue conseguiu 600 assinaturas pedindo por sua libertação.

Clifford Mashiri foi o organizador

28 DE NOVEMBRO DE 1980

[Em africâner] Enquanto os africânderes pensarem que são a super-raça e têm o direito de forçar soluções aos outros, o futuro permanecerá sombrio.

O Conceito de Educação Bantu traz consigo um estigma.^[168] Nenhum sistema, por mais que seja aperfeiçoado, será aceito enquanto for racialmente separado

25 DE DEZEMBRO DE 1980

Zami, Zindzi e Zobuhle visitam a Ilha de Robben por +/- 1h. Prometi posar para Ayesha [Arnold]: Fotos para a comemoração do prêmio Nehru em Durban.

A fita do discurso de Indira Gandhi não veio^[169]

22 DE JANEIRO DE 1981

Óleo de prímula reduz pressão arterial, nível de colesterol e excesso de peso

18 DE FEVEREIRO DE 1981

Princesa Anne 23 951 } Chanceler da Universidade de Londres
Jack Jones 10 507 }
N.M. 7 199

Entre os defensores de N.M. estavam a professora Barbara Hardy e o jornalista político Jonathan Dimbleby^[170]

1º DE ABRIL DE 1981

Documentário sobre Mandela: Frank Cox, produtor da BBC, que fez o documentário sobre a fuga do editor Donald Woods da África do Sul, está planejando um documentário sobre Nelson Mandela para filmagem em junho. A seleção de atores sul-africanos brancos e negros começa em junho. O programa terá 50 minutos e fará parte de uma série de três sobre o tema direitos humanos. O programa será filmado em um cenário imitando a Ilha de Robben na

Grã-Bretanha

3 DE ABRIL DE 1981

O bispo Desmond Tutu fala na Câmara dos Comuns na culminação da campanha Libertem Nelson Mandela.^[171] Presentes Michael Foot,^[172] David Steel.^[173] Petição endossada por 94 deputados, 25 pares, 30 líderes religiosos, incluindo 19 bispos e 98 professores, e 500 organizações representando cerca de 12 milhões de pessoas

5 DE MAIO DE 1981

Morre Bobby Sands, mártir do IRA [Exército Revolucionário Irlandês]

10 DE MAIO DE 1981

Zami e Swati chegam +/- às 10 horas. Swati bate na divisória de vidro gritando: “Abram, abram!” Finalmente ela chora e é retirada

17 DE MAIO DE 1981

Número de presos que estão estudando
Educação especial 29
Ensino médio 102
Matriculados 127
Superior 59
Diplomados 17
Total 334
30% não prestaram exames

5 DE AGOSTO DE 1981

Dr. Ekwueme (Alex), vice-presidente da Nigéria, recebe o Freedom of Glasgow em nome de N.M. do lorde reitor, sr. Michael Kelly. O documento conferindo a honraria, conhecido como Burgess Ticket, será mantido em segurança no Palácio do Governo em Lagos. “Quando M. conquistar a liberdade em futuro próximo, assim espero, poderá vir até Lagos para recebê-lo.”

Handwritten calendar page for May 1981. At the top, it says "M ay ei ai ay o" and "Moms Leuba Mangaba 9.2.59". There are drawings of suns and a moon. Below the calendar grid is a table with the following data:

Day	17	18	19	20
Sunday Sonntag Dimanche Sonntag Domingo	17	18	19	20
Monday Maandag Lundi Montag Lunes		29	39	
Tuesday Dinsdag Mardi Dienstag Martes		102	17	
Wednesday Woensdag Mercredi Mittwoch Miércoles		127	334	

Handwritten notes in the table include: "Unity Secretariat Services, P.O. BOX 6134, H.B. in English", "Number of Persons who are Studying", "Std. 1 de male", "Degree Diploma", "Total", and "30% of them do not sit for the examination".

Ver acima.

15 DE AGOSTO DE 1981

Zami e Zobuhle: beijo Zobuhle através da divisória e falo com ela por telefone. Ela faz bagunça, tornando a conversa com Zami totalmente impossível. Decidimos que ela não voltará no dia seguinte.

19 DE AGOSTO DE 1981

Anthony Bobby Tsotsobe, 25

Johannes Shabangu, 28

David Moise

sentenciados à morte pelo juiz Theron (Charl). ^[174] “Vida longa ao espírito das massas trabalhadoras da África do Sul, vida longa ao espírito da humanidade internacional, vida longa a N.M.; vida longa a Solomon Mahlangu!” ^[175]

26 DE SETEMBRO DE 1981

Zami passa seu 45º aniversário conosco. Relata assédio intensivo dela e da família por parte da polícia sul-africana por causa do passaporte de Zindzi e do fato de Mabitsela morar na casa. ^[176]

Zeni e Zindzi partem para o Rio de Janeiro, EUA e Madri em 9.10.81

19 DE NOVEMBRO DE 1981

[Griffiths] Mxenge assassinado ^[177]

14 DE DEZEMBRO DE 1981

O comandante me informa de que Zami se envolveu em acidente de carro em Mt. Ayliff. Ferimentos graves no pescoço, ombro e costelas. Também uma filha de Madikizela de 14 anos. Hospitalizadas em Kokstad. Poderão ser transferidas para Durban. Telegrama desejando melhoras enviado imediatamente.

6 DE JANEIRO DE 1982

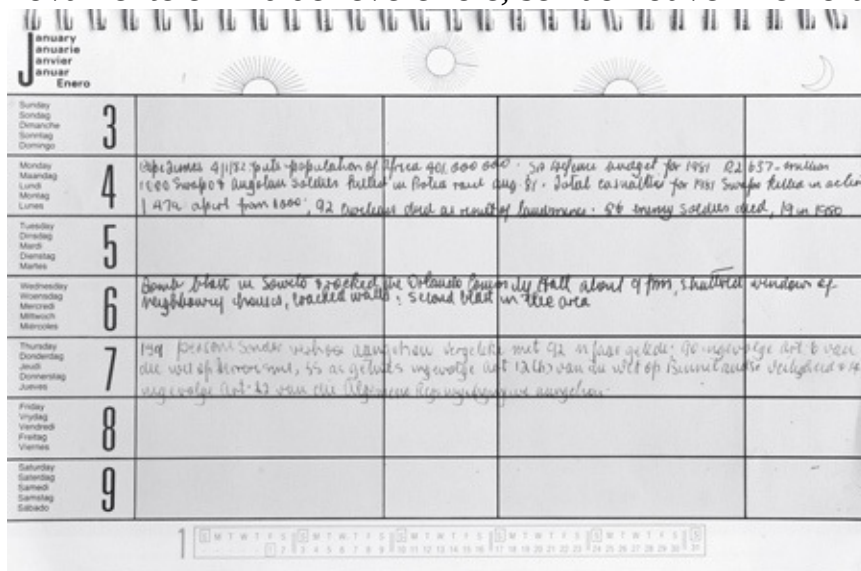
Explosão de bomba no Soweto abalou o Orlando Community Hall por volta das 21 horas, quebrou vidraças das casas vizinhas, derrubou paredes: segunda explosão na área

28 DE JANEIRO DE 1982

O banimento de Zami para Brandfort e sua prisão domiciliar foram renovados por mais um ano

30 DE JANEIRO DE 1982

Mão esquerda de Zami ainda engessada. Ela não parece bem. Novo gesso colocado pelo dr. Shipley, cirurgião ortopédico de Bloemfontein. Irá consultá-lo novamente em 10 de fevereiro e, se não houver melhoras, ela poderá ser operada



Ver acima.

31 de janeiro de 1982

Zami retorna usando óculos de sol. Enviará fotos do casamento de Thembi na

manhã de segunda-feira

26 DE MARÇO DE 1982

Tom Lodge: “Política de Resistência Negra na África do Sul 1948-1981”
[Mandela é transferido subitamente para a penitenciária de Pollsmoor, no continente, em 30 de março de 1982]

24 DE ABRIL DE 1982

Zami me visita em Pollsmoor, acompanhada pelo sr. Allister Sparks, mas não permitem a entrada dele [\[178\]](#)

25 DE ABRIL DE 1982

Zami retorna acompanhada por Allister. Ela está muito bem. Planeja voltar no mês seguinte

5 DE MAIO DE 1982

Pacote de Bisto [molho de carne em pó] dado às cozinhas pelo ajudante Terblanche com instruções para que uma colher de chá seja usada somente às quartas-feiras. Primeira colher usada

12 DE MAIO DE 1982

Uma colher de chá de Bisto usada pela segunda vez

17 DE MAIO DE 1982

O Sindicato dos Trabalhadores em Engenharia (Londres) deve dar R1.800 a Zami para que ela possa visitar Madiba. Zami conseguiu visitá-lo no último mês, graças à generosidade da sra. Marjorie Ruck, uma mulher de Dorset

26 DE JUNHO DE 1982

Zami, vestindo um casaco marrom, fala sobre ameaças de morte e de uma tentativa de atentado a bomba na Kombi: ela veio acompanhada de Mabitsela, mas não entrou no cubículo

1º DE AGOSTO DE 1982

Cartão de aniversário enviado a Ayesha [Arnold]

7 DE AGOSTO DE 1982

Maki (visita solicitada em 30 de abril). Ela veio por uma hora e ficou em Cowley House

8 DE AGOSTO DE 1982

Maki por 30 minutos. Dois dentes da frente e um lateral arrancados

17 DE AGOSTO DE 1982

[Em africâner, possivelmente de um recorte de jornal] Uma carta-bomba tirou a vida de Ruth First: Ruth First, representante do banido Congresso Nacional Africano, morreu em Maputo depois que uma carta-bomba explodiu em suas mãos. O incidente ocorreu no Centro de Estudos Africanos da universidade, onde ela trabalhava, segundo a agência oficial de notícias Angop. Entre as pessoas nas proximidades estava Aquino de Bragança, diretor do centro, que foi ferido na explosão, segundo um membro de sua família. Aparentemente, um dos assessores do presidente Samora Machel disse que ele não foi gravemente ferido. Livros de autoria dela: 177 days, The Barrel of a Gun, um estudo dos governos militares na África, A Biography of Olive Schreiner e A Study of Modern Libya [possivelmente, *Lybia: The Elusive Revolution*]

21 DE AGOSTO DE 1982

Morre o rei Sobhuza aos 83 anos^[179]

25 DE SETEMBRO DE 1982

Zami vestindo um uniforme, presente de Ngugi do Quênia^[180]

2 DE OUTUBRO DE 1982

Sonho com Zami e eu comendo no mesmo prato... Depois de algumas colheradas saio para cuidar de um assunto urgente, esperando voltar logo e continuar comendo. Infelizmente me atrasei por várias horas e voltei muito preocupado com sua reação e ansiedade. Foi uma mistura de sonhos. Hobdozela

caindo no rio por uma borda íngreme com um membro da família nas costas

2 DE DEZEMBRO DE 1982

Breyten Breytenbach libertado da penitenciária de Pollsmoor^[181]

4 DE JANEIRO DE 1983

O sr. Jeremy Thorpe, ex-líder do Partido Liberal britânico, encontrou-se com Zenani durante uma viagem de negócios à Suazilândia.^[182] Thorpe, que está promovendo um projeto para construção de casas de baixo custo com grama altamente comprimida, discutiu a prisão domiciliar de Zami e a prisão do seu marido

7 DE JANEIRO DE 1983

Casa de Zami invadida pela polícia em revista de três horas com seis veículos policiais, na presença da sra. Helen Suzman e de Peter Soal,^[183] ambos congressistas. O motivo alegado seria o desrespeito a uma ordem de interdição. Confiscaram cartazes, livros, documentos e colchas de cama. Também fotografaram seis pacientes que estavam na clínica médica móvel

31 DE JANEIRO DE 1983

Sowetan, 31.1.83: A Polícia de Segurança confiscou a colcha da cama dela – senadores pretendem substituí-la. Membros poderosos do Congresso dos EUA irão repor a colcha recentemente confiscada da sra. Winnie Mandela pela Polícia de Segurança da África do Sul. A nova colcha será presenteada à mulher do líder do CNA como símbolo da preocupação do Congresso com os abusos aos direitos civis na África do Sul

2 DE FEVEREIRO DE 1983

Internado no Hospital Woodstock

3 DE FEVEREIRO DE 1983

Realizadas cirurgias na parte de trás da cabeça e no dedão do pé direito

5 DE FEVEREIRO DE 1983

Zindzi está alegre e animada

14 DE FEVEREIRO DE 1983

O suboficial Van Zyl retira pontos da cabeça

15 DE FEVEREIRO DE 1983

Irmã Ferreira do Hospital Woodstock retira um ponto no dedo do pé: o dr. Stein salienta que os exames laboratoriais não indicaram nenhum sinal de malignidade no dedo

21 DE MARÇO DE 1983

Olímpia antiga: Nelson Mandela, líder negro prisioneiro, foi nomeado cidadão honorário da cidade grega

22 DE MARÇO DE 1983

O Movimento do Comitê Anti-apartheid e o Comitê das Nações Unidas contra o Apartheid publicaram ontem uma declaração com mais de quatro mil assinaturas pedindo a libertação de Nelson Mandela, líder do CNA

24 DE MARÇO DE 1983

Prêmio para o líder do CNA: o City College de Nova York concedeu a Mandela o doutorado em Direito pelo “compromisso altruísta para com os princípios de liberdade e justiça”. De acordo com o dr. Bernard Harleston, presidente da instituição, “O prêmio será entregue em junho”

29 DE MARÇO DE 1983

Zami convidada a comparecer à abertura do Parlamento em Bonn em 29 de março por Die Grunenim [*sic*], noticia o Sowetan. A rua de Camden, norte de Londres, onde está a nova sede do movimento anti-apartheid, será rebatizada como rua Mandela em homenagem ao líder aprisionado do CNA. Hoje ela se chama rua Selous, em homenagem ao explorador britânico que ajudou Cecil John Rhodes a colonizar a Rodésia^[184]

25 DE ABRIL DE 1983

Resolução de Mandela: Um liberal democrata pediu que o Congresso proclame N.M., o líder aprisionado do CNA e sua mulher Winnie, cidadãos honorários dos Estados Unidos. O sr. Crockett^[185] recebeu o apoio de 12 dos seus colegas na Câmara dos Deputados quando apresentou suas resoluções conjuntas. Um centro de recursos para informações sobre a África do Sul, que deverá ser o único de sua espécie, está sendo planejado para comemorar a obra de Ruth First, morta por uma carta-bomba em Maputo no ano passado. Inicialmente, a principal finalidade do centro, que terá sua sede numa universidade britânica, será microfilmar todo o material histórico, econômico e sociológico sobre a África do Sul em poder de universidades e outras instituições em todo o mundo

21 DE MAIO DE 1983

Criada a Frente Democrática Unida para combater propostas constitucionais do governo – TIC, CUSA, SAAWU, SOWETO CIVIC ASSOCIATION, entre outras.^[186] Trinta e duas organizações – mais de 150 delegados e observadores adotaram a declaração formando a FDU e se comprometendo a combater as propostas de reformas constitucionais. O presidente será o dr. I. Mohammed

4 DE JUNHO DE 1983

Noticiado no Herald: Vereadores de Dublin decidiram erigir um busto de N.M. para marcar “sua notável contribuição para a liberdade”. Originalmente, a solicitação era de fazer dele um cidadão de Dublin, mas alguns vereadores acharam que isso não seria apropriado, uma vez que ele não poderia estar presente para receber a homenagem

9 DE JUNHO DE 1983

Simon Mogoerane, Jerry Masololi e Marcus Motaung enforcados na Prisão Central de Pretória^[187]

14 DE JUNHO DE 1983

Advogado Ismail Mahomed e o procurador Ismail Ayob – consultoria jurídica sobre as condições de vida na Prisão de Segurança Máxima de Pollsmoor

1º DE JULHO DE 1983

A congressista Helen Suzman visita a ala acompanhada pelos brigadeiros Munro e Bothma. Apresentamos a ela nossas queixas e lhe mostramos o pátio e as celas individuais em construção. Informe-i-lhe que era uma honra receber um doutorado pela Universidade de Bruxelas

3 DE DEZEMBRO DE 1983

Peso 76,8 kg

Altura 1,78 m

13 DE DEZEMBRO DE 1983

O arcebispo Huddleston, presidente do Movimento Anti-apartheid, inaugurou uma placa em Leeds, Yorkshire, batizando oficialmente os jardins na frente da prefeitura da cidade com o nome de N.M., o líder aprisionado do CNA. A placa, em ardósia, descreve N.M. como “símbolo da resistência ao apartheid na África do Sul e registra uma declaração dele. A cerimônia realizou-se depois de uma reunião na prefeitura, na qual várias pessoas falaram de N.M. Também foi lida uma mensagem do secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar

16 DE JANEIRO DE 1984

Plantados cenouras, beterrabas e amendoins [\[188\]](#)

18 DE JANEIRO DE 1984

Plantados tomates em 2 canteiros separados

19 DE FEVEREIRO DE 1984

Entregues resultados suplementares de exames

Dois visitantes com Zami a partir das 8:45: ela vestia um máxi branco, com um belo colar de contas. Ela e Oupa irão a Umtata amanhã

28 DE FEVEREIRO DE 1984

O brigadeiro Munro informa que K.D. [Matanzima] quer se encontrar comigo e com Walter [Sisulu]. Lembramos a ele a decisão da Ilha de Robben, de que a ocasião não é apropriada para uma reunião

1º DE MARÇO DE 1984

Outra reunião com o brigadeiro Munro, quando pedi para escrever a Oliver Tambo e Govan [Mbeki] a respeito da visita proposta por K.D. [\[189\]](#)

7 DE MARÇO DE 1984

CT [*Cape Times*] noticia que Zami irá transmitir a Madiba a oferta de soltura de K.D.

8 DE MARÇO DE 1984

Zami, vestindo um máxi marrom-escuro, transmite a proposta de Daliwonga [Matanzima]. Duas visitas de 40 minutos cada uma.
Novas notícias no CT. [Kobie] Coetsee declarou que a libertação não está nem mesmo sendo cogitada

10 DE MARÇO DE 1984

CT. Madiba vê novamente sua mulher e lhe dá a resposta à oferta de K.D.

12 DE MARÇO DE 1984

CT: N.M., líder do CNA, rejeita oferta: ele recusaria qualquer tentativa de libertá-lo e confiná-lo a Transkei: está determinado a voltar para sua casa no Soweto e não ficará em Transkei

15 DE MARÇO DE 1984

As gravações sobre Madiba vendem bem. Uma gravação pedindo sua libertação fez um grande sucesso nas paradas depois de apenas uma semana. “Free N.M.” pelos Specials – um grupo multirracial – está em 4º lugar nas paradas da Capitol Radio e em 68º nas paradas de sucesso nacionais [\[190\]](#)

22 DE MARÇO DE 1984

Enviados R49,40 à revista Time para renovação da assinatura.
Eletrocardiograma realizado pelo dr. Le Roux – satisfatório. Traços de sangue na urina. Pressão arterial 140/90

1º DE MAIO DE 1984

Cape Times 1/5: A altamente articulada sra. Mandela, que pelas leis sul-africanas não pode ser citada porque é uma pessoa banida, falou muito sem medir as palavras e foi vista e ouvida em maio

12 DE MAIO DE 1984

Zami e Zeni: pela primeira vez, duas visitas

18 DE JUNHO DE 1984

Sowetan: O presidente cubano Fidel Castro concedeu uma das mais prestigiosas medalhas de Cuba a N.M., o líder do banido CNA, que está preso na África do Sul há 22 anos. A Ordem de Playa Giron (Baía dos Porcos) foi entregue a Alfred Nzo, secretário-geral do CNA, que visitava Cuba. Jesus Montane, membro do Politburo de Cuba, disse: “Mandela é o exemplo inspirador do indomável espírito de resistência.”

23 DE JUNHO DE 1984

Maki e Dumaní por 40 minutos [\[191\]](#)

16 DE JULHO DE 1984

Cape Times: Em breve referência a Nelson Mandela, líder do CNA, que cumpre sentença de prisão perpétua, [Allan] Hendrickse disse que está na hora de ele ser libertado. [\[192\]](#) “Se ele agiu de forma errada, certamente já pagou pelos seus erros”, disse ele.

18 DE JULHO DE 1984

Assinatura do Star renovada por seis meses a partir de 3/3/84. Valor R95,28

5 DE AGOSTO DE 1984

Zami retorna e faz duas visitas de 40 minutos cada, trazida por Marietjie. [\[193\]](#)
Zami conta que Shenaz escreveu várias cartas, que não recebi [\[194\]](#)

12 DE AGOSTO DE 1984

Sunday Express Review: Joubert Malherbe: Jimmy Cliff jurou não voltar à África do Sul até que o país tenha um governo da maioria.^[195] Ele disse isso durante o Festival Anual N.M., no Crystal Palace Bowl, em Londres, na semana passada.

Cerca de cinco mil pessoas estavam no teatro para ouvir o som de Cliff, Hugh Masekela, o trompetista sul-africano, várias bandas sul-africanas, além do conjunto britânico de reggae Aswad, que encerrou o show

28 DE AGOSTO DE 1984

Sangue na urina. Outra amostra tirada pelo major Burger

30 DE AGOSTO DE 1984

Pressão arterial medida pelo major Burger: 140/80

5 DE SETEMBRO DE 1984

Saldo R560,77. Consulta com o dr. Loubscher, urologista; exame de urina confirmou presença de sangue. Radiografias tiradas por Basson, Pienaar *etc.* diagnosticaram problemas nos rins, mas não se sabe ao certo quais são. Novos exames amanhã no Volkshospital [*sic*]

6 DE SETEMBRO DE 1984

Tomografia no Volkshospital [*sic*]. Descoberto cisto no rim direito e também no fígado; o do rim é aquoso; o do fígado pode estar calcificado. Marcados novos exames no hospital

12 DE SETEMBRO DE 1984

Internado no Hospital Woodstock para investigação de problemas renais

1º DE NOVEMBRO DE 1984

Pressão arterial 170/100 medida pela irmã do Toit

Cape Times: Como o CNA passou para a política de luta armada. Andrew Prior, Departamento de Estudos Políticos

14 DE NOVEMBRO DE 1984

Sol Plaatje, nacionalista sul-africano, 1876-1932 (por Brian Willan)[\[196\]](#)

12 DE DEZEMBRO DE 1984

Resultados: reprovado em todas as seis matérias[\[197\]](#)

1º DE JANEIRO DE 1986

O coronel Marx me conduz até os jardins da prisão. Passamos uma hora e meia inspecionando o layout. Pássaros interessantes. Mais tarde recebi quatro colegas em meu alojamento, onde fizemos um lanche de +/- 1h

4 DE JANEIRO DE 1986

Conduzido de carro até os jardins pelo tenente Barkhuizen. Passamos lá 1h e eu trouxe um saco de tomates

6 DE JANEIRO DE 1986

Em 1.11.85, peso 72 k. Altura 1,80 m[\[198\]](#)

12 DE JANEIRO DE 1986

Conduzido aos jardins pelo tenente Barkhuizen, passei uma hora vendo vários canteiros. O brigadeiro Munro nos dá instruções para ficar longe da rodovia por razões de segurança

14 DE JANEIRO DE 1986

Mudei para a cela ao lado para que a minha seja pintada

23 DE JANEIRO DE 1986

Fui informado de que o pedido de uma tomada, uma chapa elétrica e uma chaleira foi negado, bem como o pedido de permissão para enviar livros de presente aos médicos que cuidaram de minha cirurgia. Vi o filme “A escolha de Sofia”[\[199\]](#)

24 DE JANEIRO DE 1986

Conduzido aos jardins pelo brigadeiro Munro. Fora da prisão, passamos pelo oeste de Tokai e por um vinhedo que se estende até o sopé da montanha. A riqueza das casas brilhando através das paredes de tijolos

28 DE JANEIRO DE 1986

Vi filmes da biblioteca: 1) Terroristas e reféns; 2) Estudantes em Moscou; 3) A condição das mulheres maoris; 4) Desenhos animados

31 DE JANEIRO DE 1986

O comandante me entrega às 12:15 uma cópia do discurso do presidente Botha. Às 15:15 tenho reunião de 40 minutos para consultas com quatro companheiros

1º DE FEVEREIRO DE 1986

Consulta de três horas com George [Bizos]. Irá solicitar consulta com todos nós em 14.2. Pedido para que aperte as mãos dos outros recusado

5 DE FEVEREIRO DE 1986

Aniversário de Zeni comemorado com a abertura de uma lata de carne de carneiro

Entrevista de 40 minutos com Tyhopho [Walter Sisulu]

7 DE FEVEREIRO DE 1986

Vi quatro rolos de Amadeus. [\[200\]](#) História empolgante, mas o final me pareceu um tanto simplista

12 DE FEVEREIRO DE 1986

Passei pouco mais de 2h com [Raymond Mhlaba] Ndobe por ocasião do seu 66º aniversário. Almoçamos juntos e dividimos um bolo de Natal. Pedi que ele discutisse com os outros companheiros nossas instruções para George Bizos

21 DE FEVEREIRO DE 1986

Tive uma visita especial de 80 minutos com Zami e Zindzi. Minutos depois de a

família ir embora, fui visitado pelo brigadeiro Munro. Passei outros 45 minutos com um personagem muito importante, o general Obasanjo.^[201] Antes disso vi o filme “Boetie gaan grens toe”^[202] [*Brother Goes to the Border*]

5 DE ABRIL DE 1986

Xhamela [Walter Sisulu] e eu fomos testemunhas do casamento de Dideka com Ndobe, que foi celebrado pelo bispo Sigqibo Dwane, assistido pelo rev. Mpumlwana na presença da sra. Sallie, do brigadeiro Munro e do suboficial Gregory.^[203] Muzi e Zeni fizeram uma visita de 80 minutos

8 DE ABRIL DE 1986

Zami e NoMoscow fazem visita de 40 minutos e relatam a morte de Sabata no dia anterior.^[204] Zami comunicará à família e tentará trazer o corpo de Lusaka

15 DE ABRIL DE 1986

Vi o trágico filme “Paul Jacob and Nuclear Gang”, além de “Electric Boogie”, uma nova e desconcertante dança^[205]

18 DE ABRIL DE 1986

Vi o filme “Desaparecido” e o curta-metragem da partida entre Lions e Springboks em 1974, vencida pelo Lions por 12 a 3

5 DE MAIO DE 1986

Helen Suzman, congressista, e Tiaan van der Merwe me visitaram das 9:30 às 11:55.^[206] Tivemos uma conversa ampla sobre questões políticas

6 DE MAIO DE 1986

O brigadeiro Munro informa que o general Venter gostaria de informações mais precisas sobre Bambilanga e Daliwonga^[207]

16 DE MAIO DE 1986

Entrevista com todos os membros do E.P.G. [Grupo de Pessoas Eminentes da Comunidade das Nações]



Ver abaixo.

28 DE MAIO DE 1986

“Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”, de Maya Angelou
Filme da biblioteca

16 DE JUNHO DE 1986

Sonhei que Zami era advogada. Ela aparece em um processo contra Mandela e Tambo e realiza o julgamento à revelia. N.M. chega ao tribunal para pedir a anulação do julgamento e eu a convoco à sala do tribunal

17 DE JUNHO DE 1986

O suboficial Gregory me informa, com arrogância, que a carta que ele perdeu sumiu e que não há nada que ele possa fazer. Também declara que ninguém, qualquer que seja sua posição, pode ameaçá-lo

18 DE JUNHO DE 1986

Tive uma conversa com o major Van Sittert sobre o suboficial Gregory. Ele prometeu cuidar do assunto assim que Gregory esteja disponível

18 DE AGOSTO DE 1986

Prelúdio devocional do rev. Peter Storey no “The Monday”.^[208]
Filme de Muhammad Ali na Alemanha; também “The Nerds take Revenge” e um curta^[209]

19 DE AGOSTO DE 1986

Rev. Peter Storey sobre o perdão

20 DE AGOSTO DE 1986

Rev. Peter Storey sobre o Pai-Nosso

25 DE AGOSTO DE 1986

Pressão arterial medida pelo major Burger: 140/80
Rev. Brian Johanson sobre “ficar de pé”

26 DE AGOSTO DE 1986

Rev. Brian Johanson sobre “caminhar”

27 DE AGOSTO DE 1986

Rev. Brian Johanson sobre “sentar”

4 DE SETEMBRO DE 1986

Padre Michael Austin de Johannesburg. Sobre como viver como Cristo
Pressão arterial 120/70 medida pelo major Burger

5 DE SETEMBRO DE 1986

Padre Michael Austin: Loyola disse que, se alguém lhe dissesse que estava para morrer, ele continuaria a jogar baralho

10 DE SETEMBRO DE 1986

Zondo (Sibusiso), Sipho Bridget Xulu e Clarence Lucky Payi executados^[210]

1º DE OUTUBRO DE 1986

Chega um aparelho de TV. Posso ver das 16 horas às 18:45

8 DE OUTUBRO DE 1986

Recebi uma antena nova e melhor

10 DE OUTUBRO DE 1986

Reunião com Daliwonga, acompanhado por H.T. Mpunzi, cônsul de Transkei, e Nelson Mabunu^[211]

19 DE OUTUBRO DE 1986

O presidente Samora Machel morre em acidente aéreo na fronteira entre África do Sul e Moçambique

20 DE OUTUBRO DE 1986

Rádio anuncia a morte de Samora Machel, presidente da República de Moçambique. Também morreram o ministro da Defesa e o vice-ministro de Relações Exteriores

11 DE DEZEMBRO DE 1986

Enviei cartão de aniversário a Zindzi. Sonhei com Jimmy e Connie.^[212] Jimmy visita Zami e a mim e nós o convidamos para passar o feriado conosco. Também sonhei que pedi um emprego ao sr. Sidelsky

26 DE DEZEMBRO DE 1986

Passei o dia com colegas no alojamento deles e tive um ótimo almoço

27 DE JANEIRO DE 1987

[Em africâner] Não estou satisfeito com as evidências sobre a carta para Zami

que desapareceu. Não era uma fotocópia. O correio enquanto isso prometeu enviar uma fotocópia

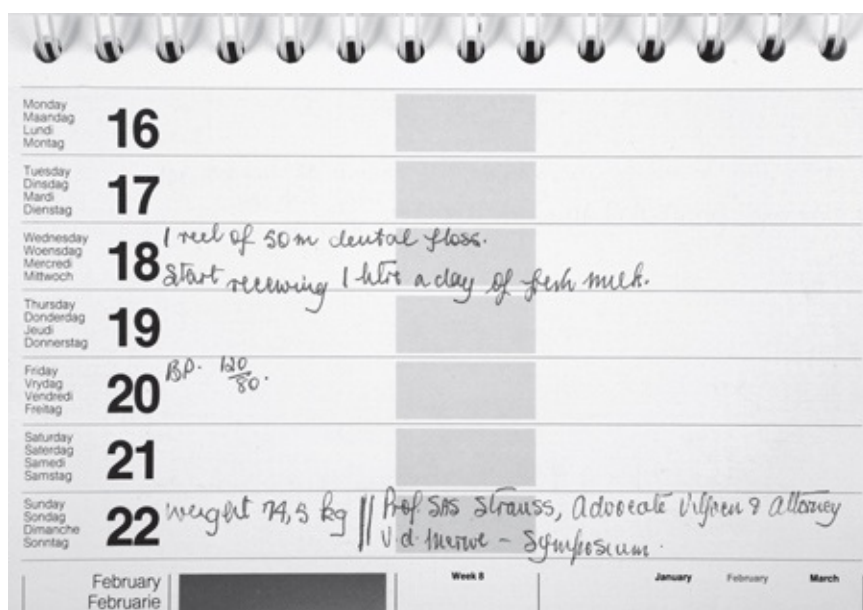
18 DE FEVEREIRO DE 1987

Um rolo de 50 m de fio dental.

Comecei a receber um litro de leite fresco por dia

20 DE FEVEREIRO DE 1987

Pressão arterial 120/80



Ver acima.

23 DE FEVEREIRO DE 1987

Comemoro o aniversário de Thembi com um bom pedaço de bolo de frutas e amendoim

4 DE ABRIL DE 1987

Examinado pelo dr. Marshall: problema no olho direito. Não enxergo nada

8 DE ABRIL DE 1987

Consulta com o prof. J. Van Rooyen, do [Hospital] Tygerberg; ele localiza um buraco na retina e opera o olho direito; recomenda novas lentes para leitura. Nos

veremos de novo em 14 dias

20 DE ABRIL DE 1987

Visita de 2h de quatro companheiras da ala feminina da prisão^[213]

22 DE ABRIL DE 1987

Jim Fish, da BBC, anuncia a renúncia de Joe Slovo como chefe de gabinete do MK [Umkhonto we Sizwe]. Comentário de John Barratt.^[214]

Consulta com o prof. Van Rooyen, no Tygerberg. Faz aplicações adicionais de laser no olho direito; quer me ver de novo daqui a um mês

23 DE ABRIL DE 1987

Entrevista com o comissário prisional, general Willemse, s/ assédio à família

9 DE JULHO DE 1987

Começa conferência em Dacar, do CNA e grupo de sul-africanos.

14 DE JULHO DE 1987

Consulta com o dr. De Haan, especialista em otorrinolaringologia, por causa de uma dor na junta da mandíbula direita. Exame não revela nenhuma anormalidade observável, com exceção de uma ligeira inflamação de um duto no ouvido direito e possivelmente sem relação com a dor

6 DE AGOSTO DE 1987

Aniversário de Ayesha [Arnold]. Às 9:20 o sargento Brand me informa da sua morte. Envio imediatamente um telegrama a Ameen e os filhos

19 DE AGOSTO DE 1987

Peso 67k; massa corporal sem roupas
Nova lâmina de barbear

20 DE AGOSTO DE 1987

Medição da cela: 6,4 por 5,4 m

22 DE AGOSTO DE 1987

Entrevista de uma hora com Kathy [Ahmed Kathrada] s/ o aniversário dele

7 DE SETEMBRO DE 1987

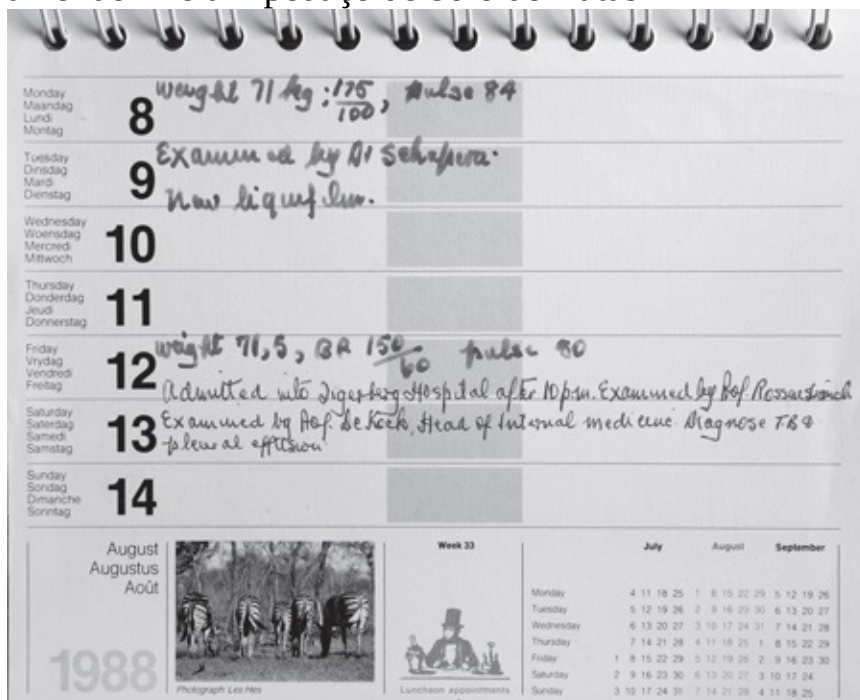
Tentativa de evitar ingestão de açúcar em todos os tipos de alimento e bebida

12 DE SETEMBRO DE 1987

Minha irmã, Mabel, me visita por 40 minutos. Dei-lhe R120,00^[215]

26 DE SETEMBRO DE 1987

Comemorado o aniversário de Zami com carne de carneiro, manteiga de amendoim e um pedaço de bolo de frutas



Ver abaixo.

27 DE DEZEMBRO DE 1987

Harvey avisa que nossa nova casa no Soweto foi bombardeada e danificada. Vi Tyhopho [Walter Sisulu] por 40 minutos

5 DE JUNHO DE 1988

Consulta com dr. Shapiro sobre dor sob a clavícula direita e no pé direito. Os raios X não revelam nenhuma anormalidade, mas há sangue na urina. Sugerido um exame pelo urologista. Peso 72,25 k

12 DE AGOSTO DE 1988

Internado no Hospital Tygerberg depois das 22 horas. Examinado pelo prof. Rossenstrauch

13 DE AGOSTO DE 1988

Examinado pelo prof. De Kock, chefe de medicina interna. Diagnosticadas tuberculose e efusão pleural

17 DE AGOSTO DE 1988

Visitado pelo rev. Anthony Simons

24 DE AGOSTO DE 1988

Peso 71 k: a enfermeira-chefe Elaine Kearns sai de licença em 25.8.88. Pijamas e chinelos novos

25 DE AGOSTO DE 1988

Peso 70,3 k

27 DE AGOSTO DE 1988

Peso 71,5 k. Irmã De Waal tira férias

10 DE SETEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. Ele traz avelãs. Também ganho um saco de amendoins

11 DE SETEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock: Observações feitas pela irmã E. Kearns (nenhuma relação com a enfermeira-chefe). E. Kearns de Tygerberg. Irmã Letitia Johnson

faz observações no início da noite. Irmã Marlene Vorster traz bolo de chocolate

12 DE SETEMBRO DE 1988

Peso 69,5 k

14 DE SETEMBRO DE 1988

Irmã Killassy Pam, E. tira férias de uma semana

20 DE SETEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. A enfermeira-chefe Tee avisa que irá a Londres visitar sua irmã doente

22 DE SETEMBRO DE 1988

Peso 70 k. Quatro amostras de sangue tiradas pelo major Kleinhans. O dr. Stock não apareceu. Chega por volta das 17 horas. Recebeu relatório de que estou tossindo novamente. Garanto-lhe que não estava tossindo

26 DE SETEMBRO DE 1988

Peso 71 k. O dr. Stock faz exame de rotina
Visitei o “jardim” por +/- 45 minutos. Nublado e frio

27 DE SETEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock, como de rotina
A enfermeira Key comemorou seu 21º aniversário em 25.9.88. Visitado pela irmã Bradley

28 DE SETEMBRO DE 1988

Trazem uniforme da prisão

15 DE OUTUBRO DE 1988

Examinado como sempre pelo dr. Stock e também pelo prof. De Kock
Visitado por Zami, Leabie, Zindzi, Zozo e Zondwa^[216]

17 DE OUTUBRO DE 1988

Fiz o exame de Direito Militar

O dr. Stock me examina por volta de 17:30

22 DE OUTUBRO DE 1988

O dr. Stock me examina como sempre. Prescreve dois pares de meias elásticas compridas e Cepacol

24 DE OUTUBRO DE 1988

Peso 71 k. O dr. Stock me examina: ganho 500 g de amendoim, 100 g de castanhas-do-pará, 100 g de amêndoas.

O dr. Strauss, superintendente do Tygerberg, me faz uma visita

3 DE NOVEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. O major Marais avisa que a solicitação para comprar roupas foi aprovada. Peso 71 k.

19 DE NOVEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. A irmã Ruth Skosana tira licença de duas semanas

21 DE NOVEMBRO DE 1988

Peso 73 k. A irmã Ray tira três semanas de férias em Johannesburg. Examinado pelo dr. Stock

30 DE NOVEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. Volta duas vezes para contar os resultados do exame de sangue e o estado de saúde da irmã Julie Morgan. Exames revelam meningite viral

7 DE DEZEMBRO DE 1988

Examinado pelo dr. Stock. Transferido da Clínica Constantiaberg por volta de 21:30 para Paarl [penitenciária Victor Verster].

8 DE DEZEMBRO DE 1988

Soldado X 6005 South Paarl. Prisão 1335/88
Examinado pelo dr. Schoening. 7624-41011 (02211)

23 DE DEZEMBRO DE 1988

Passei sete horas com companheiros da Pollsmoor

25 DE DEZEMBRO DE 1988

Visitado por Zami, Zindzi, Zozo e os dois Zondwas^[217]

2 DE JANEIRO DE 1989

Visitado pelo brigadeiro T.T. Matanzima das 9:15 às 13:30.
Concordei em ver as duas partes em disputa pela sucessão de Thembu

17 DE JANEIRO DE 1989

Zami e Zindzi me visitaram das 11 horas às 13:15. Almoçamos juntos

25 DE JANEIRO DE 1989

Visitei a firma de raios X de Ormond and Partners no City Park. Na volta passamos por Langa, Gugulethu, Crossroads, Khayelitsha, Strand, Beaufort West, Du Toit Pass [sic], Grabouw, Elgin e Frenchoek [sic]. R9,70 para o sargento Gregory

27 DE JANEIRO DE 1989

Terminado tratamento contra tuberculose

24 DE FEVEREIRO DE 1989

Visitado pelo sr. Sidelsky por 40 minutos. Sua mulher e sua filha Ruth não puderam entrar. Barry, ministro de religião em Israel. Colin é comerciante na África do Sul (corretor de imóveis).^[218] R9,70 para o sargento Gregory

12 DE MARÇO DE 1989

Recebi até agora 674 cartões de aniversário dos Democratas do Cabo

15 DE MARÇO DE 1989

Visitado por Tyhopho das 11:15 às 14 horas

16 DE MARÇO DE 1989

Examinado pelo prof. Van Rooyen. Olho direito piorando, mas cirurgia não indicada. Passei por Wellington, Worcester, Rawsonville, Tulbagh pelo túnel Du Toit [*sic*]. Novo exame pelo dr. Van Seggelin. Também visitei a [Prisão] Pollsmoor

17 DE MARÇO DE 1989

Visitado por Bri Bri [Wilton Mkwai] das 11:15 às 13:30
Liquifilm

24 DE MARÇO DE 1989

Visitado por Mandla das 11:30 às 13:30. [\[219\]](#) Trouxe o prêmio Sakharov. Diploma, cheque e medalha

25 DE MARÇO DE 1989

Visitado por Wonga [K.D. Matanzima], Mafu e suas mulheres. [\[220\]](#) R400 de Wonga e R200 de Mafu. Achei mais R5 no banheiro

26 DE MARÇO DE 1989

Visitado por Mandla das 11:10 às 12:50. Dei-lhe R400, além dos R90 dados em 24.3.89

30 DE MARÇO DE 1989

Visitado pela sra. Engelbrecht e pelo sr. Nel, do First National Bank, Paarl. Carta para Shenge [Mangosuthee Buthelezi] entregue para ser postada hoje. Corrigida a pedido das autoridades da prisão

21 DE ABRIL DE 1989

Entregues 57 cartões de aniversário enviados pelo Partido Trabalhista de Londres

31 DE MAIO DE 1989

Zami chega inesperadamente ao portão. Ela deveria vir com Zindzi

8 DE JUNHO DE 1989

Visitado por Amina e Yusuf Cachalia por três horas

9 DE JUNHO DE 1989

Visitado pelo general W. [Willemse] e trocamos opiniões sobre um assunto importante

14 DE JUNHO DE 1989

Visitado por Mike Rossouw.

Aconselhado a não receber visitas até o dia 24 deste mês

15 DE JUNHO DE 1989

Visitado por Xhamela [Walter Sisulu] por cerca de uma hora e meia

20 DE JUNHO DE 1989

Avisado de que o plano fracassou

26 DE JUNHO DE 1989

Visitado pelo general Willemse e mais uma pessoa das 9 horas às 11:45

4 DE JULHO DE 1989

Reunião crucial com o ministro Kobie Coetsee

5 DE JULHO DE 1989

Reunião com pessoa muito importante – não discutimos política.

Pressão arterial 7 horas 170/100 15:45 160/90

11 DE JULHO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 180/90 14:30 210/90

Visitado pelo general Willemse e duas outras pessoas. Visitado pelo chefe Joyi e seu irmão por +/- 3h

13 DE JULHO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 160/80 15:45 170/90

Visitado pela sra. Helen Suzman

14 DE JULHO DE 1989

Visitado por Kathy [Kathrada], Mpandla [Mlangeni], Mokoni [Motsoaledi], Ndobé [Mhlaba] e Xhamela [Sisulu]

18 DE JULHO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 170/80 71º aniversário. Visitado por Zami e todos os filhos e netos, exceto a família de Zeni e Isaac

19 DE JULHO DE 1989

Saí das 10:15 às 15:45

2 DE AGOSTO DE 1989

Visitado por companheiros da Pollsmoor e da Ilha de Robben por 5h

3 DE AGOSTO DE 1989

Visitado por Fatima [Meer] das 9:15 às 15:45

4 DE AGOSTO DE 1989

Visitado pela sra. Stella Sigcau das 10 horas às 15:30 [\[221\]](#)

8 DE AGOSTO DE 1989

Visitado pelos chefes Zanengqele Dalasile e Phathekile Holomisa

10 DE AGOSTO DE 1989

Visitado por Mamphela Ramphele por 3h [\[222\]](#)

11 DE AGOSTO DE 1989

Reunião de 3h com Oscar Mpetha na Pollsmoor [\[223\]](#)

12 DE AGOSTO DE 1989

Soube que O.R. [Oliver Tombo] teve um derrame e foi levado para Londres.
Zeni e filhos não aparecem

13 DE SETEMBRO DE 1989

Visitado por Kgatho, Zondi, Mandla e Ndaba [\[224\]](#)

20 DE SETEMBRO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 165/90 15:45 160/80
Sr. F.W. de Klerk empossado como novo presidente [\[225\]](#)

10 DE OUTUBRO DE 1989

Pressão arterial 180/90 Anúncio da libertação pretendida de Tyhopho e outros.
[\[226\]](#)

Visitado por Kgatho das 7:15 às 8:30

Visitado pelos ministros Coetsee e dr. G. Viljoen [\[227\]](#)

11 DE OUTUBRO DE 1989

Raios X do tórax e das pernas pelo dr. Kaplan. Subi Paarl Rock

13 DE OUTUBRO DE 1989

Visitado por Jeff Masemola das 10:45 às 16:00 [\[228\]](#)

16 DE OUTUBRO DE 1989

Visitado por Rochelle [\[229\]](#)

18 DE OUTUBRO DE 1989

Visitado por sete parentes e amigos de Thembuland

19 DE OUTUBRO DE 1989

Visitado por quatro parentes e amigos: Zami entrega nota

26 DE OUTUBRO DE 1989

Falei com Cyril e Murphy [\[230\]](#)

29 DE OUTUBRO DE 1989

Comemoração nacional de boas-vindas aos 7 prisioneiros libertados, além de Govan [Mbeki]

31 DE OUTUBRO DE 1989

Visitado por Zami, Zindzi e seu bebê das 9 horas às 17 horas

10 DE NOVEMBRO DE 1989

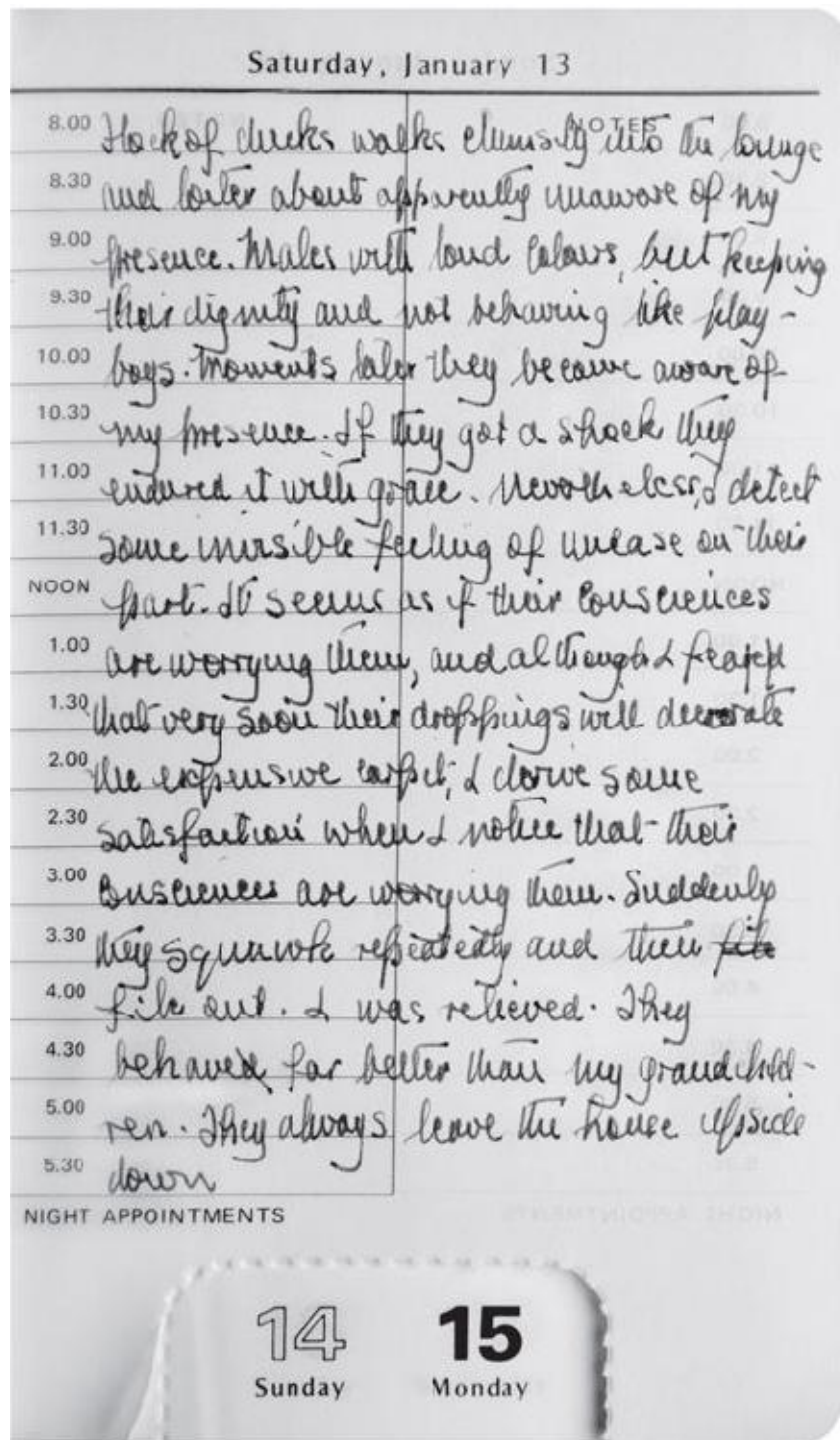
Visitado por 5 ex-prisioneiros na Ilha de Robben das 11 horas às 16 horas

28 DE NOVEMBRO DE 1989

70º aniversário de Mary Benson [\[231\]](#)

13 DE DEZEMBRO DE 1989

Estive com o presidente F.W. de Klerk por 2 horas e 55 minutos



Ver texto a seguir.

29 DE DEZEMBRO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 160/90 8:30 140/80 16 horas 160/80

Visitado por Laloo Chiba, Reggie Vandeyar e Shirish Nanabhai ^[232]

30 DE DEZEMBRO DE 1989

Falei com Xhamela e Ntsiki^[233]

31 DE DEZEMBRO DE 1989

Pressão arterial 7 horas 155/80 15:45 140/80

Calça tamanho 87R/34R

Estilo 8127

A permanência de Mandela na casa na penitenciária Victor Verster foi uma época de transição entre a prisão e a liberdade. Datada de 13 de janeiro de 1990, esta é a última anotação no diário feita por ele na prisão.

Um bando de patos entra desajeitado na sala e permanece aparentemente alheio à minha presença. Machos de cores vivas, mas mantendo a dignidade e não se comportando como playboys. Momentos depois eles tomam consciência da minha presença. Se sofreram um choque, resistiram a ele com elegância. Mesmo assim, detecto neles um sentimento invisível de inquietação. Parece que suas consciências os estão preocupando e, embora eu temesse que logo suas fezes comesçassem a decorar o caro tapete, fico satisfeito de perceber que a consciência os perturba. De repente, eles gritam repetidamente e saem. Fiquei aliviado. Eles se comportam muito melhor do que meus netos. Estes sempre deixam a casa de pernas para o ar.

PARTE IV

Tragicomédia



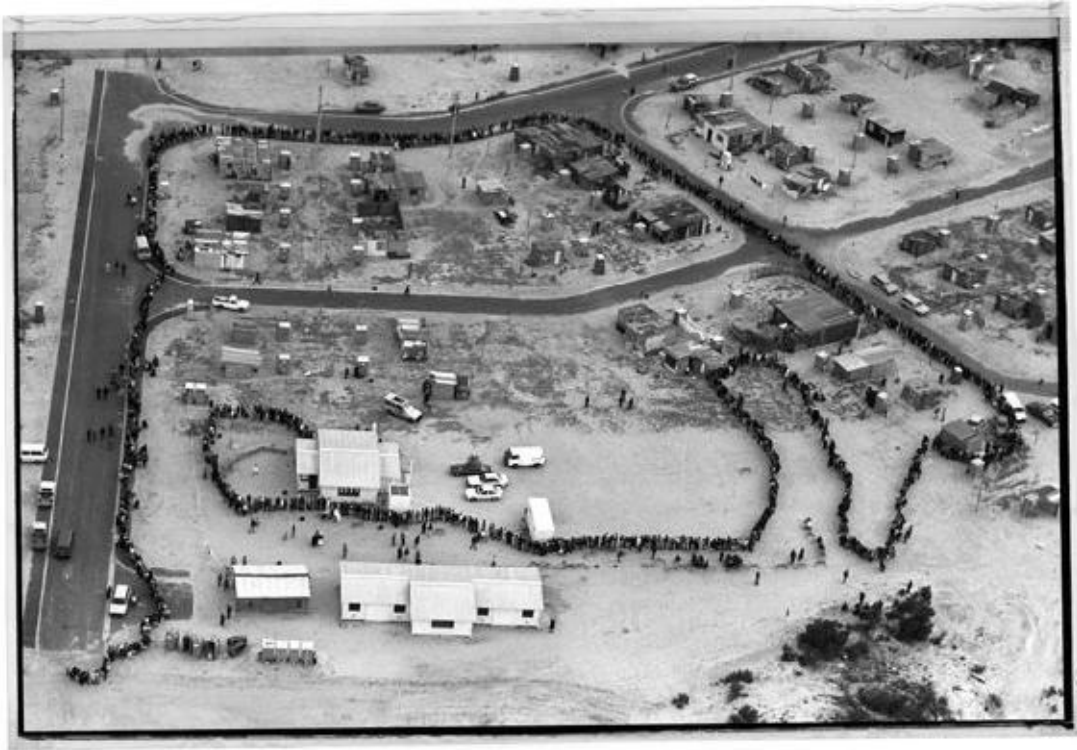
Os anos posteriores à libertação de Nelson Mandela foram extremamente atarefados para ele. Mandela estava ocupado com a organização do Congresso Nacional Africano, conduzindo negociações, se preparando para as eleições, governando como presidente, viajando o mundo como o mais célebre líder de sua época e ao mesmo tempo enfrentando o sofrimento de seu divórcio de Winnie. Homem reservado, até mesmo em sua vida particular, era difícil para ele falar sobre relacionamentos pessoais. Raramente dispunha de tempo para si mesmo. Isto se revela na série de cadernos de anotações que escreveu durante este período. Além das extensas “minutas” que escrevia durante reuniões, as entradas são uma representação em staccato dos acontecimentos do dia a dia.

O período 1990-1994 foi uma época de sangue e medo na África do Sul. Milhares morreram vítimas da violência política. Massacres, como os de Sebokeng, Boipatong e Bisho, eram comuns. Ao longo de todo o período havia um temor palpável de um golpe de direita apoiado pelos militares. O pragmatismo impulsionava as negociações e a política de reconciliação. As conversas que Mandela teve com Richard Stengel e Ahmed Kathrada para seus projetos de livro autorizados tiveram lugar ao mesmo tempo que ele estava mantendo o país unido (antes de abril de 1994) ou de fato governando-o (a partir de maio de 1994). Num dia ele testemunhava com seus próprios olhos os efeitos brutais da violência, no dia seguinte estava em silenciosa e deliberada contemplação do passado. Embora provavelmente Mandela apreciasse as conversas e quase sempre sorrisse achando graça ou até mesmo risse abertamente (em uma ocasião olhou para os pés e disse: “[Eu] calcei minhas meias pelo avesso”), ele também bocejava com um bocado de frequência e certa vez reclamou que mal conseguia manter os olhos abertos.

A lembrança de Nelson Mandela de seus anos de prisão não deixa de ser tingida por certa nostalgia. Da rotina. Da camaradagem. Das lições aprendidas. Do tempo para ler e estudar. Do tempo para escrever cartas. Para a contemplação. Numa virada irônica do destino, contudo, ele permaneceu, em certo sentido, um prisioneiro. Frequentemente, ao longo dos anos desde sua libertação, Mandela brincava com seus visitantes e convidados fazendo o comentário de que ainda não estava livre, enquanto apontava o dedo para seus assessores pessoais: “E estes são meus carcereiros.”

CAPÍTULO 12

De doninha-fétida ao milagre



“Não subestimamos o inimigo, pois em conflitos passados, lutando contra obstáculos muito maiores, ele combateu corajosamente e recebeu a admiração de todos. Mas naquela época ele tinha algo a defender – sua própria independência. Agora as posições se inverteram – o inimigo é uma minoria de opressores tremendamente superada em número aqui em nossa terra e isolada do mundo inteiro. E o resultado do conflito certamente será diferente.”

Excerto de seu texto autobiográfico inédito, escrito na prisão; ver texto a seguir.

1. DE TEXTO AUTOBIOGRÁFICO INÉDITO, ESCRITO NA PRISÃO

Não subestimamos o inimigo, pois em conflitos passados, lutando contra obstáculos muito maiores, ele combateu corajosamente e recebeu a admiração de todos. Mas naquela época ele tinha algo a defender – sua própria independência. Agora as posições se inverteram – o inimigo é uma minoria de opressores tremendamente superada em número aqui em nossa terra e isolada do mundo inteiro. E o resultado do conflito certamente será diferente. A roda da vida está aqui e heróis nacionais ao longo de nossa história, de Autshumayo [*sic*] a [chefe Albert] Luthuli, na verdade o povo inteiro de nosso país vem lutando por ela há mais de três séculos. Ela está travada por cera seca e ferrugem, mas conseguimos fazê-la ranger e se mover para trás e para frente, e vivemos com a esperança e a confiança de que um dia conseguiremos fazê-la girar em um círculo completo para que os glorificados se esfaçem e os desprezados sejam glorificados, não – para que todos os homens – os glorificados e os miseráveis desprezados da Terra possam viver como iguais.

2. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SEU ESTILO COMO ORADOR

STENGEL: Às vezes as pessoas o criticam por não ser um orador capaz de despertar paixões.

MANDELA: Bem, em um clima dessa natureza, quando estamos tentando chegar a um acordo através de negociações, discursos inflamados não são indicados. O que se quer é debater os problemas com as pessoas de maneira sóbria, porque as pessoas gostariam de saber *como* você se comporta ou como se expressa, e assim elas poderão ter uma ideia de como você está lidando com questões importantes ao longo das negociações. As massas gostam de ver alguém que seja responsável e que fale de maneira responsável. Elas *gostam* disso, e assim eu evito discursos que inflamem o povo. Não quero incitar a multidão. Eu quero que o povo compreenda o que estamos fazendo e quero *infundir* nele um espírito de reconciliação.

STENGEL: Você diria que seu estilo de oratória atual difere do que tinha nos velhos tempos antes de ir para a prisão?

MANDELA: Eu amadureci e me abrandei, sem sombra de dúvida, e quando jovem eu era muito *radical*, usava uma linguagem exaltada, lutava contra todo mundo. Mas agora, sabe como é, a gente tem que liderar e... um discurso para inflamar o povo, portanto, não é apropriado...

3. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Os líderes avaliam que críticas construtivas dentro das estruturas da organização, por mais duras que sejam, são um dos métodos mais eficazes de lidar com problemas internos, de assegurar que as opiniões de cada companheiro sejam cuidadosamente refletidas, e que para que um companheiro manifeste livremente suas opiniões não deve existir temor de marginalização ou, pior ainda, de vitimização.

Para qualquer líder é um grave erro ser demasiado suscetível com as críticas, conduzir discussões como se ele ou ela fosse um mestre falando com discípulos menos informados e inexperientes. Um líder deve encorajar e dar boa acolhida a uma troca de ideias livre e irrestrita. Mas ninguém jamais deve questionar a honestidade de um companheiro, seja ele ou ela um líder ou um correligionário comum.

⑤

and the developing world.

4

Aids.

Aids is a major problem to be tackled by the entire world. To deal with it requires resources far beyond the capacity of one continent. No single country has the capacity to deal with it.

An aids epidemic will destroy or retard the economic growth throughout the world. A world wide multi-faceted strategy in this regard is required.

3.

The continent of Africa is well aware of the importance of environment. But most of the continent's problems in environment are simply the product of poverty and lack of education. Africa has no resources or skills to deal with desertation, deforestation, soil erosion and

De um caderno de anotações, ver texto a seguir.

4. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Não se deve esquecer nunca que o objetivo principal em um debate, dentro ou fora de organizações, em comícios políticos, no Parlamento e em outras estruturas governamentais, é que devemos emergir desse debate, por mais contundentes que tenham sido as divergências, mais próximos e mais unidos e confiantes do que antes. Pôr um fim às diferenças e desconfianças mútuas no seio de nossa organização, entre nossa organização e as adversárias, mas com um foco total na implementação do programa básico de nossa organização, deve ser

sempre nosso princípio orientador.

5. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA SEPARAÇÃO DE WINNIE MANDELA

Não, eu não gostaria de entrar em detalhes, exceto para declarar que me separei dela por motivos pessoais.

6. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Número de mortos em Sannieville, Krugersdorp

18 pessoas foram mortas em plena luz do dia no funeral de [Sam] Ntuli. [\[234\]](#)

Todas as evidências se estendendo ao longo dos últimos dois anos mostram que o PN [Partido Nacional] e o regime sabem quem são os assassinos, e por que eles estão matando homens, mulheres e crianças inocentes e indefesas, e quem os paga para fazê-lo.

Por que o Batalhão 32 não é enviado para lá?

7. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES – REFLEXÕES SOBRE NEGOCIAÇÕES

1) Dar início à negociação

2) Presos políticos devem ser libertados antes do Natal

Capturar as ideias e sentimentos desta plateia na linguagem eloquente da arte – neste caso em particular, de música vibrante e dança animada, que são como gotas de chuva vindas do céu azul.

8. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Pensar com o cérebro, não com o sangue.

9. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

A AIDS é um grave problema que deve ser enfrentado pelo mundo inteiro.

Combater a AIDS exige recursos que estão muito além da capacidade de um continente. Nenhum país isolado tem capacidade de lidar com a AIDS.

Uma epidemia de AIDS destruirá ou retardará o crescimento econômico no mundo. Para tratar disso é necessária a adoção de uma estratégia mundial ampla e multifacetada.

10. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

O continente africano tem plena consciência da importância do meio ambiente. Mas a maioria dos problemas ambientais do continente é apenas o produto da pobreza e da falta de educação. A África não tem recursos nem capacidade para lidar com a desertificação, o desmatamento, a erosão do solo e a poluição.

Nenhuma destas questões deve ser tratada em separado, como se o mundo não fosse um só. A situação é agravada pelos países ricos que exploram a pobreza dos povos da África e despejam lixo tóxico no continente. Eles lhes dão dinheiro; literalmente os subornam para expor a população a todos os perigos da poluição.

11. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Um ponto cardeal que precisamos ter sempre em mente, a estrela guia que nos mantém no rumo certo, à medida que manobramos em meio aos obstáculos e curvas não sinalizados da luta pela libertação, é que o grande avanço nunca é o resultado do esforço individual. Ele é sempre um esforço e um triunfo coletivos.

12. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Durante minha carreira política, descobri que em todas as comunidades, africanas, negras, indianas e brancas, e em todas as organizações políticas sem exceção, existem homens e mulheres bons que desejam fervorosamente seguir adiante com sua vida, que anseiam pela paz e pela estabilidade, que querem ter uma renda decente, boa moradia e mandar seus filhos para as melhores escolas, que respeitam e querem manter o tecido social da sociedade.

13. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

21.9.92

Troika, investigação, ações em massa – sentimento
Acusação, reocupação com a economia, tecido social de negros
Sala de diretoria deve ser varrida antes de nossa reunião às 13h

14. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

No futuro você deve chegar cedo
Movimento mais forte pela unidade
Processo para desmoralizar certas organizações
Ataque a um rapaz que não tem condições de se defender

Revisão
Admissão
Centenas de milhares
Humphrey – vídeo
Consultarei os chefes
Chefes não podem ser filiados a organizações políticas
[Dezembro de 1991]

15. DE UM RASCUNHO DE CARTA PARA GRAÇA MACHEL, C. 1992^[235]

Perder a sua bagagem, especialmente numa viagem para o exterior, deve ter sido uma experiência desagradável. Não quero nem pensar nos constrangimentos e dificuldades por que você passou entre desconhecidos em países estrangeiros. Felizmente você me falou a respeito disso quase no final de sua visita, de modo que minha aflição foi aliviada pelo fato de saber que logo estará de volta, e com seus filhos.

Eles devem ter sentido muito a sua falta e, apesar de suas palavras de conforto e das de Zina, acho difícil me sentir consolado... Você está se tornando muito especial para seu irmão e muitos pensamentos e sentimentos estiveram centrados em você. Visitar duas capitais deve ter sido bastante cansativo, mas você é uma pessoa notável e tem uma capacidade enorme de assumir uma tarefa dessa proporção com facilidade.

Penso em você.

16. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES DURANTE NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS NA CODESA (CONVENÇÃO POR UMA ÁFRICA DO SUL DEMOCRÁTICA)^[236]

- 1) Sugestão para acabar com a violência
- 2) Podemos nos manter indiferentes ao massacre e continuar a dialogar com o regime?
- 3) Será que uma retirada da Codesa não seria o caminho mais curto para uma ruptura?
- 4) Será que retirada

17. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES
20.8.92

Reunião com três regiões de Natal^[237]

Violência: número de mortes

Março 140 morreram

Abril 91

Maio 79

Junho 82

Julho 133

Agosto 52

Mais de 700 mortos

7 mil refugiados nas Midlands

Ngwelezana e Stanger

Ataques feitos por pequenos grupos de homens armados – ataques a casas em redutos do CNA. Alvos principais: CNA e aliança.

Papel íntimo [sic] das forças de segurança

Escopeta – usando chumbo de caça

Ataques somente a pessoas de eventos do CNA

Existência de esquadrões da morte –

junho – 119 mortos por esquadrões da morte

45 mortes em Natal

18. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

26.8.92

Quem quer que venha a governar o país vai querer uma boa economia.

2 meses – economia em baixa.

Recuperar a economia vai ser extremamente difícil.

19. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Eu estava na prisão quando ela [Ruth First] foi assassinada e me senti quase totalmente sozinho. Perdi uma irmã, uma companheira de luta.

Não é consolo saber que ela vive mesmo depois de morta.

Esta comemoração

Uma mulher judia de uma família abastada rompeu com sua com [unidade] privilegiada

20. DE UM RASCUNHO DE CARTA PARA O PRESIDENTE F.W. DE KLERK, C. 1992, NA VÉSPERA DO MASSACRE DE BISHO^[238]

Para ser enviada ao sr. F.W. de Klerk às 7:30 da manhã

Reporto-me à conversa que tivemos hoje no final da tarde, e confirmo que o que o senhor me comunicou diverge do conteúdo de sua carta datada de 4 de setembro de 1992.

Naquela carta o senhor se refere expressamente a ações sendo planejadas em Ciskei no dia 7 de setembro de 1992. Na ocasião o senhor afirmava que seu governo não tem quaisquer objeções a manifestações pacíficas que tenham lugar dentro dos parâmetros do Acordo Nacional de Paz e das diretrizes da Comissão Goldstone.^[239]

Por este motivo, o senhor ressaltava; o senhor não questiona os objetivos básicos dos organizadores da marcha planejada conforme foram definidos.

Além disso, o senhor também ressalta que está fazendo todo o possível para auxiliar a obtenção de um acordo entre todos os envolvidos que venha a garantir que as ações planejadas tenham lugar pacificamente. Em seguida o senhor me faz um apelo para assegurar que o CNA [Congresso Nacional Africano] preste sua colaboração com este fim. Eu prontamente garanti ao senhor nossa colaboração.

Todas estas declarações e garantias diziam respeito ao que era planejado dentro e não fora de Ciskei.

Hoje toda nossa posição se alterou drasticamente. Em parte alguma na carta supracitada o senhor sequer sugeriu que, enquanto solicitava nossa cooperação, estava ao mesmo tempo enviando tropas para as fronteiras de Ciskei, montando bloqueios em estradas e demarcando essas áreas como de agitação, todas medidas que ... conforme é de seu conhecimento, criam tensões.

Igualmente perturbador é o fato de que esta noite o senhor afirma, contrariando sua carta de 4 de setembro, que não interferirá nos assuntos internos de Ciskei. Estas contradições são lamentáveis e tendem a reforçar a percepção de que o senhor e eu não estamos negociando de boa-fé. É com veemência que solicito que o senhor cumpra nosso acordo de 4 de setembro, e que não faça nada que possa prejudicar o clima de negociações pacíficas que todos nós trabalhamos tanto para criar.

Além disso, confirmo que nós não reconhecemos os bantustões e que, conseqüentemente, não nos consideramos obrigados a respeitar as decisões de suas cortes. Esperamos que todas as partes envolvidas contribuam para dissipar a situação volátil e permitir que as manifestações se realizem conforme foram planejadas.

A marcha será conduzida por nosso secretário-geral, Cyril Ramaphosa, Chris Hani, Gertrude Shope, Ronnie Kasrils, Raymond Suttner, Tony Yengeni e outros.^[240]

Subscrevo-me, atenciosamente,

Nelson Mandela
Presidente, CNA.

21. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Nossa força reside na disciplina

Direito à manifestação pacífica

Foi criminoso

Forças pela democracia

Não pela vingança. Manter estado de prontidão

Qualquer coisa que venhamos a fazer, seja o que for, deve ser dentro do quadro do processo de paz. Não podemos nos permitir ser acusados de violar o processo de paz.

22. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Nossa posição atual com relação a este aspecto é a mesma que a da República Federal da Alemanha, que contém em sua Constituição uma cláusula sobre a nacionalização como uma das opções que o governo poderia empregar em caso de necessidade. Esta opção não tem sido exercida naquele país há décadas.

A economia da África do Sul está em situação perigosa.

23. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1993

Neste período todos nós teremos que considerar a possibilidade de nos afastarmos de nosso passado – temos que mudar nossa abordagem.

Diante de tal situação todo mundo fica preocupado com o futuro. O que vai acontecer comigo, com minha mulher e filhos. Todo país precisa de uma força policial que o proteja e proteja seus valores.

Nós ... que estivemos lutando temos que mudar.

Nós viemos de um ambiente que via a polícia como uma força hostil. Vocês vêm de um passado em que o governo os usava para defender os interesses do partido governante. Sem dúvida muitos de vocês se alistaram na corporação para servir ao Estado e ao povo. Mas o partido governante fez de si mesmo um sinônimo daquele estado.

Agora que evoluímos para um estado em que todos nós queremos fazer parte do Estado – a força policial agora pode proteger o povo.

A melhor coisa é que aqueles que estiveram dentro da corporação policial e

aqueles fora da corporação policial façam isso juntos.

Não há dúvida de que o CNA [Congresso Nacional Africano] terá de ser o partido majoritário no governo. Queremos evitar o erro do passado, não queremos que a polícia seja defensora do CNA. Isto não significa que vocês sejam neutros com relação à polícia como indivíduos.

As forças policiais são neutras à política partidária, mas defensoras da democracia.

Abordar as preocupações concretas deles.

Evidentemente haverá mudanças. Existe, nesta fase atual, a experiência de administrar uma força policial.

O ideal é que todas as mudanças incluam os membros da corporação policial e os não membros. Quaisquer mudanças que sejam feitas serão feitas com o envolvimento deles.

Este é o caminho que estamos tomando – defensores do Governo Interino da União Nacional.

Apelar a eles para se tornarem parte deste processo de mudança – em particular da mudança da força policial. Deste modo eles se assegurarão de que o CNA trate de seus interesses.

24. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Em 1959 [Chris] Hani havia se matriculado na Universidade de Fort Hare e atraído a atenção de Govan Mbeki. Govan desempenhou um papel formador no desenvolvimento de Hani. Foi lá que Hani conheceu o ideário marxista e se filiou ao já ilegal e clandestino Partido Comunista Sul-africano. Ele sempre ressaltou que sua conversão ao marxismo também aprofundou sua perspectiva não racial. Hani era um jovem ousado e franco e não hesitou em criticar sua própria organização quando sentiu que ela estava falhando em oferecer liderança. Ele recordou isto:

“Aqueles de nós que estavam nos campos nos anos 1960 não tinham uma compreensão aprofundada dos problemas. A maioria de nós era muito jovem. Estávamos impacientes para partir para a ação. ‘Não nos digam que não existem caminhos’, costumávamos dizer. ‘Devemos ser mobilizados para encontrar caminhos. Foi para isso que fomos treinados.’”

25. DE UM DISCURSO À NAÇÃO TRANSMITIDO PELA TV APÓS O ASSASSINATO DE CHRIS HANI POR JANUSZ WALUSÍ EM 10 DE ABRIL DE 1993^[241]

Esta noite me dirijo a todos os sul-africanos, negros e brancos, com palavras vindas do fundo de meu coração.

Um homem branco, cheio de preconceito e ódio, veio para nosso país e cometeu um ato tão vil que nossa nação inteira agora oscila à beira do abismo.

Uma mulher branca, de origem africânder, arriscou a vida de modo que pudéssemos conhecer e levar à justiça este assassino. [\[242\]](#)

O assassinato a sangue-frio de Chris Hani enviou ondas de choque que repercutiram em nosso país e no mundo. Nosso luto e nossa raiva estão nos dilacerando.

O que aconteceu é uma tragédia nacional que afetou milhões de pessoas, independente de filiações políticas e de diferenças de cor.

Nosso luto compartilhado e nossa ira justificada encontrarão expressão em celebrações por toda a nação que coincidirão com a cerimônia fúnebre...

Esta é a hora de todos os sul-africanos se erguerem juntos contra aqueles que, de qualquer parte, desejam destruir aquilo por que Chris Hani deu a vida – a nossa liberdade.

Este é o momento de nossos compatriotas brancos, de quem as mensagens de condolências continuam a jorrar, nos estenderem a mão com a compreensão da perda tremenda sofrida por nossa nação, e se juntarem a nós nos serviços comemorativos e fúnebres.

Este é o momento de a polícia agir com sensibilidade e moderação, para se mostrarem, homens e mulheres, verdadeiros policiais da comunidade que servem à população como um todo. Não pode haver mais perda de vidas neste trágico momento.

Este é um momento divisor de águas para todos nós.

Nossas decisões e ações determinarão se usaremos nosso sofrimento, nosso luto e nossa revolta para avançar rumo ao que é a única solução duradoura para o país – um governo eleito do povo, pelo povo e para o povo.

Não devemos permitir que os homens que cultuam a guerra, que anseiam por sangue, precipitem ações que venham a transformar nosso país em mais uma Angola.

Chris Hani era um soldado. Ele acreditava na férrea disciplina. Cumpria instruções à letra. Ele praticava o que dizia.

Qualquer falta de disciplina será o mesmo que pisotear nos valores que Chris Hani defendia. Aqueles que cometerem tais atos estarão servindo apenas aos interesses dos assassinos, e profanarão sua memória.

Quando nós, como um povo, agirmos juntos de maneira decidida, com disciplina e determinação, nada poderá nos deter.

Vamos homenagear este soldado da paz de maneira condizente. Vamos nos

dedicar com mais empenho a instaurar a democracia pela qual ele lutou toda sua vida; uma democracia que trará mudanças reais e tangíveis à vida das classes trabalhadoras, dos pobres, dos desempregados, dos sem-terra.

26. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Hani dedicou os últimos anos de sua vida [a] incansavelmente discursar em reuniões da extensão e da amplitude da África do Sul: reuniões de aldeia, conselhos de líderes sindicalistas e comícios de rua. Ele [emprestava] toda sua autoridade e prestígio militar a defender negociações, com frequência falando de maneira paciente a jovens muito céticos, ou a comitês que sofriam com a violência dos ataques da Terceira Força... Clive Derby-Lewis admitiu que eles esperavam desandar as negociações ao desencadear uma onda de ódio racial e uma guerra civil. É um tributo à maturidade dos sul-africanos de todas as facções, e um tributo à memória de Hani, que sua morte, trágica mas concretamente, tenha trazido enfim foco e urgência a nosso acordo negociado.

27. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

14.5.93

1.

A prioridade é o compromisso com os oprimidos.

Cairá ou ascenderá dependendo de nosso sucesso ou fracasso em tratar das necessidades deles, em atender às aspirações deles.

Especificamente devemos dar-lhes moradia e pôr um fim aos assentamentos informais; acabar com o desemprego, a crise na educação, a falta de serviços de atendimento médico.

2.

Temores das minorias em relação ao futuro.

3.

A ameaça vem da direita e não de substitutos negros.

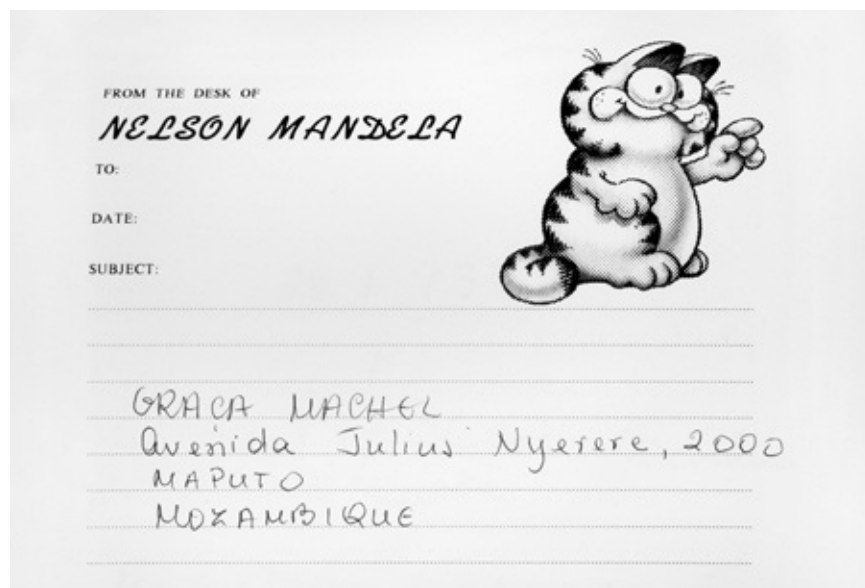
28. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Chris Hani era um herói para o nosso povo, especialmente para os jovens, e houve comoção e raiva por ocasião de sua morte. Tínhamos que fazer algo para canalizar aquela raiva, e a única coisa que podíamos fazer era promover

manifestações por todo o país para que as pessoas pudessem encontrar uma forma de expressar sua raiva. Se não o tivéssemos feito, a direita e aqueles elementos sinistros teriam conseguido levar o país a uma guerra racista e a uma perda incalculável de vidas humanas e derramamento de sangue... Mas graças às medidas que tomamos nós impedimos isso, e a despeito de... incidentes isolados de violência, aquelas manifestações transcorreram muito bem... Nós frustramos o objetivo das pessoas que mataram Hani.

29. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Encontrei-me com Graça Machel em Johannesburgo em pelo menos três ocasiões diferentes. Ela foi sempre educada, discreta e compreensiva. Mas em Maputo, onde foi ministra da Educação e Cultura por 14 anos, e onde ainda é congressista encarregada das relações internacionais, conheci uma Graça totalmente diferente, firme, competente e impositiva, apesar de sempre cortês e encantadora. Eu tinha um enorme respeito pelo presidente Chissano. [\[243\]](#)



Mandela anota o endereço de Graça Machel (que mais tarde se tornaria sua terceira esposa) em seu bloco personalizado.

30. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1993

Amanhã partirei às 7 da manhã para Pietermaritzburg, + voltarei domingo à noite. Alguns elementos da terceira força naquela área, que se acredita pertencerem ao Serviço de Segurança do Estado, recentemente mataram um número alarmantemente grande de civis inocentes, inclusive crianças indo para a escola. O massacre começou um dia antes do início das conversações de paz em

Johannesburgo. Desconfiamos que estes elementos queiram que nosso povo continue a se massacrar entre si [com] o objetivo final de interromper as negociações. Nossas investigações revelam sérias discrepâncias entre a versão da polícia do que aconteceu e a nossa.

31. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1993

Escrever cartas para amigos costumava ser um de meus passatempos favoritos e cada carta me proporcionava um enorme prazer. A pressão do trabalho agora torna impossível para mim me dedicar a este passatempo. Exceto por cartas formais datilografadas do gabinete do presidente, não consigo me lembrar de ter escrito nenhuma mensagem semelhante a esta carta desde fevereiro de 1990.

32. DE UM RASCUNHO DE CARTA PARA GRAÇA MACHEL

A situação em Angola está causando grande preocupação.

Agora, uma observação pessoal: o sr. Samaranch, presidente do Comitê Olímpico Internacional, convidou-me para ir a uma clínica campestre de saúde na Suíça para me submeter a um check-up e tratamento por presumivelmente sete dias; embora eu conheça muito pouco a respeito desse tipo de centro de saúde, concordei em ir. Você provavelmente conhece melhor essas coisas do que eu e ficaria contente se me desse seus conselhos.

Encontrar as meninas pela primeira vez me deixou hesitante quanto a debater certas ideias com elas, pelo menos com Olivia. Eu queria saber mais sobre a formação escolar dela. Sendo sua filha, espera-se muito dela tanto em Moçambique quanto no exterior. Ter uma educação moderna, atualizada e altas qualificações acadêmicas certamente lhe daria melhores condições de servir a Moçambique e a seu povo. Se ela estiver interessada em cursar o colegial ou ir para a universidade, você e eu poderemos conversar melhor a respeito do assunto. Talvez seja mais sensato não mencionar isso a ela até termos conversado.

Reassumi meu cargo no dia 8 de março e imediatamente mergulhei no trabalho com o primeiro compromisso agendado para as 7 da manhã e saindo do escritório às 5 da tarde. Ontem comecei a trabalhar às 6:45, mas voltei para casa às 14 horas. Estamos tentando limitar minhas horas de trabalho no escritório a apenas as manhãs. Hoje comecei de novo às 6:45. Almocei com o Conselho de Diretores da Liberty Life Insurance Company e outros importantes empresários e voltei para casa às 15:45.

Quando os amigos viajam para o exterior costumo me sentir solitário, apesar

de nunca na verdade ter morado com eles. Sempre há um conflito entre a realidade e o sentimento, entre o cérebro e o sangue.

33. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Bem, estava claro que alguma coisa estava acontecendo porque houve uma incidência inaceitavelmente alta de violência em que pessoas foram mortas. E as prisões e condenações foram muito poucas e dispersas, e tornou-se claro que havia conivência por parte das forças de segurança. Alguns dos incidentes indicavam que os próprios policiais estavam envolvidos, a polícia, o exército. Porque se você fosse aos *townships* – falasse com as pessoas lá, elas não tinham nenhuma dúvida de que a polícia tinha colaborado *muíto* com tudo isso...

[244] Ontem eu fui ao Vaal, a Sebokeng, e então durante meu discurso disse que a polícia estava altamente envolvida... Primeiro eu fui ao hospital e visitei as pessoas, os pacientes que tinham sido baleados, mas que escaparam da morte. Eu os visitei, e um deles, uma mocinha, uma garota, disse que tinha sido baleada por um homem branco numa *bakkie* [picape], sim... De modo que eu disse: “Esta é a primeira vez que estou ouvindo falar disso.” E ela retrucou: “Não, eu vi o homem branco muito claramente, e na hora em que ele atirou em mim.” E como a imprensa bem como a TV e o rádio têm andado dizendo, “Quatro homens negros” ... e esta mocinha disse: “Não, havia um homem branco.”

34. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Sobre a redução da idade do voto para menos de 18 anos... é claro pela explicação dada pelo companheiro Cyril [Ramaphosa] ontem que o C.N. [Comitê de Negociação] não endossa minha proposta como eu havia imaginado, e que a organização como um todo não aceitou a proposta. [245]

Uma declaração sobre questões políticas relevantes não deve ser feita sem ser processada e aprovada, independentemente do status de um companheiro.

A declaração deve ser um forte constrangimento para as estruturas tomadoras de decisões de políticas das organizações e para os afiliados como um todo...

35. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Em reuniões do CNA [Congresso Nacional Africano], eu com frequência ressaltava que não queria companheiros fracos ou títeres que fossem capazes de engolir qualquer coisa que eu dissesse, apenas porque eu era presidente da organização. Eu pedi que se estabelecesse um relacionamento saudável em que

podéssemos debater as questões, não como patrão e criados, mas como iguais, e no qual cada companheiro manifestasse sua visão livre e francamente e sem temor de vitimização ou de marginalização.

Uma de minhas propostas, por exemplo, que gerou muito som e fúria, foi de que nós deveríamos reduzir a idade do voto para 14 anos, uma medida que já foi tomada por vários países em outras partes do mundo. Isto se devia ao fato de que nesses países são os jovens mais ou menos desta idade que estão nas frentes de batalha de suas lutas revolucionárias. Foi esta contribuição que induziu seus governos vitoriosos a recompensá-los ao dar-lhes o direito de votar. A oposição à minha proposta por parte de membros do Comitê Executivo Nacional foi tão veemente e avassaladora que recuei e a retirei. O jornal Sowetan dramatizou a questão com uma charge mostrando um bebê de fraldas votando. Foi uma das maneiras graficamente mais contundentes de ridicularizar a minha ideia. Não tive coragem de insistir e reapresentá-la.

36. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

A liderança divide-se em duas categorias:

- a) As incoerentes, cujas ações não podem ser previstas, que hoje concordam numa [questão] e no dia seguinte a repudiam.
- b) As coerentes, que têm senso de honra e visão.

37. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

A primeira tarefa de um líder é criar uma visão.

A segunda é criar um quadro de seguidores que o ajudará a implementar a visão e a administrar o processo através de equipes eficientes. Os liderados sabem para onde estão indo porque o líder comunicou a visão, e os seguidores acreditam no objetivo que ele estabeleceu, bem como no processo para alcançá-lo.

38. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

É um líder fenomenal aquele que consegue no exílio manter unida uma ampla organização multirracial com escolas de pensamento divergentes, com uma filiação espalhada por continentes distantes e uma juventude fervendo de raiva face à repressão de seu povo; uma [juventude] que acredita que a raiva sozinha, sem recursos e planejamento apropriados, pode ajudar a derrubar um regime racista.

O.R. [Oliver Tambo] conseguiu tudo isso. Entre presos políticos e presos

comuns dentro do país, entre estrangeiros combatentes pela liberdade, diplomatas, chefes de Estado, O.R. era reconhecido como um exemplo brilhante de um líder inteligente e equilibrado que certamente ajudaria a restaurar a dignidade dos oprimidos e pôr o destino do povo nas mãos do próprio povo.

39. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

A morte de O.R. [Oliver Tambo] foi como a derrubada de um carvalho gigante que havia se erguido ao longo de eras, dominando e embelezando a paisagem, e atraindo tudo à sua volta, pessoas e animais. Foi o fim de uma era de um líder... com fortes crenças religiosas, um matemático e músico brilhante que não tinha par em seu compromisso e dedicação para com seu povo. [\[246\]](#)

40. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A MORTE DE O.R. [OLIVER TAMBO]

Eu me senti realmente muito, muito sozinho ao vê-lo jazendo ali; eu não conseguia acreditar que estivesse morto. Foi uma tragédia.

41. DE UM RASCUNHO DE CARTA PARA GRAÇA MACHEL

Algumas pessoas se tornam valiosos quadros nacionais ou internacionais à sua maneira humilde.

Passei algum tempo pensando sobre aquele dia, sobre as coisas que você me aconselhou. Espero que compreenda que nunca é fácil para aqueles diretamente envolvidos em uma questão refletirem objetivamente, uma vez que invariavelmente são influenciados pela emoção mais que pela lógica. Contudo, estou desenvolvendo um plano para atender a algumas de suas preocupações, e lhe darei conhecimento na ocasião oportuna.

Será um erro infeliz de sua parte continuar repisando o fato de que seus conselhos podem ser erroneamente interpretados como interferência em assuntos que não lhe dizem respeito. Suas opiniões têm sido acertadas e, como de hábito, estou confiante de que o que vou dizer não fará com que você se torne uma pessoa presunçosa. Mas eu conheço uma pessoa que me é muito próxima, na verdade uma irmã, que está se tornando à sua maneira humilde um valioso quadro internacional, que visitou nosso país várias vezes e também, algumas vezes, alguns países de ultramar.

42. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA ENTREVISTA COM O DRAMATURGO ARTHUR MILLER

Bem, eu não consigo me lembrar dos detalhes agora, exceto que me foi comunicado por nosso Departamento... de Informação e Publicidade que a BBC gostaria de enviar Arthur Miller para vir me entrevistar. É claro que fiquei entusiasmado com a perspectiva de recebê-lo porque ele é uma personalidade internacional de imensa coragem, talento e capacidade e era uma honra para mim ser entrevistado por ele... Nós passamos cerca de quatro horas juntos... Minhas impressões a respeito dele foram confirmadas: de que aquele era um homem extraordinário. Ele sabia o que perguntar. Como todos os grandes homens de verdade, ele não era arrogante; tentava tanto quanto lhe era possível fazer com que eu me sentisse à vontade na presença da grandeza [risos]... Eu fiquei realmente muito feliz por conhecê-lo, por conhecer Arthur. Ele é um homem realmente impressionante.

43. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1993

Na véspera de minha partida da África do Sul para os EUA e a ONU mais de vinte pessoas foram baleadas e mortas numa estrada nos arredores de Johannesburgo.

Mais uma vez a polícia falhou no dever de dar proteção a pessoas que estavam cuidando de sua rotina habitual diária e falhou em encontrar pistas dos assassinos.

E no entanto tem havido um padrão claro nesses ataques se estendendo ao longo dos últimos três anos. Nesses três anos, mais de 10 mil pessoas foram mortas, com apenas alguns dos assassinos sendo presos.

É o fracasso total das forças de segurança em identificar os assassinos que indica a culpabilidade da Polícia da África do Sul e de elementos da Força de Defesa nesta desestabilização, bem como a conivência do governo.

As vítimas têm a percepção de que as forças de segurança são parte integrante dos assassinatos.

Minha experiência e a de meus companheiros do CNA é de que o governo De Klerk não mostra absolutamente nenhuma vontade de querer lidar de maneira adequada com este problema crucial.

28. 1. 94 Rocky
404 1227

Students Task force 648-5575
(Q313)

Women Task force.

religious groups. 28. 1. 94

legislation on land reform, industrial policy,
housing

2. 1. 94

The entire country was deeply shocked by the murder of
so many children in Mitchell's Plain.
Last Sunday I sent a telegram of sympathy to the
bereaved families which was distributed to the mass
media.
In spite of my tight schedule I will spend the rest
of the day visiting the bereaved families to give them
support. Children are our most precious possession, it is
an unbelievable tragedy that they should die under
such tragic circumstances.

De um arquivo pessoal, janeiro de 1994; ver texto a seguir.

44. DE UM ARQUIVO PESSOAL, JANEIRO DE 1994

O país inteiro ficou profundamente chocado com o assassinato de tantas crianças em Mitchell's Plain. [\[247\]](#)

No domingo passado enviei um telegrama de condolências e solidariedade às famílias das vítimas que distribuímos aos meios de comunicação.

A despeito de minha agenda carregada, passarei o resto do dia visitando as famílias das vítimas para dar-lhes apoio. Crianças são nossos bens mais preciosos, é uma tragédia indescritível que venham a morrer em circunstâncias tão terríveis.

45. DE UM ARQUIVO PESSOAL

1.

Repartir os avanços em forças democráticas.

2.

Nosso problema é enfrentar a primeira eleição verdadeiramente democrática com 17 milhões de eleitores que nunca votaram antes.

3.

Índice de analfabetismo: de 67% e 63% de nossos eleitores são de áreas rurais.

4.

Nosso problema é como ter acesso às pessoas e orientar os eleitores a votar.

5.

Nesta eleição, estamos concorrendo com o PN [Partido Nacional], que já tem 150 escritórios eleitorais. Nós não temos nenhum, exceto nossos escritórios regionais.

6.

O PN é um dos partidos políticos mais eficientes e bem organizados do país.

7.

Aproveitar o apoio da massa – as pesquisas de opinião indicam que sairíamos como o partido majoritário. Mas a questão decisiva é ser capaz de levar os eleitores à cabine de votação.

46. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1994

1.

Personalizar a experiência política

2.

Contraste entre a primeira visita e duas visitas posteriores.

Preso diante do desconhecido

Convencer 25 companheiros a deixar a prisão...

3.

A morte de minha mãe e a de meu filho mais velho

Causas naturais, acidente

Foi-me recusada a permissão para comparecer aos enterros

4.

Não consegui agradecer àqueles que me ajudaram no início dos anos 1940

5.

Esperava encontrá-los vivos em meu retorno. Todos já tinham partido. Pensei que o próprio mundo estivesse morrendo.

6.

Assédio à minha família

Zami e as crianças

Perseguição psicológica –

Más notícias sobre esposa

7.

Relacionamento entre presos e carcereiros muito ruim

Mas discussões furiosas entre os carcereiros – sgt. Opperman.

8.

Unidade entre prisioneiros – CNA, CPA, Apdusa – Makwetu, Pokela, Eddie, Neville, Saths Cooper, Walter, Govan, Kathy, Peake, Dennis Brutus – covardes – heróis. [\[248\]](#)

9.

Oportunidade de recuar e refletir.

10.

Kramat, peças, Antígona.

Possibilidade de ler biografias e jornais, trocar ideias com outros.

11.

Negociações – reunião com P.W. Botha [\[249\]](#)

12.

Reunião com De Klerk em 9.2.89

13. Pollsmoor e Victor Verster

Eu estava recebendo relatórios de inteligência com informações de que os africânderes de direita haviam decidido impedir as eleições que se avizinham por meio da violência. Por segurança e precaução o presidente de uma organização deve apurar cuidadosamente a veracidade de tais relatórios. Eu o fiz e, quando descobri que estavam corretos, decidi agir.

Tomei um avião e fui até Wilderness, onde fica a atual residência do ex-presidente P.W. Botha, [e] o recordei do comunicado oficial que divulgamos conjuntamente quando eu ainda estava na prisão em julho de 1989. Naquele comunicado fazíamos o juramento solene de trabalhar juntos pela paz em nosso país. Eu o informei de que a paz agora estava ameaçada pela direita e pedi que interviesse. Ele se mostrou disposto a cooperar e confirmou que os africânderes estavam determinados a impedir a realização das eleições. Mas acrescentou que não queria debater a questão comigo sozinho e sugeriu que eu convidasse o presidente F.W. de Klerk, Ferdi Hartzenberg e o general [Constand Viljoen].^[250]

Eu propus que também incluíssemos o líder da extrema direita africânder, Eugene Terre'Blanche, com base no fato de que ele era um demagogo imprudente, capaz de atrair multidões maiores do que o presidente De Klerk.^[251] O ex-presidente se mostrou tão negativo quanto a esta sugestão que deixei de lado.

Retornei a Johannesburgo e imediatamente telefonei para o presidente De Klerk e o informei do convite de Botha. Ele se mostrou hostil a toda ideia de nos reunirmos com o ex-presidente uma vez que este último tinha inclinações em favor de Terre'Blanche. Então eu fui procurar um teólogo progressista africânder, professor Johan Heyns, para fazer uma mediação que permitisse um encontro entre mim, o general, Hartzenberg e Terre'Blanche.^[252] Terre'Blanche se mostrou irredutível e rejeitou qualquer encontro comigo, um comunista, como ele disse.

Então me reuni com o general e com Hartzenberg, e perguntei se era verdade que eles estavam se preparando para impedir as eleições por meio da violência. O general foi franco e disse que a informação estava correta e que os africânderes estavam se armando, e que o país estava diante da ameaça de uma sangrenta guerra civil. Eu fiquei abalado, mas fingi estar extremamente confiante na vitória do movimento de libertação. Disse a eles que nos trariam dificuldades uma vez que eram militarmente mais bem preparados do que nós, que dispunham de armas mais poderosas e, devido aos seus recursos, conheciam melhor o país do que nós. Mas eu adverti que ao final daquela empreitada arriscada seriam destruídos. Estávamos às vésperas de uma vitória histórica depois de termos infligido um golpe mortal na supremacia branca. Eu ressaltei

que isto não se devia ao consentimento deles, e sim que era a despeito da oposição deles. Acrescentei que nós tínhamos uma causa justa, tínhamos número suficiente e o apoio da comunidade internacional. Eles não tinham nada disso. Fiz um apelo a eles para que abandonassem seus planos e se juntassem às negociações no World Trade Center.

48. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Minha indicação e posse como primeiro presidente democraticamente eleito da República da África do Sul me foi imposta contrariando meu conselho e minha vontade.

À medida que a data das eleições gerais se aproximava, três líderes de longa data do CNA me informaram que tinham feito amplas consultas aos membros da organização e que a decisão unânime era de que eu deveria me apresentar como presidente se vencêssemos a eleição. Isto, disseram eles, era o que proporiam na primeira reunião de nossa bancada parlamentar. Eu fui contra esta decisão com base no fato de que faria 76 anos naquele ano, que seria sensato buscar alguém mais jovem, de sexo masculino ou feminino, que tivesse vivido fora da prisão, que tivesse conhecido os chefes de Estado e de governo, comparecido a reuniões de cúpula de organizações mundiais e regionais, que estivesse a par dos avanços e novos desdobramentos internacionais, que pudesse, tanto quanto possível, prever o futuro rumo destes desdobramentos.

Eu assinalei que sempre tinha admirado homens e mulheres que usavam seus talentos para servir à comunidade, e que fossem altamente respeitados por seus esforços e sacrifícios, apesar de não terem nenhum cargo público em governo ou sociedade. A combinação de talento e humildade, de ser capaz de estar à vontade tanto com os pobres quanto com os ricos, com os fracos e com os poderosos, com gente do povo e com a realeza, jovens e velhos, homens e mulheres, com a capacidade de atrair os interesses e tocar a sensibilidade do povo, independentemente de sua raça ou de sua formação e origens, são admirados pela humanidade em todo o mundo...

Insisti com os três líderes veteranos que eu preferiria servir sem ocupar nenhum cargo na organização ou no governo. Um deles, contudo, me nocauteou redondamente. Ele me lembrou que eu sempre havia defendido a importância da liderança coletiva, e que desde que respeitássemos escrupulosamente este princípio jamais poderíamos incorrer em erro. Ele me perguntou ríspida e francamente se eu naquele momento estava agindo com base no que eu sempre havia pregado de maneira tão consistente. Embora aquele princípio nunca tivesse sido concebido para excluir a defesa vigorosa daquilo em que firmemente

acreditava, decidi aceitar a proposta deles.

Contudo, deixei bem claro que só seria presidente por um mandato. Embora minha declaração parecesse tê-los apanhado desprevenidos, eles responderam que eu deveria deixar aquela questão para ser decidida pela organização. Eu não queria nenhuma incerteza quanto àquela questão. Pouco depois de me tornar presidente, anunciei publicamente que só governaria um mandato e que não me candidataria à reeleição.

49. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

No dia da votação, uma senhora africana idosa do norte do Transvaal, como então era chamado, disse ao funcionário de serviço na seção eleitoral que ela queria votar no rapaz que tinha saído da prisão. Embora ela mencionasse um nome, não sabia a que organização pertencia. Depois de muitas perguntas, a seção eleitoral conseguiu solucionar o problema de maneira a satisfazê-la.

50. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Os combatentes do Umkhonto we Sizwe (MK) demonstraram coragem inigualável e se infiltraram no país, atacaram instalações do governo e enfrentaram em campo as forças do apartheid... repetidas vezes, pondo-as em fuga.

Outros combatentes da liberdade trabalharam dentro do país seja abertamente ou na clandestinidade, exortando as massas a se sublevarem e a resistirem a todas as formas de opressão e exploração. Eles desafiaram a brutalidade do regime sem se preocupar com o que porventura lhes acontecesse. Estavam dispostos a pagar o mais alto dos preços pela liberdade.

Entretanto, outros definharam nas cadeias do apartheid, destemidamente afirmando seu direito de serem tratados como seres humanos em sua própria terra natal. Eles literalmente enfiaram-se no covil do leão, demonstrando mais uma vez o princípio universal de que a chama da liberdade não pode ser apagada por homens ruins.

Subitamente, em abril de 1994, foi confiada aos mesmos engolidores de fogo que tinham dominado a arte da resistência e que tinham trabalhado incessantemente pela total destruição da supremacia branca, sem nenhuma formação administrativa nem experiência de governo, a missão formidável e assustadora de governar o país mais avançado e rico do continente africano.

O desafio sem precedentes era restaurar a dignidade humana de nosso povo ao remover todas as formas de discriminação racial, introduzindo o princípio da

igualdade em todas as esferas de nossa vida.

Esta era a momentosa tarefa que enfrentavam nossos pioneiros no governo democrático. Este era o Rubicão que teriam que transpor os guerreiros da liberdade que tinham pregado a ingovernabilidade, o boicote e as sanções. Agora os ex-terroristas tinham a tarefa de unir a África do Sul, de pôr em prática o princípio essencial da Carta da Liberdade, que declara que a África do Sul pertence a todo o seu povo, brancos e negros.

First Session of Parliament
25. 5. 94

Mr de Klerk's statement
The NP is willing and ready to do so.
The terms of the agreement with the President
Issues of minorities will be freely addressed.
Self-determining: local govt can provide
room for self-govt.
Indicate progress in negotiating.

Koos Adriaans
All of us are here for the first time
Nation of inclusiveness
RDP way of dealing with the past

Mr Marais
Congratulations Sibusiso Bhebe.
Persuasion will be used.

Coming from different backgrounds NB

Thapelo Mthethwa
In Gbosa: ndubulala u Mngameli

Chief Buthelezi
Dr. Zeph, Sabelo - President
Also Deputy-President.
Thank everybody who has contributed to success of this day.
State of Emergency

Anotações de Mandela de sua primeira sessão no Parlamento como presidente da África do Sul, 25 de maio de 1994.

Bons líderes apreciam plenamente o fato de que a remoção de tensões na sociedade, sejam elas de qualquer natureza, põe os pensadores criativos no centro do palco ao criar um ambiente ideal para que homens e mulheres de visão influenciem a sociedade. Os extremistas, por outro lado, vicejam na tensão e na desconfiança mútuas. O pensamento claro e o bom planejamento nunca foram as armas deles.

52. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

O regime do apartheid tinha dado à lei e à ordem má reputação. Os direitos humanos da maioria da população foram impiedosamente suprimidos, havia prisões sem julgamento, tortura e assassinato de ativistas políticos, crítica aberta aos juízes do Tribunal de Apelação que eram independentes e proferiam julgamentos contra o regime e o enfardamento do Judiciário com advogados conservadores. A polícia, especialmente os Serviços de Segurança, criava suas próprias leis e fazia o que queria e bem entendia. Devido a esta prática brutal, e em virtude de minhas próprias convicções, explorei todas as oportunidades para promover o respeito pela lei e pelo Judiciário... na nova África do Sul não existe ninguém, nem sequer o presidente, [que] esteja acima da lei... a supremacia da lei de maneira geral e do Judiciário em particular deve ser respeitada.

53. DE UM ARQUIVO PESSOAL

O presidente e dois vice-presidentes, os ministros da Defesa e da Segurança, os generais Georg Meiring e Van der Merwe devem ser informados pelo Serviço Nacional de Inteligência tão prontamente quanto seja possível a respeito das seguintes questões:

- 1) Houve quaisquer documentos contendo material de inteligência destruídos ou informações secretas apagadas de computadores durante o período de 1º de fevereiro de 1990 e 31 de maio de 1994?
 - (a) Em caso afirmativo, quais [eram] os... detalhes completos desses materiais ou informações
 - (b) As datas em que foram destruídos ou apagados
 - (c) O nome, ou nomes, das pessoas que autorizaram a destruição desses dados.
- 2) O Conselho de Segurança do Estado e suas estruturas, como os Comitês de Gestão Conjunta da Segurança Nacional, ainda existem?

- (a) Em caso afirmativo, quem são os membros deste Conselho de Segurança do Estado e dos Comitês de Gestão Conjunta?
 - (b) Se não existirem, os detalhes exatos de quando foram desativados
 - (c) Uma lista de seus membros antes de sua desativação
 - (d) O propósito do Conselho de Segurança do Estado
 - (e) O que aconteceu com seus fundos e equipamento
- 3) Uma lista das organizações que contenha uma lista dos agentes... que se infiltraram em organizações ou instituições espionadas.
- 4) A Secretaria de Cooperação Civil ainda existe? Uma explicação detalhada de sua estrutura e pessoal deve ser fornecida.
- (a) Se não existir, quando foi desativada?
 - O que aconteceu com seus fundos e outros equipamentos?
- 5) O Diretório de Coleta de Informações Secretas ainda existe?
- (a) Se existir, quem são seus membros?
 - (b) Se não existir, quando foi dissolvido?
 - (c) O que aconteceu com seus fundos e equipamentos?
- 6) A cópia original do Relatório do general Pierre Steyn deve ser fornecida.
- (a) Precisamente por quais atos criminosos vários altos oficiais do exército foram afastados ou solicitados a passar para a reserva como consequência desse relatório?

Quem é o responsável pela violência politicamente motivada que resultou no assassinato de quase 20 mil pessoas?

Afirma-se que as partes responsáveis pela violência politicamente motivada também tenham sido responsáveis pela morte de combatentes da liberdade, como Neil Aggett, [Rick] Turner, Imam Haroon, Ahmed Timol, David Webster, [Matthew] Goniwe e outros, Griffiths e Victoria Mxenge; Pebco 3; Bheki Mlangeni

- 7) A Unidade Vlakplaas continua a existir?[\[253\]](#)
- Quem eram seus membros e [o que] aconteceu com eles? Qual era antes ou é seu propósito, se continua a existir, [ou] se foi desativada, o que aconteceu com seus fundos e equipamento?
- 8) Informações detalhadas sobre as operações de esquadrões de extermínio no

país. Isto está correto? Quanto foi pago de acordo com o Relatório Goldstone aos membros da Unidade V [Vlakplass]?

54. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Estado de ânimo de confiança e esperança
(Middelburg)

Várias fontes fizeram avaliação encorajadora do desempenho do governo.

Retrospecto de 1995 e perspectiva de 1996 positivos – mídia

A esperança no futuro continua a ser o sentimento dominante.

Processo de planejamento completo ou em vias de ser completado e visível
concretização e aceleração de mudança.

Governo local transformado onde as pessoas são governadas

Confiança na área de negócios cresceu – a África do Sul começou a vivenciar
uma fuga de capitais de investidores estrangeiros em 1985; isto continuou por
um período de nove anos e meio, até 1994 –

51,7 bilhões de rands deixaram o país.

A situação mudou drasticamente depois de 10 de maio de 1994. Observou-se a
entrada de capitais de investidores estrangeiros –

De meados de 1994 ao final de 1995 a entrada de capital estrangeiro é estimada
em 30 bilhões de rands.

Ao final de 1995, o Reserve Bank havia pago todos os seus empréstimos de
curto prazo feitos no exterior.

Confiança pública crescendo

63% = 66%

Começando a entrar em áreas antes muito fora de alcance

55. DE UM ARQUIVO PESSOAL, C. 1996

Rastro de sangue no Tvl desde julho de 1990 ou 1991

Sebokeng ± 32

Krugersdorp – 36

Sebokeng – 200

Soweto e Johannesburgo – 45 + 9
Reunião com De Klerk sobre Sebokeng 1990 –
Ele nunca ofereceu uma palavra de condolências.
Nenhuma prisão.
800 mil

56. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

1. Ligar para Ted
2. Kofi Annan
3. Jakes Gerwel^[254]
4. Oprah Winfrey
5. Meias elásticas

57. DE UM ARQUIVO PESSOAL

As viagens ao redor do mundo de Mum Gra [Graça Machel] têm sido uma fonte de preocupação para mim já há algum tempo, e será um verdadeiro alívio quando seu contrato com o Unicef expirar ao final do ano, quando ela poderá dedicar suas capacidades extraordinárias ao povo e especialmente às crianças de Moçambique.

Ela voltou à África do Sul... em 8.96 onde ela e seus colegas estavam finalizando um relatório para a ONU.^[255] Esteve morando conosco, como sempre, até 8.96, quando partiu para Moçambique. Não posso descrever minha alegria e felicidade por receber o amor e o carinho de uma senhora tão modesta, mas graciosa e brilhante.

Mas as invenções modernas nos permitem permanecer em contato mesmo quando ela está no exterior. Sinto um inacreditável conforto e satisfação pelo fato de saber que existe alguém em algum lugar no universo em quem posso confiar especialmente nas questões em que meus companheiros políticos não podem me auxiliar.

58. DE UM ARQUIVO PESSOAL

Como de hábito, depois das 9 da noite minha neta Rochelle fica sentada em minha cama depois de tratar de meu olho. Espero algumas palavras carinhosas antes que ela me dê um beijo de “boa noite”. Em vez disso, ela dispara uma bomba. “Vovô”, diz ela, “tenho que lhe fazer um relato que vai deixá-lo completamente arrasado. Não é o tipo de coisa que espere de mim... e por causa

disso eu vou sair de casa imediatamente e ir morar em outro lugar. O senhor sempre ressaltou a importância da educação de maneira geral e especificamente no que diz respeito a mim mesma e à Casa Real de Thembu, cujo desempenho no que diz respeito a isso sempre foi pior que medíocre. O senhor sempre estará em meus pensamentos, vovô. Mas vou sair de casa para ir morar em outro lugar.” Embora o tempo todo tenha demonstrado grande cortesia, ela falou sem temor e muito claramente.

Eu fiquei atordoado e não conseguia acreditar que minha própria neta estivesse me partindo o coração. Ela sempre foi extremamente meticulosa ao cuidar de mim, tirando-me os sapatos e as meias antes que eu fosse me deitar, contando-me lindas histórias, perguntando-me a que horas eu queria tomar meu café na manhã seguinte.

59. DE UM ARQUIVO PESSOAL – ANOTAÇÕES DE RASCUNHO SOBRE O DIA DE SÃO VALENTIM [DIA DOS NAMORADOS] EM RESPOSTA ÀS PERGUNTAS DE UMA ESTUDANTE SOBRE O QUE O DIA SIGNIFICAVA PARA ELE

A idade e uma formação cultural conservadora não tornam fácil para mim debater em público sentimentos e emoções tão íntimos. Especialmente quando a pergunta é feita por uma menina tão jovem que poderia ser minha neta. É possível que se tentássemos dar-lhe uma definição que se afaste daquela que aparece nos dicionários convencionais, e tendo em mente as principais formas de civilização do mundo, veríamos que pode haver tantas definições quanto existem seres humanos.

Tenho a esperança de que o indivíduo comum vivencie um dos mais altos níveis de satisfação emocional e felicidade quando está apaixonado...

Provavelmente chocará muitas pessoas descobrir o tamanho colossal de minha ignorância com relação às coisas simples que a pessoa comum tem como certas. Como nasci e fui criado em um ambiente rural, com pais que não sabiam ler nem escrever, praticamente nunca tinha ouvido falar no Dia de São Valentim.

Depois de me mudar para as cidades, gradualmente fui atraído pela política dominante, e não havia espaço para me atualizar com informações sobre este tipo de coisa. Somente nos últimos cinco anos foi que recebi cartões e presentes de São Valentim. Mas naturalmente devemos ter um enorme respeito por aqueles que anonimamente trazem a alegria a outros distantes dos holofotes.

Infelizmente minha apertada agenda de compromissos não me permite encontrar tempo para comemorar o Dia de São Valentim nem hoje nem no futuro.

Muitos da nova geração de hoje são pensadores independentes que possuem

opiniões definidas e seus próprios conjuntos de valores. Seria... muitíssimo presunçoso para um homem de 78 anos aconselhá-los sobre como lidar com seus relacionamentos. Além disso, esta não é uma questão para [conselho] e sim uma questão de condição social. Se dermos à geração mais jovem oportunidades de ter educação e melhorar sua vida, ela brilhará atingindo a excelência.

Imagino que pessoas que tenham os mesmos valores, que tenham em comum uma mesma visão e que aceitem a integridade um do outro tenham criado o alicerce para um bom relacionamento. Mas mesmo nesse caso haverá uma ampla variedade de notáveis exceções.

60. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES, C. 1996, SOBRE PLANOS PARA TRANSFORMAR A ILHA DE ROBBEN EM UM MUSEU

Ilha de Robben

Dpt [Departamento] de Arte, Cultura *etc.*

Estrutura independente

Além do âmbito comum

Desejo humano de explorar

Destruição causada por turistas

Museu deve ser uma fonte de inspiração, não dinheiro

Conselho de Curadores Especial

61. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

1.

Ocupado com outro compromisso: desejar felicidades

2.

A Irlanda esteve sob os holofotes ao longo de toda a sua história

3.

Nunca é difícil identificar quem deu início aos confrontos.

Mas brevemente chegaremos ao estágio em que nenhuma das partes estará totalmente errada ou certa.

4.

Acusação de que os líderes irlandeses não são capazes de solucionar seus próprios problemas.

62. DE UM DIÁRIO PRESIDENCIAL

Segunda-feira 29.12.97: Deixei Qunu para ir à Cidade do Cabo, mas cancelei comparecimento ao casamento da filha de Franklin Sonn devido a forte crise de ciática na perna direita. [\[256\]](#)

30.12.97: o casal de noivos, em vez de chegar às 7 da manhã para o café conforme combinado, só chegou às 8:45. O fotógrafo deles do Rapport [jornal] teve que ir embora. Casal espanhol partiu de Ysterplaat [Base da Força Aérea] às 10 da manhã chegando a Maputo às 12:15. Ficaram hospedados na Casa de Hóspedes do Governo mais próxima da residência de Gra [Graça Machel].

31.12.97: Permaneci no quarto, imobilizado por forte dor ciática. Fui visitado pelo companheiro presid[ente] Joachim Chissano, e ele me informou da prisão domiciliar de K.K. [Kenneth Kaunda] e das condições de prisão domiciliar. [\[257\]](#) Jantei com Gra e as crs [crianças], e assisti à virada do ano e à queima de fogos do hotel Polana.

1º.1.98: Não consegui comparecer ao almoço de família e tive que almoçar com Zina em meus aposentos particulares. Desejei Feliz Ano-Novo a Zindzi e a Rochelle. Theron e fisioterapeuta

2.1.98: P.M. M.

3.1.98: Nada de especial – me recusei a voltar para S.Q.

4.1.98: A.C. [alto comissário] veio

Dr. Hugo, Theron veio almoçar com Gra. Aplicou-me duas injeções e voltou

5.1.98: Discussão com Judy e Gra por causa de W.M. [Winnie Mandela]. Eu disse que não quero ter um relacionamento em que existam certas áreas que não possamos compartilhar. Ela faz parte de nossa história.

6.1.98: A.C. em Moçambique quer mais um contrato de quatro anos.

7.1.98: Tive um encontro de 15 minutos com meu amigo Jeremy Anderson, ex-diretor de parques das Reservas de Caça de Mpumalanga. Parabenizar Arap Moi por sua posse como presidente do Quênia.

Telefonei de Maputo para o chefe Antonio Fernandez em Washington para lhe desejar feliz Natal e bom Ano-Novo. Ele assinalou que tentou entrar em contato várias vezes de Washington, mas não conseguiu falar comigo. Por vezes me incomoda quando amigos de confiança, que dividiram recursos conosco quando

estávamos sozinhos em nossa luta contra o apartheid, são tratados por assessores como meros desconhecidos, interessados apenas em incomodar o presidente.

19.1.98: Fui visitar o 9º andar da Shell House e fui informado de que a segurança era contra eu ocupar um escritório naquele andar e recomendava que eu voltasse para o 10º andar.^[258] Recusei prontamente a recomendação deles. O S.G. [secretário-geral] Kgalema [Motlanthe] concordou comigo.^[259] Também tive discussão com o S.G. em exercício Cheryl Carolus a respeito do assunto supracitado quando expliquei que vou cuidar disto.^[260]

22.1.98: O rei Letsie III e eu, na presença do presidente Masire de Botsuana, inauguramos o Projeto de Águas das Terras Altas do Lesoto. Mas tive que ir embora sem almoçar por causa das condições do tempo.

24.1.98: Visitei a rainha em exercício de Pondoland Oriental e a rainha-mãe para apresentar minhas condolências; acertei com Colleen Ross a admissão do futuro rei Ndamase Mangaliso no Kearnsley College.^[261]

24.1.98: Fui ver a casa do sr. Zeka, que está à venda por 950 mil rands, e pedi detalhes do registro de propriedade.

24.1.98: Reunião com o chefe Bangilizwe, Dalaguba, Zwelodumo, chefe Sandile Mgudlwa, chefe Khawudle, chefe Silimela e chefe Mnqanqeni.

24.1.98: Dei instruções a Georg Meiring para despachar helicóptero para a Tanzânia.

24.1.98: Almoço com o rei Buyelekhaya e a rainha.^[262]

24.1.98: Recebi telefonema do presidente Clinton

25.1.98: Recebi telefonema do presidente Museveni

63. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Fiquei um tanto constrangido com relação às festividades em Qunu no dia de Ano-Novo. No dia de Natal recebemos mais de mil crianças das aldeias das redondezas e cerca de 100 adultos. Tínhamos abatido 11 ovelhas, uma das quais foi doada por Zwelibanzi Dalindyebo, rei dos T[h]embus, e um touro de

Zwelithini ka Zulu, rei dos zulus. Os convidados estavam de bom humor e comeram toda a carne, exceto a pele e os chifres.

Em ocasiões anteriores meus convidados no Ano-Novo normalmente são em número menor que os do Natal. Mas nesta ocasião eu havia mandado abater apenas 12 ovelhas, acreditando que isto seria mais que suficiente. Vocês podem imaginar meu constrangimento quando [apareceu] mais gente do que no Natal e quando algumas das crianças que tinham andado quilômetros até Qunu se queixaram de que não tinham comido. Da próxima vez não serei apanhado desprevenido.

Recebi a visita de Thandizulu Sigcau, rei dos pondos. De acordo com o costume, matei uma ovelha para ele e lhe dei provisões de reserva. Ele não se mostrou totalmente de acordo com a sugestão feita por seu irmão, Vundlela Ndamase, rei de Pondoland Oriental, no sentido de que o[s] rei[s] deveriam ser membros da Casa dos Líderes Tradicionais em suas respectivas áreas. Eu então sugeri que preferiria ser orientado por eles com relação ao tópico. Propus que eles se reunissem tendo em vista tomar uma posição comum.

Também fui visitado pela rainha Cleopatra Dalindyebo, em companhia do chefe Nokwale Balizulu, o chefe governante de nossa área. Embriaguez entre os chefes thembus.

64. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Até que ponto evoluímos para criar uma base de dados comum

Apurar corrupção

Qualificação de analistas

Muitos voos ilegais

Viagens regulares ao exterior

65. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

1.

Passamos por este mundo apenas uma vez e as oportunidades perdidas nunca mais estarão disponíveis para nós novamente.

2.

Estabeleça suas metas e objetivos na vida e, como regra geral, na medida do possível, nunca se afaste delas.

3.

O CNA compreendia muito bem este princípio.

4.

Já no princípio dos anos 1950, nós convidamos todos os sul-africanos a enviar suas solicitações para uma carta do povo.

5.

Também convidamos líderes de todos os partidos políticos daquela época a se juntarem a nós na preparação de um Congresso do Povo. O PN [Partido Nacional], o Partido Liberal.

6.

Programa básico adotado – Carta da Liberdade – que proclamava que a África do Sul pertence a todos nós.

7.

Em 1961, convocamos uma Convenção do Povo.

8.

Em 1984, o CNA se aproximou do presidente Botha – reunião entre CNA e PN.

A derrubada da supremacia branca é obra do movimento de libertação – do CNA, CPA, Azapo [Organização do Povo Azaniano] em graus variados. [\[263\]](#)
A transformação também é um esforço coletivo.

9.

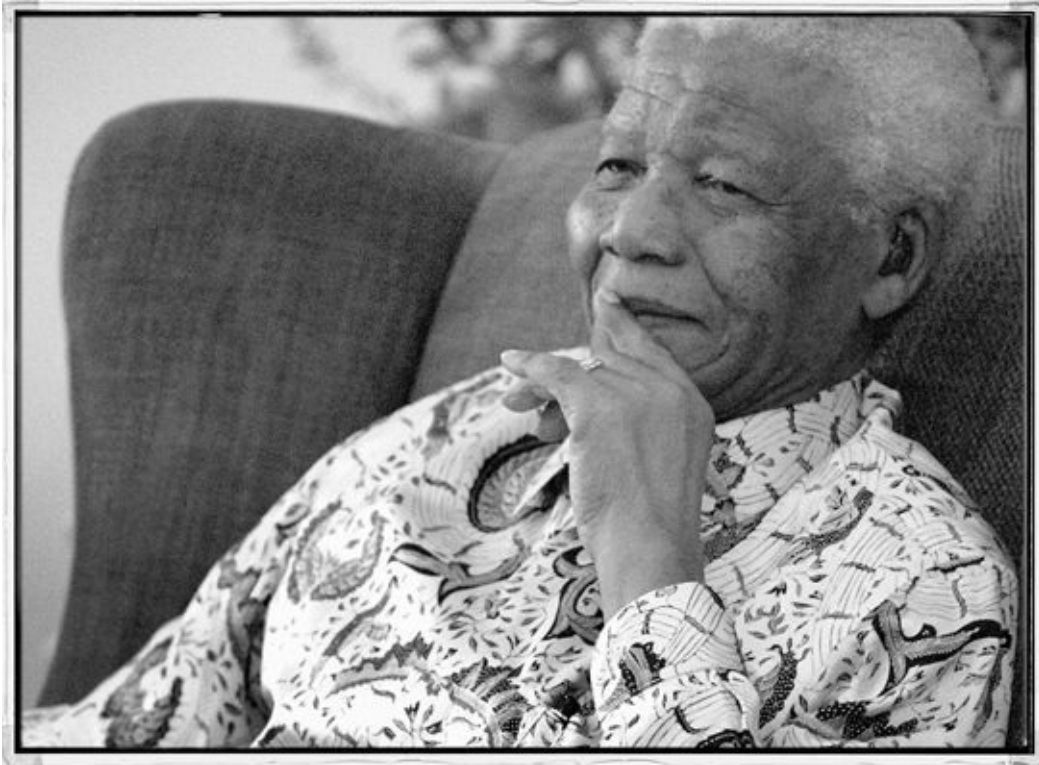
A iniciativa do CNA modificou a situação. De doninhas-fétidas nos transformamos em um milagre

10.

Programas de desenvolvimento – para negros e brancos
As Portas do Mundo se abriram.

CAPÍTULO 13

Viagens



Discussion with President George W Bush
White House 12 November 2001.

How much time have I got?

Compliments on ¹ manner in which he
has handled important issues:

Meeting various Heads of States,
especially Presidents Mbeki & Obasanjo
2.

Afghanistan.

My press statement.

No pulling out before B.L. is flushed out.
Civilian casualties unfortunate, but that
happens in every war.

Palestine - Almost ^{3.} 30 years of fruitless
efforts.

My Proposal.

Arafat affair unfortunate

De um caderno de anotações; ver texto [aqui](#).

1. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA VIAGEM AO EGITO

[Yasser] Arafat... também estava em visita ao Egito e me encontrei com ele depois de reunião com [o presidente Hosni] Mubarak. Mubarak – me encontrei com ele direto na saída do aeroporto; fui ao seu palácio, ele me recebeu bem e jantamos lá, depois de eu tê-lo informado sobre nossa situação e de ter agradecido a ele e ao povo do Egito pelo apoio. Nós jantamos e então fui para meu hotel, e no dia seguinte tive um encontro com Arafat.

Foi uma experiência muito difícil e arriscada a que tive lá porque tivemos que fazer o encontro em um *salão* e nós [fomos] escoltados pela polícia para o encontro. Mas a multidão era assustadoramente grande e me dei conta do que iria acontecer. Eu disse ao policial responsável que eles deveriam trazer reforços e abrir um caminho de modo que pudéssemos passar. Eles tentaram; reuniram mais alguns policiais, mais do que já tinham sido destacados, para nos escoltar. Então o policial responsável disse que eu deveria entrar. Eu disse: “Não, deixe que os membros de minha comitiva entrem antes”, porque eu estava temeroso de que com uma quantidade de gente *tão* grande, se eu entrasse primeiro, poderia haver, sabe como é, um avanço, um pandemônio, e minha delegação não conseguiria entrar, pois a polícia estava se concentrando em mim, chegando até a me isolar de minha delegação. Então [o policial] tentou trazer minha delegação, mas, depois de se afastar alguns passos, ele voltou e disse: “Não, o senhor pode vir agora.” De modo que eu saí. E, a despeito do cordão de isolamento que eles tinham formado, a multidão rompeu a barreira e simplesmente *avançou*. Imagine só, eu perdi um de meus sapatos por causa do pandemônio. O sapato teve que ser trazido depois quando eu já estava dentro do salão... e [fui] separado [de] Winnie. Eles a empurraram para fora...

Eles querem *tocar* em você, querem apertar sua mão. E alguns deles, sabe, podem ser muito egoístas... as pessoas na multidão. Elas agarram você e não querem... largá-lo, e outras pessoas estão lutando para agarrar você... “Ah, faz tanto tempo que eu queria ver o senhor; que dia para mim poder apertar sua mão!” E ficam segurando você... Até meu cabelo ficou desgrenhado... e *pisaram* em meu calcanhar e meu sapato saiu. Por cerca de *dez minutos* os soldados ficaram procurando por Winnie e finalmente a fizeram entrar. Ela ficou tão furiosa comigo; se recusou a falar o dia inteiro! “Por que você me largou?”, e eu respondi: “Que escolha eu tinha?” Fui empurrado pela esquerda e pela direita, e então os próprios soldados, da polícia, estavam me empurrando para escapar da multidão. Eu nem tive a chance de discursar para eles, porque não ficavam calados; ficavam o tempo inteiro gritando “Mandela!”... Esse tipo de coisa, com

admiração, sabe como é. Nós tentamos dizer: “Atenção, olhem, eu vim aqui para *falar* com vocês.” Mas eles não, não sei nem como dizer, eles não me davam uma chance. E então eu disse: “Bem, se é assim, eu vou embora.” Então consegui um bocadinho de ordem... mas assim que comecei, eles começaram [a gritar] de novo. De modo que decidimos subir para o balcão... e de lá eu poderia discursar para eles, mas não adiantou nada. Eu... nunca [vi] um evento tão tumultuado. *Tumultuado* por causa do entusiasmo, por causa do *amor*, sabe. Eu acabei não fazendo o tal discurso. Tentei várias vezes... tive que desistir.

2. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA VISITA AOS ESTADOS UNIDOS

Ah, mas os americanos foram muito calorosos e *muito* entusiásticos... É claro, foi muito emocionante desembarcar em Nova York, que é uma cidade de que ouvi falar e a respeito da qual li desde que era um adolescente... Encontrei, é claro, nossa representante nos Estados Unidos, a srta. Lindi Mabuza... acompanhada por Thabo Mbeki, o chefe do Departamento de Relações Internacionais, Thomas Nkobi, o tesoureiro-geral, Barbara Masakela, que hoje é chefe de gabinete da Presidência, e... vários outros. Então nós fomos escoltados pela segurança até nosso hotel.

... Eu não consigo me lembrar... quando a chuva de papel picado aconteceu... a sequência dos acontecimentos... Aquilo [desfile sob a chuva de papel picado] foi a experiência mais emocionante que eu vivi nos Estados Unidos... Eu sabia que nos Estados Unidos havia um enorme interesse pela luta anti-apartheid na África do Sul, mas ver isso refletido na conduta do povo da cidade quando cheguei a Nova York foi algo muito encorajador, muito inspirador. O entusiasmo das pessoas, os comentários que elas faziam que indicavam solidariedade inabalável para com nossa luta – nas ruas, nos prédios, de escritórios e residenciais... – foi realmente espantoso; aquilo me deixou completamente encantado... Saber que você é objeto de tamanha boa vontade faz com que se sinta realmente humilde. E foi assim que me senti.

3. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA VISITA ÀS NAÇÕES UNIDAS

Mas então eu discursiei, mas durante a sessão o nosso pessoal teve que me mandar embora, porque nós temos muitos amigos nas Nações Unidas e eles vieram me dar um aperto de mãos, e eu não posso fazer isso sentado, sabe? Não com diplomatas e especialmente com senhoras – diplomatas que são senhoras –, e quando alguém vem falar com você, sabe como é, eu me levanto e eu – eu instintivamente me levanto e dou um aperto de mãos. Agora Thabo Mbeki e

Frene Ginwala, membros de nossa delegação, me pediram que permanecesse sentado.^[264] Eu disse: “Mas eu não posso fazer isso; quando alguém se aproxima de mim para me cumprimentar, tenho que me levantar para um aperto de mãos”, mas eles disseram: “O senhor está tumultuando a reunião.” Então eu disse: “Bem, então impeçam as pessoas de virem me cumprimentar. Se vocês permitirem que [elas] venham me cumprimentar, não tenho alternativa; tenho que me levantar.” Então eles disseram: “Não, o senhor vá para casa. Vá, vá para o seu hotel. É melhor que o senhor fique lá em vez de ficar aqui e tumultuar a reunião”, e foi assim que saí. [risos] Pois é. E eles disseram: “O senhor fica lá até a sessão acabar, até esta Reunião do Conselho de Segurança [das Nações Unidas] estar encerrada.” E foi isso o que aconteceu. [risos]

4. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE SUA OPINIÃO SOBRE A SEGURANÇA AMERICANA

O pessoal da segurança americana é muito profissional, altamente profissional... Eles informam a você sobre como se deslocar [e avisam] que o momento mais perigoso é quando você sai do carro para [ir para seu hotel]. E eles insistem... em um movimento rápido... Quando você se desloca de um lugar para outro você fica cercado pela segurança. É difícil parar e falar com as pessoas como se gostaria quando se visita um lugar novo... descobrir o que elas pensam e quais são as opiniões delas sobre vários assuntos. Mas a segurança tanto... aqui quanto nos Estados Unidos não permite que se faça isso. Portanto, é muito difícil avaliar e saber das diferenças nas várias regiões que você visita.

5. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A POSSE DO PRESIDENTE CLINTON

Eu nunca vi tanta gente reunida em um mesmo lugar, exceto na Igreja Cristã do Sião, em abril do ano passado, onde havia mais de um milhão de pessoas... Aquele, como se chama, lugar onde eles realizaram a cerimônia da posse é uma pequena colina... e assim você pode ver as pessoas *descendo* até o vale, entupindo as ruas... Havia a plataforma, o palco... E então a cerimônia inteira começou. Foi feita com uma precisão absolutamente impressionante... A capacidade de organizar um evento de tamanha proporção foi enorme... Eu não conseguia me concentrar por causa do carinho das pessoas vindo [me] cumprimentar e por vezes impedindo minha visão do que estava acontecendo no palco... De maneira que a segurança, para me proteger, também se posicionou na minha frente e até bloqueou minha visão do, como é mesmo o nome, pódio, entende?... Eu fiquei tremendamente impressionado com a grande simpatia das

peessoas pelo CNA [Congresso Nacional Africano]... Achei que gente como Oliver [Tambo] e... outros tinham feito um trabalho notável em despertar o interesse das pessoas pelo CNA, o interesse dos americanos. Por causa... do trabalho que tinha sido feito pela organização... as pessoas também sabiam também quem eu era. Embora aquilo interferisse... e me atrapalhasse em acompanhar a cerimônia. Mas mesmo assim gostei daquilo, porque era uma manifestação de carinho, gentileza e amor. E depois o discurso de Clinton abordou quase tudo. Foi global [e] muito breve... Ele falou o necessário; eu admirei isso. E aí, é claro, a maneira como ele demonstrou sua admiração por Bush. Ficou claro que agora a disputa estava terminada e... que os americanos estavam se unindo de novo... para enfrentar seus problemas... Achei que foi uma grande demonstração de visão.

[Naquela]... noite, houve bailes e eu fui a um deles, e quando me disseram que o sr. Kweisi Mfume, o presidente da bancada negra... do Congresso ia se reunir com Clinton em uma sala reservada...^[265] Nós fomos lá, eu o cumprimentei com um aperto de mãos e nós trocamos algumas ideias; não muitas, porque ele [Clinton] estava de pé... depois disso ele saiu para o salão. Havia uma banda tocando; ele pegou o saxofone e tocou. E todos nós dançamos. Foi muito emocionante, realmente emocionante... Aquela informalidade dele também foi maravilhosa. Sabe, ter um presidente que é tão próximo do povo. Ele *tem* uma abertura, uma capacidade de se comunicar com a gente simples do povo e um carisma que me impressionaram tremendamente. Apesar de toda sua dignidade, ele ainda assim tem uma extraordinária capacidade de se comunicar com as pessoas.

6. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O CONCERTO DE 1990 NO ESTÁDIO DE WEMBLEY, EM LONDRES

Eu queria ver Tracy Chapman e os Manhattan Brothers... Eu sempre fui fascinado por aquela jovem, e fui assistir em um camarote... quando ela entrou no palco eu estava muito entusiasmado, e então ela começou a tocar... estava começando a apreciar a música quando... vieram me dizer que Neil Kinnock estava ali para me ver e que eu teria que sair. Eu queria muito me encontrar com Kinnock porque o Partido Trabalhista e seu líder, Neil Kinnock, tinham sido um pilar de *força* em nossa luta, a luta anti-apartheid. Eles tinham exigido minha libertação, e me acolheram bem quando cheguei a Londres. Eles eram muito bons e fiquei feliz por me encontrar com ele... mas lamentei perder Tracy Chapman. Mas depois de meu encontro com Neil Kinnock eu voltei para meu assento no camarote e os Manhattan Brothers... entraram no palco. Rapaz, eles

evocaram *tamanhas* lembranças dos anos 1950... Então vieram me dizer que o embaixador russo... estava no local e queria um encontro comigo. *Dois* shows que eu... queria assistir e não pude ver. Ao final do concerto... fui visitar todos os artistas e os cumprimentei... Eu realmente me diverti, mas é claro que o pessoal da segurança estava interferindo. [Eles] não queriam que eu ficasse ali por muito tempo... de modo que tive apenas tempo suficiente para trocar um aperto de mãos com [os artistas] e parabenizá-los. E, é claro, falei para o público.

7. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE NACIONALIZAÇÃO

Já havia uma reação *furiosa* na África do Sul à declaração que fiz na prisão, em que eu disse que a nacionalização ainda era nosso plano de ação, que não tínhamos mudado... É claro, houve uma reação da comunidade empresarial, e esta reação... nos levou a refletir, porque uma coisa importante é... ter o apoio do *setor empresarial*... Quando saí [da prisão], nos concentramos em explicar a essa comunidade por que havíamos adotado a política de nacionalização e, é claro, os empresários americanos... fizeram uma enorme pressão... sobre nós... para que... reconsiderássemos a questão da nacionalização... Para podermos encorajar investimentos na África do Sul, tínhamos que pensar seriamente no assunto...

O momento decisivo... ocorreu quando compareci ao Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, onde... tive encontros com os principais líderes industriais do mundo... que fizeram questão... de manifestar suas opiniões muito francamente sobre a questão da nacionalização, e eu me dei conta, como nunca antes, de que se quiséssemos investimentos teríamos que rever a nacionalização, sem removê-la totalmente de nosso projeto político... tínhamos que dissipar os temores da comunidade empresarial de que... seus bens seriam nacionalizados.

8. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A VIAGEM AO CANADÁ

STENGEL: No Canadá o senhor foi recebido pelo sr. Mulroney?^[266]

MANDELA: Sim, isso mesmo, e no Canadá discurssei em uma reunião... e então uma senhora me fez uma pergunta quando eu estava a caminho da saída. Brian Mulroney tinha me dado cinco milhões de dólares, e... esta senhora...

[perguntou]: “Sr. Mandela, estes cinco milhões de dólares que o senhor obteve do sr. Mulroney, o senhor vai usá-los para assassinar o povo, como o senhor tem feito?” Bom, eu queria responder a ela pacificamente e de forma séria, mas antes que eu me desse conta ela foi posta para fora. Eles a empurraram, sabe, e ela caiu... eu tentei impedir aquilo, mas fui lento, de modo que eles me tiraram rapidamente do recinto. Depois se revelou que ela era membro do CPA

[Congresso Pan-africanista]... e a maneira como ela me encarou e [disse]: Sr. Mandela, estes cinco milhões de dólares que o senhor obteve do sr. Mulroney, o senhor vai usá-los para *assassinar* o seu povo? [risos]... Ah, meu Deus! Eles a trataram com muita grosseria.

9. CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE GOOSE BAY

No Canadá, em um lugar chamado Goose Bay, nós fizemos uma escala para reabastecer antes de fazer a travessia para Dublin, e quando eu estava andando para o prédio do aeroporto, vi um grupo de pessoas reunidas do outro lado da cerca e perguntei... ao funcionário que estava nos levando para o aeroporto: “Ora, mas quem são aqueles?” Ele respondeu: “São esquimós.” Pois bem, eu nunca tinha visto um esquimó antes e sempre achei que eram pessoas que vivem caçando... ursos-polares e focas... Achei que deveria ir lá e conhecer aquelas pessoas... E fiquei muito grato por tê-lo feito, pois eram jovens, adolescentes, ou jovens perto da casa dos vinte... E enquanto conversava com eles fiquei *estarecido* ao descobrir que aquela garotada era toda de estudantes do colegial e da faculdade. Eles sabiam – tinham ouvido falar que iríamos aterrissar para reabastecer e... *eu* fiquei felicíssimo por conhecê-los e tremendamente impressionado porque eles sabiam da minha libertação; tinham assistido à libertação e também tinham conhecimento de uma ou duas solenidades em que eu havia discursado. E foi uma conversa *extremamente* fascinante, exatamente porque foi *chocante*. Eu me senti *brutalmente* chocado, tomei consciência do fato de que meu conhecimento da comunidade esquimó era muito antigo e ultrapassado porque nunca imaginei que [eles] frequentassem escolas... e que fossem exatamente como nós. Eu nunca imaginei isso. Embora eu estivesse envolvido na luta, na luta pela liberdade, eu deveria ter... sabido que pessoas *de toda parte*, no mundo inteiro, mudam e saem de suas condições menos avançadas.

... Eu apreciei muito aquela conversa, mas o resultado... foi que peguei uma pneumonia... Eu [tinha vindo] de Oakland, onde a temperatura era de cerca de 40 graus, e viajado sem escalas de Oakland para Goose Bay... [onde] a temperatura era de 15 graus negativos e se podia ver neve... Por causa da mudança de clima... e de ter ficado parado ao ar livre... no frio (embora estivesse vestindo um sobretudo), quando afinal fui para o prédio do aeroporto, já tinha me resfriado. E o prédio do aeroporto era aquecido; havia uma lareira e a administradora era uma senhora – uma senhora esquimó –, mas muito moderna, sabe, uma pessoa muito culta, e que me falou sobre um de seus amigos na embaixada canadense na África do Sul. E então veio outro esquimó, um homem, que era assistente da

senhora. Ele também era uma pessoa admirável e disse: “Bem, de acordo com nossos costumes, eu tenho que lhe dar as boas-vindas com música.” E explicou. Pegou um instrumento. Era um violão, mas tradicional – o trabalho de engaste em madeira mostrava que era tradicional. E mesmo as cordas, sabe, não são dispostas da mesma maneira que as de violões ocidentais. Então ele explicou: “Bem, eu vou... Esta canção de boas-vindas fala da noite.” E então começou a tocar a música. O tom era grave, e as notas arrastadas, mas tudo muito sombrio e triste, e de repente houve uma mudança de tom. Tornou-se mais alegre; a princípio quase imperceptível. Então, à medida que ele continuava a tocar aquela canção, aquela nota alegre se tornou dominante e depois se tornou mais alegre, e mais alegre, e até a expressão facial dele foi mudando, acompanhado o ritmo da música, até que ele alcançou o clímax em que a música era muito *alegre* e muito *animada*, e foi assim que ele nos deu as boas-vindas.

10. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE TER CONTRAÍDO PNEUMONIA

Foi na Irlanda que a gripe me pegou de jeito. Eu tinha telefonado para meu médico de família, dr. Nthato Motlana, e o dr. Gecelter, o sujeito... [que] ajudou na operação a que me submeti. Eu tinha pedido a eles que se encontrassem comigo em Dublin porque não estava me sentindo bem e achava que deveria ser examinado pelas pessoas que estavam me tratando, entende? Eles me examinaram e disseram... que não havia nada grave... também fui tratado pelo... médico do primeiro-ministro em Dublin, e então discurssei para a sessão conjunta do Parlamento... Depois seguimos para Londres. Eu estava me recuperando, mas, quando ia saindo do hotel, não me dei conta de que estava chovendo... e Winnie disse para mim: “Por favor, vamos voltar para buscar seu casaco”... Eu não queria chegar atrasado ao encontro com a primeira-ministra britânica e... disse: “Não, vamos logo. Chegaremos atrasados se voltarmos.” De modo que quando entrei no carro a chuva havia me molhado um pouco. E isto piorou a situação... *Então* a pneumonia se tornou muito séria... Quando eu ia saindo encontrei um grupo de jovens, mais uma vez adolescentes, e eles queriam autógrafos, então eu disse: “Olhem, estou com pressa. Quando eu voltar dou os autógrafos.” E eles disseram: “A que horas?” E eu respondi: “Em algum momento durante a tarde.” E... me esqueci do assunto. Quando voltei, também estava apressado para outro compromisso e os encontrei lá... ainda esperando. Tinham estado lá por volta das nove horas da manhã... [e às] quatro da tarde ainda estavam esperando. Daí eu disse: “Bem, cavalheiros, sinto muito, mas estou correndo para um compromisso.” E eles responderam: “O senhor prometeu, o senhor nos deu sua palavra... sua palavra de honra. Nós esperamos

pelo senhor!”... Quando eles disseram que eu dera minha palavra de honra, achei difícil escapar, de modo que comecei a autografar... e à medida que ia autografando um de nossos homens... disse: “Não, só um.” Mas os garotos tinham esperado ali o dia inteiro... e eu autografei tudo o que eles me deram. [Alguém] me disse: “Não faça isso, eles vão vender os outros autógrafos.” [risos] É isso o que eles fazem. Eles caçam autógrafos, sabe como é, e depois saem por aí e dizem: “Você quer um autógrafo do fulano de tal? Está aqui.” Cinco... libras, ou algo assim. Acho que eles devem ter ganhado um dinheirinho [risos]...

Eu me reuni com a sra. Thatcher... por... quase três horas, e naturalmente debatemos a questão das sanções e da situação geral política da África do Sul. Ela estava interessada em nossas relações com [Mangosuthu] Buthelezi... não consegui obter *absolutamente nenhum avanço* na questão das sanções... [Eu disse] a ela que “Nós somos uma comunidade oprimida e precisamos fazer alguma coisa para pressionar o regime para que mude suas políticas. E a única pressão de natureza formidável que poderíamos exercer é a de sanções”. Não *consegui* sensibilizá-la. Mas foi muito simpática e depois tive um almoço privado com ela... Ela se mostrou muito calorosa, exatamente o contrário do que tinham me dito. Sim. E de fato eu depois tive que pedir que me desse licença, porque tinha que comparecer a outro compromisso... Mas ela pessoalmente foi muito generosa com seu tempo, e eu fiquei tremendamente impressionado com ela... Fiquei impressionado com a *força* de seu caráter – realmente uma dama de ferro...

Foi na Irlanda que eu dei a declaração de que *na* África do Sul tínhamos decidido *falar* com o regime, com o inimigo, e considerávamos que isto seguia as diretrizes estabelecidas pelas Nações Unidas... de que os Estados-membros devem tentar solucionar seus problemas por meios pacíficos. E instei o IRA [Exército Republicano Irlandês] e o governo britânico a... resolverem seus problemas pacificamente, e então me fizeram a tal pergunta na Casa dos Comuns e repeti o que tinha dito. [risos] Mas o sujeito que na verdade levantou esta questão e me criticou por ter feito esta sugestão... foi alvo de chacota e vaiado pelos outros membros do Parlamento... Ele foi vaiado. Alguns disseram: “*Besteira*”, “*Cretinice!*”. [risos]

11. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE AS RAINHAS BEATRIZ E ELIZABETH II

Eu achei a rainha holandesa uma pessoa *muito* interessante, muito inteligente, bem informada, confiante, muito acessível. Não havia nenhum protocolo

rígido... Eu passei momentos extremamente agradáveis com ela e fiquei bastante espantado com a quantidade de informações que ela tinha, e seu entusiasmo para debater os problemas do mundo... Uma senhora realmente excepcional.

[A rainha Elizabeth] é uma das monarcas de mais longo reinado do mundo e é uma grande dama. Quando se conversa com ela, percebemos um maravilhoso senso de humor... Eu a observei durante a Conferência da Commonwealth em Harare, em 1991, creio. Pediram ao dr. Mahathir, primeiro-ministro da Malásia, que fizesse um brinde e... ele disse: “Bem, costumávamos estar sob o domínio do Império Britânico e a rainha Elizabeth estava lá, e tínhamos um sultão que não governava e tínhamos um vice-rei e conselheiros cujos conselhos *tinham* que ser aceitos. Nós somos membros de uma comunidade chamada Commonwealth, em que a *wealth* [riqueza] não é comum aos associados”... Ela estava se divertindo com *todas* estas piadas, sabe... Mais tarde eu tive uma oportunidade de conversar com ela... Estava radiante e completamente à vontade. Achei que era realmente uma grande dama e também muito perspicaz. Muito perspicaz. Pode haver uma enorme formalidade em torno dela, mas... como pessoa [ela] é muito simples, muito natural. Tive uma excelente impressão dela.

12. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A VIAGEM À FRANÇA

[Eu] fui recebido pelo [presidente] François Mitterrand em grande estilo... é um equívoco pensar que os socialistas têm atitudes grosseiras. O combinado era de que eu deveria me aproximar por um lado da praça, enquanto ele se aproximaria pelo outro, e nos encontraríamos no meio da praça... Ele estava lá com Danielle [sua esposa] e eu com Winnie, e chovia. As condições do tempo eram muito difíceis, mas ele vestia... sua capa de chuva; eu vestia [a minha]... Nós nos encontramos no meio da praça, trocamos um aperto de mãos; então fomos para algo parecido com uma tenda e tivemos uma reunião lá, trocamos ideias. Eu o informei sobre a situação do país e então seguimos para um jantar...

Um dos jatos executivos foi posto à nossa disposição para irmos de Paris a Genebra. O tempo estava péssimo e... as pessoas estavam tão nervosas que eu achei que deveria fazer uma piada... Eu disse: “Se acontecer alguma coisa com minha mulher vou processar estes sujeitos.” As pessoas nem perceberam a piada; estavam aflitíssimas, mortas de preocupação por causa da turbulência, dos solavancos. Porque se alguma coisa acontecesse com o avião todos nós morreríamos e eu não teria oportunidade de entrar com ação nenhuma. Estavam num tamanho estado de nervosismo que não compreenderam a piada.

13. CONVERSA COM RICHARD STENGEL

MANDELA: O papa também é uma pessoa extraordinária.^[267] Modesto, muito *modesto*. E eu tive uma audiência com ele de cerca de trinta minutos, se não me engano. Então os outros, o resto da delegação, foram chamados, e ele nos deu medalhas e rezou por nós... Eu fiquei impressionado, sabe, porque quando estava na prisão li uma matéria... ele tinha ido passar umas férias nos Alpes... e... então estava fazendo uma caminhada com um de seus colegas e subitamente parou e disse: “A propósito, hoje é o dia do aniversário de Nelson Mandela.” Esta história foi publicada... Ele disse apenas isso: “Vocês se lembram de que o aniversário de Nelson Mandela é hoje?”

STENGEL: O papa disse isso?

MANDELA: O papa disse isso, lembrou-se disso. Portanto, ele é um homem que parece ter mais que um interesse superficial comum por nossos problemas aqui na África do Sul... Ele nos recebeu *muito* bem... Eu o informei sobre a situação, e então ele *fez* uma declaração de que apoiava plenamente a luta contra o apartheid e nos desejou sucesso e força... *Sim*, e ele é um linguista! Ele é um *linguista*. Você sabia que ele também toca violão?... Ele é um sujeito realmente maravilhoso. [risos] E, além disso, é o mais *viajado* dos papas. O *mais* viajado dos papas... Eu tive um encontro com o primeiro-ministro Andreotti. O primeiro-ministro Andreotti e eu também nos encontramos com o presidente...^[268] Como é possível que eu tenha me esquecido do nome do presidente? [risos]

14. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL

Em outro país – eu não vou mencionar o nome porque as pessoas na África são muito cheias de melindres –, em outro país tivemos a impressão, tanto quando eu estava na prisão quanto depois que saí, de que aquele era um país democrático, porque havia eleições, ou pelo menos acreditávamos que sim... Então sou bem recebido lá, tratado como chefe de Estado e assim por diante, e no *banquete* naquela noite parabenizei o presidente por ter tornado possível que a democracia fosse introduzida naquele país e pelo fato de que ele permitisse que o povo determinasse quem deveria formar o governo. Mas enquanto eu estava falando, vi algumas pessoas... sorrindo com sarcasmo... [risos] E assim perguntei a um de nossos homens: “Qual é a situação aqui?” E ele disse: “Bem, o senhor disse coisas muito simpáticas, mas o senhor sabe quantas pessoas estão na prisão aqui, por nenhum outro motivo, exceto pelo fato de fazerem oposição ao governo por métodos *pacíficos*? Elas querem desafiá-los nas eleições, e como [o governo] tem medo delas, eles as puseram na cadeia.” [risos] Muito difícil... [Agora,]

quando vou a um país, faço questão... [primeiro] de ler algum bom estudo sobre aquele país, as características *gerais* de seu sistema político e os problemas que existem.

15. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE O ENCONTRO COM FIDEL CASTRO

Fidel é um sujeito realmente impressionante... Discursamos em um comício juntos. Como é o nome daquela cidade, rapaz? Uma multidão como aquela em um país pequeno? Era uma plateia fantástica, uma multidão; acho que havia cerca de 300 mil pessoas. Todo mundo *sentado* em cadeiras. Ele falou durante cerca de três horas sem um pedaço de papel, citou números e demonstrou que a América estava falida, sabia? E *nem* uma única pessoa saiu, exceto para ir ao banheiro e voltar... Eu fiquei muito impressionado com Fidel e também com sua simplicidade – é um sujeito muito simples. Quando... eu estava desfilando com ele de carro aberto pela cidade, ele apenas sentou e cruzou os braços, e eu era a pessoa que estava acenando para a multidão... Depois de discursarmos, nós... entramos no meio da multidão; ele saiu cumprimentando todo mundo... Eu reparei que ele cumprimenta... uma pessoa branca, depois vai cumprimentar alguém de cor. Não sei se aquilo foi puramente acidental ou intencional. [Ele era] muito caloroso, conversava com as pessoas por algum tempo... Foi então que percebi que aquele entusiasmo e todos aqueles acenos na verdade não eram para mim enquanto estávamos desfilando de carro pela cidade; eram para Fidel... Ninguém estava nem um pouco interessado em mim [*risos*]... fiquei impressionado com ele.

16. DE UMA CONVERSA COM RICHARD STENGEL SOBRE A VISITA AO QUÊNIA, A UGANDA E A MOÇAMBIQUE

Tanto em Uganda como no Quênia achei o clima... muito interessante... Em Uganda o... solo é tão fértil que se pode literalmente jogar qualquer coisa na terra – uma semente – e vai pegar e crescer. Eles são autossuficientes em... coisas como frutas... e uma variedade de [outros] produtos agrícolas... [No] Quênia descobri que eles podiam plantar milho o ano inteiro... Eles tinham três, como se diz mesmo, três estágios do milho crescendo: um, o da espiga madura, o outro, o da quase madura... e o outro, da espiga pouco acima da terra... o que indicava como o clima deles é bom para a agricultura... Na África do Sul... exceto pelas fazendas em que há... irrigação suficiente, o milho é plantado uma vez por ano. Mas nós fomos *bem* recebidos em todos esses países... Eu tive reuniões com o [presidente] Chissano em Moçambique, em Maputo. Era

evidente como a guerra tinha prejudicado a economia do país. Eles estavam passando por um período difícil, mas achei que Chissano estava lidando com os problemas muito bem. E também conheci a sra. Graça Machel, esposa do falecido presidente de Moçambique, e fiquei muito contente. Foi a primeira vez em que a encontrei. Uma mulher realmente imponente e de personalidade notável. Eu passei cerca de três dias em Maputo. No dia em que estávamos de partida houve um alarme de bomba que veio da África do Sul... [Supostamente] havia uma bomba [naquele] avião... Tivemos que ser retirados do avião, eles tiveram que revistá-lo e a nossa bagagem ficou retida. Eles tiveram que revistar devidamente a bagagem e enviá-la no dia seguinte... Quando voltamos havia segurança rígida no aeroporto porque aqueles alarmistas também tinham feito uma ameaça de cuidar de mim quando eu voltasse. Mas nada aconteceu.

17. DE UM CADERNO DE ANOTAÇÕES

Conversa com o presidente George W. Bush
Casa Branca, 12 de novembro de 2001.

De quanto tempo disponho?

1.

Parabenizá-lo pela forma com que lidou com questões importantes.
Encontros com vários chefes de Estado, especialmente os presidentes Mbeki e Obasanjo.

2.

Afeganistão

Minha declaração à imprensa.

Não há possibilidade de retirada antes que B.L. [Osama bin Laden] seja capturado.

Mortes de civis são uma infelicidade, mas isto acontece em todas as guerras.

3.

Palestina – Quase 30 anos de esforços infrutíferos.

Minha proposta

Caso Arafat, uma infelicidade

4.

Burundi, aumento de financiamento^[269]

5.

Lockerbie^[270]

CAPÍTULO 14

Em casa



“A pilhagem de terras de nativos, exploração de suas riquezas minerais e outras matérias-primas brutas, o confinamento de seu povo a áreas específicas, e a restrição de seus movimentos foram, com notáveis exceções, as pedras fundamentais do colonialismo por todo o país.”

Excerto de continuação inédita da sua autobiografia; ver texto a seguir.

1. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

A pilhagem de terras de nativos, exploração de suas riquezas minerais e outras matérias-primas brutas, o confinamento de seu povo a áreas específicas, e a restrição de seus movimentos foram, com notáveis exceções, as pedras fundamentais do colonialismo por todo o país.

Esta foi a forma que o colonialismo inglês assumiu na África do Sul, e tanto é verdade que depois da aprovação da Lei da Terra de 1913, pelo governo sul-africano, uma minoria branca que mal chegava a 15% da população do país era proprietária de cerca de 87% das terras, enquanto a maioria negra – africanos, negros, e indianos – ocupava menos de 13%. Eles eram obrigados a viver na miséria e na pobreza ou a buscar emprego em fazendas de brancos, nas minas e áreas urbanas.

Quando o Partido Nacionalista assumiu o poder em 1948, os africânderes agiram com inacreditável crueldade e se empenharam em roubar dos negros até mesmo aqueles poucos direitos à terra que ainda possuíam.

Comunidades grandes e pequenas, que haviam ocupado áreas desde tempos imemoriais, onde seus ancestrais e entes queridos estavam sepultados, foram impiedosamente desalojadas e atiradas na savana quase sem vegetação, [e deixadas] lá para se virarem sozinhas. E isto foi feito por uma comunidade branca liderada por um infame clérigo e seus sucessores, que usaram seus conhecimentos e religião para cometer várias atrocidades contra a maioria negra que eram proibidas por Deus. Entretanto, hipocritamente eles afirmavam que seus planos malignos eram inspirados por Deus.

(Citação: Sol Plaatje sobre a Lei da Terra de 1913)

2. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE A PRESSÃO DE SER RECONHECIDO

MANDELA: Ah, a propósito, eu lhe contei que um dia andei de Lower Houghton até a casa de Michael? Michael Harmel e Eli Weinberg?^[271]

KATHRADA: Naquela época?

MANDELA: ... Não, estou dizendo que fiz uma caminhada no domingo passado. Andei de Lower Houghton até as casas deles, as antigas casas.

KATHRADA: Nossa.

MANDELA: Bom, é claro que a casa de Michael agora é de outra pessoa, mas consegui descobrir qual era e encontrá-la.

KATHRADA: A casa de Weinberg ainda está lá.

MANDELA: Claro que está lá.

KATHRADA: Sheila ainda mora lá. [\[272\]](#)

MANDELA: E Sheila apareceu enquanto eu estava lá, porque havia – havia dúvidas porque agora a casa tem uma cerca diferente, sabe, com postes...

KATHRADA: *Sim.*

MANDELA: ... essas coisas. Mas eu tinha certeza de que aquela era a casa, e então, enquanto eu ainda estava lá, uma senhora idosa se aproximou e disse: “Não, esta é a antiga casa de Michael Harmel”, e então Sheila também veio se juntar a nós.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Huumm.

KATHRADA: Espero que você estivesse com a sua segurança.

MANDELA: ... Sim... a polícia e a segurança estavam lá.

KATHRADA: Ah. E fica muito longe ir até lá?

MANDELA: Eu levei cerca de pouco mais de uma hora para chegar.

KATHRADA: É uma distância e tanto.

MANDELA: É uma boa distância. Mas eu estava andando bem devagar, sem pressa nenhuma.

KATHRADA: Mas isso não chama muita atenção?

MANDELA: Aai, céus! Não fale nisso, não fale nisso.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Você sabe, esta é uma vida difícil.

KATHRADA: *É.*

MANDELA: Não poder fazer as coisas que se quer.

KATHRADA: *É, é muito...*

MANDELA: Porque fazer caminhadas é uma coisa de que eu gosto. Agora é difícil. Mas é melhor aqui... em Westbrook, porque o pátio em si é...

KATHRADA: É muito grande, sei.

3. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE AGENTES DE POLÍCIA

KATHRADA: Você sabe aquele dia em que fomos a Howick?

MANDELA: Ahã.

KATHRADA: Aquele coronel que estava lá... *ele* me contou que Van Wyk agora é fazendeiro. Contou-me até onde ele estava, mas agora não me lembro.

MANDELA: É mesmo?

KATHRADA: Mhum.

MANDELA: Bem, você sabe que ele fez declarações muito boas.

KATHRADA: No *Sunday Times*?

MANDELA: Hum-hum.

KATHRADA: Nas quais ele disse que estaria pronto para servir sob o comando de Mandela.

MANDELA: Exato, isso mesmo.

KATHRADA: Que ele se sentiria “honrado” por servir...

MANDELA: Mmh. É bom ver estes sujeitos. Dirker morreu, não é?

KATHRADA: Não, ele está vivinho... Um jornalista qualquer foi vê-lo.

MANDELA: É mesmo?

KATHRADA: E ele [Dirker] perguntou: “Olhe, o senhor é membro do AWB [Movimento de Resistência Africânder]?” [O jornalista] respondeu que não... [Dirker disse]: “Então não quero falar com o senhor.”

MANDELA: Ele é do AWB?

KATHRADA: *Sim*. Bem, Dirker não poderia ser outra coisa.

MANDELA: É verdade.

KATHRADA: Ele... está em Oudtshoorn. Você sabia que ele era de Oudtshoorn...

MANDELA: Ele também agora é fazendeiro? Ou...

KATHRADA: Eu não sei se é fazendeiro, mas está em Oudtshoorn... Aquele sujeito era um homem muito brutamontes.

MANDELA: Puxa vida. E o que aconteceu com Kruger? Você sabe?

KATHRADA: Não sei de nada. Não ouvi nenhuma notícia.

MANDELA: Não, mas este é um sujeito que eu quero ver, rapaz.

KATHRADA: Ele era um sujeito muito decente.

MANDELA: Verdade.

KATHRADA: Seria bom se um dia pudéssemos encontrar alguns desses velhos agentes das forças especiais; eles nos diriam quem está onde...

MANDELA: *Quem* poderíamos encontrar? Porque, você sabe, é um ato de tamanha generosidade... dizer a estes sujeitos: vamos comer um *braai* [churrasco]?

KATHRADA: Exatamente. Isto, isto é exatamente o que está me passando pela cabeça agora. Se pudéssemos inventar uma pequena cerimônia em que pudéssemos convidar aqueles sujeitos, policiais, carcereiros, sabe? Se pudéssemos encontrá-los, seria um gesto muito simpático.

MANDELA: Sem dúvida... E, se você me lembrar, na quarta-feira posso pedir ao [general] Van der Merwe... para vir falar comigo e incumbi-lo da tarefa de encontrar estas pessoas, sabe?...

KATHRADA: Isto seria ótimo.

MANDELA: É verdade. Ah, e tenho certeza de que o Dirker viria...

KATHRADA: É claro que agora ele viria...

MANDELA: E o velho Van Wyk. E que foi feito daquela besta, o Swanepoel; ele ainda está vivo?

KATHRADA: Está... Não sei se você ainda se lembra. Houve uma invasão da embaixada israelense na Fox Street? Em 1967, [19]68?

MANDELA: Ah, sei, sei, lembro. É verdade.

KATHRADA: Houve um cerco.

MANDELA: É verdade, isso mesmo.

KATHRADA: Em que algumas pessoas invadiram... [E] ocuparam a embaixada... e então houve troca de tiros ou...

MANDELA: Sim, isso mesmo, eu me lembro disso.

KATHRADA: ... Swanepoel estava no comando [da operação policial] e um homem foi condenado a vinte anos ou coisa assim. Então depois [ele] foi solto e foi visitar Swanepoel, e Swanepoel diz... que ele se tornou um membro da família... que ia sempre visitar, e agora estava querendo saber o que tinha sido feito do sujeito, ele não o visitava há muito tempo, o que aconteceu com... este sujeito...

MANDELA: Rapaz, seria muito bom convidar estes sujeitos.

KATHRADA: É. Mesmo Swanepoel. Por que não?

MANDELA: Sim, sim...

KATHRADA: Mas temos que pensar no assunto porque existe um bocado de hostilidade contra Swanepoel, hein?

MANDELA: É verdade.

KATHRADA: E também existe hostilidade contra outras pessoas que torturaram... o nosso pessoal.

MANDELA: É verdade.

KATHRADA: Um sujeito como o Mac [Maharaj], por exemplo. Não sei se ele concordaria [em vir], porque Swanepoel...

MANDELA: O torturou?

KATHRADA: *Sim...* Andimba [Toivo ja Toivo], e de maneira terrível. [\[273\]](#)

MANDELA: Humm.

KATHRADA: O Zeph [Mothopeng]. [\[274\]](#)

MANDELA: Sim.

KATHRADA: Uma porção de gente foi torturada por ele.

MANDELA: Hummm.

4. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE EXAGEROS

KATHRADA: Aha. OK. Então na página 156 [do rascunho de *Longo caminho para a liberdade*]... “Agora as forças de segurança sul-africanas saberiam exatamente onde eu estava, que era precisamente o que nós queríamos.” Agora, numa parte mais adiante deste capítulo você está falando de sua viagem à Inglaterra, onde você não queria que as pessoas soubessem.

MANDELA: Não, isso é um exagero... que era o que nós queríamos. Nunca quisemos isso.

KATHRADA: Ahã.

MANDELA: Apenas exclua isso.

KATHRADA: OK.

MANDELA: Você vê só, esta questão de dramatizar as coisas, mesmo quando elas não estão corretas...

KATHRADA: Ahã.

MANDELA: ... é uma coisa típica americana.

5. CONVERSA COM AHMED KATHRADA SOBRE ASSUNTOS PESSOAIS

KATHRADA: Então [na página] 115 [do rascunho de *Longo caminho para a liberdade*]: “Como Winnie reagiu à sua declaração de que queria se casar com ela – você queria que ela se casasse com você? Deve ter sido muito surpreendente?”

MANDELA: Não, eu disse a eles que não falaria de assuntos pessoais.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Diga que não vou responder a esta pergunta.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: Eu disse isso a eles.

KATHRADA: OK.

MANDELA: Ou diga apenas que eu não me lembro.

KATHRADA: Ah.

MANDELA: E que eu não quero falar neste assunto porque eles poderiam responder com suas próprias palavras.

KATHRADA: Então a última pergunta: “Como a sua família reagiu ao seu divórcio e a seu novo casamento?”

MANDELA: Não, não vou responder a esta pergunta.

KATHRADA: De novo, é?

MANDELA: Hum-hum. Não vou responder a esta pergunta.

6. DE UM ARQUIVO PESSOAL – NOTAS SOBRE UMA REUNIÃO EM ARUSHA, NA TANZÂNIA, DURANTE O PROCESSO DE PAZ DO BURUNDI, EM 16 DE JANEIRO DE 2000

Poucas das partes envolvidas na negociação, se é que alguma, parecem ter aprendido a arte de fazer concessões. A inflexibilidade por parte de certos envolvidos inevitavelmente tornará difícil obter as concessões necessárias para um acordo viável... Existe uma percepção profundamente entranhada, que é compartilhada até por alguns analistas políticos altamente experientes e imparciais, de que o verdadeiro problema do Burundi é a falta de uma liderança dinâmica que compreenda a importância da unidade nacional, da paz e da reconciliação, uma liderança dotada de visão e que se comova com o massacre de civis inocentes.

Não sei se esta percepção é acurada ou não. Vou decidir a questão à medida que continuarmos juntos a buscar uma fórmula para a paz e a estabilidade. Eu acredito que todos vocês sejam capazes de corresponder às expectativas e de enfrentar os enormes desafios por que passa seu país. O fato de terem emergido como líderes de seu país, quaisquer que tenham sido os erros que cometeram e as fraquezas que revelaram em suas crenças e atos, prova que todos vocês são formadores de opinião que estão preocupados com os acontecimentos trágicos que resultaram no sacrifício de milhares de pessoas de seu povo.

Mas o fracasso de chegar a um acordo em muitas questões essenciais, as numerosas dissidências em suas organizações políticas, a falta de um sentido de urgência, numa situação que requer iniciativas ousadas, é indubitavelmente uma acusação que pesa contra todos vocês... Fazer concessões é a arte da liderança e as concessões são feitas ao seu adversário, não ao seu amigo. De um estudo da situação de vocês pareceria que todos vocês estiveram assumindo posições radicais só para aparecer, se mostrando inflexíveis, se concentrando em manobrar para desacreditar ou enfraquecer seus inimigos. Praticamente nenhum de vocês se concentrou em atrair atenção para aquelas questões que unem vocês e o seu povo.

Pelo estudo da história mais recente de seu país, vocês parecem desconhecer totalmente os princípios fundamentais que deveriam motivar todo líder.

- a) De que existem bons homens e mulheres em todas as comunidades. Em particular de que existem bons homens e mulheres entre os hutus, os tutsis e os twa; de que o dever de um verdadeiro líder é identificar estes bons

homens e mulheres e atribuir-lhes tarefas que sirvam à comunidade.

b) De que um verdadeiro líder deve trabalhar arduamente para diminuir as tensões, especialmente quando está lidando com questões delicadas e complicadas. Extremistas normalmente vicejam quando há tensão, e a emoção pura tende a sobrepujar o pensamento racional.

c) Um verdadeiro líder usa todas as questões, por mais sérias e delicadas que sejam, para assegurar que ao fim do debate emergjamos mais fortes e mais unidos do que antes.

d) Em toda disputa finalmente se chega a um ponto em que nenhuma das partes está totalmente certa ou totalmente errada. Em que fazer concessões é a única alternativa para aqueles que desejam seriamente a paz e a estabilidade.

Draft.

16. 10. 98

The Presidential years.

Chapter one.

Men and women, all over the ^{world} years, right down the centuries, come and go.

Some leave nothing behind, not even their names. It would seem that they never existed at all.

Others do leave something behind: the haunting memory of the evil deeds they committed against other people; gross violation of human rights, not only limited to oppression and exploitation ~~but~~ of ethnic minorities or vice versa, but ^{who} even resort to ~~murder~~ ^{genocide} in order to maintain their dominant horrendous policies.

The moral decay of some communities in various parts of the world ^{among others} reveals itself in the use of the name of God to justify the maintenance of actions which are condemned by the entire world as crimes against humanity.

Among the multitude of those who have throughout history committed themselves to the struggle for justice in all its implications, are some of those who have commanded

2.

unvincible liberation armies who waged stirring operations and sacrificed enormously in order to free their people from the yoke of oppression, and to better their lives by creating jobs, building houses, schools, hospitals, introducing electricity, and ~~of~~ bringing water clean and healthy water to people especially in the rural areas. Their aim was to remove the gap between the rich and the poor, the educated and uneducated, the healthy and ^{those} afflicted by preventable diseases.

Indeed when reactionary regimes were ultimately toppled, the liberators tried to the best of their ability and within the limits of their resources to carry out these noble objectives and to introduce clean government free of all forms of corruption. Almost every member of the oppressed group was full of hope that their cherished dreams would at last be realized, that they would in due course regain the human dignity denied to them for decades and even centuries.

But history never stops to play tricks even with seasoned ^{& world famous} freedom fighters. Frequently ~~in history~~ erstwhile revolutionaries have easily succumbed to greed, and the tendency to divert public resources for

personal enrichment ultimately overwhelmed them. By amassing vast personal wealth, and by betraying the noble objectives which made them famous, they virtually deserted the masses of the people and joined the former oppressors, who enriched themselves by mercilessly robbing the poorest of the poor.

There is universal respect ^{and even admiration} for those who are humble and simple ^{by nature}, and who have absolute confidence in all human beings irrespective of their ^{known and unknown} social status. These are men and women who have declared total war against all forms of gross violation of human rights wherever in the world such excesses occur.

They are generally optimistic, believing that, in every community in the world, there are good men and women who believe in peace as the most powerful weapon in the search for lasting solutions. The actual situation on the ground may justify the use of violence which even good men and women may find it difficult to avoid. But even in such

Cases The use of force would be an exceptional measure whose primary aim is to create the necessary environment for peaceful solutions. It is such good men and women who are ^{and achievements} the hope of the world. Their efforts are recognised ^{beyond the grave, even} far beyond the borders of their countries, ~~beyond the grave~~. They become immortal.

My general impression, after reading several autobiographies, is that an autobiography is not merely a catalogue of events and experiences in which a person has been involved, but that it also serves as some blue print on which others may well model ~~their~~ own lives.

This book has no such pretensions as it has nothing to leave behind. As a young man I was the combined all the weaknesses, errors and indiscretions of a country ~~boy~~ ^{boy}; whose range of ^{vision and} experience was influenced mainly by events in the area in which I grew up and the colleges to which I was sent. ^{I was rich on arrogance in order to hide my weakness} As an adult my comrades raised me ~~from~~ ^{from} and obscurely other fellow prisoners, with some significant exceptions, from obscurity to either a ^{doggy} ~~devil~~ or hero. enigma, although the aura of being one of the world's ~~biggest~~ serving prisoners near totally evaporated.

One issue that deeply worried me in prison was the false image ^{that} ~~was~~ unwittingly projected to the outside world; ^{outside prison} of being regarded as a saint. I never was one even on the basis of an earthly definition of a saint as a sinner who keeps on trying.

7. DA CONTINUAÇÃO INÉDITA DE SUA AUTOBIOGRAFIA

Rascunho.

16.10.98

Os Anos da Presidência.

Capítulo Um.

Homens e mulheres, de toda parte do mundo, ao longo dos séculos, vêm e vão.

Alguns não deixam nada para trás, nem sequer seus nomes. Parece que nunca existiram.

Outros deixam alguma coisa: a lembrança persistente das maldades que cometeram contra outras pessoas; em gritante violação dos direitos humanos, não apenas limitada à opressão e à exploração de minorias étnicas ou vice-versa, mas que até fazem uso do genocídio para manter suas políticas medonhas.

A decadência moral de algumas comunidades em várias partes do mundo se sobressai entre outras pelo uso do nome de Deus para justificar a manutenção de ações que são condenadas pelo mundo inteiro como crimes contra a humanidade.

Dentre a multidão daqueles que ao longo da história se dedicaram à luta pela justiça em todas as suas implicações estão alguns daqueles que comandaram exércitos de libertação invencíveis que se empenharam em operações impressionantes e se sacrificaram imensamente de modo a libertar seu povo do jugo da opressão, a melhorar a vida de seu povo por meio da criação de empregos, construção de casas, escolas, hospitais, pela introdução da eletricidade e ao trazer água limpa e saudável para as populações, especialmente das áreas rurais. A meta deles era remover o abismo entre ricos e pobres, instruídos e não instruídos, os que têm saúde e aqueles que sofrem de doenças que podem ser prevenidas.

De fato, quando regimes reacionários são finalmente derrubados, os libertadores tentaram da melhor maneira que podiam e dentro dos limites de seus recursos realizar estes nobres objetivos e introduzir um governo limpo, livre de todas as formas de corrupção. Quase todo indivíduo do grupo oprimido acalentava a esperança de que seus sonhos afinal seriam realizados, de que eles por fim recuperariam a dignidade humana que lhes havia sido negada por décadas e até mesmo séculos.

Mas a história nunca para de pregar peças, mesmo nos mais experientes e mundialmente famosos combatentes da liberdade. Com frequência, revolucionários do passado sucumbiram facilmente à ganância, e a tendência de desviar recursos públicos para o enriquecimento pessoal finalmente os dominou. Ao acumular vasta riqueza pessoal e ao trair os objetivos que os tornaram

famosos, eles virtualmente desertaram do povo e se juntaram aos antigos opressores, que enriqueceram ao impiedosamente roubarem dos mais pobres dos pobres.

Existe respeito universal e até admiração por aqueles que são humildes e simples por natureza, e que têm absoluta confiança em todos os seres humanos independentemente de sua posição social. Estes são homens e mulheres, conhecidos e desconhecidos, que declararam guerra total a todas as formas de brutal violação de direitos humanos onde quer que tais excessos ocorram no mundo.

Eles são geralmente otimistas, acreditando que, em toda comunidade no mundo, existam bons homens e mulheres que acreditam na paz como a mais poderosa das armas na busca por soluções duradouras. A verdadeira situação em campo pode justificar o uso de violência que mesmo bons homens e mulheres podem achar difícil de evitar. Mas mesmo nesses casos o uso da força seria uma medida excepcional, cujo objetivo básico é criar o ambiente necessário para soluções pacíficas. São esses bons homens e mulheres que são a esperança do mundo. Seus esforços e conquistas são reconhecidos mesmo depois de sua morte, e mesmo muito além das fronteiras de seus países, eles se tornam imortais.

Minha impressão geral, depois de ter lido várias autobiografias, é de que uma autobiografia não é apenas um repertório de acontecimentos e experiências em que uma pessoa se envolveu, mas que também serve como uma espécie de projeto sobre o qual outros podem pautar suas próprias vidas.

O presente livro não possui essa pretensão, uma vez que não tem nada para deixar para trás. Quando jovem eu... tinha todas as fraquezas, erros e indiscrições de um garoto do campo, cuja amplitude de visão e experiência era influenciada principalmente por acontecimentos na área em que fui criado e nos colégios para os quais fui mandado. Eu me apoiei na arrogância para esconder minhas fraquezas. Quando adulto, meus companheiros me elevaram e a outros companheiros prisioneiros, com algumas exceções importantes, da obscuridade a um monstro imaginário ou um enigma, embora a aura de ser um dos presos cumprindo pena de mais longa data do mundo nunca tenha totalmente evaporado.

Uma questão que me preocupou profundamente na prisão foi a falsa imagem que involuntariamente eu projetava para o mundo exterior, a de ser considerado um santo. Eu nunca fui santo, nem mesmo com base na definição mais mundana de um santo, a de um pecador que continua tentando.

Informações adicionais

APÊNDICE A

Cronologia

1918:

Rolihlahla Mandela nasce em 18 de julho na aldeia de Mvezo, em Transkei, filho de Nosekeni Fanny e Nkosi Mphakanyiswa Gadla Mandela.

1925:

Frequenta a escola primária perto da cidadezinha de Qunu. Seu professor lhe dá o nome de “Nelson”.

1927:

Depois da morte do pai, Mandela é entregue aos cuidados do chefe Jongintaba Dalindyebo, regente do povo thembu. Ele vai viver com o chefe em Mqhekezweni, na “corte” do rei.

1934:

Passa pelo tradicional ritual de circuncisão, sendo iniciado na vida adulta. Frequenta o Instituto Clarkebury, em Engcobo.

1937:

Frequenta Healdtown, colégio metodista em Fort Beaufort.

1939:

Matricula-se na Universidade de Fort Hare, em Alice, a única universidade negra da África do Sul. Conhece Oliver Tambo.

1940:

Expulso de Fort Hare por participar de atos de protesto.

1941:

Escapa de um casamento arranjado e muda-se para Johannesburg, onde

encontra trabalho nas minas de ouro como vigia noturno. Conhece Walter Sisulu, que lhe consegue um emprego como auxiliar no escritório de advocacia Witkin, Sidelsky & Eidelman.

1942:

Continua a estudar para conseguir o diploma de bacharel em Artes (BA) por correspondência pela Universidade da África do Sul (UNISA). Começa a frequentar informalmente as sessões do Congresso Nacional Africano (CNA).

1943:

Formado em Artes, matricula-se para graduar-se em Direito na Universidade de Witwatersrand.

1944:

É cofundador da Liga da Juventude do CNA (ANCYL). Casa-se com Evelyn Ntoko Mase e tem quatro filhos: Thembekile (1945-1969); Makaziwe (1947), que morreu com nove meses; Makgatho (1950-2005) e Makaziwe (1954).

1948:

Eleito secretário nacional da ANCYL e executivo nacional do Transvaal do CNA.

1951:

Eleito presidente da ANCYL.

1952:

Eleito presidente do CNA da província do Transvaal e é automaticamente vice-presidente do CNA. Porta-voz e chefe nacional da Campanha do Desafio, que tem início em 26 de junho de 1952. É preso em várias ocasiões e passa vários dias na cadeia. É condenado com outros 19 pela Lei de Repressão ao Comunismo e sentenciado a nove meses de prisão com trabalhos forçados, suspenso por dois anos, e também recebe a primeira de uma série de ordens de interdição que o proíbem de participar de qualquer atividade política. Com Oliver Tambo abre o escritório de advocacia Mandela & Tambo, o primeiro de africanos na África do Sul.

1953:

Cria o Plano M para as futuras operações clandestinas do CNA.

1955:

A Carta da Liberdade é adotada no Congresso do Povo em Kliptown. Mandela, juntamente com outros companheiros perseguidos, acompanha os trabalhos em segredo, do terraço de uma loja nas proximidades.

1956:

Preso e acusado de traição juntamente com 155 membros da Aliança do Congresso. O julgamento prossegue por quatro anos e meio.

1958:

Divorcia-se de Evelyn Mase. Casa-se com Nomzamo Winifred Madikizela e eles têm duas filhas: Zenani (1959) e Zindziswa (1960).

1960:

Depois do Massacre de Sharpeville, em 21 de março, o governo declara estado de emergência e Mandela é preso. Em 8 de abril, o CNA e o Congresso Pan-africanista são proibidos.

1961:

Absolvido no último grupo de trinta no Julgamento por Traição de 1956; todos os outros acusados tiveram as acusações retiradas em diferentes estágios do julgamento. Em abril, Mandela entra na clandestinidade, aparece no Congresso Africano em Pietermaritzburgo como principal orador e exige que uma convenção nacional redija uma nova Constituição para a África do Sul. Em junho o braço armado do CNA, Umkhonto we Sizwe (MK), é formado com Mandela como seu primeiro comandante em chefe e lançado em 16 de dezembro com uma série de explosões.

1962:

Em janeiro, Mandela deixa a África do Sul para passar por treinamento militar e

reunir apoio para o CNA. Ele deixa o país clandestinamente através de Botsuana (então Bechuanaland) e de lá volta para a África do Sul em julho. Recebe treinamento militar na Etiópia e no Marrocos, perto da fronteira com a Argélia. No total, visita 12 países africanos e também passa duas semanas em Londres com Oliver Tambo. Em 5 de agosto é preso perto de Howick, em KwaZulu-Natal, e é sentenciado a cinco anos de prisão em 7 de novembro, por deixar o país sem passaporte e por incitar os trabalhadores à greve.

1963:

Mandela é transferido para a penitenciária da Ilha de Robben em maio, antes de ser subitamente devolvido à Prisão Central de Pretória duas semanas depois. Em 11 de julho, a polícia invade a Liliesleaf Farm, em Rivonia, e prende quase todo o alto-comando do MK. Em outubro, Mandela vai a julgamento por sabotagem com nove outros, naquele que ficou conhecido como Julgamento de Rivonia. James Kantor tem as acusações retiradas, e Rusty Bernstein é inocentado.

1964:

Em junho, Mandela, Walter Sisulu, Ahmed Kathrada, Govan Mbeki, Raymond Mhlaba, Denis Goldberg, Andrew Mlangeni e Elias Motsoaledi são presos e sentenciados à prisão perpétua. Com exceção de Goldberg, que cumpre sua sentença em Pretória, todos são levados à prisão da Ilha de Robben.

1968:

A mãe de Mandela morre em 26 de setembro. Seu pedido para comparecer ao funeral é recusado.

1969:

Madiba Thembekile (Thembi), o filho mais velho de Mandela, morre em um acidente de carro em 13 de julho. A carta de Mandela às autoridades da prisão, pedindo permissão para comparecer ao funeral, é ignorada.

1975:

Começa, em segredo, a escrever sua autobiografia. Sisulu e Kathrada revisam o manuscrito e fazem comentários. Mac Maharaj e Laloo Chiba fazem a transcrição para uma letra diminuta, e Chiba esconde o manuscrito dentro dos

livros de exercícios de Maharaj, que o leva para fora da prisão quando é libertado em 1976.

1982:

Mandela, Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Andrew Mlangeni e, mais tarde, Kathrada, são transferidos para a penitenciária de Pollsmoor. Eles dividem uma grande cela comum no último andar de um pavilhão.

1984:

Rejeita uma oferta de seu sobrinho K.D. Matanzima, presidente do chamado Estado independente (ou bantustão) de Transkei, para ser libertado em Transkei.

1985:

Rejeita a oferta do presidente P.W. Botha para libertá-lo se ele renunciar à violência como estratégia política. Em 10 de fevereiro sua declaração de rejeição é lida para um grupo de pessoas no Soweto por sua filha Zindzi. Em novembro, Mandela é submetido a uma cirurgia na próstata no Volks Hospital. É visitado no hospital por Kobie Coetsee, ministro da Justiça. Na volta à prisão, é mantido sozinho. Inicia conversas com membros do governo sobre a criação de condições para negociações com o CNA.

1988:

Um concerto de música pop de 12 horas para comemorar os 70 anos de Mandela, realizado no estádio de Wembley, em Londres, é transmitido para 67 países. Contrai tuberculose e é internado no Hospital Tygerberg, e depois na Clínica Constantiaberg. Recebe alta em dezembro e é transferido para a Penitenciária Victor Verster, perto de Paarl.

1989:

Forma-se em Direito pela Universidade da África do Sul.

1990:

O CNA é retirado da ilegalidade em 2 de fevereiro. Mandela é libertado da prisão em 11 de fevereiro.

1991:

Eleito presidente na primeira conferência nacional do CNA na África do Sul desde sua proibição em 1960.

1993:

Recebe, com o presidente F.W. de Klerk, o Prêmio Nobel da Paz.

1994:

Em 27 de abril vota pela primeira vez na vida nas primeiras eleições democráticas da África do Sul. Em 9 de maio é eleito o primeiro presidente de uma África do Sul democrática. Em 10 de maio toma posse em Pretória. É publicada sua autobiografia, *Longo caminho para a liberdade*.

1996:

Divorcia-se de Winnie Mandela.

1998:

Aos 80 anos, casa-se com Graça Machel.

1999:

Desiste de se candidatar à reeleição depois de cumprir um mandato como presidente.

2001:

Diagnosticado com câncer de próstata.

2004:

Anuncia que está deixando a vida pública.

2005:

Makgatho, segundo filho de Mandela, morre em janeiro. Mandela anuncia publicamente que ele morreu de complicações da AIDS.

2006:

Publica o livro *Mandela: The Authorized Portrait*.

2007:

Testemunha a posse do neto Mandla Mandela como presidente do Conselho Tradicional de Mvezo.

2008:

Completa 90 anos. Pede que as novas gerações continuem a luta por justiça social.

2009:

O aniversário de Mandela, 18 de julho, é estabelecido pela ONU como Dia Internacional de Nelson Mandela.

2010:

Sua bisneta, Zenani Mandela, morre em um acidente de carro em junho.

APÊNDICE B

Mapa da África do Sul, c. 1996



Província: Cabo Leste

Cidade/vila	Descrição
Mvezo	Lugar de nascimento de Mandela.
Qunu	Vila em que Mandela viveu quando criança e onde construiu uma casa depois de libertado da prisão.
Mqhekezweni	Lugar para onde Mandela se mudou quando tinha por volta de nove anos.
Engcobo	Instituto Clarkebury, onde Mandela concluiu o ensino médio.
Fort Beaufort	Frequentou o colégio metodista de Healdtown.
Alice	Frequentou a Universidade de Fort Hare.

Província: Gauteng

Cidade/vila	Descrição
Johannesburgo	Mudou-se para Johannesburgo em abril de 1941. Viveu em Alexandra e no Soweto antes de ser preso.
	Viveu no Soweto e em Houghton depois de libertado.
	Viveu em Houghton durante a Presidência e depois de aposentado.
Kliptown	Carta da Liberdade adotada pelo Congresso do Povo em 1955.
Pretória	Prisão Central de Pretória, 1962-1963, 1963-1964. Local do seu julgamento em 1962 e do Julgamento de Rivonia. Tomou posse como presidente, em maio de 1994. Escritórios nos Union Buildings enquanto presidente, 1994-1999.
Sharpeville	Massacre de Sharpeville, 21 de março de 1960.
Rivonia	Liliesleaf Farm, casa que serviu de célula clandestina do movimento.

Província: KwaZulu-Natal

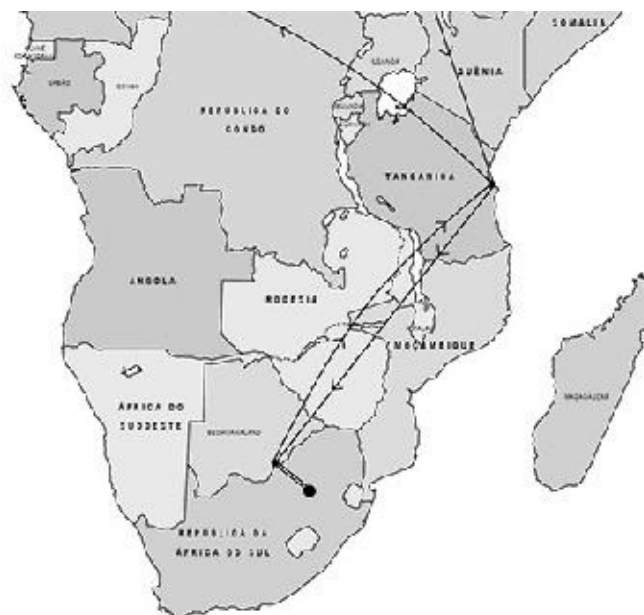
Cidade/vila	Descrição
Pietermaritzburgo	Conferência Africana, 22 de março de 1961.
Howick	Preso em 5 de agosto de 1962.

Província: Cabo Oeste

Cidade/vila	Descrição
Ilha de Robben	Preso na Ilha de Robben por duas semanas em maio de 1963 e por 18 anos de 13 de junho de 1964 a 30 de março de 1982.
Cidade do Cabo	Preso na Prisão de Pollsmoor de março de 1982 a agosto de 1988.
	Internado no Hospital Tygerberg, 1988.
	Internado na Clínica Constantiaberg, 1988.
	Escritório e casa quando presidente, 1994-1999.
Paarl	Preso na Prisão de Victor Verster de dezembro de 1988 a 11 de fevereiro de 1990.

[illegible]





Países visitados (com cidades específicas quando conhecidas)

Bechuanaland (Lobatse, Kasane)	Chegou em 11 de janeiro de 1962
Tanganica (Mbeya, Dar es Salaam)	Chegou em 21 de janeiro de 1962
Nigéria (Lagos)	Chegou em 25 de janeiro de 1962
Etiópia (Adis-Abeba)	Chegou em 30 de janeiro de 1962
Egito (Cairo)	Chegou em 12 de fevereiro de 1962
Líbia (Trípoli)	Chegou em 25 de fevereiro de 1962
Tunísia (Túnis)	Chegou em 27 de fevereiro de 1962
Marrocos (Casablanca, Rabat, Oujda)	Chegou em 6 de março de 1962
Mali (Bamako)	Chegou em 28 de março de 1962
Guiné Francesa (Conakry)	Chegou em 12 de abril de 1962
Serra Leoa (Freetown)	Chegou em 16 de abril de 1962
Libéria (Monróvia)	Chegou em 19 de abril de 1962
Gana (Acra)	Chegou em 27 de abril de 1962
Nigéria (Lagos)	Chegou em 17 de maio de 1962
Gana (Acra)	Chegou em 27 de maio de 1962 (escala de 45 minutos)
Libéria (Monróvia)	Chegou em 27 de maio de 1962
Guiné Francesa (Conakry)	Chegou em 28 de maio de 1962
Senegal (Dacar)	Chegou em 1º de junho de 1962
Reino Unido (Londres)	Chegou em 7 de junho de 1962
Sudão (Cartum)	Chegou em 19 de junho de 1962
Etiópia (Adis-Abeba)	Chegou em 26 de junho de 1962
Sudão (Cartum)	Chegou em 1962, data desconhecida
Tanganica (Dar es Salaam, Mbeya)	Chegou em 1962, data desconhecida
Bechuanaland (Kanye, Lobatse)	Chegou em 1962, data desconhecida

APÊNDICE C

Abreviações para organizações

AAC	All-African Convention [Convenção Africana]
ANCWL	Liga das Mulheres do Congresso Nacional Africano
ANCYL	Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano
APDUSA	União Democrática do Povo Africano da África do Sul
CNA	Congresso Nacional Africano (SANNC antes de 1923)
COD	Congresso dos Democratas
COSATU	Congresso dos Sindicatos Trabalhistas Sul-Africanos
CPA	Congresso Pan-Africanista
CPC	Congresso das Pessoas de Cor
CPSA	Partido Comunista da África do Sul (SACP depois de 1953)
FDU	Frente Democrática Unida
FEDSAW	Federação das Mulheres Sul-Africanas
IFP	Partido da Liberdade Inkatha
MK	Umkhonto we Sizwe
NEUF	Frente Unida Não Europeia
NEUM	Movimento da Unidade Não Europeia
NIC	Congresso Indiano de Natal
SACP	Partido Comunista Sul-Africano (CPSA antes de 1953)
SACTU	Congresso Sul-Africano de Sindicatos Trabalhistas
SAIC	Congresso Indiano Sul-Africano
SANNC	Congresso de Nativos Sul-Africanos de Natal (CNA depois de 1923)
TIC	Congresso Indiano do Transvaal

APÊNDICE D

Pessoas, lugares e eventos

Abdurahman, Abdullah

(1872-1940) Médico, político e ativista anti-apartheid. Pai de Cissie Gool. Primeiro negro a ser eleito para a Câmara Municipal da Cidade do Cabo e para o Conselho Provincial do Cabo. Presidente da Organização Política Africana (APO). Agraciado postumamente com a Ordem por Serviços Meritórios, Classe 1 (Ouro), por Mandela, em 1999, por seu trabalho contra a opressão racial.

Alexander, dr. Neville

(1936-) Acadêmico, político e ativista anti-apartheid. Fundador da Frente Nacional de Libertação (FNL) contra o governo do apartheid. Condenado por sabotagem em 1962, ficou preso na Ilha de Robben por dez anos. Agraciado em 2008 com o prêmio Lingua Pax por sua contribuição para a promoção do multilinguismo na África do Sul pós-apartheid.

Aliança do Congresso

Estabelecida na década de 1950 e composta pelo CNA, SAIC, COD e a Organização das Pessoas de Cor (mais tarde CPC). Quando o SACTU foi criado em 1955, tornou-se o quinto membro da Aliança. A Aliança foi importante na organização do Congresso do Povo e na mobilização de cláusulas para inclusão na Carta da Liberdade.

Asvat, dra. Zainab

(1923-) Ativista anti-apartheid. Presa por sua participação na Campanha de Resistência Passiva de 1946. Uma das primeiras mulheres eleitas para o executivo do Congresso Indiano do Transvaal (TIC) em 1946. Sofreu interdições por cinco anos em 1963 e, quando expirou a ordem de interdição, foi para Londres mediante uma permissão de saída. Ebrahim Asvat, seu pai, participou das campanhas de resistência passiva de Gandhi. Em 1918, ele foi eleito presidente do conselho da Associação Britânico-Indiana do Transvaal.

Autshumao (pronunciado por Mandela como Autshumayo)

Líder khoikhoi falecido em 1663. Aprendeu inglês e holandês e trabalhou como intérprete durante a colonização do Cabo da Boa Esperança em 1652. Ele e dois dos seus seguidores foram banidos por Jan van Riebeeck para a Ilha de Robben

em 1658, depois de promoverem guerra contra os colonizadores holandeses. Foi um dos primeiros presos da Ilha de Robben e o único a fugir de lá com sucesso.

Barnard, dr. Lukas (Niël)

(1949-) Acadêmico. Professor de Estudos Políticos na Universidade do Estado Livre de Orange, 1978. Diretor do Serviço de Inteligência da África do Sul, 1980-1992. Manteve encontros clandestinos com Mandela na prisão, em preparação para sua subsequente libertação e ascensão ao poder. Isto incluiu a facilitação de encontros entre Mandela e o presidente P.W. Botha e, posteriormente, F.W. de Klerk. Diretor-geral da Administração Provincial do Cabo Oeste, 1996-2001.

Bernstein (*née* Schwarz), Hilda

(1915-2006) Escritora, artista e ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Conselheira municipal em Johannesburgo de 1943 a 1946. Única comunista a ser eleita a um cargo público com votos “somente dos brancos”. Casou-se com Lionel (Rusty) Bernstein. Uma das fundadoras da Federação de Mulheres Sul-Africanas (FEDSAW), a primeira organização não racial de mulheres na África do Sul, em 1956, e o Conselho Sul-Africano de Paz. Membro da Liga das Mulheres do CNA. Depois do Julgamento de Rivonia, em 1964, fugiu a pé para Botsuana, antes de se mudar para Londres. Agraciada com a Ordem de Luthuli em 2004 por sua contribuição para a conquista da igualdade sexual e de uma sociedade livre e democrática na África do Sul.

Bernstein, Lionel (Rusty)

(1920-2002) Arquiteto e ativista anti-apartheid. Principal membro do Partido Comunista da África do Sul (CPSA). Membro fundador e líder do Congresso dos Democratas (COD), uma das organizações participantes do Congresso do Povo em 1955, no qual foi adotada a Carta da Liberdade. Réu no Julgamento por Traição de 1956. Depois de terem sido inocentados no Julgamento de Rivonia, ele e sua mulher, Hilda, foram para o exílio (eles foram até Botsuana a pé). Permaneceu como líder do CNA enquanto exercia seu ofício de arquiteto.

Bizos, George

(1928-) Advogado nascido na Grécia e especializado em defesa dos direitos humanos. Membro fundador do Conselho Nacional de Advogados para Direitos Humanos. Membro do Comitê Jurídico e Constitucional do CNA. Conselheiro jurídico da Convenção para uma África do Sul Democrática (Codesa).

Advogado de defesa no Julgamento de Rivonia. Defendeu também importantes ativistas anti-apartheid, entre eles as famílias de Steve Biko, Chris Hani e os Quatro Cradock na Comissão da Verdade e Reconciliação. Nomeado por Mandela para a Comissão de Serviços Judiciais da África do Sul.

Botha, Pieter Willem (P.W.)

(1916-2006) Primeiro-ministro da África do Sul, 1978-1984. Primeiro presidente-executivo do Estado, 1984-1989. Líder do Partido Nacional da África do Sul. Defensor do sistema de apartheid. Em 1985, Mandela recusou a oferta de Botha de libertá-lo com a condição de que ele rejeitasse a violência. Botha recusou-se a depor sobre os crimes do apartheid na Comissão da Verdade e Reconciliação em 1998.

Brutus, Dennis

(1924-2009) Educador e ativista anti-apartheid e dos direitos humanos. Cofundador e presidente do Comitê Olímpico Não Racial Sul-Africano (SANROC), que persuadiu os comitês olímpicos de outros países a suspenderem a África do Sul dos Jogos Olímpicos de 1964 e 1968 e expulsar o país do movimento olímpico em 1970. Foi condenado a 18 meses de trabalhos forçados em 1963 por violar sua ordem de interdição. Parte da sentença foi cumprida na Ilha de Robben. Fugiu da África do Sul em 1966.

Buthlezi, Mangosuthu

(1928-) Político sul-africano e príncipe zulu. Membro do CNA, até que o relacionamento se deteriorou em 1979. Fundador e presidente do Partido da Liberdade Inkatha (IFP) em 1975. Principal ministro de KwaZulu. Nomeado ministro do Interior sul-africano de 1994 e 2004, atuou várias vezes como presidente em exercício durante o mandato de Mandela.

Cachalia (née Asvat), Amina

(1930-) Ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Membro do CNA e do TIC. Cofundadora e tesoureira da FEDSAW. Fundadora da União Progressista das Mulheres. Casou-se com Yusuf Cachalia. Ordens de interdição de 1963 a 1978 impediram que ela participasse de reuniões sociais ou políticas, entrasse em qualquer instituição de ensino ou editora e deixasse o distrito de Johannesburg.

Cachalia, Ismail Ahmad (Maulvi)

(1908-2003) Ativista anti-apartheid. Líder do SAIC, do TIC e do CNA. Participante-chave da Campanha de Resistência Passiva de 1946. Voluntário na Campanha do Desafio de 1952 e um dos vinte acusados no Julgamento da Campanha do Desafio. Participou da Conferência de Bandung em 1955 com Moses Kotane. Fugiu para Botsuana em 1964 e abriu um escritório do CNA em Nova Délhi. Seu pai, Ahamad Mohamed Cachalia, era um grande amigo de Gandhi e presidiu a Associação Britânico-Indiana do Transvaal de 1908 a 1918.

Cachalia, Yusuf

(1915-95) Ativista político. Secretário do Congresso Indiano Sul-Africano (SAIC). Irmão de Maulvi Cachalia. Marido de Amina Cachalia. Recebeu uma sentença de nove meses – depois suspensa – por seu envolvimento na Campanha do Desafio de 1952. Recebeu várias ordens de interdição a partir de 1953.

Campanha de Desafio contra Leis Injustas

Iniciada pelo CNA em dezembro de 1951 e lançada com o SAIC em 26 de junho de 1952, contra seis leis do apartheid. A campanha envolvia indivíduos que violassem leis raciais, como entrar em locais reservados “somente para brancos”, desrespeitar horários de recolher e cortejar a prisão. Mandela foi nomeado voluntário-chefe e Maulvi Cachalia, seu substituto. Mais de 8.500 voluntários foram presos por participarem da Campanha do Desafio.

Carta da Liberdade

Declaração dos princípios da Aliança do Congresso, adotada no Congresso do Povo em Kliptown, Soweto, em 26 de junho de 1955. A Aliança do Congresso mobilizou milhares de voluntários em toda a África do Sul para registrar as reivindicações do povo. A Carta da Liberdade defendia direitos iguais a todos os sul-africanos independentemente de raça: reforma agrária, melhores condições de vida e trabalho, distribuição justa de riqueza, ensino obrigatório e leis mais justas. A Carta da Liberdade foi um poderoso instrumento usado na luta contra o apartheid.

Chiba, Isu (Laloo)

(1930-) Ativista anti-apartheid. Membro do SACP e do TIC. Comandante de pelotão do MK. Torturado pela polícia de segurança sul-africana, perdeu a audição de um dos ouvidos. Membro do Segundo Alto-Comando do MK, razão pela qual foi sentenciado a 18 anos de prisão, que cumpriu na Ilha de Robben. Ajudou na transcrição do manuscrito autobiográfico de Mandela na prisão. Libertado em 1982. Membro da Frente Democrática Unida (FDU). Membro do

Parlamento de 1994 a 2004. Recebeu a Ordem de Luthuli em 2004 por sua contribuição para a luta por uma África do Sul não racista, não sexista, justa e democrática.

Coetsee, Hendrik (Kobie)

(1931-2000) Político, advogado, administrador e negociador sul-africano. Vice-ministro da Defesa e Inteligência Nacional, 1978. Ministro da Justiça, 1980. Manteve encontros com Mandela a partir de 1985 para fomentarem as condições de diálogo entre o Partido Nacional e o CNA. Eleito presidente do Senado depois das primeiras eleições democráticas da África do Sul em 1994.

Congresso do Povo

O Congresso do Povo foi o ponto alto de uma campanha de um ano na qual membros da Aliança do Congresso visitaram lares em toda a África do Sul registrando as reivindicações populares por uma África do Sul livre, as quais foram incluídas na Carta da Liberdade. Realizado em Kliptown, Johannesburgo, em 25 e 26 de junho de 1955, teve o comparecimento de três mil delegados. A Carta da Liberdade foi adotada no segundo dia do Congresso.

Congresso Indiano Sul-Africano (SAIC)

Fundado em 1923 para se opor às leis discriminatórias. Abrangia os Congressos Indianos do Cabo, Natal e Transvaal. Inicialmente uma organização conservadora cujas ações se limitavam a petições e representações às autoridades, tornou-se uma liderança mais radical, favorável a uma resistência militante não violenta, que chegou ao poder na década de 1940 sob a liderança de Yusuf Dadoo e Monty Naicker.

Congresso Nacional Africano (CNA)

Estabelecido como Congresso Nacional dos Nativos Sul-Africanos (SANNC) em 1912. Rebatizado como Congresso Nacional Africano em 1923. Depois do Massacre de Sharpeville, em março de 1960, o CNA foi banido pelo governo sul-africano e permaneceu na clandestinidade até a ilegalidade ser cancelada em 1990. Seu braço militar, o Umkhonto we Sizwe (MK), foi criado em 1961, com Mandela como comandante em chefe. O CNA tornou-se o partido governante da África do Sul depois das primeiras eleições democráticas em 27 de abril de 1994.

Congresso Pan-Africanista (CPA)

Dissidência do CNA fundada em 1959 por Robert Sobukwe, que defendia a filosofia da “África para os africanos”. As campanhas do CPA incluíam um protesto de âmbito nacional contra as leis do passe, dez dias antes de o CNA iniciar sua própria campanha. Culminou com o Massacre de Sharpeville, em 21 de março de 1960, no qual a polícia matou a tiros 69 manifestantes desarmados. Banido juntamente com o CNA em abril de 1960. Retirado da ilegalidade em 2 de fevereiro de 1990.

Cooper, Sathasivan (Saths)

(1950-) Psicólogo e ativista anti-apartheid. Proponente da Consciência Negra. Secretário da Convenção do Povo Negro em 1972. No ano seguinte, recebeu ordem de interdição que o confinou ao distrito de Durban por cinco anos. Preso por agredir um policial durante uma greve em 1973. Condenado a dez anos de prisão em 1974 por ajudar a organizar manifestações para comemorar a vitória do Movimento de Libertação de Moçambique. Foi libertado em 20 de dezembro de 1982. Eleito vice-presidente da Organização do Povo Azaniano (AZAPO) em 1983.

Dadoo, dr. Yusuf

(1909-1983) Médico, ativista anti-apartheid e orador. Presidente do SAIC. Substituto de Oliver Tambo no Conselho Revolucionário do MK. Presidente do SACP, 1972-1983. Membro do CNA. Preso pela primeira vez em 1940 por atividades contra a guerra e depois por seis meses em 1946, durante a Campanha de Resistência Passiva. Estava entre os vinte acusados no Julgamento da Campanha do Desafio de 1952. Passou para a clandestinidade durante o Estado de Emergência de 1960 e foi para o exílio para escapar à prisão. Agraciado com a mais alta condecoração do CNA, Isitwalandwe Seaparankoe, em 1955, no Congresso do Povo.

Dalindyebo, chefe Jongintaba

(-1942) Chefe e regente do povo thembu. Tornou-se guardião de Mandela depois da morte de seu pai. Mandela foi morar com ele em Mqhekezweni quando tinha 9 anos de idade.

Dalindyebo, rei Sabata Jonguhlanga

(1928-1986) Chefe supremo do Transkei, 1954-1980. Líder do Partido Democrata Progressista. Sobrinho do chefe Jongintaba Dalindyebo. Fugiu para Zâmbia em 1980, depois de ser acusado de violar a dignidade do presidente

Matanzima do Transkei.

Daniels, Edward (Eddie; Mandela o chama de “Danie”)

(1928-) Ativista político. Membro do Partido Liberal da África do Sul. Membro do Movimento de Resistência Africano, que sabotou alvos não humanos como protesto contra o governo. Cumpriu sentença de 15 anos na Ilha de Robben, onde ficou na ala B com Mandela. Foi interdito imediatamente após sua libertação em 1979. Recebeu a Ordem de Luthuli em 2005 do governo sul-africano.

De Klerk, Frederik Willem (F.W.)

(1936-) Advogado. Presidente da África do Sul, 1989-1994. Líder do Partido Nacional, 1989-1997. Em fevereiro de 1990 suspendeu a proibição do CNA e de outras organizações e libertou Mandela da prisão. Vice-presidente, com Thabo Mbeki, durante o mandato de Mandela, de 1994 a 1996. Líder do Novo Partido Nacional, 1997. Recebeu em 1992 o Prêmio Príncipe de Astúrias e o Prêmio Nobel da Paz em 1993 com Nelson Mandela, por seu papel no fim pacífico do apartheid.

Dube, John Langalibalele

(1871-1946) Educador, editor, escritor e ativista político. Primeiro presidente geral do SANNC (rebatizado CNA em 1923), criado em 1912. Fundou a Escola Industrial Zulu Cristã em Ohlange. Criou o *Ilanga lase Natal (Sol de Natal)*, primeiro jornal zulu/inglês, em 1904. Opositor da Lei da Terra de 1913. Membro da executiva da AAC, 1935. Mandela votou na escola de Ohlange em 1994 pela primeira vez na vida e a seguir visitou o túmulo de Dube para registrar que a África do Sul agora estava livre.

Estado de Emergência de 1960

Declarado em 30 de março de 1960, como resposta ao Massacre de Sharpeville. Caracterizado por prisões em massa e pela prisão da maioria dos líderes africanos. Em 8 de abril de 1960 o CNA e o CPA foram banidos pela Lei das Organizações Ilegais.

Federação das Mulheres Sul-Africanas (FEDSAW)

Criada em 17 de abril de 1954, em Johannesburg, como organização nacional e não racial de mulheres. Importante nas campanhas contra a lei do passe, que

culminaram com uma marcha histórica de 20 mil mulheres em 9 de agosto de 1956 (hoje comemorada como Dia das Mulheres na África do Sul) até os edifícios do governo sul-africano em Pretória.

First, Ruth

(1925-1982) Acadêmica, jornalista e ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Casou-se com Joe Slovo em 1949. Conheceu Mandela quando frequentava a Universidade de Witwatersrand. Foi presa, indiciada e depois inocentada no Julgamento por Traição. Fugiu para a Suíça com os filhos durante o Estado de Emergência de 1960. Confinada à solitária por noventa dias em 1963, fugiu para o Reino Unido quando foi libertada. Viveu no exílio em Moçambique a partir de 1977 e lá foi morta por uma bomba em um pacote em 17 de agosto de 1982.

Fischer, Abram (Bram)

(1908-1975) Advogado, político e ativista anti-apartheid. Líder do CPSA. Membro do COD. Acusado de subversão por seu envolvimento na Greve dos Mineiros Africanos por melhores salários em 1946. Defendeu com sucesso Mandela e outros membros proeminentes do CNA no Julgamento por Traição. Conduziu a defesa no Julgamento de Rivonia, 1963-1964. Submetido continuamente a ordens de interdição, em 1966 foi condenado à prisão perpétua por violar a Lei de Repressão ao Comunismo e por sabotagem. Recebeu o Prêmio Lenin da Paz em 1967.

Fischer (*née* Krige), Susanna Johanna (Molly)

(1908-1964) Professora e ativista anti-apartheid. Membro do CPSA e da FEDSAW. Casou-se com Bram Fischer em 1937. Em 1955 foi banida de três organizações e forçada a demitir-se do cargo de secretária da Sociedade Sul-Africana pela Paz e Amizade com a União Soviética. Presa durante o Estado de Emergência de 1960. Morreu em um acidente de carro em 1964 a caminho da Cidade do Cabo para comparecer à festa de 21 anos da filha.

Gerwel, G.J. (Jakes)

(1946-) Acadêmico. Diretor-geral do gabinete do presidente Mandela, 1994-1999. Secretário de gabinete no Governo da Unidade Nacional, 1994-1999. Reitor da Universidade de Rodes. Professor emérito de Humanidades, Universidade do Cabo Oeste. Presidente da Fundação Nelson Mandela.

Goldberg, Denis

(1933-) Ativista anti-apartheid e político. Membro do SACP. Cofundador e líder do COD. Oficial técnico no MK. Preso em Rivonia em 1963, cumpriu prisão perpétua na Prisão Local de Pretória. Depois de libertado, em 1985 foi para o exílio no Reino Unido e representou o CNA no Comitê Anti-apartheid das Nações Unidas. Fundou a Comunidade HEART em 1995 para ajudar sul-africanos negros pobres. Voltou à África do Sul em 2002 e foi nomeado assessor especial de Ronnie Kasrils, ministro para as Questões de Águas e Florestas.

Gool, Zainunnisa (Cissie)

(1897-1963) Advogada e ativista anti-apartheid. Filha de Abdullah Abdurahman. Fundadora e primeira presidente da Liga de Libertação Nacional (NLL) e presidente da Frente Unida Não Europeia (NEUF) na década de 1940. Presa e acusada pelo seu envolvimento na Campanha de Resistência Passiva de 1946 e banida em 1954. Em 1962, foi a primeira mulher negra a se formar em Direito na África do Sul e ser convocada para o Tribunal do Cabo. Recebeu postumamente a Ordem de Luthuli do governo sul-africano por sua notável contribuição para a luta pela libertação e pelos ideais de uma África do Sul justa, não racista e democrática.

Hani, Thembisile (Chris)

(1942-1993) Ativista político e anti-apartheid. Membro da ANCYL desde os 15 anos. Também participou do SACP. Membro e posteriormente chefe do MK. Participou das ações clandestinas do CNA em várias regiões e acabou indo para o exílio, onde ascendeu nas fileiras do MK. Voltou à África do Sul em 1990. Secretário-geral do SACP a partir de 1991. Assassinado na frente de sua casa em Johannesburg em 1993 por Janusz Waluś. Agradado postumamente com a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 2008.

Harmel, Michael

(1915-1974) Jornalista, intelectual, sindicalista e ativista anti-apartheid. Líder do SACP e editor do *The African Communist*. Membro do MK. Ajudou na criação do Congresso Sul-Africano de Sindicatos Trabalhistas (SACTU). Cofundador do COD. Vítima frequente de ordens de interdição. O SACP pediu-lhe que fosse para o exílio em 1962, onde ele desempenhou um papel proeminente no SACP, no CNA e no MK.

Hepple, Bob

(1934-) Advogado, acadêmico e ativista anti-apartheid. Membro do COD e do SACTU. Representou Mandela em 1962, depois da prisão deste por deixar ilegalmente o país e incitar trabalhadores à greve. Preso na Liliesleaf Farm em 1963, mas as acusações foram deixadas de lado com a condição de que ele fosse testemunha do Estado. Fugiu da África do Sul a seguir. Nomeado cavalheiro em 2004.

Hodgson, Jack

(1910-1977) Ativista anti-apartheid. Membro do SACP. Secretário nacional da Legião Springbok, organização antifascista de veteranos da Segunda Guerra Mundial. Cofundador e primeiro-secretário do COD. Cofundador do MK. Ajudou no treinamento de recrutas do MK. Interdito pelo governo do apartheid. Indiciado no Julgamento por Traição. Citado como conspirador no processo do Julgamento de Rivonia.

Ilha de Robben

Ilha situada na Baía da Mesa, a sete quilômetros da costa da Cidade do Cabo, medindo aproximadamente 3,3 quilômetros de comprimento por 1,9 de largura. Foi usada principalmente como local de banimento e prisão, particularmente para presos políticos, desde a colonização holandesa no século XVII. Três homens que mais tarde se tornaram presidentes da África do Sul foram prisioneiros lá: Nelson Mandela (1964-1982), Kgalema Motlanthe (1977-1987) e Jacob Zuma (1963-1973). Atualmente é patrimônio histórico mundial e museu.

Jabavu, Davidson Don Tengo

(1885-1959) Acadêmico, poeta, político e ativista anti-apartheid. Filho de John Tengo Jabavu. Primeiro professor negro da Universidade de Fort Hare, em Alice. Presidente do AAC, criado em 1935 como oposição à legislação segregacionista. Educador e cofundador do SANNC (rebatizado como CNA em 1923).

Jabavu, John Tengo

(1859-1921) Acadêmico, escritor, editor de jornal e ativista político. Pai de Davidson Don Tengo Jabavu. Ajudou no estabelecimento do primeiro jornal de propriedade de negros, o *Imvo Zabantsundu (Oposição Negra)*, em 1884. Ajudou no estabelecimento do South Africa Native College (Universidade de Fort Hare) em 1916. Agraciado postumamente com a Ordem de Luthuli.

Joseph (née Fennell), Helen

(1905-1992) Professora, assistente social e ativista anti-apartheid e pelos direitos

da mulher. Membro fundador do COD. Secretária nacional da FEDSAW. Organizadora da Marcha das Mulheres que reuniu 20 mil mulheres até a sede do governo em Pretória. Indiciada no Julgamento por Traição de 1956. Cumpriu prisão domiciliar em 1962. Ajudou a cuidar de Zindzi e Zeni Mandela quando os pais delas foram presos. Agraciada com a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1992.

Julgamento de Rivonia

Julgamento ocorrido em 1963 e 1964, no qual dez lideranças da Aliança do Congresso foram acusadas de sabotagem e enfrentaram a pena de morte. Recebeu esse nome por conta do subúrbio de Rivonia, Johannesburgo, onde seis membros do alto-comando do MK foram presos em seu esconderijo, Liliesleaf Farm, em 11 de julho de 1963. Documentos incriminadores, inclusive a proposta para uma insurgência de guerrilhas chamada Operação Mayibuye, foram encontrados. Mandela, que já estava cumprindo pena por incitação e por ter saído da África do Sul ilegalmente, estava implicado, e suas anotações sobre a guerra de guerrilhas e seu diário da viagem pela África em 1962 também foram confiscados. Em vez de ser interrogado como testemunha, Mandela fez uma declaração no banco dos réus em 20 de abril de 1964. Esta tornou-se seu famoso discurso “Estou preparado para morrer”. Em 11 de junho de 1964, oito dos acusados foram condenados pelo juiz Qartus de Wet no Palácio da Justiça em Pretória, e no dia seguinte sentenciados à prisão perpétua.

Julgamento por Traição

(1956-1961) O Julgamento por Traição foi uma tentativa do governo do apartheid de reduzir o poder da Aliança do Congresso. Em incursões matinais em 5 de dezembro de 1956, 156 pessoas foram presas e acusadas de alta traição. No final do julgamento, em março de 1961, todos os acusados tiveram as acusações retiradas ou, no caso dos trinta últimos, inclusive Mandela, foram inocentados.

Kantor, James

(1927-1975) Advogado. Apesar de não ser membro do CNA ou do MK, foi levado a julgamento em Rivonia, possivelmente devido ao fato de seu cunhado e sócio ser Harold Wolpe, que havia sido preso na Liliesleaf Farm. Posteriormente inocentado, fugiu da África do Sul.

Kathrada, Ahmed Mohamed (Kathy)

(1929-) Ativista anti-apartheid, político, preso político e congressista. Líder do

CNA e do SACP. Membro fundador do Corpo de Voluntários Indianos do Transvaal e do seu sucessor, o Congresso da Juventude Indiana do Transvaal. Preso por um mês em 1946 por sua participação na Campanha de Resistência Passiva do SAIC contra a Lei de Representação Indiana e Propriedade de Terras por Asiáticos. Preso por sua participação na Campanha do Desafio de 1952. Banido em 1954. Um dos organizadores do Congresso do Povo e membro do Comitê de Assuntos Gerais da Aliança do Congresso. Detido durante o Estado de Emergência de 1960. Um dos trinta últimos acusados no Julgamento por Traição, inocentado em 1961. Posto em prisão domiciliar em 1962. Preso na Liliesleaf Farm em julho de 1963 e acusado de sabotagem no Julgamento de Rivonia. Cumpriu pena na Ilha de Robben de 1964 a 1982 e depois na Prisão de Pollsmoor até sua libertação em 15 de outubro de 1989. Membro do Parlamento a partir de 1994, depois das primeiras eleições democráticas da África do Sul; foi conselheiro político do presidente Mandela. Presidente do Conselho da Ilha de Robben de 1994 a 2006. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1992, o prêmio Pravasi Bharatiya Samman do presidente da Índia e vários títulos honorários de doutor.

Khoikhoi

Habitantes originais da África do Sul. Era um povo pastoril que dependia do gado e das ovelhas para sua subsistência.

Kotane, Moses

(1905-1978) Ativista político e anti-apartheid. Secretário-geral do SACP, 1939-1978. Tesoureiro-geral do CNA de 1963 a 1973. Réu no Julgamento por Traição de 1956. Um dos vinte acusados no julgamento da Campanha do Desafio. Em 1955 participou da Conferência de Bandung, na Indonésia. Detido no Estado de Emergência de 1960 e posto em prisão domiciliar. Foi para o exílio em 1963. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a maior honraria do CNA, em 1975.

Kruger, James (Jimmy)

(1917-1987) Político. Ministro da Justiça e da Polícia de 1974 a 1979. Presidente do Senado de 1979 a 1980. Membro do Partido Nacional. Observou vergonhosamente que a morte de Steve Biko na prisão em 1977 deixou-o “frio”.

Lei de Repressão ao Comunismo, nº 44, 1950

Lei aprovada em 26 de junho de 1950, na qual o Estado banuiu o SACP e qualquer atividade que considerasse comunista, definindo “comunismo” em termos tão amplos que qualquer um que protestasse contra o apartheid estaria

contra ela.

Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano (ANCYL)

Fundada em 1944 por Nelson Mandela, Anton Lambede, Walter Sisulu, A.P. Mda e Oliver Tambo como reação à imagem conservadora do CNA. Suas atividades incluíam desobediência civil e greves de protesto contra o sistema do apartheid. Muitos membros saíram e fundaram o Congresso Pan-Africanista (CPA) em 1959. Banida de 1960 a 1990.

Liga das Mulheres do Congresso Nacional Africano (ANCWL)

Criada em 1948. Envolvida ativamente na Campanha de Desafio de 1952 e na campanha contra a lei do passe.

Luthuli, chefe Albert John Mvumbi

(1898-1967) Professor, ativista anti-apartheid e ministro religioso. Chefe da Reserva de Groutville. Presidente-geral do CNA de 1952 a 1967. A partir de 1953 foi confinado à sua casa por ordem do governo. Réu no Julgamento por Traição. Condenado a seis meses (pena suspensa) em 1960, depois de queimar seu passaporte em público e pedir por um dia nacional de lamentação depois do Massacre de Sharpeville. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1960 por seu papel não violento na luta contra o apartheid. Recebeu a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1955 no Congresso do Povo.

Machel, Graça (*née* Simbine)

(1945-) Professora moçambicana, ativista dos direitos humanos, defensora internacional dos direitos da mulher e da criança. Casou-se com Nelson Mandela em julho de 1998. Viúva do presidente de Moçambique, Samora Machel (morto em 1986). Ativista da Frente de Libertação Moçambicana (Frelimo), que lutou pela independência de Portugal e venceu em 1976. Ministra moçambicana de Educação e Cultura depois da independência. Entre as numerosas honrarias que recebeu está a Medalha Nansen, das Nações Unidas, em reconhecimento pelo seu prolongado trabalho humanitário, particularmente em benefício de crianças refugiadas.

Madikizela-Mandela, Nomzamo Winifred (Winnie)

(1936-) Assistente social e ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher.

Membro do CNA. Casou-se com Nelson Mandela em 1958 e separou-se dele em 1992. Mãe de Zenani e Zindziswa Mandela. Primeira assistente social qualificada do Hospital Baragwanath de Johannesburg. Mantida em confinamento solitário por 17 meses em 1969. Posta em prisão domiciliar a partir de 1970 e submetida a uma série de ordens de interdição de 1962 a 1987. Criou a Federação das Mulheres Negras em 1975 e a Associação de Pais Negros em 1976, em resposta à Sublevação do Soweto. Presidente da Liga das Mulheres do CNA de 1993 a 2003. Membro do Parlamento pelo CNA.

Maharaj, Satyandranath (Mac)

(1935-) Acadêmico, político, ativista político e anti-apartheid, preso político e congressista. Membro do CNA, SACP e MK. Preso por sabotagem em 1964 e condenado a 12 anos de prisão, que cumpriu na Ilha de Robben. Ajudou a transcrever secretamente a autobiografia de Mandela, *Longo caminho para a liberdade*, e a contrabandeou para fora da prisão quando foi libertado em 1976. Comandou a Operação Vulindlela (Vula), uma operação clandestina do CNA para estabelecer uma liderança interna clandestina. Maharaj serviu na secretaria da Codesa. Ministro dos Transportes de 1994 a 1999. Emissário do presidente Jacob Zuma.

Maki

(Ver Mandela, Makaziwe.)

Makwetu, Clarence

(1928-) Político, ativista anti-apartheid e preso político. Membro da ANCYL. Cofundador e mais tarde presidente do CPA, 1990-1996. Acusado de promover os objetivos do CPA em 1963 e condenado a cinco anos de prisão. Depois de libertado da Ilha de Robben, foi escoltado até Transkei, mas recebeu ordem de interdição de seu primo K.D. Matanzima em 1979. Primeiro presidente do Movimento Pan-Africanista (PAM), a organização de frente do CPA, em 1989. Membro do Parlamento depois das eleições democráticas de 1994. Recebeu a Ordem de Luthuli.

Mandela, Evelyn Ntoko

(Ver Mase, Evelyn Ntoko.)

Mandela, Madiba Thembekile (Thembi)

(1945-1969) Filho mais velho de Mandela com Evelyn, sua primeira mulher.

Morreu em um acidente de carro.

Mandela, Makaziwe

(1947) Primeira filha de Mandela com Evelyn. Morreu aos 9 meses de idade.

Mandela, Makaziwe (Maki)

(1954-) Segunda filha de Mandela com Evelyn.

Mandela, Makgatho (Kgatho)

(1950-2005) Segundo filho de Mandela com Evelyn. Advogado. Morreu de complicações da AIDS em 6 de janeiro de 2005 em Johannesburgo, pouco depois da morte da sua segunda mulher, Zondi Mandela, que morreu de pneumonia por complicações da AIDS em julho de 2003.

Mandela, Nkosi Mphakanyiswa Gadla

(-1927) Chefe e conselheiro. Descendente da casa ixhiba. Pai de Mandela. Privado da posição de chefe depois de uma disputa com um magistrado branco local.

Mandela, Nosekeni Fanny

(-1968) Mãe de Mandela. Terceira esposa de Nkosi Mphakanyiswa Gadla Mandela.

Mandela, Winnie

(Ver Madizikela-Mandela, Nomzamo Winifred.)

Mandela, Zenani (Zeni)

(1959-) Primeira filha de Mandela com Winnie.

Mandela, Zindziswa (Zindzi)

(1960-) Segunda filha de Mandela com Winnie.

Marks, John Beaver (J.B.)

(1903-1972) Político, ativista anti-apartheid e sindicalista. Presidente do CNA no Transvaal. Presidente do SACP. Banido pela Lei de Repressão ao Comunismo. Presidente do Conselho de Sindicatos Trabalhistas Não Europeus do Transvaal.

Presidente do Sindicato dos Mineiros Africanos (AMWU). Organizou a Greve dos Mineiros de 1946. Enviado pelo CNA para o quartel-general da Missão Externa na Tanzânia em 1963.

Mase, Evelyn Ntoko

(1922-2004) Enfermeira. Casada com Nelson Mandela de 1944 a 1957. Mãe de Madiba Thembekile (1945-1969), Makaziwe (1947), que morreu com 9 meses, Makgatho (1950-2005) e Makaziwe (1954-). Prima de Walter Sisulu, que a apresentou a Mandela. Casou-se com Simon Rakeepile, empresário aposentado do Soweto, em 1998.

Massacre de Sharpeville

Confronto no *township* de Sharpeville, província de Gauteng. Em 21 de março de 1960, 69 manifestantes desarmados foram mortos a tiros pela polícia e mais de 180 ficaram feridos. O protesto, organizado pelo CPA, atraiu de 5 mil a 7 mil manifestantes. Hoje este dia é comemorado anualmente na África do Sul como feriado, o Dia dos Direitos Humanos.

Matanzima, Kaiser Daliwonga (K.D.)

(1915-2003) Chefe e político thembu. Sobrinho de Mandela. Membro do Conselho Territorial do Transkei Unido em 1955 e membro executivo da Autoridade Territorial do Transkei em 1956. Ministro-chefe do Transkei em 1963. Criou e liderou o Partido Nacional pela Independência do Transkei com seu irmão George Matanzima. Primeiro-ministro do bantustão de Transkei quando este ganhou a independência nominal em 1976. Presidente do estado de Transkei de 1979 a 1986.

Matthews, professor Zachariah Keodirelang (Z.K.)

(1901-1968) Acadêmico, político, ativista anti-apartheid. Membro do CNA. Primeiro sul-africano negro a obter grau de bacharel numa instituição sul-africana em 1923. Primeiro sul-africano negro a se formar em Direito na África do Sul em 1930. Concebeu o Congresso do Povo e a Carta da Liberdade. Depois do Massacre de Sharpeville, com o chefe Albert Luthuli, ele organizou um dia nacional de lamentação em 28 de março de 1960. Em 1965 retirou-se para Botsuana e tornou-se seu embaixador nos EUA.

Mbeki, Archibald Mvuyelwa Govan (nome de clã, Zizi)

(1910-2001) Historiador e ativista anti-apartheid. Membro do CNA e do SACP. Serviu no alto-comando do MK. Pai de Thabo Mbeki (presidente da África do Sul, 1999-2008). Condenado no Julgamento de Rivonia e sentenciado à prisão perpétua. Libertado da penitenciária da Ilha de Robben em 1987. Participou do Senado da África do Sul pós-apartheid de 1994 a 1997, sendo vice-presidente do Senado e do seu sucessor, o Conselho Nacional de Províncias, de 1997 a 1999. Agraciado com a honraria mais alta do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1980.

Mbeki, Mvuyelwa Thabo

(1942-) Político e ativista anti-apartheid. Presidente da África do Sul de 1999 a 2008. Vice-presidente de 1994 a 1999. Filho de Govan Mbeki. Entrou para a ANCYL em 1956 com a idade de 14 anos. Deixou a África do Sul com outros estudantes em 1962. Subiu rapidamente nas fileiras do CNA no exílio e recebeu treinamento militar na União Soviética. Trabalhou próximo de O.R. Tambo e chefiou a delegação do CNA que manteve conversações secretas com o governo sul-africano, participando de todas as interações subsequentes com o governo sul-africano. Foi presidente do CNA de 1997 a 2007.

Meer, professora Fatima

(1928-2010) Escritora, acadêmica e ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Casou-se em 1950 com Ismail Meer. Criou o Comitê de Resistência Passiva dos Estudantes em apoio à Campanha de Resistência Passiva de 1946 contra o apartheid. Uma das fundadoras da FEDSAW. Primeira mulher negra a ser escolhida como palestrante numa universidade branca sul-africana (Universidade de Natal), em 1956. Banida a partir de 1953, escapou de uma tentativa de assassinato. Adotou a ideologia da Consciência Negra. Fundou o Instituto de Pesquisa Negra (IBR) em 1975. Primeira presidente da Federação das Mulheres Negras, criada em 1975. Autora de *Higher Than Hope* (publicado em 1988), a primeira biografia autorizada de Mandela.

Mhlaba, Raymond (nome de clã, Ndobe)

(1920-2005) Ativista anti-apartheid, político, diplomata e prisioneiro político. Membro importante do CNA e do SACP. Comandante em chefe do MK. Preso em 1963 em Rivonia e condenado à prisão perpétua no Julgamento de Rivonia. Prisioneiro na Ilha de Robben até ser transferido para a Prisão de Pollsmoor em 1982. Libertado em 1989. Esteve envolvido nas negociações com o governo do Partido Nacional que levaram à democratização da África do Sul. Membro do

Comitê Executivo Nacional do CNA em 1991. *Premier* da província do Cabo Leste em 1994. Alto comissário sul-africano junto a Uganda em 1997. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1992.

MK

(*Ver Umkhonto we Sizwe.*)

Mkwayi, Zimasile Wilton (nome de clã, Mbona; apelido, Bri Bri)

(1923-2004) Sindicalista, ativista político e preso político. Membro do CNA e do SACTU. Organizador do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis Africanos em Porto Elizabeth. Voluntário na Campanha do Desafio de 1952 e mais tarde participante ativo da campanha pelo Congresso do Povo. Escapou durante o Julgamento por Traição de 1956 e foi para Lesoto. Uniu-se ao MK e recebeu treinamento militar na República Popular da China. Tornou-se comandante em chefe do MK depois das prisões na Liliesleaf Farm. Julgado e condenado à prisão perpétua naquele que ficou conhecido como “Pequeno Julgamento de Rivonia”. Cumpriu sentença na Ilha de Robben. Libertado em outubro de 1989. Eleito para o Senado no Parlamento Nacional em 1994, depois transferido para a Assembleia Provincial do Cabo Leste, onde serviu até se aposentar da vida pública em 1999. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1992.

Mlangeni, Andrew Mokete (nome de clã, Mokotlwama; apelido, Mpandla)

(1926-) Ativista anti-apartheid, prisioneiro político e membro do Parlamento. Membro da ANCYL, do CNA e do MK. Condenado em 1963, no Julgamento de Rivonia, à prisão perpétua. Cumpriu 18 anos na Ilha de Robben e foi transferido para a Prisão de Pollsmoor em 1982. Agradado com o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1992.

Mompati, Ruth Segomotsi

(1925-) Ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher; membro do Parlamento; embaixatriz e prefeita. Datilógrafa de Mandela e Oliver Tambo no escritório de advocacia deles em Johannesburg de 1953 a 1961. Chefe da divisão feminina do CNA na Tanzânia. Chefe do Conselho de Assuntos Religiosos do CNA. Uma das fundadoras da FEDSAW. Embaixatriz da África do Sul na Suíça de 1996 a 2000. Prefeita de Vryburg/Naledi, província do noroeste.

Moolla, Moosa Mohamed (Mosie)

(1934-) Ativista anti-apartheid e diplomata. Membro do Congresso da Juventude Indiana do Transvaal (TIYC) e do TIC. Funcionário em tempo integral do Conselho de Ação Nacional para o Congresso do Povo. Estava entre os trinta últimos acusados no Julgamento por Traição de 1956-1961. Detido e mantido em solitária pela lei de noventa dias em 1963. Foi preso novamente, mas conseguiu escapar subornando um guarda, Johannes Greeff, e fugiu para a Tanzânia. Em 1972 tornou-se o principal representante do CNA na Índia. Em novembro de 1989 foi nomeado representante do CNA no Conselho Mundial da Paz. A partir de 1990 trabalhou no Departamento de Relações Internacionais do CNA na África do Sul. Foi o primeiro embaixador sul-africano no Irã, e a seguir, alto comissário no Paquistão até sua aposentadoria em 2004.

Moroka, dr. James Sebe

(1892-1985) Médico, político e ativista anti-apartheid. Presidente do CNA de 1949 a 1952. Condenado no Julgamento da Campanha do Desafio em 1952. Durante o julgamento, ele nomeou seu próprio advogado, desligou-se do CNA e pediu clemência. Em consequência disso não foi reeleito presidente do CNA, sendo substituído pelo chefe Luthuli.

Motsoaledi, Elias (nome de clã, Mokoni)

(1924-1994) Sindicalista, ativista anti-apartheid e preso político. Membro do CNA, do SACP e do Conselho de Sindicatos Não Europeus (CNETU). Recebeu ordem de interdição depois da Campanha do Desafio de 1952. Ajudou a fundar o SACTU em 1955. Preso por quatro meses durante o Estado de Emergência de 1960 e detido novamente pelas leis de detenção por noventa dias de 1963. Sentenciado à prisão perpétua no Julgamento de Rivonia e prisioneiro na Ilha de Robben de 1964 a 1989. Eleito para o Comitê Executivo Nacional do CNA depois de libertado. Recebeu a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1992.

Movimento da Consciência Negra

Movimento anti-apartheid voltado para os trabalhadores e jovens negros. Promovia o orgulho pela identidade negra. Surgiu em meados dos anos 1960 como reação ao vácuo político criado pela interdição e prisão contínuas de membros do CNA e do CPA. Teve sua origem na Organização dos Estudantes Sul-Africanos (SASO), liderada por Steve Biko, fundador do movimento.

Naicker, dr. Gangathura Mohambry (Monty)

(1910-1978) Médico, político e ativista anti-apartheid. Cofundador e primeiro presidente do Conselho Antissegregação. Presidente do Congresso Indiano de Natal (NIC) de 1945 a 1963. Signatário do “Pacto do Médico” de março de 1947, uma declaração de cooperação entre CNA, TIC e NIC, também assinado pelo dr. Albert Xuma (presidente do CNA) e pelo dr. Yusuf Dadoo (presidente do TIC).

Nair, Billy

(1929-2008) Político, ativista anti-apartheid, preso político e congressista. Membro do CNA, do NIC, do SACP, do SACTU e do MK. Acusado de sabotagem em 1963, ficou preso na Ilha de Robben por vinte anos. Entrou para a FDU quando foi libertado. Preso em 1990 e acusado de fazer parte da Operação Vula. Membro do Parlamento na nova África do Sul democrática.

Ndobe

(Ver Mhlaba, Raymond.)

Ngoyi, Lilian Masediba

(1911-1980) Política, oradora, ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Membro do CNA. Primeira mulher eleita para o Conselho Executivo do CNA em 1956. Presidente da Liga das Mulheres do CNA. Presidente da FEDSAW em 1956. Liderou a Marcha das Mulheres contra as leis do passe em 1956. Acusada e inocentada no Julgamento por Traição. Presa durante o Estado de Emergência em 1960. Detida e mantida na solitária por 71 dias em 1963 pela lei dos noventa dias. Submetida continuamente a ordens de interdição. Recebeu a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1982.

Nokwe, Philemon Pearce Dumasile (Duma)

(1927-1978) Advogado e ativista político. Membro da ANCYL. Membro do CNA. Secretário da ANCYL, 1953-1958. Participou da Campanha do Desafio. Impedido de lecionar, estudou Direito e tornou-se o primeiro advogado negro a ser admitido na Suprema Corte do Transvaal. Porém, não pôde trabalhar porque foi acusado no Julgamento por Traição de 1956-1961. Foi eleito secretário-geral na conferência anual do CNA em 1958, posto que ocupou até 1969. Recebeu do CNA ordem para fugir para o exílio e deixou o país em 1963 com Moses Kotane. Ajudou a estabelecer o CNA no exílio, fazendo lobby em muitos fóruns internacionais.

Nzo, Alfred Baphetuxolo

(1925-2000) Membro da ANCYL e do CNA. Participou da Campanha do Desafio e do Congresso do Povo. Em 1962, Nzo foi posto em prisão domiciliar por 24 horas, e em 1963 foi detido por 238 dias. Depois da sua libertação o CNA ordenou que ele deixasse o país. Representou o CNA em vários países, entre os quais Egito, Índia, Zâmbia e Tanzânia. Sucedeu Duma Nokwe como secretário-geral em 1969 e ocupou o posto até a primeira conferência legal do CNA na África do Sul em 1991. Foi membro da delegação do CNA que participou de conversações com o governo De Klerk depois de 1990. Nomeado ministro das Relações Exteriores da nova África do Sul democrática em 1994. Recebeu várias honrarias, inclusive a Ordem de Luthuli em 2003.

OR

(Ver Tambo, Oliver.)

Partido Comunista da África do Sul (CPSA)

(Ver Partido Comunista Sul-Africano.)

Partido Comunista Sul-Africano (SACP)

Formado em 1921 como Partido Comunista da África do Sul (CPSA) para se opor ao imperialismo e à dominação racista. Mudou seu nome para Partido Comunista Sul-Africano (SACP) em 1953, depois de ser proibido em 1950. O SACP somente foi legalizado em 1990. Forma um terço da Aliança Tripartite com o CNA e o COSATU.

Partido Nacional

Partido político conservador sul-africano fundado em Bloemfontein em 1914 por nacionalistas africânderes. Partido que governou a África do Sul de junho de 1948 a maio de 1994. Impôs o apartheid, um sistema de segregação racial legal que favorecia a minoria branca da população. Desfeito em 2004.

Peake, George

(1922-) Ativista político, membro fundador e presidente nacional da Organização das Pessoas de Cor (mais tarde CPC), em 1953. Acusado e inocentado no Julgamento por Traição. Submetido a ordens de interdição e detido por cinco meses no Estado de Emergência de 1960. Conselheiro da Cidade do Cabo de março de 1961 até ser acusado de sabotagem e preso por dois anos em 1962. Fugiu da África do Sul em 1964.

Plaatje, Solomon Tshekisho (Sol)

(1876-1932) Escritor, jornalista, linguista, editor de jornal, colunista político e ativista pelos direitos humanos. Membro da Organização do Povo Africano. Primeiro secretário-geral do SANNC (rebatizado como CNA em 1923), 1912. Primeiro sul-africano negro a escrever um romance em inglês (*Mhudi*, publicado em 1913). Fundou o primeiro semanário em setsuana/inglês, *Koranta ea Becoana* (*Jornal do Tsuana*), em 1901, e *Tsala ea Becoana* (*O Amigo do Povo*), em 1910. Membro do SANNC, delegação que apelou para o governo britânico

contra a Lei da Terra de 1913, a qual restringia severamente os direitos dos africanos de possuir ou ocupar terras.

Pokela, John Nyathi

(1922-1985) Ativista anti-apartheid. Membro da ANCYL. Cofundador e membro do CPA. Condenado a 13 anos de prisão em 1966 por sua participação no Poqo, braço armado do CPA. Presidente do CPA a partir de 1981.

Prisão de Segurança Máxima de Pollsmoor

Prisão no subúrbio de Tokai, Cidade do Cabo. Mandela foi enviado para lá juntamente com Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Andrew Mlangeni e, mais tarde, Ahmed Kathrada, em 1982.

Prisão de Victor Verster

Prisão de segurança mínima localizada entre Paarl e Franschhoek, no Cabo Oeste. Mandela foi transferido para lá em 1988 e viveu numa casa particular dentro do complexo penitenciário. Há uma estátua de Mandela diante dos portões do presídio. Chamada hoje de Centro Correccional Drakenstein.

Qunu

Vilarejo rural na província de Cabo Leste, onde Mandela viveu depois que sua família mudou-se da aldeia natal de Mvezo.

Radebe, Gaur

(1908-c.1968) Político e ativista anti-apartheid. Colega de Mandela no escritório Witkin, Sidelsky & Eidelman, que o encorajou a frequentar as assembleias do CNA e do SACP. Membro do CNA. Cofundador do Sindicato dos Mineiros Africanos em 1941. Ajudou na organização do boicote aos ônibus em Alexandra em 1943-1944. Ajudou Selothe Thema na formação do Bloco Nacionalista, uma ala conservadora do CNA que se opunha à aliança com o SACP. Membro do CPA depois que este foi formado em 1959.

Resha, Robert

(1920-1973) Político e ativista anti-apartheid. Membro da ANCYL e do CNA. Presidente da ANCYL, 1954-1955. Participou da Campanha do Desafio e da campanha contra a remoção forçada de pessoas de Sophiatown. Inocentado em 1961 com o último grupo de trinta no Julgamento por Traição. Deixou o país pouco depois e desempenhou um papel importante no CNA, exilado, representando-o em muitos fóruns, inclusive nas Nações Unidas. Acompanhou Mandela até Oujda, Marrocos, durante a viagem dele à África do Sul em 1962, e

representou o CNA na Argélia independente.

Sampson, Anthony

(1926-2004) Escritor e jornalista. Biógrafo de Mandela no livro *Mandela: a biografia autorizada* (publicado em 1999). Editou em Johannesburgo nos anos 1950 a revista *Drum*, dirigida a leitores urbanos negros sul-africanos.

Sidelsky, Lazar

(1911-2002) Membro da Ordem dos Advogados do Transvaal. Deu emprego a Mandela em seu escritório de advocacia, Witkin, Sidelsky & Eideman, em Johannesburgo, em 1942. Concedia hipotecas a africanos numa época em que poucas firmas estavam preparadas para fazê-lo.

Sikhakhane, Joyce

(1943-) Jornalista e ativista anti-apartheid. Escreveu sobre as famílias de presos políticos, inclusive Albertina Sisulu e Winnie Mandela, o que fez com que ela fosse presa sob a Lei de Proteção contra o Comunismo, e depois detida novamente sob a Lei do Terrorismo e forçada a passar 18 meses na solitária. Joyce sofreu interdições ao ser libertada e fugiu da África do Sul em 1973. Trabalhou no Departamento de Inteligência na África do Sul democrática.

Sisulu (née Thethiwe), Nontsikelelo (Ntsiki) Albertina

(1918-) Enfermeira, parteira, ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher e congressista. Membro do CNA. Casou-se com Walter Sisulu, a quem conheceu através da amiga Evelyn Mase (primeira esposa de Mandela) em 1944. Membro da ANCWL e da FEDSAW. Desempenhou um papel importante no protesto das mulheres em 1956 contra a política dos passes. Primeira mulher a ser detida pela Lei de Alteração às Leis Gerais de 1963, ficando reclusa em solitária por noventa dias. Submetida continuamente a ordens de interdição e assédio policial a partir de 1963. Foi eleita um dos três presidentes da FDU na formação da entidade em agosto de 1983. Em 1985 foi acusada, juntamente com 15 outros líderes da FDU e sindicais, de traição naquele que ficou conhecido como o Julgamento por Traição de Pietermaritzburgo. Membro do Parlamento a partir de 1994, até sua aposentadoria em 1999. Presidente do Conselho Mundial da Paz, 1993-1996. Recebeu em 2003 o Prêmio Mulher de Distinção em reconhecimento à sua corajosa luta pelos direitos e dignidade humanos.

Sisulu, Walter Ulyate Max (nome de clã, Xhamela e Tyhopho)

(1912-2003) Ativista anti-apartheid e preso político. Marido de Albertina Sisulu.

Conheceu Mandela em 1941 e apresentou-o a Lazar Sidelsky, que lhe deu um emprego. Líder do CNA e cofundador da ANCYL em 1944. Preso e indiciado, sob a Lei de Repressão ao Comunismo, por ser um dos líderes da Campanha do Desafio de 1952. Preso e mais tarde inocentado no Julgamento por Traição de 1956. Recebia continuamente ordens de interdição e foi posto em prisão domiciliar depois da proibição do CNA e do CPA. Ajudou a fundar o MK e serviu em seu alto-comando. Entrou na clandestinidade em 1963. Julgado culpado de sabotagem no Julgamento de Rivonia e condenado à prisão perpétua em 12 de junho de 1964. Cumpriu a sentença na Ilha de Robben e na Prisão de Pollsmoor. Libertado em 15 de outubro de 1989. Membro da equipe de negociação do CNA com o governo do apartheid para acabar com o domínio branco. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1992.

Skota, Mweli

(c. 1880) Escriturário, jornalista, intérprete, empresário e editor de jornal. Membro destacado do SANNC (mais tarde CNA). Fundador e editor do jornal *Abantu-Batho*, do CNA. Membro do AAC.

Slovo, Joe

(1926-1995) Ativista anti-apartheid. Casou-se com Ruth First em 1949. Membro destacado do CNA e do CPSA. Comandante do MK. Entrou para o CPSA em 1942 e estudou Direito na Universidade de Witwatersrand, onde conheceu Mandela e foi líder estudantil. Ajudou a criar o COD e foi acusado no Julgamento por Traição de 1956. Detido por seis meses durante o Estado de Emergência de 1960. Ajudou na formação do MK. Foi para o exílio de 1963 a 1990 e viveu no Reino Unido, Angola, Moçambique e Zâmbia. Secretário-geral do SACP em 1986. Chefe do estado-maior do MK. Participou de negociações pluripartidárias para acabar com o domínio branco. Ministro da Habitação no governo Mandela a partir de 1994. Recebeu o Isitwalandwe Seaparankoe, a mais alta honraria do CNA, em 1994.

Sobukwe, Robert Mangaliso

(1924-1978) Advogado, ativista anti-apartheid e preso político. Membro da ANCYL e do CNA, até que formou o CPA baseado na visão da “África para os africanos”. Editor do jornal *The Africanist*. Preso depois do Massacre de Sharpeville, de 1960. Acusado de subversão e condenado a três anos de prisão. Antes de ser libertado, foi aprovada a Emenda N° 37 de 1963, a qual permitia que pessoas já condenadas por crimes políticos tivessem suas sentenças

renovadas – esta emenda ficou conhecida como a “Cláusula de Sobukwe” – e com isso ele teve que passar outros seis anos na Ilha de Robben. Libertado em 1969, foi para a casa da família em Kimberley, onde permaneceu em prisão domiciliar por 12 horas, e foi proibido de participar de qualquer atividade política em consequência de uma ordem de interdição imposta ao CPA. Na prisão estudou Direito e abriu seu próprio escritório de advocacia em 1975.

Stengel, Richard

Editor e escritor. Colaborou com Mandela em sua autobiografia *Longo caminho para a liberdade* (publicada em 1994). Coprodutor do documentário *Mandela* em 1996. Editor da revista *Time*.

Suzman, Helen

(1917-2009) Acadêmica, política, ativista anti-apartheid e congressista. Professora de História Econômica na Universidade de Witwatersrand. Fundou uma ala do Partido Unido na Universidade de Witwatersrand em resposta às políticas racistas do apartheid. Membro do Parlamento pelo Partido Unido, 1953-1959, e posteriormente pelo Partido Federal Progressista (1961-1974). Única professora de oposição autorizada a visitar a Ilha de Robben.

Tambo (née Tshukudu), Adelaide Frances

(1929-2007) Enfermeira, assistente social e ativista anti-apartheid e pelos direitos da mulher. Casou-se com Oliver Tambo em 1956. Membro da ANCYL. Participou da Marcha das Mulheres em 1956. Recebeu inúmeras honrarias, inclusive a Ordem de Simon e Cyrene em julho de 1997, a mais alta condecoração conferida pela Igreja Anglicana aos laicos por serviços distintos, e a Ordem de Baobab em Ouro em 2002.

Tambo, Oliver Reginald (O.R.)

(1917-1993) Advogado, político e ativista anti-apartheid. Membro destacado do CNA e membro fundador da ANCYL. Cofundador, com Mandela, do primeiro escritório africano de advocacia da África do Sul. Tornou-se secretário-geral do CNA, depois que Walter Sisulu foi banido, e vice-presidente em 1958. Em 1959 recebeu uma ordem de interdição de cinco anos. Deixou a África do Sul nos anos 1960 para administrar as atividades do CNA no exterior e mobilizar oposição contra o apartheid. Estabeleceu campos de treinamento militar fora da África do Sul. Iniciou a Campanha Libertem Nelson Mandela nos anos 1980. Viveu no exílio em Londres até 1990. Presidiu o CNA em 1967, depois da morte do chefe Albert Luthuli. Foi eleito presidente em 1969 na Conferência de

Morogoro, posto que ocupou até 1991, quando tornou-se presidente do CNA. Agraciado com a mais alta honraria do CNA, o Isitwalandwe Seaparankoe, em 1992.

Thema, Selope

(1886-1955) Jornalista e ativista político. Membro destacado do CNA. Secretário da delegação junto à Conferência de Versalhes e ao governo britânico, em 1919.

Tshwete, Steve Vukile

(1938-2002) Ativista anti-apartheid, preso político, político e congressista. Membro do CNA e do MK. Preso na Ilha de Robben de 1964 a 1978 por ser membro de uma organização ilegal. Trabalhou no Comitê Executivo do CNA em 1988 e participou das conversações em Groote Schuur em 1990. Ministro dos Esportes e Recreação de 1994 a 1999. Promoveu a eliminação do racismo nos esportes sul-africanos. Ministro da Segurança de 1999 a 2002.

Turok, Ben

(1927-) Acadêmico, sindicalista, político, ativista anti-apartheid e congressista. Membro do CPSA e do CNA. Membro do COD sul-africano envolvido na organização do Congresso do Povo em 1955. Membro fundador do MK. Preso e posteriormente inocentado no Julgamento por Traição. Representou os africanos do Cabo Oeste no Conselho Provincial do Cabo em 1957. Foi para o exílio em 1966.

Tutu, arcebispo Desmond

(1931-) Arcebispo emérito e ativista anti-apartheid e pelos direitos humanos. Bispo de Lesoto de 1976 a 1978. Primeiro secretário-geral negro do Conselho de Igrejas Sul-Africano em 1978. Depois das eleições de 1994, presidiu a Comissão da Verdade e da Reconciliação para investigar os crimes do apartheid. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz por buscar um final não violento para o apartheid, o Prêmio Albert Schweitzer por Humanitarismo, em 1986, e o Prêmio Gandhi da Paz, em 2005.

Tyhopho

(Ver Sisulu, Walter.)

Umkhonto we Sizwe (MK)

O Umkhonto we Sizwe, que significa “lança de uma nação”, foi fundado em

1961 e é comumente conhecido pela abreviação MK. Nelson Mandela foi seu primeiro comandante em chefe. Transformou-se no braço militar do CNA. Depois das eleições de 1994, o MK foi desfeito e seus soldados foram incorporados à recém-formada Força de Defesa Nacional Sul-Africana (SANDF) com soldados da Força de Defesa Sul-Africana, anteriormente pertencentes ao apartheid, as forças de defesa dos bantustões, as unidades de autoproteção do IFP e o Exército de Libertação do Povo Azaniano (APLA), o braço militar do CPA.

União Democrática do Povo Africano da África do Sul (APDUSA)

Formada em 1961 para defender os direitos das oprimidas classes rurais e classes trabalhadoras urbanas e educá-las politicamente. Filiada ao Movimento da Unidade Não Europeia (NEUM) e à Convenção Africana (AAC). Liderada por Tabata Isaac Bangani.

Verwoerd, dr. Hendrik Frensch

(1901-1966) Primeiro-ministro da África do Sul de 1958 a 1966. Ministro de Assuntos Nativos de 1950 a 1958. Político do Partido Nacional. Considerado o arquiteto do apartheid, ele defendia um sistema de “desenvolvimento segregacionista”. Sob sua liderança a África do Sul tornou-se uma república em 31 de maio de 1961. Assassinado no Parlamento por Dimitri Tsafendas.

Vorster, Balthazar Johannes (B.J.)

(1915-1983) Primeiro-ministro da África do Sul de 1966 a 1978. Presidente da África do Sul de 1978 a 1979.

Weinberg, Eli

(1908-1981) Sindicalista, fotógrafo e ativista político. Membro do SACP. Submetido continuamente a ordens de interdição a partir de 1953. Detido por três meses em 1960 durante o Estado de Emergência e de novo em setembro de 1964. Condenado a cinco anos de prisão depois de ter sido considerado culpado de ser membro do Comitê Central do SACP. Fugiu da África do Sul em 1976 seguindo instruções do CNA.

Xhamela

(Ver Sisulu, Walter.)

Zami

(Ver Madikizela-Mandela, Nomzamo Winifred.)

Zeni

(*Ver* Mandela, Zenani.)

Zindzi

(*Ver* Mandela, Zindziswa.)

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

Davenport, Rodney e Saunders, Christopher, *South Africa: A Modern History*, 5ª ed., Londres, Macmillan Press Ltd., 2000

Kathrada, Ahmed, *Memoirs*, Cidade do Cabo, Zebra Press, 2004

Mandela, Nelson, *Long Walk to Freedom*, Londres, Little, Brown & Company, 1994

Meer, Fatima, *Higher Than Hope*, Johannesburg, Skotaville Publishers, 1988

Fundação Nelson Mandela: *A Prisoner in the Garden: Opening Nelson Mandela's Prison Archive*, Penguin, 2005

Nicol, Mike, *Mandela: The Authorized Portrait*, Auckland, PQ Blackwell, 2006

Sampson, Anthony, *Mandela: The Authorized Biography*, Londres, HarperCollins Publishers, 2000

Sisulu, Elinor, Walter e Albertina Sisulu: *In Our Lifetime*, Cidade do Cabo, David Philip Publishers, 2002

WEBSITES:

www.justice.gov.za/trc

www.nelsonmandela.org

www.robben-island.org.za

www.sahistory.org.za

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Zindzi Mandela pela permissão para reproduzir seu poema “Uma Árvore Derrubada” e pelo apoio do Centro Nelson Mandela de Memória e Diálogo.

Agradecemos ao presidente americano Barack Obama pelo seu generoso prefácio e ao embaixador Donald Gips por facilitar o contato com o presidente.

Reconhecemos a importância para este livro dos dois arquivos criados por Ahmed Kathrada e Richard Stengel, ambos entregues por seus criadores aos cuidados do Centro de Memória e Diálogo depois que o livro havia sido concebido.

As imagens fotográficas para o livro foram feitas com habilidade e muita paciência por Matthew Willman, com exceção das seguintes: pp. 22-23 (cena rural) e pp. 26-27 (jovem thembu) – Museu McGregor, Kimberley, Coleção Duggan-Cronin; pp. 40-41 (fotos formais de Mandela), pp. 74-75 (Mandela queimando seu passe) e p. 118 (Mandela em roupa típica) – Eli Weinberg; pp. 48-49 (multidão nos portões de Drill Hall) – Museum Africa, Times Media Collection; pp. 52-53 (*township* de Orlando) – Leon Levson; pp. 96-97 (Mandela em Londres) – Mary Benson; pp. 118-119 (*Rand Daily Mail*) – Avusa Publications; pp. 118-119 (protesto em Cato Manor) – Laurie Bloomfield; pp. 136-137 (prisioneiros no tribunal) – UWC-Robben Island Museum, Mayibuye Archives, Cloete Breytenbach; pp. 250-251 (mesa de Mandela, Ilha de Robben) e pp. 202-203 (Mandela no jardim da prisão) – Arquivo Nacional Sul-africano, cortesia da Fundação Nelson Mandela; pp. 132-133 (cerca de arame farpado, Ilha de Robben) e pp. 158-159 (cela de Mandela na Ilha de Robben) – Matthew Willman; pp. 230-231 (Mandela revisitando sua cela na Ilha de Robben) – Corbis, David Turnley; pp. 300-301 (F.W. de Klerk e Mandela na Convenção Nacional da Paz, Johannesburg) – Rodger Bosch; pp. 304-305 (fila no dia da eleição de 1994) – *Argus News*; pp. 348-349 (Mandela com camiseta estampada) – P.Q. Blackwell; pp. 366-367 (close de Mandela) – Fundação Nelson Mandela.

Estamos em dívida para com as seguintes instituições por proverem acesso a materiais: Museu Nelson Mandela, Arquivo Nacional da África do Sul, Universidade de Fort Hare e Universidade de Witwatersrand (documentos históricos).

Pela assistência e pelo apoio agradecemos a Zahira Adams, Jon Butler, Eric Chinski, Diana e Kate Couzens, Achmat Dangor, Lee Davies, Imani Media, Zelda la Grange, Molly Loate, Winnie Madikizela-Mandela, Zenani Mandela, Zindzi Mandela, Rochelle Mtirara, juiz Thumba Pillay, Natalie Skomolo, Wendy Smith, Jack Swart, Ivan Vladislavic e Gerrit Wagener.

Pela Fundação Centro de Memória e Diálogo Nelson Mandela: Verne Harris, Sahm Venter, Ahmed Kathrada, Tim Couzens, Sello Hatang, Razia Saleh, Lucia Raadschelders, Zanele Riba e Boniswa Nyati.

Pela editora P.Q. Blackwell: Geoff Blackwell, Ruth Hobday, Bill Phillips, Cameron Gibb, Rachel Clare, Dayna Stanley, Jonny Geller, Betsy Robbins, Kate Cooper e Sloan Harris.

CAPÍTULO 1

1. Professora Fatima Meer, ver Apêndice D.
2. Mandela é um thembu, pertencente à casa real, e deveria ter se casado com uma noiva.
3. Xhosa (isiXhosa) e sotho (sesotho) são duas das 11 línguas oficiais da África do Sul.
4. Autshumao (soletrado por Mandela “Autshumayo”), ver Apêndice D.
5. Os khoikhoi formam um dos quatro grupos de habitantes originais da África do Sul, ver Apêndice D.
6. Uma descrição da batalha em Poshuli’s Hoek é encontrada em *The Native Races of South Africa: A History of the Intrusion of the Hottentots and Bantu into the Hunting Grounds of the Bushmen, the Aborigines of the Country*, George W. Stow (publicado em 1905), que Mandela leu. (Ver a transcrição deste livro no final deste capítulo.) 7. Ver notas sobre essas pessoas no Apêndice D.

CAPÍTULO 2

- [8.](#) Ver notas sobre essas pessoas no Apêndice D.
- [9.](#) Enquanto estava na prisão, Mandela continuou seus estudos e obteve o diploma em Direito em 1989.
- [10.](#) A circuncisão é um ritual de iniciação xhosa, fazendo a passagem do menino para o adulto. Mandela foi circuncidado aos 16 anos de idade.
- [11.](#) Fundada em 1916, a Universidade de Fort Hare foi a primeira faculdade da África do Sul a ministrar curso superior a negros sul-africanos.

CAPÍTULO 3

- [12.](#) Mandela morou em Alexandra, uma comunidade pobre com superpopulação, conhecida como “Cidade Sombria” devido ao fato de não ter eletricidade.
- [13.](#) Lazar Sidelsky, ver Apêndice D.
- [14.](#) Seu nome verdadeiro era Johannes (Skipper Adonis) Molotsi.
- [15.](#) Winnie era assistente social no Hospital Baragwanath.
- [16.](#) Michael Harmel, ver Apêndice D.
- [17.](#) Joe Slovo, ver Apêndice D. Ruth First, ver Apêndice D.
- [18.](#) Gaur Radebe, ver Apêndice D.
- [19.](#) Lionel (Rusty) Bernstein, ver Apêndice D.
- [20.](#) Winifred Nomzamo Madikizela-Mandela, ver Apêndice D.
- [21.](#) *“Sweet are the uses of adversity/Which, like the toad, ugly and venomous/Wears yet a precious jewel in his head.”* De *As You Like It* [Como gostais], William Shakespeare, Ato II, Cena 1.
- [22.](#) Kaiser Daliwonga (K.D.) Matanzima, ver Apêndice D.
- [23.](#) Mandela usou tanto “Umtata” (ortografia colonial) como “Mthatha” (ortografia pós-apartheid).
- [24.](#) Sob a Lei de Autodeterminação dos Bantus, de 1951, o governo do apartheid estabeleceu territórios chamados bantustões para os negros sul-africanos.
- [25.](#) Indivíduos e organizações eram punidos pelo governo, sujeitados a uma série de restrições.
- [26.](#) Dr. James Sebe Moroka, ver Apêndice D.
- [27.](#) Ahmed Mohamed (Kathy) Kathrada, ver Apêndice D.
- [28.](#) Dr. Yusuf Dadoo, ver Apêndice D.
- [29.](#) Walter Ulyate Max Sisulu, ver Apêndice D.
- [30.](#) Chefe Albert John Mvumbi Luthuli, ver Apêndice D.
- [31.](#) Ruth First morreu em Moçambique a 17 de agosto de 1982, ao abrir um embrulho que continha uma bomba, endereçado a ela.
- [32.](#) Mandela estava prestes a embarcar num feriado para Durban, Transkei e Cidade do Cabo, em 1955. Philemon (Duma) Nokwe, ver Apêndice D.

CAPÍTULO 4

- [33.](#) Nesta e nas duas próximas referências, Mandela está falando de uma viagem que fez quando expirou sua ordem de proibição, em 1955.
- [34.](#) Evelyn Ntoko Mase, ver Apêndice D.
- [35.](#) O Boicote da Batata, em 1959, atraiu a atenção para as condições de trabalho escravo dos sul-africanos nas fazendas de plantação de batatas.
- [36.](#) Henry Nxumalo (1917-57). Jornalista e subeditor da revista *Drum*, que fez uma matéria denunciando as fazendas de plantação de batatas.
- [37.](#) Lilian Masediba Ngoyi, ver Apêndice D.
- [38.](#) Oliver Reginald Tambo, ver Apêndice D.
- [39.](#) Ganyile estava se tratando com ervas medicinais provavelmente receitas por um curandeiro, um *inyanga*.
- [40.](#) O Estado de Emergência de 1960 se caracterizou por prisões em massa, prisão de muitos líderes africanos, inclusive Mandela, e as ordens de prisão do CNA e do CPA.
- [41.](#) Mandela foi capturado em 5 de agosto de 1962. Quando a polícia invadiu a Liliesleaf Farm, em julho de 1963, prendeu membros da MK e apreendeu documentos que os incriminavam.
- [42.](#) Ben Turok, ver Apêndice D. Ismail Ahmad (Maulvi) Cachalia, ver Apêndice D.
- [43.](#) Enquanto estava foragido, Mandela usou vários disfarces.
- [44.](#) Cecil Williams (falecido em 1979) foi um diretor de teatro, branco e ativista anti-apartheid.
- [45.](#) Umkhonto we Sizwe (MK), ver Apêndice D.
- [46.](#) Nesse discurso, Mandela disse que o tempo de resistência passiva tinha acabado.
- [47.](#) Moses Kotane, ver Apêndice D.
- [48.](#) Masabalala Bonnie (M.B.) Yengwa (1923-87). Ativista anti-apartheid e ministro religioso. Membro do CNA.
- [49.](#) Dr. Gangathura Mohambry (Monty) Naicker, ver Apêndice D.
- [50.](#) Petrus Molefe morreu quando uma bomba colocada por ele, em 16 de

dezembro de 1961, explodiu antecipadamente.

CAPÍTULO 5

- [51.](#) Colin Legum (1919-2003). Escritor, jornalista, ativista anti-apartheid.
- [52.](#) Presidente William Vacanarat Shadrach Tubman (1895-1971), presidente da Libéria, 1944-71.
- [53.](#) David Astor (1912-2001), editor do jornal inglês.
- [54.](#) Michael Scott (1907-83). Clérigo, cineasta e ativista anti-apartheid.
- [55.](#) Winnie e suas duas filhas. Gombo era o cão da família.
- [56.](#) Robert Resha, ver Apêndice D.
- [57.](#) Dr. Abdelhamid Brahimi (1936-). Mais tarde, foi primeiro-ministro da Argélia, 1984-88.
- [58.](#) Denis Healey (1917-). Político do Partido Trabalhista Britânico.
- [59.](#) Hugh Gaitskell (1906-63). Político do Partido Trabalhista. Líder do partido entre 1955 e 1963.
- [60.](#) Harold Macmillan (1894-1986). Primeiro-ministro britânico, 1957-63.
- [61.](#) Anthony Sampson, ver Apêndice D.

CAPÍTULO 6

- [62.](#) Kathrada se refere a como Mandela foi preso em 5 de agosto de 1962.
- [63.](#) Nontsikelelo (Ntsiki) Albertina Sisulu, ver Apêndice D.
- [64.](#) Ver nota 62.
- [65.](#) Hilda Bernstein, ver Apêndice D.
- [66.](#) Rusty Bernstein foi absolvido no Julgamento de Rivonia.
- [67.](#) Depois do julgamento, os Bernstein fugiram da África do Sul.
- [68.](#) Robert Mangaliso Sobukwe, ver Apêndice D.
- [69.](#) Os quatro companheiros eram Abdulhay Jassat, Moosa (Mosie) Moolla, Harold Wolpe e Arthur Goldreich. Em 11 de agosto de 1963 eles fugiram da delegacia de polícia na Marshall Square, em Johannesburg, subornando Johannes Greeff.
- [70.](#) Isu (Laloo) Chiba, ver Apêndice D.
- [71.](#) Moosa Mohamed (Mosie) Moolla, ver Apêndice D.
- [72.](#) Harold Wolpe (1926-96). Economista, escritor e ativista anti-apartheid. Membro do SACP.
- [73.](#) Caroline Motsoaledi. Esposa de Elias (Mokoni) Motsoaledi. Para Elias (Mokoni) Motsoaledi, ver Apêndice D.
- [74.](#) Sefton Siphiwo Vutela. Casado com a irmã de Winnie, Nancy Madikizela.

CAPÍTULO 7

- [75.](#) Archibald Gumede (1914-88). Advogado e ativista anti-apartheid. Membro do CNA. Cofundador e presidente da Frente Democrática Unida (FDU).
- [76.](#) Amina Cachalia, ver Apêndice D.
- [77.](#) Mandela foi aprisionado duas vezes na Ilha de Robben. A primeira vez por duas semanas em 1963, quando ele estava cumprindo uma pena de cinco anos por incitação à greve e por deixar o país sem passaporte.
- [78.](#) Na verdade, Mandela está se referindo à quinta guerra xhosa, de 1818 a 1819.
- [79.](#) Na verdade, Mandela está se referindo à sexta guerra xhosa, de 1834 a 1836.
- [80.](#) Xequê Abdul Rahman Mantura, clérigo muçulmano que ficou preso na Ilha de Robben no século XVIII.
- [81.](#) Ahmed Ben Bella (1918-), presidente da Argélia de 1963 a 1965.
- [82.](#) Sob o sistema do apartheid, os sul-africanos negros deveriam chamar os homens brancos de “baas”, palavra que significa “patrão” em africâner.
- [83.](#) Andrew Mokete Mlangeni, ver Apêndice D.
- [84.](#) Na Ilha de Robben, os prisioneiros eram postos para trabalhar numa pedreira de calcário. Os olhos de muitos prisioneiros, entre eles Mandela, eram prejudicados pelo alto brilho do sol batendo nas pedras brancas.
- [85.](#) Steve Vukhile Tshwete, ver Apêndice D.
- [86.](#) “Três refeições” é uma punição na qual o prisioneiro é colocado em isolamento sem refeições por um dia.
- [87.](#) Dr. Hendrik Frensch Verwoerd, ver Apêndice D.
- [88.](#) Os funcionários forjavam regularmente acusações contra prisioneiros como uma desculpa para puni-los.
- [89.](#) Mandela se referia ao confinamento na solitária da Penitenciária Local de Pretória enquanto aguardava julgamento em 1962.
- [90.](#) Frieda Matthews (nascida Bokwe). Casada com o professor Zachariah Keodirelang (Z.K.) Matthews. Para professor Zachariah Keodirelang (Z.K.) Matthews, ver Apêndice D.
- [91.](#) Mandela foi transferido para a Penitenciária Victor Verster em 1988; ver Apêndice D.

- [92.](#) Balthazar Johannes (B.J.) Vorster, ver Apêndice D.
- [93.](#) Makgatho (Kgatho) Mandela, ver Apêndice D.
- [94.](#) Madiba é o nome do clã de Mandela.

CAPÍTULO 8

- [95.](#) Nosekeni Fanny Mandela, a mãe de Nelson Mandela, morreu de um ataque do coração em 26 de setembro de 1968.
- [96.](#) Nophikela Madikizela. Madrasta de Winnie.
- [97.](#) Em 1969, Winnie foi detida e colocada na solitária por 17 meses.
- [98.](#) Uma carta especial é quando a carta de um prisioneiro não é descontada da quota dele. Essa permissão era concedida geralmente para cartas especiais depois de uma morte, ou relacionada com estudos.
- [99.](#) Makaziwe (Maki) Mandela, segunda filha de sua primeira mulher, Evelyn. Ver Apêndice D.
- [100.](#) Thoko, mulher de Thembi, e duas filhas, Ndileka e Nandi.
- [101.](#) Nolusapho Irene Mkwai. Mulher de Wilton Zimasile Mkwai. Para Wilton Zimasile Mkwai, ver Apêndice D.
- [102.](#) Irene Buthelezi. Mulher de Mangosuthu Buthelezi. Ver nota 103.
- [103.](#) Mangosuthu Buthelezi, ver Apêndice D.
- [104.](#) Makaziwe Mandela, ver Apêndice D.
- [105.](#) Adelaide Frances Tambo, ver Apêndice D. Uma nota foi escrita sobre esta carta por um censor da prisão, indicando que era uma “carta para Adelaide Tambo” – Mandela havia usado um pseudônimo. É pouco provável que ela tenha sido postada.
- [106.](#) Chefe Jongintaba Dalindyebo, ver Apêndice D.
- [107.](#) Douglas Lukhele. Advogado. Senador e procurador-geral na Suazilândia. Ver nota 108, neste capítulo.
- [108.](#) Chancellor House foi o edifício em que Mandela e Oliver Tambo iniciaram suas atividades como advogados em 1952.
- [109.](#) O Mercado Mai-Mai é o mais antigo mercado de Johannesburg, conhecido por suas ervas medicinais tradicionais.
- [110.](#) Mandela e Oliver Tambo eram dois dos 156 membros da Aliança do Congresso presos e acusados de alta traição em 1956. Ver Apêndice D.
- [111.](#) Nonyaniso Madikizela, irmã de Winnie.
- [112.](#) Mandela está se referindo à sua decisão em 1961 de passar para a

clandestinidade e formar o MK.

- [113.](#) Nomfondo (Mfundo) Mandela, Matso (Motsobise) e Bazala Biyana, e Thamie e Andile Xaba: primos dos filhos de Mandela. Nombeko Mgulwa: relação distante. Mpho e Tabo Ngakane: filhos de amigos íntimos da família.
- [114.](#) Joyce Sikhakhane, ver Apêndice D.
- [115.](#) *Re roba matsoho* é uma forma de congratulação em setsuana.
- [116.](#) Satyandranath (Mac) Maharaj, ver Apêndice D.
- [117.](#) Tim Maharaj. Primeira esposa de Mac Maharaj. Para Mac Maharaj, ver Apêndice D.
- [118.](#) George Bizos, ver Apêndice D.
- [119.](#) Os censores da prisão com frequência cortam das cartas palavras, frases e parágrafos que consideram ofensivos.
- [120.](#) Winnie foi condenada por violar seu banimento, por estar na companhia de outra pessoa banida.

CAPÍTULO 9

- [121.](#) Mandela escreveu a autobiografia em segredo e Ahmed Kathrada e Walter Sisulu a revisaram em busca de imprecisões factuais. Mac Maharaj e Laloo Chiba então transcreveram a obra com letras muito pequenas em folhas finas de papel.
- [122.](#) Billy Nair, ver Apêndice D.
- [123.](#) Uma aliança de organizações anti-apartheid composta pelo CNA, SAK, COD e CPC.
- [124.](#) Os prisioneiros eram classificados de acordo com quatro graus, de A a D; os prisioneiros grau A recebiam o máximo de privilégios. Na chegada, os prisioneiros políticos eram grau D, significando que podiam receber e escrever somente uma carta e ver somente um visitante a cada seis meses.
- [125.](#) Rosalynn Carter (1927-). Casada com o presidente Jimmy Carter.
- [126.](#) Mantatisi (1780-1826). Regente de Batlokwa (Sotho), 1813-1826.
- [127.](#) A dra. Ayesha Arnold (morta em 1987) era uma amiga na Cidade do Cabo, com quem Zeni e Zindzi ficavam quando visitavam Mandela na prisão. Ela escrevia para Mandela e lhe enviava alimentos.
- [128.](#) *Black As I Am* era uma coleção de poemas publicada quando Zindzi tinha por volta de 16 anos e dedicada aos seus pais.
- [129.](#) Thorobetsane Tshukudu era um nome fictício para Adelaide Tambo (Tshukudu era seu nome de solteira). Ver Apêndice D. Mandela não queria que ela alertasse as autoridades de que ele estava escrevendo para os Tambo, que estavam exilados no Reino Unido, e a carta foi enviada aos cuidados de Winnie.
- [130.](#) *Oo-thobela sikutyele* é uma expressão isiXhosa que significa uma pessoa que se aproveita de você se você é vulnerável ou ingênuo.
- [131.](#) Zenani (Zeni) Mandela, ver Apêndice D. Casada com o príncipe Thumbumuzi (Muzi) Dlamini, filho do rei Sobhuza da Suazilândia, em 1973.
- [132.](#) O Movimento de Consciência Negra era um movimento anti-apartheid voltado para jovens e trabalhadores negros; ver Apêndice D.

CAPÍTULO 10

- [133.](#) Frank Chikane (1951-). Clérigo, ativista anti-apartheid, escritor e funcionário público. Membro do CNA.
- [134.](#) Sheena Duncan (1923-2010). Ativista anti-apartheid. Líder da Faixa Negra, uma organização anti-apartheid de mulheres brancas. Mandela escreveu esta carta a ela no trigésimo aniversário da fundação da Faixa Negra.
- [135.](#) Samuel Dash (1925-2004). Membro do conselho da Liga dos Direitos Humanos Internacionais. Conselheiro do Comitê Watergate do Senado. Dash foi o primeiro americano a entrevistar Mandela na prisão, em 1985.
- [136.](#) Mandela está se referindo ao seu treinamento militar no Marrocos em 1962.
- [137.](#) Lorde Nicholas Bethell (1938-2007). Político, historiador e ativista dos direitos humanos britânico. Membro do parlamento e da assembleia europeus. Entrevistou Mandela na Prisão Pollsmoor em 1985.
- [138.](#) Mandela dividiu uma cela com Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Andrew Mlangeni e Ahmed Kathrada.
- [139.](#) Dr. Lukas (Niël) Barnard, ver Apêndice D. Thabo Mbeki, ver Apêndice D.
- [140.](#) Alfred Baphetuxolo Nzo, ver Apêndice D.
- [141.](#) Jacob Gedleyihlekisa Zuma (1942-). Presidente da África do Sul (2009-).
- [142.](#) Mandela escreveu ao ministro da Justiça Kobie Coetsee em 1985, para solicitar um encontro para iniciar a discussão da possibilidade de conversações entre o governo e o CNA.
- [143.](#) A Carta da Liberdade, ver Apêndice D.
- [144.](#) A Prisão Victor Verster está localizada entre Paarl e Franschhoek, no Cabo Oeste; ver Apêndice D.
- [145.](#) Jack Swart era um guarda que cozinhava para Mandela na Prisão Victor Verster.
- [146.](#) Os membros do CNA e do Partido Inkatha Freedom estavam engajados numa batalha mortal pela supremacia em partes do país.
- [147.](#) As anotações foram feitas pelo advogado de Mandela, Ismail Ayob, e foram localizadas nos arquivos do CNA na Universidade de Fort Hare.
- [148.](#) Harry (Mphephethe) Themba Gwala (1920-95). Professor, político e prisioneiro político. Membro do SACP. Membro do MK [braço armado do

CNA].

[149.](#) Shaka ka Senzangakhoma (1787-1828). Rei dos zulus, 1816-1828.

[150.](#) Shauna Bradley era enfermeira na Clínica Médica Constantiaberg.

CAPÍTULO 11

- [151.](#) *Bury My Heart at Wounded Knee*, de Dee Brown (publicado em 1970).
- [152.](#) Havia ocorrido um terremoto no continente, causando muitos danos na cidade de Tulbagh.
- [153.](#) O governo convidou 25 jornalistas para a Ilha de Robben para desmentir rumores de maus-tratos a prisioneiros políticos.
- [154.](#) Depois de sua prisão em 1976, Winnie foi banida de Johannesburgo para Brandfort, no Estado Livre, em 1977.
- [155.](#) Mandela e os outros prisioneiros julgados em Rivonia haviam decidido que, devido ao apoio de Matanzima ao esquema de bantustão, Mandela não deveria se encontrar com ele.
- [156.](#) James Kruger (1917-1987). Político. Ministro da Justiça e da Polícia, 1974-1979. Presidente do Senado, 1979-1980.
- [157.](#) Zaziwe (Zazi) é filha de Zenani, neta de Mandela.
- [158.](#) Zamaswazi (Swati) é filha de Zenani, neta de Mandela.
- [159.](#) Ministro da Lei e Ordem Louis le Grange. Du Preez era comissário das prisões.
- [160.](#) Albert Bambilanga Mtirara. Governador de Aba Thembu.
- [161.](#) A dedicatória em *Black As I Am*.
- [162.](#) Filha de Lilian Ngoyi.
- [163.](#) Helen Suzman, ver Apêndice D.
- [164.](#) Zobuhle é Zoleka Seakamela (1980-), filha de Zindzi e neta de Mandela.
- [165.](#) Buthi (significa “irmão”, embora não necessariamente de sangue). Uma relação masculina de Mandela com sua cidade natal.
- [166.](#) Oupa Seakamela. Sócia de Zindzi na ocasião.
- [167.](#) O Dia Oficial da Solidariedade com os Prisioneiros Políticos Sul-Africanos foi designado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1976.
- [168.](#) A Lei da Educação Bantu de 1953 legalizou a separação de raças em instituições educacionais.
- [169.](#) Mandela recebeu o Prêmio Jawaharlal Nehru para o Entendimento Internacional do Governo da Índia em 1979.

- [170.](#) Mandela foi nomeado para a posição de chanceler da Universidade de Londres em 1981.
- [171.](#) Arcebispo Desmond Tutu. Ver Apêndice D.
- [172.](#) Michael Foot (1913-2010). Líder do Partido Trabalhista Britânico e escritor.
- [173.](#) David Steel (1938-). Político britânico e líder do Partido Liberal, 1976-1988.
- [174.](#) Anthony Bobby Tsotsobe, Johannes Shabangu e David Moise eram membros do MK.
- [175.](#) Solomon Mahlangu (1956-1979). Membro do MK. Foi enforcado.
- [176.](#) Mabitsela era membro do MK. Estava ficando na casa de Winnie.
- [177.](#) Mlungisi Griffiths Mxenge (-1981). Ativista anti-apartheid, advogado defensor dos direitos humanos e prisioneiro político. Membro do CNA. Foi assassinado pela polícia de segurança.
- [178.](#) Allister Sparks (1933-). Escritor, jornalista e comentarista político.
- [179.](#) Ngwenyama Sobhuza II (1899-1982). Rei Sobhuza da Suazilândia. Sogro de Zenani.
- [180.](#) Ngugi wa Thiong'o (1938-). Autor queniano.
- [181.](#) Breyten Breytenbach (1939-). Escritor e pintor. Ficou preso na Prisão Pollsmoor por sete anos sob a Lei do Terrorismo.
- [182.](#) John Jeremy Thorpe (1929-). Líder do Partido Liberal Britânico.
- [183.](#) Peter Soal (1936-). Conselheiro da cidade de Johannesburgo e membro do Parlamento.
- [184.](#) A rua Selous recebeu o nome de Frederick Courtney Selous (1851-1917).
- [185.](#) George W. Crockett, Jr. (1909-1977). Membro da Câmara dos Deputados dos EUA, 1980-1991.
- [186.](#) Congresso Indiano do Transvaal, Conselho de Sindicatos da África do Sul, Sindicato dos Trabalhadores Aliados Sul-Africanos.
- [187.](#) Todos os membros do MK que foram executados por alta traição.
- [188.](#) Mandela plantava verduras no telhado da prisão de Pollsmoor.
- [189.](#) Archibald Mvuyelwa Govan Mbeki, ver Apêndice D.
- [190.](#) “Libertem Nelson Mandela” era uma canção de protesto escrita por Jerry Dammers da banda The Specials (lançada no single *Free Nelson Mandela/Break Down the Door*, 1984).
- [191.](#) Dumani Mandela. Filho de Makaziwe Mandela e neto de Mandela.

- [192.](#) Allan Hendrickse (1927-2005). Ministro, professor e político do Partido Trabalhista.
- [193.](#) Marietjie van der Merwe. Mulher de Harvey van der Merwe, amigo de Mandela.
- [194.](#) Shenaz Meer. Filha de Fatima Meer, ver Apêndice D.
- [195.](#) Jimmy Cliff (1948-). Cantor jamaicano de ska e reggae.
- [196.](#) *Sol Plaatje: South African Nationalist*, Brian Willan (publicado em 1984). Solomon Tshekisho Plaatje, ver Apêndice D.
- [197.](#) Mandela está se referindo ao estudo para se formar em Direito.
- [198.](#) A medida da altura de Mandela é dois centímetros maior que em dezembro de 1983, sugerindo uma atitude displicente dos guardas que fizeram a medição.
- [199.](#) *A escolha de Sophia* (lançado em 1982).
- [200.](#) *Amadeus* (lançado em 1984).
- [201.](#) Olusegun Obasanjo (1937-). General do exército nigeriano. Presidente da Nigéria, 1999-2007. Foi um dos sete do Grupo de Pessoas Eminentes, que foram enviadas pela Comunidade para investigar o apartheid na África do Sul.
- [202.](#) Possivelmente *Boetie Gaan Border Toe* (lançado em 1984).
- [203.](#) James Gregory (1941-1993). Guarda de prisão, censor e autor de *Goodbye Bafana* (publicado em 1995).
- [204.](#) NoMoscow. Mulher sênior do rei Sabata e mãe do rei Buyelekhaya. O rei Sabata Jonguhlanga Dalindyebo morreu no exílio em Zâmbia.
- [205.](#) *Paul Jacobs and the Nuclear Gang* (lançado em 1978). *Electric Boogie* (lançado em 1983).
- [206.](#) Tiaan van der Merwe. Parlamentar do Partido Federal Progressista.
- [207.](#) Daliwonga é K.D. Matanzima.
- [208.](#) Reverendo Peter Storey. Ministro metodista.
- [209.](#) *Revenge of the Nerds* (lançado em 1984).
- [210.](#) Membros do MK que foram executados em 9 de setembro de 1986.
- [211.](#) Nelson Title Mabuna (-1996). *Imbongi*. (Um *imbongi* é um poeta laudatório tradicional.) [212.](#) Dr. James (Jimmy) Lowell Zwelinzima Njongwe (1919-1976). Médico e ativista anti-apartheid. Presidente do CNA no Cabo. Constance (Connie) Njongwe (1920-2009). Enfermeira e ativista anti-

apartheid. Esposa do dr. James Njongwe.

[213.](#) Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Andrew Mlangeni e Ahmed Kathrada estavam então detidos na seção feminina da Prisão Pollsmoor.

[214.](#) John Barratt (1930-2007). Diretor nacional do South African Institute of International Affairs, 1967-1994.

[215.](#) Nontancu Mabel Timakwe (nascida Mandela) (1924-2002).

[216.](#) Nomabandla Piliso (nascida Leabie) (1930-1997). Zozo é filha de Zindzi e neta de Mandela, Zoleka. Zondwa é filho de Zindzi e neto de Mandela, também conhecido como Gadaffi (1985-).

[217.](#) Um Zondwa é filho de Zindzi. O outro é Zondwa Malefane, filho de M.K. Malefane.

[218.](#) Filhos de Lazar Sidelsky.

[219.](#) Mandla Mandela (1974-). Filho de Makgatho e neto de Mandela.

[220.](#) Mafu é Mafu Matanzima.

[221.](#) Princesa Stella Sigcau (1937-2006), primeira-ministra de Transkei, 1987, e membro do gabinete na África do Sul pós-apartheid.

[222.](#) Mamphela Ramphele (1947-). Acadêmico, médico e ativista anti-apartheid.

[223.](#) Oscar Mafakafaka Mpetha (1909-1994). Ativista anti-apartheid, sindicalista e prisioneiro político.

[224.](#) Ndaba Mandela. Filho de Makgatho e neto de Mandela.

[225.](#) Frederik Willem II de Klerk, ver Apêndice D.

[226.](#) Walter Sisulu, Raymond Mhlaba, Ahmed Kathrada, Andrew Mlangeni, Elias Motsoaledi, Jeff Masemola, Wilton Mkwayi e Oscar Mpetha foram libertados cinco anos depois da Prisão de Johannesburgo.

[227.](#) Gerrit Viljoen (1926-2009). Ministro do Desenvolvimento Constitucional. Providenciou a estrutura para as discussões do governo com o CNA.

[228.](#) Jafta (Jeff) Kgalabi Masemola (1928-1990). Ativista e prisioneiro político. Membro do CPA [Congresso Pan-Africano].

[229.](#) Rochelle Mtirara. Neta de Mandela por tradição.

[230.](#) Cyril Ramaphosa e Murphy Morobe.

[231.](#) Mary Benson (1919-2000). Escritora e ativista anti-apartheid.

[232.](#) Reggie Vandeyar e Shirish Nanabhai eram membros do MK que se tornaram prisioneiros políticos.

[233.](#) Ntsiki é Albertina Sisulu.

CAPÍTULO 12

- [234.](#) Sam Ntuli (-1991). Membro do CNA que foi assassinado. Pessoas presentes ao seu funeral em Katlehong, East Rand, foram assassinadas.
- [235.](#) Graça Machel, ver Apêndice D.
- [236.](#) A Codesa era um fórum pluripartidário de negociação que começou em 21 de dezembro de 1991 no World Trade Center de Johannesburg.
- [237.](#) A violência entre os partidários do Partido da Liberdade Inkhata e o CNA levou a milhares de mortes em KwaZulu-Natal de 1985 a 1995.
- [238.](#) Vinte e oito partidários do CNA foram mortos por soldados em 7 de setembro de 1992, durante uma marcha de protesto em que 70 mil partidários do CNA tentaram entrar em um estádio esportivo em Bisho, Ciskei.
- [239.](#) O Acordo Nacional de Paz, negociado por organizações políticas sul-africanas em 1991, visava evitar a violência. A Comissão Goldstone foi criada para investigar a violência política e a intimidação.
- [240.](#) Matamela Cyril Ramaphosa (1952-), Tembisiile (Chris) Hani, ver Apêndice D. Gertrude Shope (1925-), Ronnie Kasrils (1938-), Dr. Raymond Suttner (1945-), Tony Yengeni (1954-). Líderes do CNA.
- [241.](#) Chris Hani, ver Apêndice D.
- [242.](#) Mandela está se referindo à vizinha de Hani, que anotou o número da placa de Walus e chamou a polícia.
- [243.](#) Joaquim Alberto Chissano (1939-). Presidente de Moçambique, 1986-2005.
- [244.](#) Em 26 de março de 1990, 12 pessoas foram mortas e 300 feridas quando a polícia abriu fogo contra um grupo de manifestantes do CNA em Sebokeng, a pouco menos de 50 km de Johannesburg.
- [245.](#) Em 1993, Mandela propôs reduzir a idade para votar de 18 para 14 anos. A ideia foi rejeitada pelo Comitê Executivo do CNA.
- [246.](#) Oliver Tambo, que havia voltado à África do Sul em 1991, depois de três décadas no exílio, morreu de derrame em 24 de abril de 1993.
- [247.](#) Dezenove garotos tinham sido mortos por um assassino serial em Mitchell's Plain, Cidade do Cabo.
- [248.](#) Clarence Makwetu, John Nyathi Pokela, Edward (Eddie) Daniels, dr. Neville Alexander, Sathasivan (Saths) Cooper, Walter Sisulu, Govan Mbeki,

Ahmed Kathrada, George Peake, Dennis Brutus; ver Apêndice D.

[249.](#) Pieter Willem Botha, ver Apêndice D.

[250.](#) Ferdinand Hartzenberg (1936-). Originalmente um político do Partido Nacional, mas ajudou a formar o Partido Conservador, de direita, em 1982. Constand Viljoen (1933-). Ex-chefe da força de defesa na era apartheid e líder do Partido Frente da Liberdade.

[251.](#) Eugène Ney Terre'Blanche (1941-2010). Fundador do Afrikaner Weerstandsbeweging (ou AWB) de extrema direita, comprometido com a criação de uma república bôer/africânder.

[252.](#) Johan Adam Heyms (1928-1994). Teólogo da Igreja Reformada Holandesa.

[253.](#) A Unidade Vlakplaas, uma divisão da unidade contrarrevolucionária da polícia sul-africana, foi responsável pela tortura e morte de muitos ativistas anti-apartheid.

[254.](#) G.J. (Jakes) Gerwel, ver Apêndice D.

[255.](#) Em 1994, Machel foi indicada pelas Nações Unidas para conduzir um estudo sobre o impacto dos conflitos armados sobre as crianças.

[256.](#) Franklin Sonn (1939-). Membro do CNA. Embaixador da África do Sul nos EUA, 1995-1998.

[257.](#) Kenneth (K.K.) Kaunda (1924-). Presidente da Zâmbia, 1964-1991. Foi posto em prisão domiciliar por cinco meses.

[258.](#) A Shell House era a sede do CNA no centro de Johannesburgo.

[259.](#) Kgalema Petrus Motlanthe (1949-). Liderança do CNA. Presidente interino da África do Sul, set. 2008-maio 2009. Vice-presidente da África do Sul, 2009-.

[260.](#) Cheryl Carolus (1958-). Político. Membro do CNA. Alto comissário da África do Sul em Londres.

[261.](#) Rainha Bongoletu Ndamase, mãe de Ndamase Ndamase, dirigente atual de uma seção da tribo aba thembu.

[262.](#) Buyelekhaya Dalindyebo. Herdeiro do trono real da tribo aba thembu. Rainha Noluntu Dalindyebo. Esposa do rei Buyelekhaya Dalindyebo.

[263.](#) A Organização do Povo Azaniano (Azapo), fundada em 1978, foi inspirada pelo Movimento da Consciência Negra e uniu três organizações banidas: a Convenção do Povo Negro (BPC), a Organização dos Estudantes Sul-Africanos (SASO) e os Programas da Comunidade Negra (BCP).

CAPÍTULO 13

- [264.](#) Frene Ginwala (1932-). Jornalista e político. Orador da Assembleia Nacional da África do Sul, 1994-2000.
- [265.](#) Kweisi Mfume (1948-). Presidente da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor.
- [266.](#) Brian Mulroney (1939-). Primeiro-ministro do Canadá, 1984-1993.
- [267.](#) Papa João Paulo II (1920-2005).
- [268.](#) Francesco Cossiga (1928-). Presidente da República Italiana, 1985-1992.
- [269.](#) Em 1999, Mandela foi nomeado secretário-geral das Nações Unidas, como principal mediador das negociações de paz, para dar um fim à guerra civil no Burundi entre tutsis e hutus.
- [270.](#) Depois da explosão em Lockerbie do voo 103 da Pan Am, em 1988, que matou 270 pessoas, Mandela fez a mediação junto ao líder líbio, coronel Muammar Kadafi, para que este entregasse Abdelbaset Ali Mohamed al Megrahi e seu cúmplice às Nações Unidas.

CAPÍTULO 14

[271.](#) Eli Weinberg, ver Apêndice D.

[272.](#) Sheila Weinberg (1945-2004). Ativista anti-apartheid. Membro do CNA e da Assembleia Legislativa Gauteng. Filha de Eli Weinberg.

[273.](#) Herman Andimba Toivo ja Toivo. Combatente da liberdade na Namíbia, líder da Organização do Povo do Sudoeste da África (SWAPO) e preso político.

[274.](#) Zephania Lekoame Mothopeng (1913-1990). Ativista político. Presidente do CPA.

Título Original

CONVERSATIONS WITH MYSELF

Copyright do texto © 2010 Nelson R. Mandela e The Nelson Mandela Foundation *Copyright* do prefácio © 2010 *by* Barack Obama *Copyright* de criação e design © 2010 PQ Blackwell Limited Design do livro: Cameron Gibb

Devido ao espaço limitado, todos os agradecimentos pelas autorizações de reproduzir material previamente publicado e não publicado podem ser encontrados nos Agradecimentos Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

MAIRA PARULA

Diagramação e adaptação de capa (impresso)

FATIMA AGRA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

VANESSA GOLDMACHER

Edição Digital: fevereiro, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M153c

Mandela, Nelson, 1918-Conversas que tive comigo [recurso eletrônico] / Nelson Mandela ; tradução Ângela Lobo de Andrade, Nivaldo Montingelli Jr., Ana Deiró. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital

Tradução de: Conversations with myself ISBN 978-85-8122-516-6 (recurso eletrônico) 1. Mandela, Nelson, 1918-. 2. Prisioneiros políticos - África do Sul - Biografia. 3. Presidentes - África do Sul - Biografia. 4. África do Sul - Política e governo - Séc. XX. 5. Apartheid - África do Sul. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

14-18745 CDD: 920.936545

CDU: 929:343.301

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

Nelson Mandela nasceu em Transkei, na África do Sul, em 18 de julho de 1918. Uniu-se ao Congresso Nacional Africano em 1944 e durante muitos anos teve participação ativa na resistência contra a política de apartheid do governo exercido pelo Partido Nacional. Em agosto de 1962, foi preso e permaneceu encarcerado por mais de 27 anos. Nesse período, sua reputação de potente símbolo da resistência mantida pelo movimento anti-apartheid cresceu continuamente. Livre da prisão em 1990, Mandela recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993, e em 1994 foi o primeiro presidente eleito democraticamente na África do Sul. É autor do best-seller internacional *Longo caminho para a liberdade*.

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[PARTE I: Pastoral](#)

[Capítulo 1: Tempos difíceis](#)

[Capítulo 2: Companheiros](#)

[PARTE II: Drama](#)

[Capítulo 3: Asas para o espírito](#)

[Capítulo 4: Sem motivo para matar](#)

[Capítulo 5: Mundo em ruptura](#)

[Capítulo 6: Os grilhões do corpo](#)

[PARTE III: Épico](#)

[Capítulo 7: Um homem inconformista](#)

[Capítulo 8: Arras](#)

[Capítulo 9: Um homem acomodado](#)

[Capítulo 10: Tática](#)

[Capítulo 11: Calendários](#)

[PARTE IV: Tragicomédia](#)

[Capítulo 12: De doninha-fétida ao milagre](#)

[Capítulo 13: Viagens](#)

[Capítulo 14: Em casa](#)

[Informações adicionais](#)

[Apêndice A: Cronologia](#)

[Apêndice B: Mapas](#)

[Apêndice C: Abreviações para organizações](#)

[Apêndice D: Pessoas, lugares e eventos](#)

[Bibliografia](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)